



Engraved by J. H. Cook

Engraved by H. R. Cook

*Hippolyte Joseph de Costa*  
*Pereira Furtado de Mendonça*

*Anno 1811*

Gravação de H. R. Cook e impressão de G. H. Lewis na *Narrativa da Perseguição de Hippolyto Joseph da Costa*, 1ª edição, Londres, 1811.

.....

DIÁRIO DA MINHA VIAGEM  
PARA FILADÉLFIA (1798-1799)



*Mesa Diretora*  
Biênio 2003/2004

Senador José Sarney  
*Presidente*

Senador Paulo Paim  
*1º Vice-Presidente*

Senador Eduardo Siqueira Campos  
*2º Vice-Presidente*

Senador Romeu Tuma  
*1º Secretário*

Senador Alberto Silva  
*2º Secretário*

Senador Heráclito Fortes  
*3º Secretário*

Senador Sérgio Zambiasi  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador João Alberto Souza  
Senador Geraldo Mesquita Júnior

Senadora Serys Slhessarenko  
Senador Marcelo Crivella

*Conselho Editorial*

Senador José Sarney  
*Presidente*

Joaquim Campelo Marques  
*Vice-Presidente*

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim  
João Almino

Carlyle Coutinho Madruga  
Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Edições do Senado Federal – Vol. 33*

DIÁRIO DA MINHA  
VIAGEM PARA FILADÉLFIA  
(1798-1799)

*Hipólito da Costa Pereira*



*Brasília – 2004*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

Vol. 33

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2004

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Costa, Hipólito José da, 1774-1823.

Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799) / Hipólito da Costa Pereira. -- Brasília : Senado Federal, 2004.

204 p. -- (Edições do Senado Federal; v. 33)

1. Relatório de viagem, Filadélfia (Estados Unidos).

2. Jornalista, memórias, Brasil. 3. Filadélfia (Estados Unidos), descrição. 4. Costa, Hipólito José da, 1774-1823, memórias.

I. Título. II. Série

CDD 917.4811

.....

.....

## *Sumário*

Explicação, de Múcio Leão

*pág. 9*

Introdução, de Alceu Amoroso Lima

*pág. 11*

Notícia sobre Hipólito da Costa, de Múcio Leão

*pág. 23*

Diário da minha viagem para Filadélfia

*pág. 35*

1798

Outubro

*pág. 35*

Novembro

*pág. 37*

Dezembro

*pág. 44*

1799

Janeiro

*pág. 54*

Fevereiro

*pág. 63*

Março

*pág. 67*

Abril

*pág. 75*

Adições ao dia 1º de abril

*pág. 91*

Maio

*pág. 94*

Junho

*pág. 105*

Julho

*pág. 107*

Agosto

*pág. 117*

Setembro

*pág. 127*

Outubro

*pág. 142*

Aditamento ao dia 28 de setembro

*pág. 147*

Novembro

*pág. 148*

Dezembro

*pág. 153*

Copiador e Registro das Cartas de Ofício

*pág. 157*

Nota Final, de Oswaldo Melo Braga

*pág. 203*

.....

## Explicação

**E**NTRE AS relíquias brasileiras que se encontram na biblioteca de Évora, conta-se, como uma das mais preciosas peças, o diário da viagem que Hipólito da Costa fez em 1798 aos Estados Unidos e ao México. O nosso patrício era então um jovem de pouco mais de vinte anos, mas, já bacharel de Coimbra, possuía um forte lastro de cultura, uma ansiosa inquietação, um desejo de tudo ver, qualidades que, somadas, davam a sua virtude máxima de escritor, isto é, o instinto de tudo observar e de tudo fixar em linhas escritas. Era o início do grande jornalista, do publicista prodigioso, que anos depois, no seu *Correio Brasiliense*, ia ser o verdadeiro criador do jornalismo brasileiro, e também do jornalismo português.

Durante mais de século e meio esse diário permaneceu inédito. O nosso eminente confrade Alceu Amoroso Lima fez tirar uma cópia do códice eborense, e gentilmente a cedeu à Comissão de Publicações da Academia.

Sai agora o *Diário de Viagem*, lucidamente explicado por um estudo do benemérito confrade que nos ofereceu a cópia do códice. Quanto aos trabalhos de restituição do texto (o original de Hipólito, e bem assim



10 Hipólito da Costa Pereira

*a cópia trazida de Évora, estão escritos quase que em abreviaturas) e de revisão, foram confiados ao Sr. Oswaldo Melo Braga, oficial da Biblioteca da Academia.*

*Rio, abril de 1954.*

MÚCIO LEÃO

.....

## Introdução

É

UM ACONTECIMENTO *auspicioso para a história de nossos dias que a Academia Brasileira publique o Diário, até hoje inédito, que o nosso patricio Hipólito da Costa escreveu ao fazer a travessia do Atlântico de Leste a Oeste, quando em 1798, embarcado a bordo de uma casca de noz, cruzou o oceano a serviço de Portugal e a mando de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, para estudar a economia agrícola norte-americana.*

*Há muitos anos fiz copiar, em Évora, esse precioso inédito do fundador de nossa imprensa, que Cunha Rivara registra à pág. 205 do seu famoso Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborense (Lisboa, na Imprensa Nacional, 1850) e não se confunde com a “Memória” por ele apresentada a D. Rodrigo, de volta da viagem e já publicada na Revista do Instituto Histórico (vol. XXI, 1858, pág. 351 e segs.). Hipólito da Costa chegou à América vinte e dois anos depois da Independência e nos dá ainda, ao vivo, a descrição de um país pobre, mal saído das faixas coloniais e ainda em plena infância, mas já com 7 universidades, 60 colégios e igrejas de todas as denominações, sem que lhe faltassem os no church goers.*

*Hipólito saiu de Lisboa a 10 de outubro de 1798, a bordo da corveta norte-americana William e nesse mesmo dia começou o seu Diário, que manteve até 27 de dezembro de 1799, dia seguinte à morte de Washington, que aliás registra com uma segura de pasmar, apenas nos seguintes termos:*

*“26-XII-1799 – Hoje se fizeram as honras funerárias ao General Washington a que eu não assisti, por não ter luto nem dinheiro para o comprar, porém tenho a descrição que foi publicada na Gazeta.”*

*É tudo! Não podia ser mais sucinto nem desinteressante. É preciso dizer que o Diário devia ser apenas para uso próprio e se mantém, todo ele, no mesmo tom impessoal, objetivo e seco, que lhe dá um valor muito mais histórico, que literário ou social.*

*Há, no Diário, uma ou outra referência a Washington. No dia 16 de dezembro por exemplo, logo após a chegada (a viagem demorou 59 dias, entre enjôos e sustos que vai descrevendo dia a dia, com a mesma frieza), quando assim registra o seu primeiro domingo em Filadélfia:*

*“16-XII-1798 – Fui à casa do ministro<sup>1</sup> para ouvir Missa; mas não o achei já em casa, tinha ido para a capela, a qual não pude encontrar. Esperei depois por ele, em casa, que veio e também a sua senhora. Depois vieram algumas visitas, entre elas Madame Liston, mulher do ministro da Inglaterra aqui, e o nosso ministro nos apresentou a ela: o General Pinckney, que esteve de ministro em França e agora ocupado com o General Washington a fazer o plano da guerra. Este último foi ontem para o Potomack<sup>2</sup> sem que eu o pudesse ver.” Aliás já existia então a cidade de Washington e ele próprio logo adiante se refere à construção do Capitólio, considerado hoje o ponto central dos Estados Unidos. “O edifício da casa das sessões em Washington tem 140 pés de comprimento, 57 pés e 6 polegadas de largo; vieram hoje (17-XII-1798) avisos que vai*

1 Cipriano Ribeiro Freire, primeiro-ministro de Portugal, nos Estados Unidos, desde outubro de 1794.

2 Provavelmente onde era, em Mount Vernon, a residência do fundador.

em muito aumento.” Embora depois acrescentasse à margem: “Esta informação não é exata.” O que mostra o rigor com que registrava as numerosas observações de toda ordem, sobretudo sobre agricultura que enchem o Diário.

*Chegou a Filadélfia, foi hospedar-se na City Tavern, a melhor da cidade, onde pagava 15 dólares por semana, para ele e o criado que o acompanhava, “isto sem entrar o vinho e tudo quanto sabe, que é de fora, à parte”.*

*Esses 15 dólares, porém, representavam não os 600 cruzeiros que hoje representariam, mas apenas... 12 cruzeiros, pois o dólar valia então... 800 réis cada um! O mil-réis dava ágio ao dólar. É para ver o caminho que temos andado, desde o século XVIII...*

*Aliás, em vários passos se refere à pobreza daquela terra:*

*“4-VI-1799 – Segundo Tucker, se o preço das terras em qualquer é alto o preço do dinheiro e vice-versa.<sup>3</sup> Mas nos Estados Unidos uma e outra coisa é caro, mas é porque os bancos dão mais dinheiro imaginário”,<sup>4</sup> fazem os particulares empreendedores além das suas posses reais; eis aqui por que há tantas “bancas rotas e guerras”.*

*Nota à margem: “O juro ordinário é 2 por cento no mês, não é raro 3 e algumas vezes mais. As gazetas de tantos de julho se queixavam que os usurários estragavam o comércio e arruinavam os negociantes; levando continuamente o juro de 5 por cento cada mês.*

*“Uma prova da pobreza das famílias nos Estados Unidos, apesar do grande luxo externo, é a grande quantidade de boardings e lodgings que há em New York, quase todas as casas admitem gente para morar e comer, por uma certa paga: ora, isso não aconteceria se eles tivessem dinheiro; além de que muitas e talvez a maior parte dos borders ou pessoas que vivem nessas casas estranhas são naturais de New York, ora muito poucos trastes e bens têm eles quando se sujeitam a viver em um quarto só, e comigo moram dois que se tratam cavalheiramente e um*

3 Respeito a redação defeituosa.

4 Refere-se à facilidade exagerada de crédito.

*deles é negociante e os seus bens e trastes se encerram em uma caixa, qualquer que eles sejam. Outra prova da pobreza do país (sic) é a falta de decorações nos edifícios; jamais se vê uma casa (mesmo pública) com suntuosas colunas, pórticos majestosos e outras superfluidades que se encontram na Europa; outra prova é que as compras, as pagas das rendas, etc., no interior se fazem com efeitos; outra, vão muitas vezes navios a Lisboa buscar dólares (sic) para ir à Índia e China, ora, não fariam uma tal volta se achassem aqui dinheiro.<sup>5</sup> Outra prova da pobreza desta terra é que as rendas são pagas em frutos, principalmente no interior deste Estado de New York... Os suicídios são muito comuns na América e outro dia um matou a mulher e a si mesmo, não é único nem raro aqui este fenômeno.”*

*Eis aí como a um brasileiro do século XVIII se apresentava a pobreza americana em face da riqueza portuguesa, a ponto dos navios americanos irem à Lisboa buscar dólares para terem o numerário suficiente para comerciar no Extremo Oriente! Hoje é o Extremo Oriente que tenta expulsar os americanos da Ásia, depois de lhes ter consumido à farta os dólares superabundantes. O mundo deu algumas voltas em século e meio...*

*Se o nosso Hipólito não conseguiu falar com Washington, nem teve coragem de ir até o Distrito Federal no Potomac por medo da febre amarela (sic) em compensação foi apresentado ao presidente dos Estados Unidos, que era então John Adams. A cena vale a pena de ser transcrita. Já era hábito, então, ao que parece, visitarem na entrada do ano, ao chefe da nação.*

*“1 janeiro 1799 – Hoje fui apresentado pelo nosso ministro ao presidente dos Estados Unidos, John Adams. Ele todas as terças-feiras faz o seu levee<sup>6</sup> e hoje era além do dia de levee dia de Ano-Bom, que aqui celebram, muito. A casa constava de uma ante-sala ou sala de espera, onde estavam dois criados de farda e onde as pessoas que entravam*

5 Segundo a concepção do século XVIII, riqueza era representada por dinheiro.

6 Recordação do *lever du* de Versalhes.

*deixavam os seus capotes (e alguns mesmo o chapéu); havia depois desta sala mais duas, uma onde estava o presidente e outra onde havia uma mesa com ponche, vinho e uns bolos doces que todas as pessoas eram obrigadas a provar, segundo a etiqueta e que alguns comiam a fartar. O presidente estava de pé, de casaca, espada e chapéu debaixo do braço, conversando com algumas das pessoas que ali se achavam; quando se entra dirige-se a ele e se lhe faz um cumprimento, ele pega na mão, pergunta pela saúde e diz mais alguma coisa, a mim me perguntou que tal achava seu país; depois disso todas as pessoas conversam umas com as outras, mesmo passeiam pela casa e o mesmo presidente muda de lugar frequentemente, de modo que estão todos confundidos sem ordem ou arranjo de etiqueta. Os senadores e pessoas mais classificadas que entram, vinham uns de botas, outros sem pós no cabelo, casacos velhos quase todos, vieram a pé a maior parte, de sorte que, à exceção dos ministros estrangeiros, todo o resto respirava muito pouca civilização e maneiras polidas; à saída não se lhe fez outro cumprimento que uma vênha com a cabeça a que ele correspondeu igualmente.”*

*Era essa a extrema simplicidade e pobreza, há um século e meio atrás, do mais rico país do mundo, em nossos dias. Não será essa mais uma lição esquecida?*

*São muito raras, no Diário de Hipólito, as referências ao Brasil. É certo que as sementes que ia buscar aos Estados Unidos e ao México, bem como as técnicas agrícolas e outras que ali fora observar, eram todas destinadas ao Brasil. Tanto assim que, temendo a destruição dessas sementes e das larvas de cochonilhas mexicanas, pela longa viagem a Lisboa e depois ao Brasil, propõe a D. Rodrigo a ida direta de um navio, dos Estados Unidos ao Brasil, com um carregamento de farinha e que levaria as sementes e as cochonilhas. Como é natural o governo português não rompeu o isolamento da Colônia e aconteceu o que Hipólito temia. Depois de ter conseguido, com enormes esforços, inclusive a viagem clandestina às costas mexicanas, as sementes e os insetos tudo morreu pela demora. De proveito para nós, da viagem de Hipólito, só ficou mesmo*

*este Diário, bem como tudo aquilo que observou nos Estados Unidos com aquele espírito eminentemente curioso de coisas concretas e científicas, que fazem de Hipólito uma cabeça essencialmente arrumada ao gosto do século XVIII. Há qualquer coisa de semelhante e, ao mesmo tempo, de profundamente dessemelhante, entre ele e Matias Aires, que o precedeu de meio século apenas. Ambos nasceram no Brasil, foram crianças para Portugal, depois passaram ao estrangeiro, um à França por alguns anos e outro à Inglaterra, pelo resto da vida e ambos nunca mais tomaram pé no Brasil.*

*Hipólito sentia remorsos de não o fazer. Tanto assim que, à certa altura do Diário, recebendo cartas do pai, escreve ainda a bordo da corveta, a caminho de Filadélfia: “Hoje reli o maço de cartas de minha casa (o que muitas vezes faço), e à vista das expressões de meus pais e tio protesto (o que há muito era minha tenção) pela minha honra, dar-lhes o gosto de me apresentar no Rio Grande, o mais breve que for possível e aqui escrevo isto para me chamar inconstante e indigno do ser de homem de bem todas as vezes que me lembrar determinar o contrário e para obrigar a minha palavra aqui me assino, hoc scripsti. H. J. da Costa, 22 outubro 1798.”*

*É inútil dizer que, apesar de toda a solenidade do juramento, não iria jamais pôr os pés nem na Colônia do Sacramento nem em parte alguma do Brasil.*

*Aproximam ainda, Hipólito da Costa e Matias Aires, o mesmo amor às coisas concretas, a mesma preocupação pelas máquinas — então em pleno idílio com a civilização e vice-versa, antes que tentassem devorá-la, como pouco depois dessa época Samuel Butler iria prever —, a mesma curiosidade pelas ciências naturais e pelos costumes estranhos. Separam-nos, entretanto, radicalmente o espírito especulativo e o gosto literário, que em Matias Aires eram consideráveis e escassos em nosso Hipólito. São, entretanto, duas figuras que se colocam, na história de nossa cultura, bem no início dos novos tempos, que no século XVIII anunciavam o espírito do século XIX, agnóstico, culturalista e pragmático.*

O que há de interessante no Diário de Hipólito, são suas observações sobre os Estados Unidos. É um documento, por isso mesmo, que interessa tanto a eles como a nós, embora por motivos diferentes.

Um dos pontos que naturalmente mais impressionaram o honesto observador e o espírito liberal que era Hipólito, foi naturalmente a liberdade de opinião, e a publicidade a que tudo estava submetido nos Estados Unidos.

“7-1-1799 – Em Filadélfia, e em geral nos Estados, é costume, quando alguém quer despicar-se de outrem, mandar pôr-lhe numa gazeta os fatos mais vergonhosos que lhe sabe da vida, e outro responde do mesmo modo e tem sucedido algumas vezes uma disputa nas gazetas um mês e mais, descobrindo uns aos outros gerações (sic), de feitos pessoais, faltas de mulher e filhos, etc. Sube (sic) de boa autoridade, que Mr. Jay, que foi o que fez o tratado com Inglaterra, o queimaram uma noite em estátua e sendo bem público os autores não tiveram nenhum castigo. Os ministros nas cortes estrangeiras, secretários de Estado, etc., quando são demitidos imprimem todas as suas negociações, se isso lhes convém, descobrindo até os maiores segredos de gabinete, entretanto não têm por isso algum castigo legal; assim se portou o ministro que esteve em França, Mr. Monroe, que, para justificar sua conduta e mostrar que o presidente obrava com falta de fé, imprimiu os maiores segredos da negociação e assim muitos exemplos.”

Quando hoje vemos o abismo aberto entre a Rússia e os Estados Unidos, uma das menores razões dessa incompatibilidade radical de temperamentos não deixa de ser a tradição imemorial russa, czarista ou soviética, do segredo político e do maquiavelismo diplomático e a tradição americana de publicidade.

Outro fato importante que impressionou profundamente a Hipólito foi a reforma do sistema penitenciário, empreendida pelos americanos. Antes de transcrever algumas dessas impressões, uma nota pitoresca do eterno sic transit:



*“14-3-1799 – Hoje à noite fui ao circus (sic) ou lugar onde se faziam algumas habilidades com cavalos, pantomimas, etc. Um dos cavalos que vi melhor era um branco, que me disseram ser o em que o General Washington fez a campanha na última guerra e o vendeu a estes comediantes que andam nele a fazer suas habilidades...”*

*Mas o problema das prisões ocupa longamente o nosso Hipólito em Filadélfia e outras cidades.*

*“14-1799 – Hoje vi a prisão-hospital: Almsbouse ou Bettlering House. Esta prisão ocupa metade de um quarteirão. E há nestas casas três repartições diferentes; uma onde estão as mulheres, a outra onde estão os homens juntos e outra onde estão os solitary cellars, que correspondem ao nosso segredo... Os corredores para onde as celas têm as portas servem de oficina para trabalharem todos os ofícios que trabalham em casa e sem estrondo, tais são os sapateiros, alfaiates, etc., e no pátio estão as forjas para os ferreiros, os teares, etc., tudo em casas próprias e no meio do pátio trabalham os canteiros, etc. Cada um dos presos, assim que entra, tem aberta uma conta de receita e despesa... Enquanto trabalham não podem conversar, uns com os outros, assim reina o maior silêncio e ordem que se podia imaginar. É curioso de notar aqui, que as mulheres podem falar e me disse o diretor que a razão dessa concessão era e ter-se achado impossível, na prática, o efetuar-se a proibição de falar nas mulheres... Ao pôr-do-sol toca a campanha para deixar o trabalho e vão para os quartos e então se acendem as luzes e cada quarto é uma escola para aprenderem a ler. Os que mais sabem ensinam os outros... depois da cela poderiam os presos conversar nos quartos e, para o evitar, um é obrigado a ler, para que os outros ouçam e, quando este está cansado, outro o muda; a leitura é do livro de devoção ou de moral.” Se Hipólito tivesse podido ler a terrível sátira de Evelyn Waugh, de 1925: Decline and Fall, seria um pouco menos otimista. Pois depois de minuciosa descrição do sistema reformatório conclui:*

*“De cem convictos que saem da prisão ou por perdão ou por ter expirado o seu tempo, não há dois que entrem por reincidência; com-*

*pare-se isto com a Europa! De sorte que a prisão de Filadélfia é uma verdadeira casa de correção e a sua existência há tantos anos uma prova de possibilidade no melhoramento destas infames casas de corrupção e escolas de vícios que têm o nome de prisões na Europa.*”

*Quanto à política, estava já dividida em dois partidos: o “democrata” e o “federalista”, que só mais tarde seria chamado “republicano”. Assim se dividia a população politicamente:*

*“1-5-1799 – É bem de notar que nas eleições a classe mais ínfima (sic) do povo, isto é, de sapateiros, carreiros, etc., eram os democratas e tudo aqui que eles chamam gentlemen era do partido oposto, exceto poucos que, por interesses particulares, são os chefes do partido democrata.” Hipólito parece estar com os “federalistas”. Assiste a eleições para conselheiro municipal (Wardens) e senadores estaduais e descreve o processo simples, mas já garantindo o segredo do voto:*

*“30-4-1799 – Havia, em vários cafés ou botequins, homens com caixas para receber os votos e cada cidadão que tem o direito de votar ia lançar o seu voto; não havia nenhum aparato para esta recepção, principiando pela casa e quatro pessoas estavam para receber os votos, escrever os nomes dos votantes, conhecer se eram qualificados, etc. Pessoas de ambos os partidos estavam a solicitar e indagar as pessoas que votavam, diferentes panfletos impressos se espalhavam a deteriorar o caráter daquelas pessoas que eram propostas para a eleição... toda a cidade estava em uma convulsão que parecia ameaçar uma guerra civil e com efeito os dois partidos, do governo e popular, estão de tal modo enfurecidos que hoje à noite houveram (sic) brigas e duelos... Várias pessoas de caráter são nomeadas para receberem os votos que o votante mete na caixa por um pequeno forâmen que tem, este forâmen é depois lacrado e a caixa enviada a uma associação de pessoas nomeadas para abrir os votos que os contêm e publicam depois; 3 dias devem estar as caixas expostas e receber os votos.”*

*O processo eleitoral em pouco difere do nosso, depois de 1934. Apenas data de... 1799.*

*Nessas eleições ganharam os gentlemen e Hipólito se regozija ao comunicar o fato, por ofício a D. Rodrigo, 15 de junho de 1799:*

*“Tenho o prazer de informar a V. Ex<sup>a</sup> que nem um só do partido democrata foi eleito, devendo isto ter uma grande influência na política deste país, pois que os membros agora nomeados são os que vêm a ser eleitores do futuro presidente e como todos os que entraram foram federalistas é de esperar que a intriga francesa continue a ter, daqui em diante, muito pouca influência nos Estados Unidos.”*

*Em outro passo, Hipólito chama a França de “a terrível República”, mostrando a sua fidelidade ao legitimismo, a despeito de suas idéias avançadas, das suas simpatias maçônicas, do seu liberalismo religioso, do seu anticlericalismo. Hoje Hipólito é considerado um “homem de esquerda”. Naquele tempo se considerava um antidemocrata... Até hoje o Partido Democrata nos Estados Unidos, ao menos no Norte, é o partido dos sindicatos e da herança Jeffersoniana e o Partido Republicano, o herdeiro daqueles gentlemen federalistas de Hamilton e da política antifrancesa, ou como hoje se chamaria: isolacionista de Hoover ou do Cel. Mc. Cormick.*

*Muitas outras coisas de interessante há que respirar neste Diário que a Academia hoje divulga.*

*A descrição de New York, de 50.000 habitantes naquele tempo, é saborosa como contraste com a colmeia de 14 milhões de habitantes dos nossos dias.*

*“21-4-1799 – A arquitetura de New York é a mesma de Filadélfia, tendo algumas coisas mais vantajosas e algumas piores. Há, por exemplo, em New York muitos edifícios regulares e com boas frentes, tal é a Casa do Governo (Government House), a Estalagem da Cidade (City Tavern) e Praça do Comércio (Coffee House), o banco (sic), muitas igrejas, a prisão, etc.”*

*Sua descrição das mulheres:*

*“30-7-1799 – As mulheres em New York são mais bonitas que em Filadélfia, tendo geralmente bons dentes, e que é raro entre as filadel-*

*fianas, porém são muito mais desengraçadas, passeiam com as pontas dos pés para diante, com longas passadas e depressa... Se as senhoras de Lisboa fossem a metade tão lindas, como são as yorkenses, com o seu garbo, seriam umas perfeitas belezas, mas a natureza divide estes dons para os equilibrar.”*

*Sua descrição da abertura dos cursos na Universidade de Colúmbia:*

*“7-8-1799 – Hoje foi o Comencement do Colégio Columbianou princípio dos estudos. No pátio do Colégio se formou uma procissão com os professores, estudantes, pessoas que acompanhavam e um bando (sic) de música, procederam para a Igreja de S. Paulo, onde se achava grande número de pessoas convidadas, homens e mulheres, que se sentaram pelos pews; ao pé do púlpito da Igreja estava um anfiteatro onde estavam sentados os professores, as costas para a cadeira ou púlpito onde estava sentado o presidente do Colégio, que é um professor de teologia, Mr. Johnston; os outros professores eram 4, 3 vestidos com togas pretas que eram como as togas dos nossos desembargadores, mas sobre as casacas e não sobre túnicas, os estudantes tinham as mesmas togas.” E assim por diante. De vez em quando uma pequena revelação sobre a sua vida privada, muito raras aliás:*

*“14-8-1799 – Tendo eu empregado grande parte de minha vida em estudos médicos...” Mas o maior interesse deste precioso inédito é realmente a visão direta, objetiva, quotidiana, na aurora do século XIX de uma nação ainda pobre, incipiente, mais ou menos desordenada, que em um século e meio de vida intensa se tornou a maior potência do mundo. E nada mais necessário para se conhecer uma árvore do que analisar-lhe a semente. As sementes que Hipólito, com tanto trabalho, foi buscar nos Estados Unidos, se perderam todas. Mas a semente social que nos descreve neste seu Diário, a germinação de um grande país, foi afinal a mais instrutiva de todas.*

ALCEU AMOROSO LIMA

(Diário de Notícias do Rio, de 4 de março de 1951.)

.....

*Notícia sobre Hipólito da Costa*

ESBOÇO DE UMA BIOGRAFIA

**H**

IPÓLITO José da Costa Pereira Furtado de Mendonça nasceu na Colônia do Sacramento, a 13 de agosto de 1774,<sup>1</sup> e faleceu em Londres, no subúrbio de Kensington, a 11 de setembro de 1823. Era filho do Alferes Félix José da Costa e D. Ana Pereira da Costa Mendonça. Fez os primeiros estudos no Brasil e diplomou-se em leis e filosofia pela Universidade de Coimbra.

Aos 24 anos era distinguido pelo governo português com sua escolha para encarregado de negócios nos Estados Unidos; levava a incumbência de estudar assuntos relativos à agricultura naquele país e bem assim no México. Desincumbiu-se a contento da missão, porém não restringiu a sua atividade ao exame das questões agrícolas. Em Filadélfia, então capital dos Estados Unidos, filiou-se a uma loja maçônica.

---

1 A data do nascimento de Hipólito da Costa é dada, desde os primeiros biógrafos do jornalista, como sendo 13 de agosto de 1774. Mecenaz Dourado conseguiu verificar, pelo assentamento de batismo de Hipólito, colhido na Matriz da Colônia do Sacramento, que a data verdadeira é a de 25 de março daquele ano. (Veja o artigo de Mecenaz Dourado – *Para uma biografia de Hipólito da Costa* – publicado no *Diário de Notícias*, em 30 de agosto de 1953.)

De regresso a Portugal, apresentou ao ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o futuro conde de Linhares, que lhe dera aquela comissão, os resultados dos estudos feitos nos Estados Unidos, estudos esses que se prendiam ao cultivo do tabaco, da cana-de-açúcar, do linho câ-nhamo, da cochinha; e se prendiam, também, ao problema da construção das obras hidráulicas. Tão úteis apresentaram-se os resultados da sua missão que Sousa Coutinho não tardou em nomeá-lo Deputado Literário à Junta da Imprensa Régia.

No exercício desse cargo, foi escolhido, em 1802, para uma missão em Londres. Planejaram ir à capital inglesa a fim de tratar de assuntos particulares, e, disso informado, o Ministro encarregou-o de fazer compras para a Real Biblioteca de Lisboa. Em Londres, Hipólito da Costa não se limitou a dar execução à incumbência do governo lusitano: voltou ao convívio dos pedreiros-livres, passando a freqüentar as instituições tão de sua simpatia. Essa circunstância moveu a má vontade dos espíritos intrigantes, e não tardou a Sousa Coutinho ser informado de que, na capital inglesa, Hipólito da Costa mantinha convivência com tão malvistos elementos.

Refere José Liberato Freire de Carvalho, nas suas memórias, redigidas à distância de quase meio século dos acontecimentos de que estamos tratando, um episódio singular, pelo qual se vê que o Ministro de D. Maria I desejava, no íntimo, evitar as contrariedades que poderiam sobrevir a Hipólito da Costa. Foi o caso que, certa vez, conversando com um amigo de Hipólito, o ministro contou que havia recebido informes acerca das relações do viajante com os pedreiros-livres de Londres; e acrescentou que esses boatos poderiam vir a ser prejudiciais a ele, ministro, pois os seus adversários não vacilariam em acusá-lo de convivência com o seu protegido; e que, portanto, se tais boatos eram verdadeiros, ele se veria na contingência de fazer prender Hipólito logo que este pusesse pé em território português.

Os amigos de Hipólito, por essa maneira informados, não tardaram a escrever-lhe para Falmouth, onde ele se demorava à espera de um navio que o conduzisse a Lisboa; informaram-no de tudo, aconselhando-o a não voltar a Portugal, pois, se o tentasse, seria preso. Não deu Hipólito atenção a esse prudente aviso e regressou a Portugal. Tinha desembarcado havia três ou quatro dias, quando foi surpreendido, em sua casa, com a visita de um corregedor do crime, o qual o acusava de haver

embarcado sem passaporte. Defendeu-se mostrando a inanidade da acusação e demonstrando que todos os seus papéis estavam em perfeita ordem. Nada, porém, valeram as suas palavras: foi arrastado para o Limoeiro, e ali entregue às autoridades da Inquisição. Durante quase três anos esteve nos cárceres infectos que a Inquisição, nesse vasquejar de força e de prestígio, ainda mantinha. Ele conta o que era o seu martírio de prisioneiro, condenado a permanecer em cela estreita onde mal cabia o seu corpo, respirando uma atmosfera tão úmida que a sua roupa se achava permanentemente molhada... Acrescente-se a isso o suplício moral: as longas, intermináveis sessões de interrogatório, as sessões em que todos os processos eram postos em prática a fim de comprometer o réu, fazendo com que ele findasse por delatar os nomes dos companheiros que nas lojas encontrava. A tudo resistiu o prisioneiro. E nenhuma revelação, nenhuma delação logrou a brutalidade dos interrogadores arrancar-lhe.

Durante esse tempo, estavam atentos os seus companheiros de maçonaria, procurando a melhor ocasião de ajudar a vítima a libertar-se das garras que a prendiam. Certo dia essa ocasião surgiu. Achava-se Hipólito em sua cela quando um dos guardas aproximou-se e avisou que se encontrava sozinho na vigilância do presídio, e isso porque seu chefe, aterrorizado com a hipótese de ser preso por uma dívida de jogo, tinha desertado o posto. Percebeu Hipólito o que significavam aquelas palavras e, declarando que se achava passando mal, pediu ao guarda que fosse procurar um remédio. Afastou-se o homem, deixando ao alcance de Hipólito as chaves do presídio. Assim, logrou o prisioneiro ver de novo a luz da liberdade. Fugiu e foi esconder-se em companhia de amigos que, sabia, lhe eram fiéis. Com o auxílio deles, disfarçado de criado, logrou deixar o território português, passando-se para o território espanhol (1805). De Gibraltar atingiu a Inglaterra. E ali, pondo-se sob a proteção do Duque de Sussex, pôde realizar a sua grande obra jornalística, a obra pela qual o seu nome ficou definitivamente incorporado à melhor e mais alta tradição da literatura e do pensamento do Brasil e de Portugal – o *Correio Brasiliense*.

## A OBRA DE HIPÓLITO DA COSTA

Nessa vida, que não chegou a meio centenário, que foi, durante alguns anos, sacrificada pela injustiça de um encarceramento, logrou



Hipólito da Costa realizar uma obra digna de toda a veneração. Poderemos dividir a obra que ele nos legou em duas grandes seções: a seção do estudo prático, científico, econômico, o que chamaríamos hoje sociológico; e a seção propriamente literária. Na primeira colocaríamos os resultados dos estudos empreendidos durante as suas viagens aos Estados Unidos e ao México, a sua *Descrição da árvore açucareira*, a *Descrição de uma máquina para tocar a bomba a bordo dos navios sem o trabalho de homens*, a *História breve e autêntica do Banco da Inglaterra*, a *Memória sobre a broncocele ou papo da América do Norte*, ora livros originais, ora simples traduções.

Na outra seção colocaríamos a *Gramática Portuguesa e Inglesa*, a *Narrativa da Perseguição* e, sobretudo, o *Correio Brasiliense* ou *Armazém Literário*.

Neste último trabalho é que Hipólito se mostra o espírito verdadeiramente superior que conhecemos. O *Correio Brasiliense* é – tem-se dito – não só o primeiro jornal brasileiro, como também o primeiro jornal político português.

## ALVORECER DO JORNALISMO NO BRASIL

O ano de 1808 tem, para a evolução do espírito brasileiro, importância suprema. E isso por dois motivos: primeiro, por ser o ano em que para o Brasil transmigrou a Corte portuguesa, ameaçada pela invasão napoleônica, fato esse que representa, na opinião de publicistas alertas, como, por exemplo, João Ribeiro, o verdadeiro momento em que se inicia a independência do nosso país. O próprio príncipe D. João teve a intuição da importância daquele fato histórico, quando, na proclamação redigida para explicar a transferência da sua Corte, dizia que vinha criar em terras americanas um novo império.

Paralelamente com a transcendência desse fato, registra-se outro acontecimento importantíssimo – o da criação da imprensa no Brasil. É de 13 de maio daquele ano o decreto da criação da Imprensa Régia, primeiro momento em que o Brasil se vê capacitado a possuir uma oficina tipográfica. Possibilitado pela criação da Imprensa Régia, o país vê surgir o primeiro jornal que se imprimiu em território nacional, a intitulada *Gazeta do Rio de Janeiro* (10 de setembro de 1808).



O CORREIO BRASILIENSE

Antes, porém, no mês de junho do mesmo ano, já Hipólito da Costa iniciara em Londres a publicação do seu *Correio Brasiliense*.

A preciosa coleção da folha londrina ficou formando uma estante de 29 grossos tomos, os quais se estendem desde 1808 até 1822, ano em que, verificando que o seu apostolado estava transformado numa radiosa vitória, dada a proclamação da Independência do Brasil, o jornalista se julgou quite com o seu dever e encerrou a publicação do jornal.

O *Correio Brasiliense* é alguma coisa majestosa, na história do jornalismo, e mesmo na história do pensamento brasileiro. Nele vemos debruçado sobre todos os grandes problemas da nacionalidade o espírito de um homem de talento, que acrescenta a todas as vantagens que possui a vantagem de ter uma vasta perspectiva diante de seus olhos – ele, que contempla a paisagem brasileira desde um plano superior, como é o plano da civilização britânica.

Hipólito da Costa está familiarizado com todos os problemas de seu tempo, e é com os socorros de uma excelente cultura que apresenta e discute os assuntos brasileiros. Se tivesse sido ouvido em tudo o que pregou, a evolução do Brasil teria sido outra, e se teria processado muito mais rapidamente.

Examinemos algumas de suas idéias. Ponto relevante em que Hipólito da Costa tocou, foi este: o da necessidade em que se encontram os países fracos como o Brasil – e não só o Brasil, Portugal também – de se tornarem aptos a se ver livres da perigosa proteção dos povos fortes... Mas que tratem de garantir a sua liberdade mercê da criação de um espírito de sadia moralidade... “O povo que deseja ser livre e feliz – diz-nos ele – cuide de assegurar com as suas virtudes próprias essa liberdade, e essa felicidade que deseja, porque enquanto se esperarçar noutras nações, para gozar esses bens, será escravo, será infeliz. Não dispute sobre a forma de governo, reflita no modo de melhorar seus costumes. Um povo sem moral, se não tem liberdade, nunca a obterá; se a tem, certamente a perderá.” (*Correio Brasiliense*, XXIV, 27).

Um assunto que insistentemente feriu, como uma das garantias da segurança e do progresso do Brasil, foi o da mudança da capital do

país para o interior, onde nos ficassem mais asseguradas as possibilidades de defesa no caso de uma agressão. Não dizia qual seria o melhor local; queria-o, porém, perto das férteis vertentes, em região onde a vida humana se pudesse tornar doce e agradável.

Sabemos que o seu ponto de vista, que era o ponto de vista também de Varnhagen, mereceu unânimes aplausos dos brasileiros, e acabou por ficar vitorioso nas Constituições nacionais. É um ponto assentado na Constituição vigente. Embora não prevaleçam mais as doutrinas defendidas pelo jornalista, pois a demonstração da guerra aérea de 1939 a 1945 (como aliás já o fora a lição da guerra de 1914 a 1918) é a de que as cidades interiores, como Berlim ou Londres, estão tão acessíveis ao bombardeio e à destruição como as cidades litorâneas – a longa, a apaixonada veemência com que Hipólito advogou a sua convicção serve, ainda hoje, para demonstrar o profundo amor com que, mesmo de longe, ele zelava pelas coisas do Brasil.

Palavra freqüente do seu apostolado é a defesa das duas raças mais frágeis que serviram para a formação da nacionalidade brasileira – a do índio e a do negro. Hipólito confrange-se ante a política de destruição com que o Brasil faz desaparecer o índio e confrange-se ante a escravidão que criamos para o negro. Mostra que um país que possui escravos só pode possuir uma mentalidade de escravo. E põe os brasileiros neste duro dilema: “Os brasileiros devem escolher entre estas duas alternativas: ou eles nunca hão de ser um povo livre, ou hão de resolver-se a não ter consigo a escravatura.” (*Correio Brasiliense*, XXIX, 574.)

Conhecedor da Europa como é, deseja ter em mão o meio de promover para o nosso País uma imigração de povos louros; sobretudo, talvez, a dos holandeses e dos alemães. “Temos por várias vezes indicado a necessidade que há de procurar ao Brasil uma população tirada das nações européias; e isto para fins morais, políticos e físicos; porque, a não obrar assim, a raça portuguesa se estragará totalmente com a mistura, tão comum no Brasil, com os negros africanos, cuja compleição e figura viciam o físico das gerações mistas, e cujos costumes devassos e moral estragada pelos maus hábitos inerentes à condição de escravos, servem de um exemplo fatal à mocidade, que com eles se cria nos seus mais tenros anos, e adquire assim péssimos costumes, que de tal modo se arraigam, que duram depois por toda a vida.” (*Correio Brasiliense*, XVIII, 159.)

Tendo estudado a organização dos correios britânicos, sonha transferir-se para o Brasil, a fim de vir estabelecer no seu país um serviço que possa lembrar aquele modelar serviço inglês.

Levanta, em numerosos editoriais, a bandeira que constitui o núcleo do seu pensamento político – a bandeira da monarquia constitucional.

Defende e propugna todas as liberdades humanas, e principalmente a liberdade de imprensa, representada naquilo que lhe é mais caro – o plano jornalístico. Eis a altura em que a seus olhos está colocado o trabalho do operário da imprensa: “O primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela, e cada um deve, segundo as suas forças físicas ou morais, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos ou talentos que a natureza, a arte ou a educação lhe prestou. O indivíduo, que abrange o bem geral de uma sociedade, vem a ser o membro mais distinto dela; as luzes que ele espalha tiram das trevas ou da ilusão aqueles que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inépcia e do engano. Ninguém mais útil, pois, do que aquele que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redatores das folhas públicas, quando estes, munidos de uma crítica sã e de uma censura adequada, representam os fatos do momento, as reflexões sobre o passado e as sólidas conjecturas sobre o futuro.” (Do primeiro número do *Correio Brasiliense*.)

Profundamente preocupado com as condições do progresso econômico do Brasil, vê e sente que o País precisa de um conselho de minas, uma inspeção para a abertura de estradas, uma redação de mapas, um exame da navegação dos rios...

Contemplando cada dia o quadro das fecundas liberdades inglesas, insurge-se contra as opressões de que são vítimas os seus patrícios. Ergue-se contra os excessos do poder e da autoridade, e proclama que “o poder absoluto aniquila o Público, e onde não há público, ou constituição, na realidade não há nem Pátria nem Nação”. (*Correio Brasiliense*, X, 681.)

No exame das suas idéias, é-nos particularmente interessante acompanhar o seu pensamento naquilo que diz respeito à permanência da Corte portuguesa em terras brasileiras. Nesse capítulo, a evolução

do pensamento de Hipólito é considerável. A princípio, é partidário da unidade dos dois países, e não pode passar pelo seu espírito a idéia de que Portugal e Brasil estejam separados. Mas pouco a pouco se processa a transformação.

Opressos pela tirania de Beresford, alarmados pelas ameaças, claras ou implícitas, da Espanha, inquietos pelas ambições da casa de Cadaval, os portugueses não vêem outra solução para a sobrevivência da pátria que não seja o regresso do rei ao território luso. Essas inquietações e esses alarmes concretizam-se no movimento de 1817, no qual aparece, aureolada de um esplendor de martírio, a figura do General Gomes Freire de Andrade, sacrificado de maneira tão cruel pelo crime de ter sonhado a sobrevivência de sua nacionalidade. As inquietações continuam a trabalhar a alma portuguesa, concentram-se no Sinédrio, e afinal são vitoriosas, com a revolução de 1820. Forçado pelas circunstâncias, D. João VI vê-se na contingência de deixar o Brasil, e regressa a Lisboa.

Enquanto se processa o vibrante movimento que vai determinar o regresso do rei, o ambiente jornalístico está interessadíssimo na discussão de tão importante assunto. De Londres, Hipólito da Costa doutrina sobre a tese, e seus editoriais têm lógica e clareza singulares. Seu ponto de vista é que o rei só tem um interesse – o de permanecer no Rio de Janeiro, o de não regressar a Lisboa. Em essência, medita ele: achando-se na Europa, o rei de Portugal acha-se à frente de um pequeno país, pouco povoado, e que dispõe de pouca força, quase uma província espanhola. No meio de um continente todo cheio de cabeças coroadas – e onde cada uma dessas cabeças coroadas representa um grande exército, e muitas vezes uma grande força naval –, que importância pode ter o chefe daquele minúsculo reino, que é Portugal? Se essa é a situação que se cria para o rei português, quando ele se encontra na Europa, inteiramente oposta é a situação que defronta quando visto na América. Este último é um continente de Repúblicas. Repúblicas trêfegas e sem solidificação conveniente, muitas vezes submetidas a pronunciamentos militares, a movimentos subversivos. Estando entre eles um rei, pela coerência que representa, pela segurança da tradição que traz consigo, adquire uma força moral incontrastável. Baseado nesse raciocínio, Hipólito da Costa prega que existem todas as vantagens na permanência da Corte

no Rio de Janeiro. Sabemos que o seu ponto de vista acabou não prevalecendo, que D. João VI regressou para Portugal, e que, em consequência desse seu regresso, veio a ser proclamada a Independência do nosso País.

Para esse supremo acontecimento, a sua atuação espiritual foi tenaz e constante. A princípio partidário da união das duas pátrias, a européia e a americana, vai pouco a pouco se compenetrando da impossibilidade de uma tal aliança. E, enfim, se torna o mais ardente propugnador da tese da separação. E dia a dia vê ou estuda o magno problema sob todos os ângulos que ele pode apresentar. Indigna-se com a simples idéia da reconquista do Brasil por Portugal, e faz uma longa digressão histórica para mostrar que em todos os tempos, desde a guerra com os holandeses, os brasileiros souberam fazer as suas lutas sozinhos, abandonados de qualquer socorro de Portugal e muitas vezes mesmo contra Portugal. “A experiência tem demonstrado o ridículo de tais ameaças, pois as tropas européias têm sido expulsas do Brasil em todas as províncias em que os povos a isso se determinaram; e o estado exausto, endividado e falta de recursos do Tesouro de Portugal, prova a todas as luzes a impotência daquele Erário, até para ocorrer as despesas diárias, quanto mais para pensar em mandar expedicionários contra o Brasil que sejam capazes de produzir algum efeito, naquele país, favorável às listas desse partido, que o deseja fazer voltar à dominação colonial.” (XXIX, 184.)

Nas vésperas da proclamação da nossa Independência surpreende os leitores com a elaboração de uma Constituição para o Reino do Brasil (XXIX, 375).

Está, a essa hora, perfeitamente seguro de que o Brasil não tardará a cortar todos os laços – que já são tão frágeis – que ainda o prendem a Portugal. Com um amigo do Brasil, que, sendo português, defende a tese de nossa eterna sujeição à metrópole, mostrando mesmo que aqui vamos adiante do que Portugal deseja (exemplo: “... a Bahia até pediu, humildemente, que queria ser considerada como parte de Portugal e não do Brasil, baixeza esta que não somente se lhe não pediu mas até ninguém esperava ...” – XXIX, 219) –, ele discute; e se exalta, mostrando como em todos os pontos do território brasileiro existe, no momento em que fala, o mesmo sentimento profundo de aspiração à liber-

dade, de ódio às extorsões e aos crimes dos colonizadores. “A independência do Brasil” – conclui ele, escrevendo em setembro de 1822 – “está irrevogavelmente decidida; porque é da natureza das coisas” (XXIX, 89).

### REAÇÃO CONTRA HIPÓLITO DA COSTA

O *Correio Brasiliense* provocou, durante todo o tempo em que existiu, viva e inquieta repulsa por parte da autoridade portuguesa. Foram muitas, e de vária natureza, as tentativas feitas para impedir a pena do jornalista de exercer-se.

A primeira providência imaginada pelo governo português para fazer cessar a atividade de Hipólito da Costa consistiu na idéia de prender o jornalista e transportá-lo para território português. Mas desde logo foi verificada a impossibilidade dessa providência, e isso pela circunstância de ter Hipólito da Costa, com a proteção do duque de Sussex (que era filho do rei da Inglaterra), conseguido naturalizar-se cidadão britânico. A outros jornalistas portugueses, que haviam ousado em Londres editar jornais de índole oposicionista, tinha o governo português conseguido tapar a boca e quebrar a pena, com o arrastá-los para a terra natal, onde eles se viam forçados à discrição e mesmo ao silêncio.

Advertido de tal possibilidade, Hipólito da Costa conseguira a tempo adotar a cidadania inglesa, o que lhe garantia tranquilidade na exposição de suas idéias e na defesa de seus pontos de vista.

Fechado o caminho por esse lado, é-nos lícito pensar que a autoridade portuguesa planejou aniquilar Hipólito pela via da desmoralização e do suborno.

É o que nos autoriza a pensar aquele rumor, até hoje não suficientemente confirmado, de que o governo português tivera em início a compra de Hipólito da Costa. Sabe-se – por ofícios trocados entre D. Domingos de Sousa Coutinho, o futuro conde de Funchal, que era Ministro em Londres, e seu irmão, o conde de Linhares – que chegara a estar combinado, entre Hipólito e aquele diplomata, uma abrandação dos processos jornalísticos do *Correio Brasiliense* no abordar certos assuntos da predileção da casa real portuguesa; e isso mediante a compra de 500 assinaturas do *Correio Brasiliense*. O documento, que dá informes

sobre esse fato, nos parece insuficiente; e, mesmo por ele, vemos como D. Domingos de Sousa Coutinho considerava Hipólito da Costa um homem do mais vivo e agressivo orgulho.

Como quer que fosse, a transação não chegou a ser feita. Hipólito da Costa continuou a publicar até o fim o seu *Correio Brasiliense*, mantendo o mesmo tom livre e audacioso do princípio. E o tal crédito, que lhe fora aberto pelo governo português (se chegou realmente a ser aberto), nunca foi recebido pelo jornalista.

Outra providência tomada pelo governo português para impedir os efeitos da propagação das idéias de Hipólito da Costa consistiu na proibição da circulação do seu jornal. O jornalista ria de tais disposições, pois sabia que o *Correio* era muito lido não só em Portugal, como no Brasil, e sabia também “que ele era lido até no Paço sem reбуço algum”.

Desanimando, ainda por esse lado, de impedir a propaganda das idéias de Hipólito da Costa, a autoridade lusa determinou neutralizá-la mediante as campanhas do jornal intitulado *O Investigador Português*, então publicado também em Londres. Fora esse jornal fundado em 1811 por Bernardo José de Abrantes e Castro, e desde 1814 constituiu-se num órgão de combate à folha de Hipólito. É lá que, a partir de certo tempo, vemos aparecer José Liberato Freire de Carvalho, outrora amigo de Hipólito e agora seu adversário.

Singular figura a desse publicista português, meio frade e meio revolucionário, homem da hóstia e da maçonaria, desabusado e extravagante, e que soube sacrificar a sua vida na exposição e na defesa das suas idéias. Também pelo lado do investigador nada logrou o governo português, porque essa folha não conseguiu atingir o nível de difusão do *Correio Brasiliense*.

## A POSTERIDADE DE HIPÓLITO DA COSTA

Tal é a vida, tal é a obra de Hipólito da Costa. O pronunciamento da posteridade tem sido carinhoso e entusiástico em torno desse vulto do jornalismo brasileiro. Basta-nos citar a opinião de dois espíritos que representam o cimo da cultura nacional. Seja o primeiro Varnhagen, o mestre dos historiadores.

Dizia ele, acerca de Hipólito: “Não cremos que nenhum estadista concorresse mais para preparar a formação no Brasil de um império constitucional do que o ilustre redator do *Correio Brasiliense*. Talvez nunca o Brasil tirou da imprensa mais benefícios do que os que lhe foram oferecidos nessa publicação, em que o escritor se expressava com tanta liberdade como hoje o poderia fazer; mas com a grande vantagem de tratar sem paixão as questões de maior importância para o estado, tais como as do fomento da colonização estrangeira, etc.” (Varnhagen – *História do Brasil* – volume V, pág. 280).

A outra opinião é a de Sílvio Romero, mestre de todos aqueles que estudam a evolução literária do nosso País. Tratando de Hipólito da Costa, dizia ele que ainda hoje seria conveniente fazer-se nos editoriais do *Correio Brasiliense* uma seleção de páginas, e acrescentava que com isso teríamos um livro do maior interesse e da maior atualidade. E que homenagem maior poderia prestar Romero ao jornalista do *Correio Brasiliense* do que aquela que prestou, ao escolher o seu nome, quando se constituiu a Academia Brasileira de Letras, para patrono da cadeira de que era fundador na imortalidade?

MÚCIO LEÃO



.....

## *Diário da Minha Viagem para Filadélfia*

Principiado a bordo da Corveta *William*, Capitão Quandrill, aos 10 de outubro de 1798 e ancorado no Tejo, defronte da Boa-Vista, em 24 braças de água.

O

1798

UTUBRO:

Dia do mês:

11 – Como ontem não pudemos sair, fundeamos dentro da Torre de Belém. Havia uma barca canhoneira, ou bateria do mar fundeada mais a terra de nós 10 braças, e como não a pude examinar desenhei a frente que me ficava oposta. (Veja-se o Caderno de Observações nº 1, nota A.)

12 – Hoje, cessou pelas 7 horas a chuva que ontem principiou, mas ficou soprando vento O. forte pelo que não pudemos sair, e para aproveitar o tempo desenhei em perspectiva a Torre de Belém, que ficava demorando ao N. O. (vid. nº 1, nota B). Pelas 8 horas da manhã salvaram todas as torres e vasos de guerra e se embandeiraram; não sendo hoje o dia de festa ou gala grande na Corte, é muito provável, e quase certo, que a Princesa tivesse o seu bom sucesso, porque há 4 dias está com as dores.

13 – Ontem, ao meio-dia, às trindades, e à meia-noite, salvaram todas as torres e vasos de guerra, e se iluminou toda a cidade. Hoje de

manhã, tornou a haver salva, e indo a terra soube que S. Alteza tinha dado à luz um menino, porque me disseram algumas pessoas que o sinal fora de 3 triângulos de luzes, o que se costuma fazer quando é menino, sendo só 2 quando é menina. Pelas 8 da noite, tornou a haver salva e iluminação.

14 – Hoje, se tornaram a repetir as salvas. Ontem me encontrei no pátio dos bichos com um soldado suíço e que falava otimamente francês; perguntando-me o modo de voltar a sua Pátria, pois que o seu contrato trienal estava acabado, não se agradou do meio que lhe indiquei, que era embarcar em um navio hamburguês, que viajasse para esta cidade, pois que ele tinha na Saxônia a sua casa; a razão que me deu foi que em tais navios costumavam fechar os homens no porão e mandá-los violentamente para a Índia; não lhe dei muito crédito, mas lendo hoje as viagens do Dr. Tumberg lá achei este costume praticado na Holanda, e diz mais, que em Amsterdã há malvados que vivem de furtar homens, chamados *Kidnapers*, e quando saem navios para a Índia os vendem para marinheiros aos capitães dos vasos, e são tão hábeis neste péssimo tráfico que, em chegando de fora estrangeiros, pagam aos carregadores dos trastes para que, em lugar de os conduzir para uma estalagem, os levem para as suas infames habitações. Hoje entraram duas fragatas portuguesas e saíram dois cúters para ver se encontram dois corsários franceses que ontem tomaram duas embarcações defronte da Roca.

15 – Ao pé do camarote do contramestre, que é também piloto, se acha a seguinte tábua do mantimento dos marinheiros:

Domingo – carne de porco e ervilha;  
 Segunda-feira – feijão e batatas;  
 Terça-feira – carne de porco e feijão, etc., etc., etc.

Esta tábua, que é uma consequência de um ato do Congresso, nunca foi executada a bordo do meu navio.

21 – Demos à vela de Lisboa terça-feira, 16 de outubro, e de então até hoje, que é o quinto dia de viagem, um violento enjôo me obstou a que pudesse escrever o meu diário, mas durante os dias da minha moléstia nada aconteceu de notável. Temos navegado com diversos ventos e aproximando-nos quanto nos é possível ao rumo de O. N., que, com o abatimento de duas quartas, que a agulha Noroeste, fazemos caminho

de O. – Esta manhã apareceu um combói por sotavento de 15 velas que navegava para o N. e supusemos ser holandês. A latitude e longitude que hoje assento me foi dada pelo capitão (e a segunda pelo piloto) porque eu não podia fazer as minhas observações; daqui para diante a conta será minha, e quando for do capitão lhe porei um c., pondo um p. se for do piloto – Lat. 37°53 – Long. 13°46 – Lat. 37°59 – Long. 13°24.

25 – Tendo sido atacado de febre, talvez procedida da debili-  
dade em que o enjôo me pôs, não pude fazer a minha derrota até hoje,  
mas, segundo as observações do capitão e piloto, ficamos na latitude e  
longitude abaixo. O trabalho que me dava o fazer a derrota, calculada  
pelas tabuadinhas, me fez imaginar um método mais fácil, por meio de  
um instrumento que inventei, e que pretendo mandar fazer de latão  
logo que chegar à Filadélfia. (Vid. cad. 1º, nota C – Long. 19° 5 p.)

27 – Hoje tive notícia da Sociedade Filantrópica de Londres  
que, por meio de subscrições particulares, fez um estabelecimento de ra-  
pazes pobres para os aplicar às artes. Este estabelecimento devo eu esta-  
belecer no Rio Grande, indo à custa de grande parte do meu patrimô-  
nio. Long. 21° 29.

Novembro:

1 – O meu enjôo tendo continuado sem interrupção me tem  
impossibilitado de continuar as minhas observações; entretanto só  
aconteceu de notável que a 28 do mês passado, pelas 6 horas da tarde,  
se levantou um tão impetuoso vento que o capitão mandou arriar os  
mastaréis do joanete, descer as vergas deles e ferrar todo o pano. Às 10  
horas o vento era N. E. com chuva, e o mar tão grande que, para dar  
alguma expedição ao navio, o capitão largou a gávea grande nos terceiros  
rins, e vela de estai de proa; mas a este tempo o vento se mudou para N. O.  
soprando com mais impetuosidade, e como o mar corria do N. E. este  
encruzamento nos teve por vezes perdidos, de modo que entrou um  
mar pela escotilha da câmara (eram 10 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas) que tendo alagado  
tudo me fez supor que íamos a pique. A tempestade amainou pelas 4  
horas da manhã, mas inda hoje dura a braveza do mar que as duas tem-  
pestades causaram. Ontem, pelas 5 horas da tarde, avistamos a Ilha de  
Santa Maria pelo S., indo nós com proa de N. O., 4ª de O.; pelas 10 da

noite, apareceram, também S., duas velas, que pareciam querer-nos cruzar. O capitão temendo serem corsários, se aproveitou do vento que era N. O. e do escuro que sobreveio, virou de bordo e veio passar por E. de Santa Maria para se pôr a S. desta ilha, de sorte que às 2 horas da noite vimos claramente a terra demorando a N. e em distância de duas milhas. Tornou a haver chuva, e hoje, às 10 da manhã, que fui acima da coberta, vi, por entre nuvens, a terra que demorava ao N. E., 4<sup>a</sup> de E., e, ao meio-dia, a perdemos de vista fazendo proa de O. que, com duas quartas de variação da agulha, fazemos caminho de O. S. para fugirmos das outras ilhas – continua o enjôo.

3 – O nosso almoço ordinário é café muito carregado, e sem leite, junto com carne de porco e vaca salgada, cozida mas fria; biscoito seco e algum molhado em água quente e untado com manteiga; outras vezes, angu a que chamam (conforme a consistência) *Indian pudin* ou *Indian chec*.

5 – Continua a minha moléstia, mas, a menos a inflamação dos olhos – Long. 31”57 p.

6 – Hoje me achei algum tanto melhor; passei toda a manhã sobre a coberta; apareceram alguns peixes, mas não se pôde fisgar nenhum; até aqui tem aparecido muito poucos peixes, pelas muitas tormentas; de modo que ainda se não pescou; vi por duas vezes voadores (*exocoetus volitans*) e, ontem, um tubarão.

O capitão me mostrou umas pequenas conchinhas tão gastas ou safadas que se assemelhavam a segmentos de esferas, convexos por uma parte e chatos ou planos pela outra, eram de cor branca, e, pela parte convexa, com algumas veias onduladas de um amarelo cor de ocre; deu-lhe o nome de *eyes stone*, ou pedra dos olhos; disse-me que vinham das West-Índias, e o nome era deduzido do uso medicinal que tinham, nas inflamações internas e externas dos olhos: dissolvendo-se uma ou mais destas conchas em vinagre forte se untam as pálpebras com o polme ou sedimento, e a inflamação (ou inda outras moléstias dos olhos) se curam em muito pouco tempo. Estas pedrinhas – de que a mais pequena é como um grão d’alpista, e a maior, como um grande grão de milho – chegam a custar 20 shillings cada uma. (Nota à margem – Um grande médico de Filadélfia foi quem lhas deu.) – Em Filadélfia não vão as fazendas à alfândega; o comandante do vaso apresenta na alfândega uma lista das mercadorias que leva, paga os direitos, segundo a lista, e um guarda a bordo vê

se as fazendas que desembarcam são as mesmas de que trata a lista; sendo, levam o destino que seus donos lhe querem dar sem que vão à alfândega; mais este guarda não abre nenhum caixão e vai jantar e cear a terra todos os dias, ficando a embarcação sem guarda, e só com ordem de não desembarcar coisa alguma, e mesmo se passam dias sem que o guarda vá a bordo; apesar deste método os direitos não são defraudados. Em Filadélfia não há contrabando. – Lat. 36°09. Long. 32°37 p. (Nota à margem – O costume de não irem as fazendas à alfândega é praticado em Batávia; os rendeiros são os que cobram os direitos revendo as grandes caixas, mas não os baús, e com toda a moderação. Tumberg v. 2, p. 264. Sobre os bens que esta liberdade produz vid. *Coup d'oeil sur l'Angleterre*. Há, também, um § neste folheto sobre a população dos E. U. que notei com lápis.)

10 – O meu enjôo tem continuado mas sem dor de cabeça e, em menor grau, a náusea. Ontem, principiaram a aparecer alguns sargaços ou algas (*fucus*), mas não pude obter nenhum para o analisar; estes sargaços (segundo a informação do capitão) nascem em alguns rochedos e pequenas ilhas do Golfo-México e são levados pelas correntes para o N. O.; estas correntes aí são tão impetuosas que ele andou em uma noite, isto é, desde às 6 horas da tarde até às 6 horas da manhã do dia seguinte 128 milhas, e isto, com um vento muito brando. Depois que estas algas têm corrido nesta direção, muitas léguas são levadas pelos ventos para os diversos lugares em que se acham. Ontem, depois de noite se fisgou um doirado ou delfine (*corriphona equiselis*) que se escapou por ter quebrado a fisga; os ingleses chamam a este peixe *Dolphin*. Hoje, ao meio-dia, uma gaivota, ou gávea (*larus tridactylus*), a que os ingleses chamam *Gull*, tal qual se me representou voando a desenhei (caderno 1º, nota D). A tripulação da corveta consta de um capitão, um piloto, que é também contramestre, tem o título ou tratamento de *Mate*, 7 marinheiros e 1 preto, cozinheiro; 10 por todos; a corveta é de 175 toneladas (este preto, segundo me disse o piloto, é maçom, o que eu inferi). – Lat. 35°23. Long. 33°C.

11 – Como o capitão ficou hoje na longitude de 39°24 – assunto que devo emendar a minha derrota – eu estava em 39°08 e fico por um termo médio. – Lat. 35°39, Long. 39°18.

12 – Ontem pelas duas horas da tarde, indo com cutelos largos amurado por B. B., quebrou o cesto de gávea de proa, em consequência, o mastaréu do velacho se partiu cérceo pelos monções, rente com o

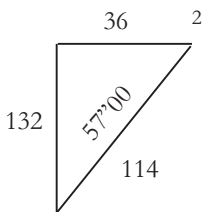
tope do mastro, e foi por estibordo fora; com muito trabalho se meteu dentro aproveitando-se todos os cabos, mas o velacho e joanete ficaram muito estragados; arvorou-se em lugar do mastaréu de velacho o de joanete, e nele o joanete grande, e com ele nos temos remediado hoje todo o dia, enquanto o capitão e marinheiros com metade do cepo de uma âncora consertam o cesto de gávea – Lat. 36''01 – Long 40''30.

13 – Ontem, pelas 8 da noite, se fez mais rijo que nunca o vento, que sempre tinha sido forte, depois que nos quebrou o mastaréu, e toda esta noite sofremos maior tempestade que temos tido; e eu, sumamente assustado, passei toda a noite sobre a coberta porque o capitão se deitou a dormir no quarto de vigia, deixando o navio entregue aos três marinheiros do seu quarto, que são os mais capazes do navio. Hoje, pelas 8 da manhã, foi pelos ares o joanete içado no pequeno mastaréu que se tinha posto no mastro de proa, porque, apesar da fortaleza do vento, como este era favorável, ia o pano todo largo, bem como estive ontem toda a noite, sem embargo das representações que fiz ao piloto, que mas tratou de ridículo dizendo-me: *never fear*. Eu vou pouco melhor do meu enjôo; temos hoje, pela primeira vez na viagem, vento à popa. Toda esta sangradura, 5 milhas por hora. – Lat. 36''12 – Long. 42''23.

14 – Hoje se içou o mastaréu da gávea, creio ficara de todo aparelhado. O capitão ficou hoje na long. de 34''38, mas suponho ser transposição das letras, devendo ser 43''38 – Lat. 36''37 – Long. 43''19.

15 – O meu enjôo é já tolerável, mas tenho as gengivas e lados da boca muito inchados. – Lat. 36''38. – Long. 44''30.

16 – Ontem, pelas 8 horas da noite, caiu no navio um peixe cuido ser o (...) Hoje, pelas 10 horas, falamos a uma escuna americana, que vinha de Boston para Lisboa (trazia 18 dias de viagem e deu a long. de 30''00; porém, ou eles vinham muito enganados ou disseram 48'' e nós os não entendemos). – Lat. 37''05 – Long. 46''42.



17 – Hoje, apanhei um peixe que tinha ao redor da boca muitas *chelas* ou *chirros*,

2 Hipólito, à margem, colocou o triângulo acima, porém, sem nenhuma explicação, que talvez esteja num de seus famosos cadernos de observações.

mas não me foi possível reduzi-lo; os ingleses lhe chamam *Squid*. Apanhei também um *fuscus* que supus ser o *buccinalis* (mas que de nenhum modo conferia com a descrição do Lineu); supus ser o *buccinalis* porque estava todo coberto com uns filamentos, que terminam em glóbulos, que vistos ao microscópio se assemelham a pequenas trombetas, ou copos de cálice; diferiam do Lineu em que as folhas não são palmadas integérrimas, mas lineares e serratas.

Tumberg nas suas viagens para descrever o Japão, traz: 1º, natureza do clima, para o que lhes ajunta as observações termométricas; 2º, descrição das figuras das pessoas; 3º, gênio, caráter e disposição da Nação; 4º, linguagem e homens; 5º, vestidos; 6º, arquitetura.

Os marinheiros americanos ganham a soldada por mês, e não por viagem; são julgados capazes depois de 7 anos de mar e, alguns, antes, segundo a sua habilidade; a soldada costuma ser de 18 até 30 dólares por mês; a abundância ou escassez decide da diferença, agora ganham 25 dólares (este é o preço dos do meu vaso). Antes de terem 7 anos de mar ganham só de comer e vestir; a soldada, inda que regulada por meses, só é paga no fim da viagem; o preto cozinheiro ganha 18 dólares. Não há tribunal separado para julgar os marinheiros. – Lat. 37°15. – Long. 49°28. (Notas à margem – O Mate ganha 32 dólares e também vem assinado nos artigos – vid. dia 9 de outubro. Em Filadélfia atualmente por causa da guerra chegam a ganhar 40 dólares.)

18 – Uma grande tempestade que principiou pelas 6 da manhã até depois da meia-noite. – Lat. 36°57 – Long. 50°58.

19 – Um violento enjô, que me atacou ontem todo o dia, amainou hoje pelas 8 horas. Um doirado que se apanhou, quebrou a físga e fugiu. – Lat. 36°57 – Long. 52°58.

20 – É tal a escassez do dinheiro e ouro nos Estados Unidos que o incômodo de levar os dólares nas viagens, etc. obriga a entregá-los a um banco que dá por eles um certificado em papel, bem aceito sim em toda a parte, e pelo mesmo banco sempre que se queira outra vez a prata. O tabaco sendo uma mercadoria proibida em Portugal e Espanha, e sofrendo em Inglaterra muitos impostos, os americanos exportam muito pouco, e só para a França. – Lat. 37°04 – Long. 54°12.

21 – Toda esta sangradura, excelente vento à popa; ao meio-dia, mudou o vento e principiou chuva.

Em Filadélfia só se é obrigado a guardar os domingos, sob pena de prisão; nestes dias, se se encontra alguém bêbado pela rua é conduzido à prisão. Hoje, pelas 3 horas da tarde, vimos um grande vaso de 3 mastros que se dirigia para E., supusemos ser inglês. – Lat. N. S. – Long. 57”12.

22 – Hoje nos achamos muito mais ao N. do que supúnhamos, o que, sem dúvida, é produzido pelas correntes; ora, como estas estão 3 graus distantes das costas (ordinariamente), isto me faz supor que eu estou mais próximo de terra do que a minha derrota mostra; ajuda esta minha conjectura ter esta manhã aparecido um pássaro de terra. (Nota à margem – vid. dia 25; sobre esta corrente.) Hoje, reli o maço de cartas de minha casa (o que muitas vezes faço), e à vista das expressões de meus pais e tio, protesto (o que há muito era minha tenção) pela minha honra dar-lhe o gosto de me apresentar no Rio Grande o mais breve que me for possível, e aqui escrevo isto para me chamar inconstante e indigno de ser de homem de bem todas as vezes que me lembra determinar o contrário, e para obrigar a minha palavra aqui me assino: *hoc scripsit*. H. I. da Costa. – Lat. 38”31 – Long. 57”52.

23 – Hoje, imenso mar: uma onda me alagou todo, estando eu ao pé do homem do leme. – Lat. 38”31 – Long. 60”04.

24 – do mês. Uma tempestade, e a maior que temos tido: o Manuel a chorar e eu trabalhei todo molhado até cansar. Deus nos ajude, que tudo aqui anuncia mal. – Lat. N. S. – Long. 61”54.

25 – Ontem, depois da grande tempestade, mudou o vento que era S. para N. O. Esta mudança causou uma grande alteração no mar. O muito balançar do navio quebrou uma pipa de vinho branco, o que se conheceu, era meia-noite, porque a água da bomba cheirava e sabia inteiramente a vinho. Foi o piloto examinar, e, encontrando a pipa, aproveitaram ainda um barril, porém, os marinheiros todos, e mesmo o piloto, furtaram e beberam tanto que, quando eram 4 horas da manhã, não havia nenhum capaz de pegar no leme, nem fazer algum serviço; às 8 da manhã brigaram uns com outros – e foi notável encontrar eu, dois, atrás da lancha, esmurrando-se um ao outro, com a cara e olhos sumamente ensangüentados, e ao tempo que um deu sobre o outro um formidá-



vel murro sobre o olho, este lhe lançou uma grande golfada de vômito sobre a cara. O navio faz tanta água hoje que trabalham ambas as bombas.

A corrente defronte do Delaware dista de terra 3 grãos. (Nota à margem – Dista 5 graus segundo outra conta do capitão, o que concorda com a minha derrota); tem de largura 60 ou 70 milhas; corre impetuosiíssimamente para o N. e o choque do vento com a corrente produz uma muito perigosa agitação do mar, porque se encontram as ondas, e pulam para cima, nela se acabam os *fucus* ou algas, e daí para a terra já não há tantas tormentas nem é o mar tão perigoso. – Lat. 38°22' – Long. 63°30'.

26 – Eu vigiei, hoje desde a meia-noite até às 4 horas, porque o capitão (segundo o seu costume) se deitou a dormir, não obstante a bebedice dos marinheiros. Alguns marinheiros supõem que passaram a corrente esta noite passada, e os oficiais não deixam de o desconfiar, principalmente o piloto, que assim mo disse, pois esperava ver amanhã mudança na cor da água; mas o capitão, ontem, ficou em a longitude 62°32', o que me parece muito errado; com efeito, hoje já se não vêem sargaços. – Lat. 38°25' – Long. 66°10'.

27 – Estas 24 horas, bom tempo. Hoje, depois de jantar, me supus verdadeiramente na corrente<sup>3</sup> pela inspeção do mar. Eu fui atacado com enjôo, mas, tendo jantado e dormido à sesta, melhorei. – Lat. 38°02'. – Long. 69°00'.

28 – Hoje, ao meio-dia, apareceram as águas verdes, o que prova que nós estamos fora da corrente e próximos de terra. – Lat. 38°30' – Long. 70°16'.

29 – Tendo variado muito o tempo e o vento, estas 24 horas, e estando o dia muito escuro, se deitou a sonda mas não se achou fundo, eram 2 horas. Os pilotos da barra, em Filadélfia, ganham, de meter uma embarcação dentro, meio guinéu por cada palmo de água, que demanda o vaso; por exemplo: se o navio demanda 14 palmos de água, o piloto ganha 7 guinéus – os ingleses chamam a uma *demay* d'água (?), que cuido ser o ... de Lineu. *Portugueze man of year* (militar português). O curso de hoje, que não teve abatimento para o N., nos provou bem que

---

3 Correnteza (M. B.)

já estávamos da parte de dentro da corrente, e isto nos fez tomar a sonda, mas não se achou fundo. – Lat. 38” N. S. – Long. 71”04.

30 – Esta sangradura, e a antecedente, foi muito cheia de névoa bastante escura. Hoje, ao meio-dia, os marinheiros todos se apresentaram ao capitão a pedir-lhe mais mantimento, e mostrando-lhe a carne do jantar, que era muito pouca, ao que ele não deferiu (sumamente vexado e vermelho), dizendo que só tinha a bordo 1 ½ barril de carne de vaca, e que se não chegássemos breve, por causa do vento, ficariam sem ter que comer a dar-lhe maior porção. Eu não posso deixar de o culpar nisto porque o ordinário destas viagens são 60 dias da Europa para a América); ora, devendo ele trazer mantimento para mais do que tempo, obrou tanto pelo contrário que hoje é o 45º dia de viagem, e já não tem mais que um barril, além de que (segundo disse um dos marinheiros), pelo regimento dos navios, os capitães são obrigados a não sair porto algum sem ter a bordo mantimento para 6 meses. (Nota à margem – Veja-se sobre isto o dia 9 do seguinte mês.) A sua mesquinhez se prova mais, em que o biscoito da câmara está já acabado, sem embargo de se ter comido uma arroba do meu, etc., etc., e há muitos dias. (Nota à margem – Desde o dia 15 de viagem que os marinheiros têm, à ração: 3 bolachas cada dia para um marinheiro, e cada uma tem de diâmetro 1/2 palmo, e um escasso dedo de altura.) – Lat. 37”30 – Long. 71”34.

Dezembro:

1 – O tempo sempre cerrado e mau vento; às 2 horas começou o bom vento, mas muito fraco. – Lat. N. S. – Long. 72”23.

2 – Estas 24 horas, mau tempo e cerração. Não se achou fundo às 2 horas; às 4, falamos a uma escuna que vinha de Charlestown para Boston. – Lat. 38”30 – Long. 72”30 era a sua. Disse que andavam de guarda-costa duas chalupas de guerra e uma fragata chamada *Constitution*. – Lat. N. S. – Long. 73”25.

3 – Hoje de manhã, apareceram duas velas pela proa a que não falamos, e desapareceram; às 10 se deitou o prumo, e nos achamos em 37 braças de água, e veio pegado ao prumo areia e uma pequena conchinha; desempacaram-se as âncoras e abitaram-se as amarras. – Lat. 38”20 – Long. 74”16.

4 – Hoje, pouco depois da meia-noite, vimos o farol do cabo Henlopen; e de manhã nos pusemos de frente da barra onde havia mais sete vasos e dois ancorados; isto provou a justeza da minha derrota, pois que ontem ao meio-dia me faltavam 44 milhas para chegar à terra. Às 8 horas da manhã, o capitão foi atacado de uma violenta cólica; e como ele tinha estado grande parte da noite sobre a coberta, e o frio era extremo, supus que este era causa; servi de médico aplicando-lhe a bebida de licores espirituosos, panos quentes aos pés, etc., com que remitiu alguma coisa. O vento passou para o O., fortíssimo, e nos obrigou a virar no bordo do S. e chegamos até Indian River, sempre em 11 braças de água e consequentemente distante de terra 11 milhas, porque, segundo uma regra do capitão, cada braça d'água, cada milha se está distante da praia; às 2 horas, viramos no bordo N. e passou por nós para S. uma linda galera que era o paquete de Charlestown, e nos conservamos toda a noite, ora capeando, ora bordejando (o Delaware tem de boca 21 milhas) a terra, porque toda esta costa é muito baixa e se assemelha ao Rio Grande.

5 – A corrente que parece querer dividir a América da Europa, dista de terra 5 graus, e sendo nela suma a agitação das águas, entre ela e a terra, nunca o mar se altera, de modo que se possa assemelhar ao mar alto, como experimentei na grande ventania de ontem. Junto à praia há um esparcel ou baixo de areia que a cada milha que dista de terra adquire uma braça mais de profundidade; porém, a 20 ou 30 milhas de distância da terra, se acaba repentinamente não se encontrando já fundo de modo algum; isto é uma experiência do meu capitão que tem 23 anos de uso desta costa. Hoje, todo o dia e toda a noite, nos conservamos bordejando defronte dos cabos com o vento sempre O. muito forte; o frio era tanto que toda a água que caía no convés se gelava logo, e fez sobre a coberta uma capa muito grossa, que foi preciso quebrar e deitar fora com uma pá.

6 – Inda que Amboy fica primeiro à entrada do rio Hudson do que New York, contudo é muito menos florescente; a razão é porque o porto é muito mau; as embarcações quando vão para New York não lhe passam por o pé mas sim por entre Long-Island e outra ilha, que aí há entre Long-Island e a terra, tanto porque é mais perto como porque há mais fundo que ao pé d'Amboy.

Hoje pelas 9 horas veio para bordo o piloto da barra; nós estávamos ao S. do cabo May onde há uma pequena aldeia a que ele pertence. Nesse tempo diminui a multiplicidade de botes de pilotos que aqui há porque a maior parte pertence à Filadélfia, e o gelo os não deixa descer. Em o cabo Henlopen há uma pequena aldeia, Lewistown. O bote dos pilotos tinha só 2 pessoas, e um rapaz saltou com o auxílio de uma para o nosso bordo, que foi o piloto, e ficou só outra; era um excelente barco de coberta. Hoje, todo o dia, muita chuva e vento, e nos conservamos sempre bordejando defronte de C. May.

7 – Hoje, bom tempo, o vento O. N. O. e demos fundo a O. do cabo Henlopen por falta de vento; eram dez horas da manhã, e em 8 milhas distantes do cabo. Depois das 4 da tarde, levantamos âncora e fomos para dentro, com muito pouco vento, mas ajudados da maré, e quando esta parou demos fundo, seriam 11 horas da noite.

8 – Pelas 5 da manhã, levantamos ferro e fomos para cima, ajudados da maré. Filadélfia dista do cabo Henlopen 140 (segundo o piloto da Barra) ou 160 (segundo o capitão) milhas. O Delaware é chamado baía até certa altura, até Bambyhook, pela grande largura que tem; tem esta baía muitos baixios, mas tem um canal bom para os navios, bem providenciado com bóias, que tem seus nomes: a primeira se chama *boy of brown*, a segunda, *brandy boy*, etc., apesar do que vão constantemente deitando o prumo, e tem 8 ou 9 braças, e algumas vezes 10. Hoje vi os diferentes certificados e despachos que o capitão trazia (que eram conforme os modelos do *Voyageur Americain*), e na atestação que o cônsul americano em Lisboa Mr. Bulkeley lhe passou para mostrar que a propriedade da carga era americana; vinha o reconhecimento do Ministro da República Francesa em Lisboa e se chamava Antônio Lafargue, e se intitulava encarregado de negócios pela República para a troca dos prisioneiros; e selou a atestação ou reconhecimento da firma explicando o nome, isto é, um A e um L entrelaçados. Pelas 9 da noite fundeamos para esperar maré.

9 – Pelas 5 horas da manhã, levantamos âncora e quando foram 11 horas estávamos de frente de Bambyhook, o lugar onde principia propriamente o rio, porque, até aí, o Delaware é chamado Baía pela sua grande largura; aqui tem uma milha e vai cada vez menos a largura. Por um ato do Congresso, são os capitães dos vasos obrigados a fazer

um contrato com os marinheiros que estes devem assinar, e que consta de certas obrigações dos capitães e marinheiros determinadas no dito ato. Este contrato, que se acha impresso, o assinam pondo-lhe o que cada um ganha. Entre as obrigações dos oficiais são, manter de mantimento para cada pessoa (indo para o mar alto de qualquer porto que seja): 60 galões d'água, 100 libras de biscoito de rala (*ship bread*),<sup>4</sup> além do mais que é preciso; pagar a todo marinheiro com quem não estipular expressamente a maior soldada que o navio pagar; trazer uma caixa de remédios completa, e, não sendo o navio do lote dos que trazem cirurgia, as direções para se usarem destes remédios, dadas por um médico ou boticário de conhecida capacidade (o meu navio as tem impressas, que se vendem em New York, com excelentes caixas de remédios, com os frascos numerados segundo direções). Entre as obrigações dos marinheiros as principais são: que, estando 24 horas fora do navio sem licença do oficial, se lhe descontará um dia de soldada, e, estando 3 dias, perde toda a soldada que tiver vencido. As bóias dos rios constam de uma grande âncora pegada à qual está uma corrente de ferro, que tem na sumidade a bóia; esta, no tempo de verão, é um pequeno batel de dois mastros com coberta; mas, no tempo de inverno, como o gelo a quebraria, se põem em seu lugar uma espécie de pipa da figura perfeitamente de um ovo, e um mastro na sumidade superior; estes mastros, assim como o dos batéis, têm em cima alguma bandeira de tábuas ou outra coisa que os faça visíveis de longe. Fundeamos pela uma hora da tarde a 1 milha abaixo de Reedy-Island, que fica defronte de Port-Penn.

10 – Pelas 2 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas da noite, quebrou a amarra com a fortaleza do vento. Achava-se o capitão e toda a mais equipagem a dormir (como é costume deles) e, acordado, ao pé do fogão da câmara, o piloto da barra conversando comigo, que estava deitado no meu beliche, quando ouvimos o navio bater no fundo contra a praia; levantou-se a chamar pelos marinheiros que vieram depois de algum tempo, e ele largou para o fundo a esperança, mas já o navio estava encalhado; levantou-se depois o capitão, mas em toda a noite se não trabalhou nem ao menos em espiar o navio, apesar de que o capitão esperava a cada passo ver o navio feito em pedaços, pois que a carga era de sal. Felizmente o navio rolou

---

4 Os dicionários consignam *ship-biscuit*, bolacha.

para uma parte onde era lodo, de modo que não teve dano nenhum. Quando foi manhã deitaram uma espia que, aos primeiros estirões, quebrou, mas o navio se pôs em nado, e se tratou de o marear e suspender a âncora, pois que o vento era alguma coisa favorável para o safar da terra; mas as veias e cabos tinham adquirido no dia antecedente uma crusta vítrea de neve que parecia tudo envernizado, e não se podiam alar os cabos nem ferrar ou largar as velas, cada corda parecia forrada por um tubo de vidro. Igualmente estava coberto todo o navio, de modo que, para se deitar a lancha ao mar, foi preciso cortar a machado todos os cabos que a seguravam porque se não podiam desatar. Às 10 horas, principiou o sol a derreter alguma neve, e o navio nadou mais alguma coisa para fora, e fundeamos quase no mesmo lugar onde se nos quebrou a amarra. Passaram por nós duas chalupas a quem o capitão falou para lhe irem buscar a âncora perdida, mas não quiseram. Hoje, soube que dois marinheiros, Old Thom e Peter, fazem o seu diário, e que nele têm assento as faltas de mantimento que tem havido e todas as mais coisas interessantes, porque fazem tenção de se queixar do capitão quando chegarem a terra.

11 – Nos fizemos a vela para cima, passando por Reedy-Island e, entre esta e a terra, estavam ancorados perto de 50 navios, à espera de vento para sair. Chegamos a New Castle, onde estavam para sair, para cruzar, uma fragata e uma chalupa de guerra americanos. Eu fui a terra com o Capitão que se ia prover de mantimento.

New Castle é o lugar onde se tentou pela primeira vez edificar Filadélfia, que dista daqui 35 milhas – há 60 anos que isto foi. (Nota à margem – Foi primeiro edificado por suecos, em 1627, com o nome de Stockolmo; depois, tomado pelos holandeses e chamado New-Amsterdam, depois, pelos ingleses que lhe deram o presente nome; e a mãe do meu capitão se lembra de que ao depois desta época se foi edificar Filadélfia por ser aí o porto melhor.) New Castle tem 50 – Moore diz 60 – casas feitas de tijolo; tem muitos armazéns de mantimentos e grande parte dos navios se vêm aqui prover do que lhe é mister para comida e fazer aguada no mesmo Delaware. A primeira casa em que entrei foi uma estalagem muito bem provida e asseada; na bandeira de tábua que tinha sobre a porta estavam pintados um compasso e um esquadro, indicando ser isto casa de maçom ou para eles; vi, em uma grande sala desta

casa, uma comprida mesa, e sobre ela muitos copos e garrafas, e algumas pessoas sentadas; supus ser um *toast*; saí desta casa e fui ao açougue onde havia algum gado para matar, mas muito magro à vista, inda que a carne era gordíssima como toda em Filadélfia, e aí o capitão comprou carne; depois, fomos a uma padaria excelente. A névoa que tinha caldo e enchia as ruas era perfeitamente semelhante ao caramelo doce que se vende em Lisboa, de modo que, quando se pisa, se esmaga e faz na rua considerável altura; o gelo, porém, se assemelha ao vidro, e tão liso que faz escorregar, e eu caí sobre um pouco, que cobria os tijolos, que formavam uma pequena calçada defronte de uma casa por onde passei. Aqui, vi pela primeira vez os *leads* ou carroças sem rodas, que se arrastam por cima do gelo por cavalos: 2 ou mais; e usam neste tempo deles porque as carruagens são sujeitas a tombarem-se no gelo. Este lugar é freqüentado pelos passageiros que vão de Filadélfia para Baltimore vindo até aqui, ou por terra, em carruagens de posta a que chamam *Land-stages*; paga-se 4 dólares até Filadélfia, e se faz este caminho em 12 horas, ou por mar, em barcos de carreira, a que chamam *boats-stage* ou *Water-stage*, e se paga 1 dólar até Filadélfia, e tem dentro muitas comodidades, porque são de cobertas, e neles se vende toda a sorte de licores, pão, fruta, etc.; vi mais: um homem na rua tocando uma campainha com um papel na mão como se faz em Portugal para os enterros, e era um homem que apregoava por este modo a venda de uma chalupa – é o costume em Filadélfia –, o papel continha o preço (17tl), o lugar onde ela estava, etc. Vi também, aqui, a casa do correio com seu letreiro – *Post Office* – e, pelas paredes, muitos editais impressos para coisa de bagatela, porque, aqui, como a imprensa é livre, tudo se imprime para maior comodidade.

12 – Velejamos, ontem, pelas 10 horas da noite, e fundeamos hoje pelas 7 da manhã duas milhas acima de Chester. O gelo é tanto a correr pelo rio abaixo que o capitão teme que lhe corte a amarra. Com bastante custo em quebrar a neve, demos a vela ao meio-dia, e fundeamos, ou, para melhor dizer, nos amarramos a um marachão que há no mar (*Pier*), ao pé do forte Miflin, uma fortificação que está sobre uma ilhota, no rio, cinco milhas distante da cidade; constam de três baterias, postas sobre muralhas de pedra de duas braças de altura: uma bateria olha para a parte do rio, ou canal por onde passam as embarcações, outra



faz frente para a parte de terra, e outra, para a parte de baixo do rio; sendo a terra muito baixa, e tendo as muralhas só duas braças de altura, as baterias fazem fogo quase ao lume d'água; dentro há um rebelim um pouco mais elevado, onde está um alto pau de bandeira com que se fazem sinais para a cidade; para a parte superior do rio, tem uma esplanada; a fortificação toda é cercada com fosso, porém, o tempo de inverno é este inútil porque o gelo serve de outras tantas pontes para o vadear. Este forte, de donde os ingleses, na última guerra, fizeram grande estrago cortando toda a comunicação com Filadélfia e a barra, serve hoje muito pouco. Na terra firme dele há um hospital cujo médico é o que faz a visita da saúde aos navios; aqui, fomos obrigados a passar a noite; primeiro, porque não veio o tal médico, e se o navio passar sem sua licença, para o capitão 300 dólares de multa; 2<sup>o</sup>, pela muita neve; 3<sup>o</sup>, porque não havia vento.

13 – Hoje, veio o médico da visita, mas não podendo o navio subir por causa da neve, eu saltei a terra com o capitão e, depois de obter licença do comandante da fortaleza, fui para Filadélfia; fiz este caminho, que é de cinco milhas, a pé, porque não encontramos nem cavalgadura nem sege e cruzamos em um batel o Schuylkill que deságua duas milhas abaixo de Filadélfia; cheguei à cidade e fui para uma estalagem chamada *city-tavern*, que sendo a melhor da cidade é quase igual em preço às outras; e me custa por mim e o meu criado 15 dólares cada semana, e isto sem entrar o vinho e tudo quanto bebo, que é de fora, aparentemente.

14 – Hoje, desembaraçadas mais as neves, subiu o navio, e o secretário do Ministro de S. Majestade aqui residente, sabendo que tinha chegado um português, me procurou para me pedir falasse ao Ministro o que fiz, malvestido como me achava, e não lhe entreguei os ofícios que trazia, pois os tinha deixado a bordo; convidou-me para jantar lá, mas não aceitei este dia o convite; à noite fui a bordo do navio que já estava no cais, e trouxe os ofícios, que entreguei ao Ministro; então falei à sua senhora.

15 – Hoje, fui jantar à casa do Ministro e me achei só com ele e sua senhora. Comprei chapéu redondo, como os de Lisboa, e me custou 6\$400 réis. O navio, não sendo visitado, não me foi possível obter o meu fato.



16 – Domingo. Fui à casa do Ministro para ouvir missa; mas não o achei já em casa: tinha ido para a capela, a qual não pude encontrar; esperei, depois, por ele em casa, que veio, e também a sua senhora; depois, vieram algumas visitas, entre elas Madame Liston, mulher do Ministro da Inglaterra, aqui; e o nosso Ministro me apresentou a ela, ao General Pinckney, que esteve de Ministro em França, e agora ocupado com o General Washington a fazer o plano da guerra; este último foi ontem para o Potomack, sem que eu o pudesse ver.

17 – O edifício da casa das sessões, em Washington, tem 140 pés de comprido, 57 pés e 6 polegadas de largo; vieram hoje aviso que vai em muito aumento (Nota à margem – Esta informação não é exata. Vid. o 2º volume).

18 – Hoje estive na casa dos representantes. Veio uma mensagem do Senado, e o porteiro deu parte disso ao Presidente; então entrou o mensageiro, e parou defronte do Presidente, mas fora dos arquibancos; o porteiro gritou: “Um recado do Senado”! O sargento d’armas tirou uma vara, que está fincada sobre os arquibancos, com vários prateados e que tem em cima uma águia d’ouro, e é do comprimento de 6 palmos ou 7, e esteve sempre com ela na mão, enquanto o mensageiro deu o recado, e, depois, o mensageiro deu um papel ao sargento d’armas que o foi levar ao Presidente e tornou a pôr a vara no seu lugar. O Presidente, então, mandou ler o papel por um escrivão, de dois, que tinha ao pé. Há nesta casa uma cadeira grande para o Presidente, lugar para dois escrivães ao pé; de frente, em figura de meia-lua, estão os arquibancos, em três ordens, onde estão sentados todos os membros com mesinhas diante de si para escrever, etc.; por detrás destes assentos, há lugar em que podem estar as pessoas que vão assistir, e para estas há também duas tribunas; dentro dos bancos só podem entrar os membros a quem é permitido ter sempre o chapéu na cabeça, exceto quando falam que então estão de pé e sem chapéu, porém, se são *Quaker* não o tiram; todas as pessoas, que estão por detrás dos arquibancos, devem estar descobertas, porém, nas tribunas estão com chapéu.

19 – Estive hoje na *court suprême*, que é o principal tribunal de justiça do distrito de Filadélfia. Havia um pequeno lugar elevado onde estavam sentados os 4 juízes, embrulhados em capotes por causa do frio e com seus chapéus na cabeça, uma mesa diante deles onde escreviam;

no pavimento da casa, defronte deste lugar, estava um círculo de assentos ao redor de uma mesa oval, e aí, sentados, os advogados, e um se levantou para orar, e a causa era sobre letras de câmbio; os juízes produziam razões a que o advogado respondia; o advogado contrário instava, etc. e tudo com muita moderação; os advogados todos descobertos, as pessoas que estavam de fora com seus chapéus.

23 – Até hoje não pude escrever o diário, ocupado com cartas para a Corte, etc. Hoje fui à missa. A capela católica aí há assentos para todas as pessoas, e os ornamentos têm as armas dos Jesuítas; a decência e a moderação reinavam em tudo que aí vi; o padre que disse a missa não tinha coroa e os acólitos tinham sotainas encarnadas.

24 – Os cavalos dos *leads* têm uns arreios tão simples que achei digno de nota, assim como os carros de acarretar pelas ruas, o que ambos desenhei. (Cad. nº 1, nota G.)

25 – Hoje, houve sermão na Igreja de S. Mary, dos Católicos; estive, também, à noite, em uma igreja dos metodistas, e em um púlpito pregava um homem com casaca e com umas luvas a que chamam *meteens*; há, em todas as Igrejas, assentos fechados para todas as famílias que pagam por eles um tanto por ano; esta renda, com as esmolos, que sempre se tiram nos *meetings* ou ajuntamentos das festas, faz a sustentação das igrejas e eclesiásticos de todas as religiões, e mesmo dos católicos.

As prostitutas em Filadélfia são tantas que inundam as ruas de noite, de modo que em se vendo na rua, mesmo sem homem, é indefectivelmente; porém, suas casas são sempre isentas de perigos, o contrário que em outras partes da Europa.

26 – Aqui há dois lugares de mercado em Market-Street e em New-Market; um e outro não estão em praças, mas são telheiros pelo longo da rua, e estão em ruas muito largas, que dão lugar a haver boa passagem pelos lados dos tais telheiros, entre as casas. Todas as casas aqui, lojas, oficinas, igrejas, tribunais, etc., têm fogões e fornalhas de ferro com chaminés para levarem o fumo para fora; e o lugar do assento para receber uma visita é ao pé do fogão (Vid. dia 11 de janeiro seguinte).

27 – Segundo uma conta de W. Cooper, um *Judg of common pleas*, no Condado de Ortega, no Estado de New York, as árvores açucareiras (*sugar maple tree*) se podem plantar 50 em cada acre; e que cada árvore dá por um termo médio 5 libras de açúcar; porém, supondo somente

(*Dis boxe's Wien of the V. S.*, pág. 79, de onde tirei este parágrafo) que cada árvore produz 4 libras, e que cada acre de terra pode só conter 40 árvores; 52.605 acres produzirão 8.416.828 libras de açúcar (vid. dia 12 de janeiro, vid. 25 de fevereiro; vid. dia 13 de maio; vid. dia 22 de dezembro).<sup>5</sup> Em Filadélfia usam muito desta árvore para o fogo. Segundo outra carta do mesmo Cooper, a cultura desta, no Condado de Ortega, em 1786, estava quase desconhecida, e em 9 de abril de 1793 ele escreve que por um cálculo moderado se tinham feito 160.000 libras de açúcar que, a 9 pences por libra, importavam em 15.000 dólares. A razão da altura deste preço e do aumento desta cultura, neste tempo, foi um resultado da falta de importação de açúcares, que a guerra, então, ocasionava. Hoje, fui procurar John Batram que, segundo uma gazeta, tinha sementes para vender. Em todo o Kingssengin me não deram notícia dele; nesse lugar vi uma bateria de 15 peças que me pareceu tão ridícula como inútil; há também aí muitos estaleiros de navios, pois que este lugar está edificado sobre cinco pequenas ilhotas, e se passa de uma para as outras por pontes, todas são de pau.

28 – É digno de nota, na descrição de S. Domingos, por S. Mary, a exata enumeração das combinações de raças e o caráter de cada uma delas.

Hoje, vi a livraria pública instituída à custa de subscrições particulares, e que teve por motor Benjamin Franklin, cujo busto conserva sobre a porta; consta de duas salas sem algum ornado ou pintura mais que as estantes sumamente lisas, e simples, e todos os livros com grades de arame por diante (uma descrição exata se achará no cad. de ob. nº 2, nota A). Vi também o museu de Peale, que é público a toda a pessoa que pagar 200 rs; consta de três pequenas salas, e numa há os retratos de todos os homens que figuraram na revolução da América. As três salas são muito pequenas, os produtos estão arrançados sem ordem sistemática, nenhuma absolutamente, mas segundo a melhor simetria ou acomodação das grandezas. Os quadrúpedes são em geral muito mal-empalhados, inda que isto tenha exceções, por exemplo, em um lobo que está devorando uma ovelha, que ambos estão na melhor exatidão possível, mostrando a aptidão natural. A coleção de minerais é assaz diminuta;

---

5 Não existe no *Diário* a data de 22 de dezembro de 1799, a que ele se refere. (M. B.)

entretanto, em todos os papéis públicos se lê o contrário do que eu observei, pois, gabando por extremo este pequeno ensaio de Museu, até mentem em dizer que ele está disposto segundo o sistema de Lineu, quando eu vi, em caixa, uma símia, que tinha imediata uma cobra cascavel.

## 1799

Janeiro:

1 – Hoje, fui apresentado pelo nosso Ministro ao Presidente dos Estados Unidos, John Adams. Ele, todas as terças-feiras, faz o seu *levee*, e, hoje, era, além de dia de *levee*, dia de Ano-Bom, que aqui celebram muito. A casa constava de uma ante-sala, ou sala de espera, onde estavam dois criados de farda, e onde as pessoas entravam e deixavam os seus capotes (e alguns mesmo o chapéu). Havia, depois desta sala, mais duas, uma onde estava o Presidente, e outra, onde havia uma mesa com ponche, vinho e uns bolos, doces, que todas as pessoas eram obrigadas a provar, segundo a etiqueta, e que alguns comiam a fartar. O Presidente estava de pé, de casaca, espada e chapéu debaixo do braço, conversando com algumas das pessoas que ali se achavam. Quando se entra, dirige-se a ele e se lhe faz um cumprimento; ele pega na mão, pergunta pela saúde e diz mais alguma coisa; a mim me perguntou que tal achava o seu país, depois disto, todas as pessoas conversam uma com as outras, mesmo passeiam pela casa e o mesmo Presidente muda de lugar freqüentemente, de modo que estão todos confundidos sem ordem ou arranjo de etiqueta. Os Senadores e pessoas mais qualificadas que entraram, vinham uns de botas, outros sem pós nos cabelos, casacas velhas, quase todos, vieram a pé a maior parte; de sorte que, à exceção dos ministros estrangeiros, todo o resto respirava muito pouca civilização de maneiras polidas; à saída não se lhe fez<sup>6</sup> outro cumprimento, que uma vênica com a cabeça, a que ele correspondeu igualmente.

2 – Hoje, fui fazer uma visita ao grande botânico que aqui há, John Bartram (Nota à margem – É irmão do W. Bartram que compôs as viagens), que mora na sua pequena herdade, 5 milhas distante de Filadélfia,

---

6 Ao Presidente.

em Kingssessing, além do rio Schuylkill; achei em casa só sua filha que terá 15 anos, e que me recebeu ao pé do seu fogão, onde ela estava cozendo, e eu lhe disse que procurava seu pai. Respondeu-me, com toda a afabilidade, que esperasse por ele, pois não tardaria, e com efeito veio daí a meia-hora; neste espaço, conversou comigo em coisas de geografia, a que deu motivo um livro desta ciência, que vi sobre o fogão; passamos, depois, a falar sobre botânica, no que ela não era hóspede, pois que sabia os nomes de muitas plantas e lhe aplicava o nome sistemático do Lineu, sobre cujo sistema também falou, com exatos, ainda que limitados, conhecimentos. Depois veio seu pai que tinha estado trabalhando e, quando eu esperava um cavalheiro, achei um pobre campônio muito malvestido com um grande casacão, mas muito remendado, umas botas velhas do campo; com maneiras assaz grosseiras, inda que sumamente afáveis; e vinham com ele seus dois filhos, um de 12, e outro de 20 anos, que traziam às costas, cada um deles, a sua enxada, pois vinham do trabalho. Sentamo-nos todos ao redor do fogo, e como vi juntos quatro botânicos, com os rudes costumes do campo, mas com instrução suficiente, me demorei até à noite, passando com esta pequena família a melhor tarde que tenho passado na América. Mostrou Bartram os desenhos de plantas feitos pelo seu filho mais novo e por sua filha, que não só estavam muito bons, mas que eram de admirar em dois meninos que jamais saíram fora da sua cabana; mostrou-me o catálogo das plantas americanas que ele queria imprimir, etc. Às 6 horas deixei esta estimável companhia para voltar a Filadélfia; atravessei o Schuylkill em uma ponte de madeira chamada ponte de Gray's Ferry (porque é mais uma barca que uma ponte), e aí paguei 18 pences, por mim e pela segem de um cavalo em que ia.

3, 4, 5 – Hoje, apareceu na rua, defronte à minha casa, uma criança recém-nascida, e morta na neve. Por ocasião disso se me contou que o crime do infanticídio foi aqui muito comum há alguns anos; a razão é porque não há roda de enjeitados, e a casa de criar meninos não recebe as crianças sem alguma pessoa abonada se obrigue a pagar-lhe a educação, ou que a mãe ou pai, se declare, e como isto punha a mãe nas circunstâncias, ou de expor o seu crédito, ou expor a vida de seu filho, este último partido era sempre tomado; agora, os infanticídios tem diminuído, depois da instituição do colégio de Wilmington, que é para educação de senhoras. Uma mulher recolhida, que se acha prenhe, se ausen-

ta para o campo, para ocultar o seu estado, e a sua família publica que ela se acha em Washington, etc.

6 – O termômetro de Reaumur chegou hoje 8 graus abaixo de zero. A razão por que os bois são tão gordos é porque no tempo de inverno são sustentados com farelos. Hoje se gelou absolutamente o rio, de modo que se atravessava a pé e, como era domingo, grande quantidade de rapazes andava a escorregar pelo rio com as *sekeslchs*, e mesmo muitos homens. As ruas de Filadélfia têm todas poços, onde há bombas para tirar a água, o que dá grande abundância d'água. A cidade (vide dia 18 de janeiro), porém, como para estes poços se há de naturalmente filtrar a água das privadas, que há em todas as casas, isto, junto com as habitações subterrâneas, não pode deixar de ser uma causa da peste que aqui há em todos os verões. Em New York, toda a água dos poços nas cidades é salgada, assim são obrigados a tê-la de fora do campo (Nota à margem – Isto é, inexato; vide 27 de abril) e custa 2 galões um peny. Em Boston, pelo contrário, vem a água em canos a todas as casas.

7 – As pontes são quase todas de madeira, mesmo no Schuylkill, onde há três defronte à cidade para a parte de O., e na passagem deste rio ao sul, por onde é o caminho para New Castle, se passa em batel. Estas pontes de madeira são verdadeiramente barcos flutuantes atados uns aos outros por correntes de ferro, e, por isso, as três que há nos Schuylkill se lhe chamam *ferry*; nesta, pagam todas as pessoas que passam, e há loterias que se fazem para, com o seu produto, se fazerem pontes permanentes em algumas partes; entretanto, muito poucas se tem principiado, e nenhuma das do Schuylkill, que é o mais próximo à cidade, mas as loterias aumentam (Nota à margem – Concedem-se para coisas que não deviam ser porque elas têm uma tendência a arruinar os costumes, etc., etc. – *Washington city*, etc. –, por isso, em uma gazeta de hoje em que se propunha o plano de uma nova loteria semelhante, o gazeteiro lhe chamava *goose trap*. N. B.: não é de admirar que se atrevesse pôr isto na gazeta, porque em Filadélfia, e em geral nos E. U., é costume, quando alguém quer despicar-se de outrem, manda pôr-lhe numa gazeta os fatos mais vergonhosos que lhe sabe da vida; o outro responde do mesmo modo, e tem sucedido, algumas vezes, durar esta disputa nas

gazetas um mês e mais, descobrindo uns aos outros gerações de feitos pessoais, faltas das mulheres e filhas, etc.

Soube<sup>7</sup> de boa autoridade que Mr. Jay, que foi o que fez o tratado com a Inglaterra, o queimaram uma noite em estátua e, sendo bem público, os autores não tiveram nenhum castigo. Os ministros nas cortes estrangeiras, secretários de Estado, etc., quando são demitidos, imprimem todas as suas negociações, se isso lhe convém, descobrindo até os maiores segredos de gabinete, entretanto não tem por isso algum castigo legal; assim se portou o Ministro que esteve em França, Mr. Monroe, que, para justificar a sua conduta e mostrar que o Presidente obrara com falta de fé, imprimiu os maiores segredos da negociação; e assim outros muitos exemplos).

8 – Hoje, comprei algumas obras de Brissot de Warville relativas à América. Jantei em casa do Ministro de Portugal, um jantar de convite, a que assistiram o enviado inglês, Mr. Liston, sua mulher, seu secretário de Legação, Mr. Thorton, alguns dos comissários ingleses que aqui se acham e seus filhos, etc.; foi uma companhia toda inglesa; o jantar começou às 5 horas da tarde, já com luzes, e acabou às 9 e meia.

9 – Vi um francês, de St. Mamim, que, sendo um homem de boa educação na França, aprendeu na sua mocidade a tirar retratos, e disso se vale agora para se sustentar e à sua família; tira o perfil na parede pela sombra sobre um cartão vermelho, e depois enche as feições com lápis, fazendo este retrato de lápis em grande; redu-lo, depois, a pequeno, e grava uma chapa por este pequeno; tira 12 exemplares com a chapa, e dá os 12 exemplares, a chapa, o retrato, em pequeno, por que ela foi tirada, e o retrato em grande, de lápis, tudo por 25 dólares (Nota à margem – Ajustei tirar o meu. Com o devido respeito, forte asneira).

10 – Peale, autor e dono do museu do mesmo nome, longe de receber do público algum acoroçoamento, a Sociedade Filosófica lhe quer aumentar o aluguel das casas em que ele tem o museu, pois que é proprietário. Na livraria pública, raras pessoas se encontram; em geral, a gente aqui a nada atende que ao escritório.

11 – Hoje, tornei à casa de Mr. Bartram que, fazendo-me um seco acolhimento, ajustou comigo uma caixa de sementes por 2 <sup>1</sup>/<sub>2</sub>

---

7 Está, *sube.* (M. B.)



guinéus, e ficou de mas mandar. Uma casaca e calções que mandei tingir me custaram 1\$600 réis. É uma observação que em Filadélfia não há bottequins mais que um (que apenas lhe compete este nome), chamado Café House, em City Tavern, onde se faz todos os dias a praça dos negociantes. (Nota à margem – É sustentado por subscrições de particulares, cujos nomes estão em uma lista, e as subscrições se renovam todos os anos.)

O mercado consta de três telheiros, que existem na rua High-Street, vulgarmente chamada Market-Street; cada telheiro tem o comprimento de quarteirão da rua, está feito com pilares de tijolos, com mesas pelos lados, cabides, etc., para se pôr a carne, e tudo mais que se vende. O asseio é infinito, e o sossego no meio desta infinidade de gente é digno de nota. Não há outro guarda ou superintendência que dois oficiais, que servem para pesar aqueles artigos em que se supõem que o vendedor usou de dolo. A imensidade de carros, que vêm do campo com todas as provisões para o mercado, param antes do mercado, na mesma rua, arrumando-se sem confusão alguma, e a rua é tão larga que cabem os espaçosos telheiros do mercado, e pelos lados podem passar os carros e carruagens, ficando ainda os passeios imediatos às casas onde ninguém pisa senão os peões; o mercado, inda que é todos os dias, é contudo infinitamente mais considerável nas quartas-feiras e sábados (vide dia seguinte).

12 – Mais uma observação sobre o *market* que foi estendido da 3ª até a 4ª rua por um ato da legislatura de Filadélfia, de 12 de fevereiro de 1795, e nele se deu poder aos *Wardens* para o continuarem quando a necessidade o pedir (Nota à margem – Há mais dois mercados novos em cada uma das extremidades de Second-Street).

Hoje, visitei, com o ministro de Portugal, alguns sujeitos: o ministro de Espanha que não estava em casa; o de Inglaterra, que disse jamais disputava ou fazia argumento sem coisa alguma; e o Dr. Rosso, que é um médico irlandês, que tendo viajado à Índia, à Turquia, à Europa quase toda, sabendo muitas línguas (até o português, pois pediu ao ministro que queria as *Décadas* do Couto e Barros), me fez uma observação sobre o arroz da Carolina, e é que, no Egito, o reputam pior que o daquele país, e constituindo a bondade do grão na maior quantidade de farinha que tem, pois que esta é parte nutriente; nenhum arroz é mais farinhoso que o do Nilo, e Egito em



geral, o que se conhece, porque, deitado de molho, é o que absorve maior quantidade de água; entretanto, eu acho um gosto particular ao arroz da Carolina, que não encontro no do Brasil; talvez seja do modo porque o cozem; mas é certo que ele tem nos mercados de Londres um preço superior ao da Itália. Também me disse que no Canadá se vende o açúcar tirado no ácer, que não fazem mais que fazer a incisão na árvore e aparar debaixo uma forma quadrada de madeira, e, quando está cheia de suco, a secam e vendem estes pães de açúcar, quadrados, sem mais entre benefício; e disse que refinado era igual ao da cana; não me soube responder à questão sobre os lucros (Nota à margem – Esta informação é muito pouco exata porque me dizem que, depois de extraído o suco, tem o mesmo processo que o suco da cana que se faz em açúcar ou melaço).

13 – Os Estados Unidos ofereceram a Portugal um terreno na cidade federal para edificar uma casa para os ministros que Portugal aqui tiver; foi aceito, e o ministro de S. Majestade aqui residente escolheu o melhor terreno, de modo que tem causado uma inveja, que tem agora posto em dúvida a autoridade dos comissários que o deram para ver se o revogam.

14 – Hoje, jantei em casa do ministro de Portugal com Mr. Larue, que é casado, a sobrinha do General Washington, o cavaleiro Colbert, que é um próximo parente do grande Colbert, do tempo de Luís XIV, e o Lefebvre, um emigrado francês, bem conhecido, etc. O primeiro, apesar de ser um entusiasta pela América, me disse que aqui havia mais vícios que em parte alguma, e que, em Pensilvânia, a sua fé dos negociantes era pior que em parte alguma dos Estados Unidos. Perguntado por Mr. Freire, disse o que ela já me tinha assegurado, que a maior parte dos mais belos recintos da Virgínia eram sujeitos a sezões, como são quase todos os Estados Unidos.

A exportação do ano passado foi avaliada em 50 milhões de dólares. Um fato aqui acontecido: que Mr. Blount, expulso do Senado por crimes de alta traição, e os seus concidadãos do Tennessee o nomearam não só seu senador na legislatura mas o fizeram *speaker* no Tennessee. Um senador, aqui, me deu esta razão: que os do Tennessee furtam descaradamente as terras dos índios, e fazem outras mais insolências; isto, que sendo muito secundado pelo tal Blount, o faz lá estimável *speaker*. Alguns ingleses, que serviram na guerra da América contra a Inglaterra,

têm emigrado daqui e se tem estabelecido no Canadá, e o Governo inglês tem sido assaz fraco para conceder, lá, terras; mesmo muitos irlandeses, que vêm ter aos Estados Unidos pela grande fama deste país, emigram depois, e se vai estabelecer no Canadá. É digna de reflexão esta notícia, que me foi dada por M. M. Colbert e Lefebvre.

O Banco de Pensilvânia foi roubado o ano passado, e os dois ladrões não tiveram algum castigo; um, porque morreu (e era o porteiro), outro, porque entregou quase tudo o que roubou, à exceção de 2 mil dólares, que já tinha gasto.

Da criança de que fiz menção achar-se morta dia 5 deste mês não se tirou devassa.

(Nota à margem – À noite, me recomendou o ministro que, quando falasse com o ministro de Espanha, me fizesse republicano, ou ao menos não fosse contra os franceses, que isto não me custava nada e era o meio de lhe agradecer para poder bem conseguir o que queríamos dele.)

16 – Hoje à noite, fui a um baile que se fez em honra do presidente, no teatro da cidade. A platéia serviu para dançar, e o tablado, para as mesas da ceia; assistiram quase duzentas senhoras e outros tantos homens; os camarotes da primeira ordem serviram de assentes, pois que a platéia se levantou ao nível deles; dividiu-se com fitas a casa em três partes para dançarem três ordens de contradanças: a sua disposição reinou em tudo. O Presidente ficou sentado em um camarote onde havia senhoras (mas não a sua nem outra que lhe pertencesse) e as tinha por trás de si. Quando foram para a ceia, ele foi levado pela mão, pelo mestre de cerimônia, como se fora senhora. As mesas, à ceia, não tinham criados para servir, não tinham pratos para se mudar; não havia facas e garfos senão de ferro; não se mudavam nem lavavam. A harmonia reinava por toda a parte, nada de descontentamento, nenhuma perturbação, nem inda fora, com as imensas carruagens que havia, criados, etc., se ouviam uma só bulha, apesar de não haver guardas absolutamente; mas este sossego é o caráter geral da Nação. O ministro de Portugal gozou das primeiras honras, depois do presidente. As gazetas atestam que é a maior função que aqui se tem feito, o que me dá a entender que nunca nos Estados Unidos se viu uma função brilhante.

17, 18 – Na gazeta de hoje apareceu um plano para se conduzir água para a cidade do Schuylkill, e o engenheiro confessava que a natureza da terra era de filtrar, e que assim se conhecia porque a água dos poços tinham um gosto acre, que lhe provinha das comuas, o que confirma a minha observação do dia 6 de janeiro. Há 5 dias que o termômetro está 4 graus abaixo do temperado, o rio desimpedido e alguns navios têm saído. Quando as neves estão meio derretidas não se pode viajar, e até os carros chegam a parar, porque, não havendo providências de pontes, acontece que a neve neste estado impede que os barcos passem, entretanto, que não tem uma consistência capaz de suster os cavalos, carros, etc., e, muitas vezes, nem mesmo gente.

19 – Os Estados Unidos ganharam tanto em conduzir mercadorias de S. Domingos para aqui, e reexportá-las para a Europa, que um instruído negociante de Baltimore avaliou o ganho em 40 mil dólares por dia. Um negociante de New York tem arranjado os seus negócios de modo que desde 28 de maio até 28 de setembro não terá nada que pagar, nem que cobrar; esta sábia combinação é para fazer parar o seu comércio, neste intervalo, e poder estar no campo para fugir da peste, que então se tem com muita probabilidade e que, segundo os médicos, será mais destruidora ainda do que foi este ano; muitas pessoas pretendem que ainda em Filadélfia existe, e que os dias passados havia 8 doentes desta febre amarela. Hoje, na igreja dos católicos, anunciou o padre, de tarde, havia sermão em alemão, e para isso falou em alemão, o que costuma fazer muitos domingos.

21 – Hoje, pelas 10 horas, enchi uma garrafa de água da bomba para experimentar quanto tempo dura até se corromper; e vou assentando o estado da atmosfera pelo termômetro de Fahrenheit. Um sujeito me disse que, no tempo de verão, tinha deixado um copo d'água descoberto, sobre um cemitério desta cidade, por uma noite; ao outro dia, tinha evaporado uma terça parte e o resto tinha a consistência de geléia mole, com um grande sedimento de cor amarela e fétida.

22 – O ministro daqui, que está em Lisboa, escreveu ao Secretário de Estado daqui, Mr. Pichering, e lhe mandou dizer que, fazendo uma viagem à Espanha, achara a língua espanhola muito mais doce que a portuguesa; isto é uma sentença de Mr. Smith, que não entende nem uma nem outra.

23 – As causas da escassez do dinheiro nos Estados Unidos vêm desenvolvidas em Brissot, *On Commerce...*, pág. 62.

24 – Hoje, subscrevi na *Aurora*, principiando de 11 deste mês até 11 de julho, e dei 4 dólares; é uma gazeta diária que era de Benjamin Franklin Bache, um sobrinho do grande Franklin, e que mora nas mesmas casas, tendo a mesma imprensa; mas, como este é morto, a mulher continua tendo um redator irlandês. O seguinte artigo de uma gazeta é digno de nota: “*The Brothers Bickers inform the public that they are returned to their old professions of batters, which they have habandoned to defend the liberty of their country.*”

(Nota: Eram dois capitães no Exército...)

25 – Aqui, usam sempre de cavalos nos carros, carretos, carrinhos, arados, etc.; porém, um instruído lavrador me disse que os bois faziam muito mais conta para estes misteres: 1º, porque se lhe aproveitava a carne e o couro; 2º, porque comiam menos e, por isso, a sua nutrição custa menos que a do cavalo; 3º, porque os arreios para os cavalos são muito dispendiosos; ao que fiz uma objeção: que os arreios aqui eram os mais simples possíveis, mas ele me retorquiu com um cálculo que mostrou ser bem dispendioso o arreio de um cavalo na agricultura. Também me disse que a *White* e *Red Clover* eram indignos daqui, e que eram muito preferíveis ao *guinea grass*. Hoje, estive numa orquestra, que se deu em benefício dum músico francês, etc. Assistiu um índio, destes gentios, que, pela cor, olhos, grossura do corpo e músculo, largura das espáduas, gestos, acento da fala, etc., não era senão um índio do Brasil, e se assemelhava principalmente aos Minuanos; ele estava vestido à inglesa, e tinha no chapéu o tope de federalista ou voluntário, que agora aqui se usa; atendia muito enquanto tocava ou cantava, e no fim de uma ária, que cantou uma mulher, quando ela fez alguns estacatos trinados, ele deu uma grande risada, que me pareceu não ser risada de prazer, mas de ridículo.

25 – Hoje, veio notícia que os negros de S. Domingos deram a morte a todos os brancos existentes na Ilha; apesar disso os franceses que aqui há e que tem lá mil parentes e relações deram um grande baile público.

30 – Hoje, estive em um bilhar francês eleito por subscrições, e talvez será o único bilhar público da cidade. O homem do bilhar e que

faz também neve<sup>8</sup> é um francês que foi coronel de cavalaria e que foi em São Domingos tão rico que ignorava o que era seu.

Fevereiro

2 – Hoje, jantei em casa do ministro de Portugal, um jantar de convite, onde estavam a maior parte dos membros da oposição e estava o ministro de Espanha e a sua família. O ministro de Portugal estava muito contente, e, como me disse que tinha recebido cartas de Lisboa, eu supponho que ele teve a licença de ir a Lisboa. (Nota à margem – Descrição dos convidados separados segundo os partidos: tostes no fim; duels de bebida, crueldade deste uso inglês; inquietação em chamar pelas pessoas, dificuldade em ouvir quando se é chamado; necessidade de responder; toalha que se tira fora; última coberta de doce.)

3 – Hoje, tornei a jantar em casa do ministro e ele me declarou que tinha já recebido notícia para se ausentar para Lisboa, e que o faria daqui a dois meses.

4 – Na *Aurora* de hoje vem um artigo sobre a viúva do general Wooster, que serve para caracterizar os americanos.

5 – Em Filadélfia há diferentes companhias de seguros para fogo, que têm diversos nomes e seus sinais próprios que afixam na frente das casas que seguram; por exemplo, a companhia *Friendshps* que tem quatro mãos segurando umas nas outras; quando pega fogo em alguma casa conhece-se logo pela marca a que companhia pertence, e vai-se dar parte. As companhias têm bombas em diversos lugares da cidade e acodem com prontidão; a maior parte das casas estão seguras, pois que são raras as que vejo sem sinais.

6 – Hoje, estive em casa do ministro de Espanha, que me disse algumas coisas sobre ciências naturais; segurou-me que a agricultura nos Estados do Norte, e no Canadá, estava em muito melhor pé que nos Estados do Sul; mostrou-me uma espécie de charrua inventada por Mr. Jefferson; e mostrou-me em um armário 193 espécies de madeiras das Filipinas; disse-me que Mr. Jefferson tinha trazido para a Virgínia perto de 20 variedades de arroz, etc.

---

8 Neve em Portugal, mas, no Brasil, diz-se *sorvete*. (M. B.)

7 – Na *Aurora* de hoje, achei as seguintes palavras, em uma fala de Mr. Baldwin no Congresso, – são notáveis porque mostram um fato de que eu não tinha notícia e que confere com o que eu tenho ouvido sobre o desgosto que causou a instituição do Cincinatus: – “*there was no doubt... that it shewed itself before the disbanding of the american army, in the attepts which have beeb well known which were made to present their disbandig, and to go and demand their pay with their arms in their handes...*”

8 – Hoje, veio pagar-me a visita o ministro de Inglaterra, e me deu a novidade de terem os ingleses tomado Malta. Remeti hoje ao nosso ministro uma caixa de sementes para a mandar ao Sr. D. Rodrigo, e a acompanhei com uma carta de ofício.

9 – Hoje, chegaram alguns franceses de S. Domingos que Toussaint enviou para os Estados Unidos e, pela conversação de alguns, tirei que ele faz exportar todos os que supõe afetos ao governo francês.

10 – Dois irlandeses que tomaram hoje dúvidas no pátio da Igreja dos Católicos foram presos; veja-se sobre isso a *Aurora* de amanhã.

11 – Entreguei hoje ao ministro cartas para Lisboa, mas como a que lhe mandei para o Sr. D. Rodrigo devia acompanhar a caixa de sementes que lhe entreguei, e esta não pôde ser remetida, o ministro deixou ficar a mesma carta.

12 – Hoje, depusitei no Banco dos Estados Unidos 400 dólares, para lhe não correr o risco de o ter em casa; assinei o meu nome em um livro assim: – *Hippolyto Costa* – deram-me um pequeno caderno onde me abriram uma conta de receita e despesa onde só eles deverão escrever, etc.

13 – No Museu de Peale há um búfalo empalhado, e muitas pessoas me dizem que são mais fortes, e marcham melhor que os bois; é constante que os camponeses os têm domesticado; as pernas de trás são consideravelmente menores que as de diante, e os cornos são muito pequenos, porque sendo um búfalo (o que vi no Museu) quase da grandeza de um boi, os cornos tinham um palmo de comprimento. Julgo, portanto, que poderiam ser transportados para Portugal, inda que eu nunca os vi em Filadélfia.

14 – O ministro de Portugal me fez hoje uma visita de manhã. À noite, estive em um *meeting* de Anabatistas, vulgarmente chamados Batistas; um homem lia em uma cadeira a escritura e fazia explicação. Esta igreja não tem altar, e consta o *meeting* da prédica; o púlpito está onde nas igrejas católicas está o altar.

15 – Entrei em um Tribunal de Justiça onde os quatro magistrados estavam vestidos com umas túnicas de seda pretas e bacalhaus, que inculcavam bastante respeito.

15 – Hoje, pousou na minha pensão o ministro de França, que veio de Guadalupe tratar com a América; chama-se Le Blanc. Fiz uma visita a Mr. Budinot, o administrador da Casa da Moeda, que é um bom agricultor, e que depois de algumas coisas me disse que voltasse, etc.

16 – A Casa da Moeda aqui tem três janelas de frente; é de dois andares e terá 40 pés de fundo; sem grades de ferro nem segurança alguma.

18 – Hoje, jantei em casa do ministro de Espanha, onde me encontrei com Mr. Jefferson, a quem fui apresentado pelo ministro de Espanha, e o ministro de Portugal me perguntou poucos minutos depois se eu queria ser-lhe apresentado, ao que eu respondi que já o tinha sido; esta anedota merece a minha lembrança pelas razões que eu sei.

20 – Hoje, estive na aula de Medicina, e comeci a ouvir as lições públicas do Dr. Rush, de medicina prática; a aula tinha 40 palmos de comprimento, 4 ordens de arquibancos, uma ridícula mesa, enfim, parecia uma cozinha; havia 125 estudantes e a lição constou sobre as febres amarelas. Fui, depois, à aula de anatomia; e se fez a demonstração do olho muito bem feita.

21 – Hoje, jantei em casa do ministro de Portugal; estavam dois ministros de Estado, Pinkering e Wollot, e outros membros do partido do Governo, etc.; descrição dos convidados, etc.

23 – Fui a um baile feito aos anos do General Washington, e foi em uma espécie de teatro chamado *circus*, que é uma casa redonda cheia de camarotes ao redor e é onde se fazem as exhibições de equilíbrio, cavalinhos, etc. No meio desta casa redonda se fez um tablado oitavado, e sustentado por quatro colunas sobre que estava a música, e, defronte de cada face, uma fileira de contradanças; houve depois uma ceia. Os assi-

nantes deste baile pagaram cada um 6 dólares, e todos os outros que lá quiseram entrar, 2 dólares. Assistiu o Presidente, etc.

24 – Hoje, fui jantar na casa de Mr. Hamilton, que mora na outra parte do Schuylkill, e que é um sábio muito apaixonado de botânica; tinha na sua casa muitas plantas da China e do Brasil; tinha 13 espécies de sensitiva; tinha muitas de babosa; tinha uma espécie de cana-de-açúcar, que lhe veio de uma ilha do mar Pacífico, e que já está cultivada nas ilhas do México: dá o duplo de açúcar, e exige o mesmo trabalho que a ordinária; prometeu-me sementes, etc. Farei um catálogo de todas as plantas que ele tem; tem também a árvore do chá, jambos, goiabas, etc.

25 – Hoje, estive em casa de Mr. Budinot, e, falando de agricultura, me disse que o *Acer saccharinum*, quando é mais velho, é mais abundante em suco, se na idade tenra o tem tratado com o cuidado de o não esgotar demasiadamente; a razão porque quando é mais velho dá mais suco é porque então tem mais ramos e folhas, e por isso absorve mais da atmosfera. Disse-me que os índios, que vieram fazer um tratado com o Presidente (Washington), em lugar de escrever o que ouviam o marcavam com umas contas, e depois de o ter referido ao seu chefe vinham com as mesmas contas ou rosários responder a cada um dos artigos, recitando com exatidão tudo quanto tinham ouvido; entre outras coisas que disseram, sendo perguntados porque razão chamavam suas àquelas terras que eles habitavam, mas que habitavam também os brancos, responderam que eles, ou seus antepassados, as tinham recebido do autor da natureza, quando formou o Mundo, e que lhe tocaram em repartição, mas que os brancos os expulsavam delas, obrando contra a vontade do autor da natureza.

25 – O ouro que se cunha nos Estados Unidos vem da Costa d'África, a prata, de Espanha e o cobre, de Inglaterra, de modo que as minas aqui não fornecem algum metal para a moeda (informação de Mr. Budinot, diretor do Mint). A respeito, porém, do modo porque daqui negociam com o Brasil, inda não pude achar alguma informação.

26 – Um as minas de prata, que se descobriram na Virgínia, não tiveram efeito porque o francês que se encarregou de a explorar pediu mais do que a mina poderia render.



Março

1 – Vi, hoje, a fêmea búfalo, que não tinha cornos, e o estúpido proprietário não me soube dizer se aquilo era comum em todas as fêmeas-búfalos. (Nota à margem – Tem as espaldas muito altas; a figura é de um boi e uma grande distância dos paleares às espaldas; a carne é igualmente boa que a do boi; a pele faz bom couro e o cabelo se manufatura e faz um tolerável bom pano. Caleshes chama-lhe *american bison*.)

2 – Fui ao hospital da cidade e o Dr. Parke era o médico que fazia a visita; fui a 3 enfermarias, uma de homens, teria 20 camas cheias, outra de mulheres, teria 15 camas cheias; e outra, do gálico ou enfermidades venéreas. (Nota – Faltou-me ir à enfermaria dos loucos, que é no subterrâneo; vid. dia 1º de abril.) As salas eram bem arejadas, muito limpo o sobrado e com areia por cima (talvez por ter sido lavado de fresco). Os estudantes seguiram o professor, que lhes fazia algumas observações, mas não consultavam nada; enfim, os lençóis todos lavados, os doentes todos decentemente compostos e tudo muito arranjado, inda que muito pequenino; os estudantes que querem assistir à prática precisam obter um bilhete que lhe custa 20 dólares. No primeiro andar, que é quase térreo, estão os homens, no segundo andar estão as mulheres; e a enfermaria das moléstias venéreas está em uma casa separada, do outro lado do pátio; e aí há duas pequenas salas, uma para os homens e outra para as mulheres.

Um ato do Congresso, de março de 1790, regula o modo de naturalizar; diz que é preciso estar dois anos nos Estados Unidos, e, tendo residido por um ano, em alguns dos Estados da União, fazer o protesto, perante um oficial desse Estado que a lei prescreve, de suportar a Constituição dos Estados Unidos; por esse ato seus filhos, que forem menores de 20 anos, ficam também cidadãos dos Estados Unidos (vide dia 4 deste mês).

3 – O ministro de Estado me disse que as estrelas deviam ser 13 nas bandeiras, cunhos, etc., onde se achassem as armas dos Estados Unidos, e inda que os estados, ao presente, sejam mais de 13, e que se possam aumentar mais, sempre o número das 13 estrelas se conservará, porque os 13 estados primitivos compreendem todo o território sobre que depois se fundaram outros; mas, contra isto, eu acho um ato do

Congresso aprovado em 13 de janeiro de 1794, que manda pôr nas bandeiras 15 listas, brancas e vermelhas, e 15 estrelas. O doutor Pinkering me disse, em prova da sua asserção, que ele tinha mandado ao Diretor do Mint. ordem para assim o fazer como ele dizia.

Hoje, jantei em casa do ministro inglês, onde estava o Harper, um membro do Congresso. O ministro inglês me perguntou que pensava eu, no caso de ser certa a declaração da guerra da França e atravessar a Espanha com 100 mil homens para a invasão de Portugal, do que viria a ser Portugal (*what you think will become of Portugal*); a que eu respondi com aquela dignidade e pique que esta pergunta merecia.

4 – Um ato do Congresso aprovado em 29 de janeiro de 1795, que estabelece as regras de naturalização, exige: 1º, que aquele que se quer naturalizar esteja 3 anos residindo nos Estados Unidos e declare, perante um tribunal supremo, que quer ser cidadão dos Estados Unidos, e que renuncia a fidelidade (*allegiance*) que tem ao seu antigo soberano ou Nação; 2º, que tenha a residência de 5 anos dentro dos Estados Unidos “*and that he will suport the constitution of the U. A. and he doth absolutely and entirely renounce and abjure ali allegiance and fidelity... particularly by name the prince, potentate, state, or sovereignty, where of he was before a citizen or subject*”, etc.

5 – Estive à noite em um baile em casa do ministro da Inglaterra e lá soube que não fala a ninguém pela semana, porém, todas as terças-feiras recebe à noite companhia.

6 – Fui à estufa do Mr. Hamilton que tinha um catálogo de perguntas para me fazer, e que escrevia as respostas que eu lhe dava. Fui observar as seguintes plantas: *cactus coximilbiffer* – as articulações pequenas óvalo-oblongas, espinhos raríssimos e muito pequenos, inda que as verrugas de onde eles costumam são tão freqüentes como no *cactus ficus indica*, o que faz crer, à primeira vista, que é um *cactus ficus indica* que tem perdido os espinhos; *cactus opuntia* – esta espécie nasce espontâneamente em Filadélfia, as articulações abovaladas, flácidas, os espinhos setáceos; *cactus ficus indica* – articulações óvalo-arredondadas, muito maiores que as do *opuntia*, espinhos setáceos curtos e muitos em cada verruga, o que é diferente do *opuntia* ou *ficus* que observei no Rio Grande, pois não tinha em cada verruga senão 3 ou 4 pelo mais, e eram muito mais alongados; o *opuntia* há, sem dúvida, no Rio Grande; nenhuma destas espécies

tinha flor; *Mimosa ampuloscopia* – *inermis folis promiscuis, erectibus, linearibus, pungentibus* – esta espécie inda não está descrita, e deve ser introduzida na primeira divisão. A *foliis simplicibus* foi achada em *Botanybay* – o caule e terete, vibradouro ou mole, ramos escassos, e com folhas nas extremidades: as flores brancas e forma de glóbulo, com petíolos longos (veja-se a sua pintura no caderno número 4 B); *Mimoria myrtifolia* – *inermis, foliis ovato-lanceolatis*: as flores eram muito semelhantes à antecedente à exceção de estarem divididas em 3 ou 4 molhos; outra mimosa sem nome inda: *foliis lineares longissimis*; outra *foliis bipinatis* – caule 4-5 angulatus; todas estas espécies são de *Botanybay*. A cana-de-açúcar, de que falei acima (dia 24 de fevereiro), tem 2 pés e meio de alto, 2 polegadas de grossura; não tinha flores porque era em março, nem inda as tinha dado; folhas lineares assoveladas, de dois pés de longo semi-*erectae, vaginantia, marginae minutissimae serratae*; a parte da folha, vaginante serrato setosa principalmente petogumae.

9 – Fui fazer uma visita a Mr. F. Smyth, que era um antigo magistrado inglês e que vive das suas terras, e tem uma pensão que lhe dá Inglaterra. Não o achei, e sua mulher, que tinha já notícia de mim, me recebeu polidamente. Ela me disse que tinha 65 anos, que tinha pertencido à igreja de Inglaterra, mas que há mais de 20 anos nem ia à igreja nem tinha religião. Esta asserção que foi produzida com toda a tranqüilidade de temperamento não é única: um cirurgião, que mora comigo, me disse, perguntando-lhe eu qual era a sua religião, *I get none*; é mesmo costume em tantas famílias não ensinar alguma religião aos seus filhos.

9 – Hoje, estive na sinagoga dos judeus: eram 10 horas e por isso estava o officio Divino acabado. A casa era quadrada, com bancos ao redor; em uma das paredes havia uma espécie de armário que, sendo aberto, vi que tinha dentro uns como candeeiros de prata, e o armário estava por dentro forrado de seda, e tinha cortinados ricos, cortinas vermelhas e o forro branco, e galões d'ouro; o armário por fora era muito pouco ou nada decorado; na sumidade tinha um escudo d'armas feito em talha de madeira doirada e pintada, que tinha em cima uma espécie de coroa, e no escudo, que era azul, letras d'ouro em hebraico; diante havia uma pequena lâmpada; no meio da casa estava uma mesa alta forrada de vermelho, com duas cadeiras, de modo que quem se senta-

va nelas ficava justamente virado para o tal armário; o pavimento em que estava a mesa, que era mais elevado que o pavimento da casa, estava cercado por grades de pau, assim como estava também o tal armário, que tinha ao pé dois degraus cobertos com tapete. O homem único que ali encontrei me pareceu um sacerdote, por que foi abrir o tal armário e procurar não sei que, e o tornou a fechar. Ele me disse que podia tornar sábado, às 9 horas da manhã, ou 6<sup>a</sup> feira à noite (vide dia 16 deste mês).

Uma observação me foi feita; que as leis de alguns Estados da União, que dão a liberdade aos escravos, depois de servirem certo número de anos, são mais contra o escravo que a seu favor; porque o senhor aproveita o trabalho do escravo enquanto ele é moço e o despreza depois que é velho, vindo o escravo a ficar sem nenhum amparo na idade em que mais o precisava, e, com efeito, depois destas leis se vêem muitos pretos a pedir esmolas pelas ruas, porque não podendo trabalhar, e não tendo senhor, não há alguém que seja obrigado a sustentá-los.

10 – Ao meio-dia, embarcaram os prisioneiros franceses para a *Retaliation*, um parlamentar; jantei em casa do ministro; falei ao David Callaghan para a correspondência do Roque Furtado; passei a noite com o Smyth.

11 – Um habitante de S. Domingos (Mr. Duclos, que foi oficial do Regimento Cape-Français) me informou que, não havendo naquela ilha madeira suficiente, queimam nos engenhos de cana-de-açúcar o bagaço da cana, e que este é muito suficiente para todas as operações que exigem o fogo; que se servem de potassa sobre as fôrmas para tornar o açúcar branco, mas que usam também do barro, como no Brasil, e me não soube dizer a diferença do uso ou do efeito; talvez lhe deitar a potassa depois de o ter clarificado com o sangue de boi, e muitas vezes de cal, a qual dizem ser boa no açúcar, em razão do álcali que se desenvolve depois no estômago. Este mesmo sujeito me asseverou que em S. Domingos se cultivava a verdadeira cochinilha, e que foi introduzida depois de Mr. de Fionville por um segundo que a trouxe do México; disse-me que eram uns pequenos animais vermelhos como cabeças de alfinetes, no que me parece se engana, pois que lhe deviam parecer bons sendo sempre coberto com uma espécie de algodão branco.

12 – Uma observação que me foi feita hoje é digna, e é que a revolução da América data de Carlos II de Inglaterra: porque os Purita-

nos que fugiram para Nova Inglaterra, os *Quakers* que se refugiaram em Pensilvânia e os Católicos que se estabeleceram em Maryland, tendo à testa o Lorde Baltimore, que era também católico, todos estes, digo, impelidos pelas opressões que receberam no tempo de Carlos II, tiveram sempre uma tendência para a liberdade e para estabelecer a tolerância religiosa, pela falta da qual eles tinham sofrido muitos vexames; assim, teve sempre o povo da América que contender como os governadores, e a semente de Revolução, plantada no primeiro da fundação, brotou logo que teve ocasião.

13 – Hoje, de manhã, me foi feita uma curiosa demonstração da luz que não achei muito instrutiva, e por isso a não transcrevo; ela tinha começado ontem à noite.

14, 15 – Hoje à noite, fui ao *circus*, ou lugar onde se faziam algumas habilidades com cavalos, pantomimas, etc.; um dos cavalos, que vi melhor, era um branco, que me disseram ser o em que o general Washington fez a campanha na última guerra, e o vendeu a estes comediantes, que andavam nele a fazer as suas habilidades.

16 – Hoje, como era sábado, estive na sinagoga dos judeus, e estavam ao officio divino quando eu entrei. Na casa, embaixo, estavam 20 homens, sentados em bancos, e cada um tinha uma estola branca sobre os ombros, de 3 palmos, pouco mais ou menos, de largura, que ficava alguma coisa caída pelas costas abaixo, mas que se segurava porque as pontas estavam pela parte de dentro dos braços, e só o padre ou sacerdote a tinha bem estendida sobre os ombros; este estava vestido de casaca preta, de bacalhaus ao pescoço, e como capa por cima da casaca também preta como a que trazem os ministros de Portugal, e, por cima a estola, que era de seda, assim como a de outros muitos, porém os mais pobres a tinham de linho ou lã, e até os meninos que assistiam estavam de estola. Por cima, havia uma tribuna arredor das três paredes, ficando só sem tribuna a parede onde estava o armário, e nestas tribunas estavam todas as mulheres e nenhum homem, assim como embaixo não havia alguma mulher; duas mulheres, que pude ver debaixo do lugar onde fiquei, tinham a cabeça coberta com um véu preto, mas transparente. Dentro de um quadrado de grades, que há no meio da casa defronte do armário, estava uma mesa e um banco, ao pé da mesa estava o padre, e mais dois, um de cada lado, que cantavam em hebreu um canto seme-

lhante ao salmear dos católicos, e liam em um pergaminho, que tinham sobre a mesa, e quando acabavam um canto (que suponho ser um salmo) o padre fazia um risco no pergaminho com um ponteiro de prata que tinha na mão, e todo o povo cantava uma pequena cantiga em hebreu, pois que todos tinham na mão um pequeno livro em hebraico, por onde liam, e de que eu não podia perceber senão algumas palavras que se assemelhavam com o latim ou que nós usamos, por exemplo, *Elloi*, que repetiram muitas vezes *Kyrios*, etc. Quando acabaram, enrolaram o pergaminho que, pra se enrolar mais facilmente, tinha em cada ponta uma varinha de pau; depois de enrolado o ligaram com uma faixa branca por um lado, e verde por outro, e depois de bem ligado todo com esta faixa o cobriram com uma espécie de saiote, de seda também verde; e como as extremidades dos paus ou varas do pergaminho ficavam de fora do saiote, espetaram em cada um uma maça de prata que tinha ao redor vários pendentes doirados; depois, abriram outro pergaminho, que segurava outro homem, cujas coberta e faixa eram encarnadas e, desse, leram menos, e depois de terem acabado o enrolaram, ataram com a faixa, encobriram com o saiote, e deram a um, que segurou nele, e, ainda que as duas varas deste ficassem também fora do saiote, não foram cobertas por maças de prata, como os outros; depois, estes pergaminhos foram levados em procissão para o armário, onde se guardaram em pé, e lá havia outros muitos com o mesmo aparato; e são estas maças de prata que me pareceram os candeiros de que falo (dia 9 deste mês) atrás. Voltou depois o padre para o seu lugar e aí fez orações por alguns objetos, dos quais entendi um, e foi pela prosperidade dos Estados Unidos, pois disse o testamento em inglês; cada um dos assistentes foi ao pé do padre e lhe disse ao ouvido alguma coisa, que ele cantava; acabado isto, se foram embora, e todos o rapazes foram ao pé do padre que lhe punha as mãos sobre a cabeça. O que me admirou é que todos, até os meninos, soubessem ler o hebraico.

17 – Hoje, se fez na igreja dos católicos a bênção dos Ramos, que consistiram de murta e louro; não houve Procissão, e os Ramos se dividiram pelo povo, depois da missa, que parecia ávido de os querer alcançar. Estive em uma igreja de metodista, onde o púlpito estava coberto de preto. (Nota à margem – Inda que os católicos sejam tolerados, contudo as outras seitas, e principalmente os presbiterianos, os despre-

zam e tratam de supersticiosos. Quando o *Chief Justice* Mr. Hean foi proposto para governador, entre outras coisas, que os seus inimigos alegavam ao povo para o fazer aborrecido, foi que ele era católico, romano, enumerando isto entre outros vícios.)

18 – Hoje, sofri um grande incômodo de cabeça e estômago.

22 – Hoje, estive em uma igreja de protestantes alemães onde havia um púlpito muito elevado; por baixo, uma mesa coberta com uma toalha; sobre ela estavam 3 grandes jarros de prata onde havia partículas de hóstias; o lugar onde estava esta mesa era cercado por grades que tinham 5 palmos de alto, e a ela se encostaram muitos homens que encheram a grade toda ao redor; dois ministros estavam dentro vestidos de hábitos pretos, um deles tirou da sopeira ou urna de prata com uma colher quantidade de hóstias que deitou em uma pátena e entrou a distribuir pelos homens que se achavam ao redor da grade; e ao mesmo tempo o outro ministro deitou vinho de um dos jarros para um vaso, e dava a beber um gole ou dois a cada um dos que já tinham tomado a partícula; foram-se estes homens e o lugar se encheu com mulheres, as quais, tendo comungado, pelo mesmo modo, pão e vinho, se retiraram, e o lugar foi cheio por outras, o que se repetiu até que todas tivessem vindo; todas as mulheres que se chegaram para comungar estavam, ou todas de preto, ou todas de branco, e não pode deixar de haver alguma diferença nisto porque, umas vezes, se enchia a mesa com mulheres todas de preto, e outras vezes, com mulheres todas de branco, mas, em geral, traziam uma touca branca na cabeça, e aquelas que traziam chapéus, ou outra espécie de toucado, o tiravam deixando só ficar a touca branca que traziam por baixo. (Nota à margem – Todas estas mulheres que comungavam de pé estavam a chorar ou a afetar que choravam, e a limpar os olhos com um lenço.) Como era sexta-feira da Paixão, estive na igreja dos católicos onde se fizeram as cerimônias do dia.

24 – Jantei em casa de Mr. Hamilton; disse-me que o chamado chá da Geórgia e Carolina não era senão uma espécie *Sida*, inda não descrita, e a que W. Bartram chamou *Side Teavides* por se assemelhar na folha e ter o uso do *tea* ou chá; disse-me mais, que não havia cochinchina na Geórgia, e era falso haver lá o cacto. Disse-me que o que lhe viera para a sua estufa foi de S. Cristóvão, de um que há 20 anos o governo inglês fez tirar do México, prometendo um grande prêmio a quem o



trouxesse, mas que não conseguiram haver o inseto. Fez-me sentir que o tabaco da Virgínia inda não está descrito, pois que tendo folhas *linea-re-lanceolatas*, não *amplexicanlibus*, não podia ser nem a *nicotina tabacum*, nem a *rústica*; inda que, como eu não vi a planta, duvido que as folhas sejam assim; mas a *rústica*, segundo Gmelin, a fruticosa tem outro caráter que a fruticosa na espécie *plantarum*. Quanto às questões das baleias, disse-me que alguns navios foram daqui pescá-las nas costas do Brasil, mas ao presente não vão; mostrou-me uma nova espécie de *panos trifolium* (vide dia 2 de agosto).

25 – Hoje, de manhã, estava em minha casa a jogar o florete, recebi um recado de um padre de uma igreja de Luteranos para que não jogasse o florete em minha casa visto que era a primeira 8ª da Páscoa; e eis aqui a tolerância dos americanos, que um padre me quer obrigar a guardar um dia de festa que não é domingo, sem saber a que comunhão ou religião eu pertença, e a guardá-lo com um rigor tal de não poder divertir-me em jogar o florete, o que certamente me não é proibido pela religião católica; mas, tenho já notado, em outro lugar, que a intolerância é tal que, enquanto estão nas igrejas, cercam as ruas com cadeias de ferro para não passarem carruagens ou cavalos, impedindo com o exercício da religião o uso público das ruas.

26 – Hoje, observei na estufa de Mr. Hamilton mais duas espécies de *Mimosa* que desenhei; uma, que teve o nome de *oblíqua*, e outra, que inda nem nome teve. Vi, também, uma nova espécie de café (*bengalensis*) inda não descrita por Gmelin. Disse-me que o *Guinea-grass* era uma espécie de *Panicum*, que viera da África para as West-Índias trazido pelos negros, mas não é estimado aqui porque, sendo natural de climas quentes, não pode suportar o inverno. As espécies de *Panicum* que aqui há são 14 a saber: 1) *altissimum* (*guinea-grass*) – (Nota à margem – Eu cuido ser este mesmo que chamam *bunched Guinea-corn*; é um excelente mantimento para os cavalos); 2) *glaucum*; 3) *pilorum*; 4) *italicum*; 5) *sanguinalis*; 6) *filiforme*; 7) *dichotomum*; 8) *clandestinum*; 9) *capilare*; 10) *latifolium*; 11) *vtrgatum*; 12) *interofilium*; – estas são as que ele conhece. Vi a *Poligala senega* que meti uma folha no Lineu, e que, segundo me disse o Dr. Paske, o usavam para moléstias do peito; disse-me que os *Gordoneiros* eram da Carolina; e Mr. Hamilton ficou muito admirado de que eu soubesse ao certo quantas espécies de *Painço* ele sabia, pois que eu as trazia



escritas de Lisboa; disse-me que a *Illex cassine* era natural do Brasil e Paraguai, e que eu não devia perguntar aqui por ela, pois que a tinha em casa; e o nome porque é conhecida é *Paraguai*, ou *Japira* e que a havia em Charlestown; donde me parece que ele a confunde com a congonha do Brasil. A *Tillandea usnea* é da Carolina. Vi o *Panas quinque folium* (Nota à margem – Vide caderno de observação nº 5, *in fine*), assim como uma espécie *trifolium*. O *arrozavo* é selvagem: é uma grama que só serve de pasto aos animais, inda que não muito bom e se chama *Rush* ou *Reed* (Nota à margem – Este *Reed* é a *Zizânia* aquática de Linneu. Mas o arrozavo parece ser a *Z. palustris* que dá em grande abundância nos lagos do N. e é o principal alimento dos Malhomines e outras tribos; os franceses lhe chamam *Follavoine*; é o mais importante vegetal depois do maís, floresce a 12 de agosto e dá as sementes a 1<sup>o</sup> de setembro, pode transportar-se, e dele vem o nome a uma ilha chamada Reed-Island, que fica no Delaware ao pé de Port Penn). Vi também várias espécies de vinhas próprias e indígenas do País em uma coleção de plantas secas. O *Pinus balsamea* é próprio para os Estados do Norte e é muito direito e excelente para mastros; o *pinus* todo é belo para assoalhos de casa, chega a ter 100 pés de alto. Vi um novo gênero que, tendo todos os caracteres da *Andrômeda*, é diferente por ter baga, e ainda que por ela pareça ser uma espécie de... contudo como tem 10 estames não pode deixar de ser um gênero diferente. Entre as diferentes plantas que os ingleses trouxeram da ilha Otahito foi o *Artocapus* ou Árvore do Pão que é muito própria para o Brasil, mas que não há nos Estados Unidos, porém é muito possível obtê-la da Jamaica.

30 – Hoje, jantei com Mr. Hamilton que me mandou uma preciosa coleção de sementes. Lá vi um judeu que tinha sido grão-júri e estava nomeado agente da marinha para S. Domingos. À noite, em uma visita a Mr. Gibson, soube que aqui chamam aos *Quakers* menos rigoristas *Gay*, e aos mais estritos, *Huckory Quakers*.

Abril

1 – Hoje, vi a prisão hospital, *Alms House*, ou *Bettering House*. Esta prisão ocupa metade de um quarteirão, e faz uma frente para *Six Street*, meia frente para um beco, que fica entre *Walnut* e *Spruce Street*, e

que corre desde *Four* até *Six Street*; outra frente para o cercado da igreja africana, ou templo dos pretos; e outra meia frente para *Spruce Street*. A parte que fica para *Spruce Street* contém uma casa e a entrada para a prisão; a frente de *Six Street* contém parte edifício, e parte muralha, e a parte que fica para o beco contém uma casa no meio da frente, e tudo o mais é uma muralha ou muro de pedra que cerca o pátio da prisão de que falarei depois. Há nestas casas três repartições diferentes: uma, onde estão as mulheres, outra, onde estão os homens juntos, e outra, onde estão as *solitary cellars*, que correspondem ao nosso segredo. A repartição das mulheres consta de dois dormitórios ou corredores separados, um, para as mulheres de todos os crimes, que são condenadas por sentença a um certo tempo de prisão, e outro, para as prostitutas, que são turbulentas, que as encerram sem processo de justiça por um certo tempo, até se reformarem, mas este tempo nunca passa de um mês (Nota à margem – O único serviço que as mulheres fazem no seu pátio, que é separado do dos homens, é o lavar, e tem a sua cozinha separada). A repartição dos homens, como mais numerosa, contém maior número de dormitórios, que são 4, com celas grandes onde cabem muitos presos; estas celas têm porta para o corredor e com uma ou duas janelas para fora, mas, se as janelas estão para a parte da rua, têm por fora uma rótula que impede que os presos vejam quem passa pela rua, ou que da rua os vejam. Em cada uma das celas há um número de leitos, um para cada preso; e neste leito, a roupa de cama, que é um colchão, dois lençóis, um travesseiro, uma coberta, e, no meio da cela, uma mesa para a escola da noite, de que logo falarei. As celas solitárias estão com o mesmo arranjo, com a diferença de que são muito menores que as outras, e em cada uma só vive um preso. Há mais em um dormitório duas grandes celas que servem de enfermaria aos presos e que de 3 em 3 meses, ou de 6 em 6, se transfere para outro lugar, e as paredes se raspam e caíam de novo. Há também uma pequena e simples botica que tem muito pouco uso pelo que logo direi; os corredores para onde as celas têm as portas servem de oficinas para trabalharem todos os ofícios que trabalham em casa, e sem estrondo, tais são: os sapateiros, alfaiates, etc., e no pátio estão as forjas para os ferreiros, os teares, etc., tudo em casas próprias; e no meio do pátio trabalham os canteiros, etc. – aqui encontrei 6 teares de homens, sapateiros, 20 homens que faziam cabeças a pregos, 8 que

cortavam os pregos (vide como no caderno de observações n..... nota.....), 140 obreiros, etc. No pátio há um grande tanque onde os presos se banham quando é verão. Cada um dos presos, assim que entra, tem aberta uma conta de receita e despesa, e onde se lhe lançam os ganhos que faz com o seu trabalho e onde se assentam os gastos ordinários que faz; todo preso, assim que entra, é perguntado pelo seu ofício e empregado a trabalhar nele, pois que há manufatura de tudo; e se não sabe ofício algum ou se emprega como jornaleiro e servente dos ferreiros, canteiros, etc., ou se lhe ensina algum ofício. De manhã cedo, cada prisioneiro varre o seu quarto, faz a sua cama, arranja a sua roupa, e espera que toque a campanha para o trabalho, e ela toca assim que o dia alumia; abrem-se as portas dos quartos e os presos saem tomando cada um o trabalho até o meio-dia; enquanto trabalham não podem conversar uns com os outros, assim reina o maior silêncio e ordem que pode imaginar-se; é curioso de notar aqui que as mulheres podem falar, e me disse o diretor que a razão desta concessão era o ter-se achado impossível, na prática, o efetuar-se a proibição de falar nas mulheres. Aqueles presos, que eram condenados noutra tempo com a prisão solitária, são empregados em trabalhos mais rudes, por exemplo, a fazer as cabeças a pregos onde a bulha dos martelos é tal que, ainda que estejam uns aos pés dos outros, não se podem ouvir ou entender. (Nota à margem – O carcereiro pode infligir a um preso a pena de prisão solitária, mas deve imediatamente dar parte aos administradores.) Ao meio-dia toca a campanha para jantar, e todos os presos largam o trabalho e vão sentar-se à mesa. Há três refeitórios, que são mesas estreitas e compridas, com bancos pelos lados; na mesa estão determinados os lugares dos presos. A mesa é coberta com uma toalha bem lavada, pratos de louça, um prato pequeno no lugar de cada preso, com uma sopeira e um talher de ferro, mas tudo muito limpo; no meio da mesa, de distância em distância, um prato grande cheio de vaca cozida, batatas, arroz de caldo e pão suficiente para cada um dos presos; entram para o refeitório dois a dois e sentam-se nos seus lugares, achando já defronte de si o prato ou sopeira cheia de caldo. Um dos presos, que tem a seu cargo o refeitório, observa se está cada um defronte do seu lugar, e lhes faz sinal para se sentarem; sentam-se e comem a sua sopa de arroz com caldo, e este prato lhe é imediatamente tirado, ficando o outro limpo que tinham por baixo; cada

preso tira para o seu prato, do prato grande que está no meio da mesa, um pedaço de carne e duas ou 3 batatas, parte a quarta parte de um pão e come; assim se continua o jantar sem que nenhum deles fale, nem diga palavra. Quando todos têm acabado, o refeitório lhe faz o sinal, e todos se põem de pé, saindo, outra vez dois a dois, para o seu trabalho. Em um dos refeitórios estão os pretos, e como nessa mesa havia também brancos, estavam os brancos todos em uma ponta da mesa e os pretos em outra, porém, todos com a mesma ordem e decência. (Nota à margem – É de notar esta diferença entre negros e brancos conservada pelos *Quakers*, que são os advogados da liberdade, e igualdade dos negros.) Ao refeitório das mulheres serviam duas presas, uma preta e outra branca, e guardavam a mesma ordem, inda que é regra que as mulheres nunca comem carne, mas tem tudo o mais que tem os homens; a razão desta diferença é porque não fazendo trabalhos fatigados como os homens, e não tendo exercício, precisam de uma dieta refrigerante, porque ao contrário os alimentos fortes, como é a carne, lhe serviria de estímulo ao sistema e seria impossível manter a ordem e o sossego entre elas; e por esta mesma razão é muito regulada a dieta dos presos; e a experiência aqui tem expressamente decidido que os alimentos têm uma influência direta sobre os temperamentos; o mantimento é 50 libras de carne para 300 pessoas ao jantar, com as batatas, pão e arroz; tendo almoçado angu e melado, ao pôr-do-sol toca a campainha para deixar o trabalho, e vão para os quartos, e então se acendem as luzes e cada quarto é uma escola para aprenderem a ler; os que mais sabem ensinam os outros; depois disto vão à ceia que consta de angu de milho, e 7 pintos<sup>9</sup> de melaço para todos; depois da ceia poderiam os presos conversar nos quartos e, para o evitar, um é obrigado a ler para que os outros ouçam, e quando este está cansado outro o muda; a leitura é de livro de devoção ou de moral, e depois que todos dormem o leitor se deita.

A roupa da cama é sempre lavada e os colchões postos ao ar duas vezes cada semana; os cobertores que têm servido no inverno se lavam e se guardam todo o verão para servirem no inverno futuro. A despesa que cada preso faz por dia são 5 ½ cents. ou 44 réis. (Nota à margem – ½ *cord* de lenha chega por mês para o fogo nos quartos das

---

9 Antiga medida portuguesa.

mulheres, porém, carrega-se-lhe na despesa 15 cents. ou 12 réis, porque se atende às despesas extraordinárias do vestido (que é de pano fabricado na mesma prisão para aqueles que o necessitam, médicos, botica, etc.) Todos os que servem a prisão são tirados do número dos presos, como os barbeiros, cozinheiros, refeiteiros, administradores, etc., sendo empregados nestes ofícios os presos de melhor comportamento, e há, com efeito, presos que procedem muito bem; a razão é porque, ainda que eles devam estar na prisão todo o tempo determinado pela sentença, contudo o Governador do Estado tem o direito de perdoar o tempo que falta (Nota à margem – O Governador pode perdoar mesmo a pena de morte, mas jamais o faz sem que a petição seja assinada pelos parentes e amigos do morto), se os administradores da prisão informarem que o preso se tem corrigido em costumes. (Nota à margem – E se tem junto algum dinheiro para gastar os primeiros tempos depois que sai da prisão.) Esta esperança faz com que os presos se comportem bem porque a sua boa vida é um meio de alcançar empregos na prisão, e depois obter mesmo o perdão; assim, não havendo nenhum preso que esteja em ferros, estão todos com o maior sossego possível, de modo que por muitos anos, o carcereiro, ou guarda da porta, foi uma mulher, e, enfim, para prova de que a casa serve de corrigir os costumes com a dieta que os presos guardam com emprego constante, e com o hábito da ordem, e arrançamento, referirei um ou dois fatos: um mulato, preso por grandes crimes, obteve o perdão de muitos anos de prisão; este mulato, conhecendo que o seu perdão era devido a sua reforma dos costumes, e esta devido ao bom arrançamento da prisão, se ofereceu para continuar a viver na mesma prisão, e que queria o empregassem em alguma coisa em que pudesse ser útil; aceitaram a sua oferta, e é hoje o boticário da prisão; um irmão do General Mülleberg, *speaker* da Casa dos Representantes, que tinha vivido em Paris em uma grandeza e luxo extraordinário, se reduziu à miséria, e para se sustentar fez letras falsas, e por este crime foi condenado a muitos anos de prisão; vi este homem que tinha vivido com tanta grandeza dobrando fio para um tear, vestido com umas calças e véstia de pano feito na prisão que é uma espécie de burel; e tendo por companheiro um rapaz marinheiro; entretanto estava contente e tinha um ar de cara alegre bem como todos os outros presos; eles não pedem esmolas às pessoas que visitam a prisão, respondem

com toda a decência ao que se lhe pergunta; e tudo isto parece uma manufatura bem arranjada e ordenada, e por nenhum modo uma prisão. Enfim, caiu-me da algibeira uma lente, e, ao sair, um preso se chegou a mim para me entregar dizendo-me que a tinha achado no pátio, quis-lhe dar algum dinheiro e ele recusou, porque lhe é proibido aceitar. É igualmente proibido visitar os presos, sem uma especial licença, porque, dizem eles, aqueles homens durante o tempo da sua pena estão mortos civilmente. Aos domingos, lavam-se todos de manhã, asseiam-se, etc., e juntam-se todos às 8 horas, e há quase sempre um padre de alguma religião que aí vai pregar-lhes, e, se não o há, um preso lê alguns capítulos da Escritura; e lê algum livro de devoções ou de moral, e às 11 horas acabam e vão para o pátio passear até ao meio-dia, sendo o único momento de descanso ou repouso perfeito em toda a semana. Portanto não têm prazeres porque os não merecem homens condenados por crimes, mas não padecem misérias, e adquirem sempre um hábito de virtude. (Nota à margem – De convictos que saem da prisão, ou por perdão ou por ter expirado o seu tempo, não há dois que entrem por reincidência – compare-se isto com a Europa!) De sorte que a prisão de Filadélfia é uma verdadeira casa de correção, e a sua existência, há tantos anos, uma prova da possibilidade no melhoramento destas infames casas de corrupção e escolas de vício, que tem o nome de prisões na Europa. Em Filadélfia não se dá a pena de morte, comuta-se quase sempre a prisão; se um preso não quer trabalhar, o único castigo que lhe dão é diminuição de comer, fechá-lo em uma cela solitária e exortá-lo, eis aqui tudo: (f) .....

Há uma sociedade (d) intitulada *For alleviating the miseries of the public prisons*, e para honra dos *Quakers* devo confessar que ela é composta de *Quakers*; foi instituída em maio de 1737; o objeto dela se pode conhecer pelo artigo 7<sup>o</sup> da sua constituição: – “*the ating commitee shall visit the public prisons, or such other places of confinement, of punishment as are ordained by the law, at least once every week*”. (Nota à margem – Eles a visitam quase todos os dias: – “*They shall inquire into the circumstances of every person confined; they shall report such abuses as they shall discover to the officers of government who are authorized to redress them; and shall examine the influence of confinement or imprisonment upon the morals of persons who are the subjects of them*”). Os benefícios que desta sociedade resultam são o que temos dito acima, de

modo que, tendo evitado a comunicação com os outros, não se vendem nem se bebem na prisão licores espirituosos. O que os presos ganham é tão bem economizado que, quando saem, há sempre algum dinheiro que dar-lhe das suas sobras. (Nota à margem – Os seus restos lhe são entregues em dinheiro se eles se julgarem capazes de não fazer dele um mau uso, ao contrário, lhe é dado em vestidos.) (g) Esta sociedade foi aprovada pela autoridade civil e se lhe confiou administração das prisões, e de então por diante, evidentemente, as prisões melhoraram os costumes, pela proibição dos licores espirituosos, pela separação dos sexos, pelo constante e útil emprego dos presos. É de uma grande satisfação para o gênero humano os grandes melhoramentos que se tem feito no código penal da Pensilvânia. (a) Por uma lei passada no ano de 1786 se declaram crimes capitais unicamente assassinato, roubo, traição e *arson*; aboliram-se todas as penas corporais por pequenos crimes, e o número dos crimes diminuiu em vez de aumentar. (b) Todos, ou quase todos, os criminalistas da Europa (mesmo Bacoria) dizem que o fim das penas é triplo: 1<sup>o</sup>) vingar a ofensa; 2<sup>o</sup>) remediar o dano feito, se é possível e do 3<sup>o</sup>) emendar o delinqüente e servir de exemplo. A legislatura da Pensilvânia, em um ato passado em 1793, declara no preâmbulo que o fim do castigo é prevenir os crimes, reparar a injúria; ora, estes objetos se obtêm melhor pelos castigos moderados que por grandes penas; assim a pena de morte foi abolida em todos os casos que não fosse assassinato de 1<sup>o</sup> grau, premeditado, etc., roubo grande, etc.; para todos os outros crimes não há outro castigo que o trabalho violento e a prisão mais ou menos dilatada. (c)

*Bettering House*, de que falei, já está sumamente mal-administrada, inda que a instituição seja excelente. Ela é sustentada por uma taxa ou tributo; nela estão os pobres velhos e impossibilitados da cidade, mas, como todos os anos ou todos os 6 meses se mudam os administradores, isto faz com que eles não administrem bem, uns por ignorância dos negócios da casa, pois que em 6 meses não podem estar assaz instruídos, e outros por falta de afeição, porque em um ano não adquirem aquele apego que é necessário ter; assim, a quinta, que devia servir de emprego para os pobres, que podem trabalhar, estava feita jardim de prazer, com decorações e coisas por nenhum modo próprias; os enjeitados



mal-vestidos e porcos, as mulheres mal-arranjadas, um fétido insuportável em toda a casa, etc., (vide dia 11 de julho).

10 – Fui à *Gray's Ferry*, onde há um jardim de recreio na margem de Schuylkill, na mais pitoresca situação do mundo, com a vista da ponte, bosques, casa de recreio, etc. No verão vai ali toda a gente da cidade fazer jantares, merendas, ceias, etc.; não se paga nada por se entrar, mas gasta-se alguma coisa no que se bebe, come, etc.; é 3 milhas distante da cidade.

Fui também a outra semelhante instituição, 6 milhas distante da cidade, no caminho de Trenton, chamado *Harrow-Gate*. A situação não é tão boa como a de *Gray's Ferry*, mas tem mais ordem e grandeza o jardim; dizem-me que estes dois lugares são muito freqüentados no verão.

11 – Hoje, estive em casa de Mr. Hamilton, e lá falei com Mr. Mülemborg, alemão que vive em Lancaster. O melhor botânico dos Estados Unidos é padre e pastor nesta terra, mas tão rude e grosseiro que era intolerável!

Eu estou com uma frouxidão de sistema e uma lassidão de corpo que não posso escrever.

12 – Hoje, foi o enterro do senador Fasewell. Sobre os pinhos deste país soube que o *brown pin* (*P. palustris*) é muito usado na Carolina para a terebentina, breu, para tábuas e cascos de barril. O *Pinns strobus* o usam principalmente para pranchas, mastros, trancos, etc.; usam também o *P. loda rigida* e o *P. 3 leaved*, de N. Jersey, assim como o *Yelow primis*; mas é de observar que em N. Jersey, de todos os pinhos, se faz o breu. Quanto aos carvalhos o *Q. Alba* (*qbite oak*) é o que se supõem melhor em Pensilvânia e Carolina; e o *Live oak* é o mais empregado na arquitetura naval. Quanto ao *Panicum* o único usado é o *Panicum italicum*, que os alemães, que vivem neste país, o cultivam, segundo me disse o Dr. Mülemborg; a *cizânia aquática* é usada pelos índios do Norte, como me disse o mesmo doutor, mas não pelos americanos, porque eles têm tantas qualidades de grãos que não necessitam destes. É também usado o *Vaccinum macrocarpus* que é que chamam *Cranberry*, para doces e conservas; mas, Marshall lhe chama *Vaccinum hispidum* e *V. Pensilvanicum*.

Hoje, partiram para Bremen o General Ployer e o seu adjunto Bechet, dois franceses com quem fiz conhecimento em Filadélfia.

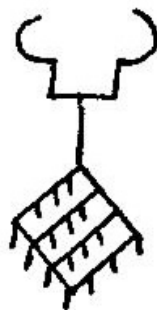


Observei no Museu de Peale a ponte de madeira de um só arco, e lhe comprei o folheto que ele publicou com a sua descrição. Observei mais duas máquinas, uma que é uma sorte de macaco para levantar pesos, e outra uma qualidade de carrinho para tirar o esterco dos currais e levá-lo para os campos; ambas se podem ver desenhadas no caderno de observações N. 1, Nota F e H.

13 – Os *Quakers* tem o seu *Meeting annual*, 2ª feira, 15 de abril, em Pine Street, onde ajuntam os anciãos de todos os *meetings* particulares para dar contas das transações que têm feito ajuntar o dinheiro para as despesas da sociedade, etc. A descrição de um *meeting* a tenho tão impressa que não preciso escrevê-la para me lembrar.

O ministro de Espanha disse hoje ao ministro de Portugal que me não podia dar passaporte para Havana porque depois que tinha prometido fazê-lo recebeu ordens da sua Corte para o não poder dar senão a espanhóis.

19 – Deixei Filadélfia eram 8 horas da manhã, e tendo ouvido dizer que aqueles que vinham primeiro para a *stage* tinham o melhor lugar, tomei o lugar ontem, mas hoje, como fui o último a entrar, fiquei no pior lugar, que foi no assento do cocheiro a que chamam *driver*. Às 9 horas tínhamos andado 6 milhas, e estávamos em Strankford. Antes de chegar a esta povoação está o jardim de Harrow-Gate de que falei (dia 10). Aqui, há algumas casas de pedras, inda que nenhuma caiada e é devido isto a haver uma pedreira perto da povoação; antes de chegar, há uma ponte de pedra para passar um riuleto (*creek*) que é alguma coisa considerável; aqui, por ao pé, vi três coisas novas: 1º, uma grade cujo feitio era como se vê à margem; 2º, um modo de tirar água de um poço que é com um cilindro que se move com uma manivela, o que faz enrolar a roda à corda que suspende o balde; 3º, outro modo para o mesmo com uma simples labanca,<sup>10</sup> que, tendo o fulcro no meio, está em equilíbrio e tem em uma ponta o balde pendurado por uma corda ou vara (vide cad. de observ. n..... nota). Passamos depois outro



10 Alavanca.

*creek* chamado *Mishamley* (segundo entendi) que tinha uma *ferry flotante* como a do Schuylkill. Chegamos a Bristol 20 milhas distante de Filadélfia, que fica na margem ocidental do Delaware; e defronte, na margem oriental, está Burtington; aí mudamos de *stage*, e continuamos até daí 10 milhas onde atravessamos o Delaware em uma barca, que tinha 6 homens a remar, e tinham um grande trabalho em atravessar o rio, porque a corrente é sumamente impetuosa; só tinha dois remos e os mais homens serviam para a vara, para subir pela praia, rio acima, antes de atravessar até aqui o Delaware navegável, e não para cima porque aqui há uma grande cachoeira – não fizeram inda nesta cachoeira o menor melhoramento para a navegação –, e só quando o rio está muito cheio podem subir alguns barcos a carga até aqui. Viemos sempre costeando o Delaware umas vezes mais encostado e outras mais afastado, segundo as voltas que ele fazia, mas nunca gozando de um bom golpe de vista porque a terra sempre baixa raras vezes oferece um painel interessante; do outro lado estava Trenton, a capital da Jersey, uma pequenina cidade que tem a um lado uma povoação chamada Lambertton; entre uma e outra está a prisão do Estado de Jersey que faz um bonito prospecto, e uma mulher da Companhia me disse que era regulada pelos mesmos princípios que a de Filadélfia inda que não tão bem, porque agora não enforcavam por roubo, mas condenavam à prisão perpétua, ou de 7 anos. Jantamos em Trenton, e tivemos um decente jantar, comendo a uma mesa todos os que vínhamos na *stage*, e me custou 1 dólar menos 3 *fine pieces*. Mudamos, aí, de *stage* e continuamos a jornada às 3 ½ tendo chegado às 2, quando foram 5 ½ chegamos a Princeton, doze milhas distante de Trenton, a 42 de Filadélfia. Aqui nesta pequena aldeia há um colégio de educação para rapazes onde se ensinam línguas, belas-letas, matemáticas, anatomia e teologia. O edifício é de pedra, não caiado regular de andares; é presidente Mr. Smith. Mudamos outra vez de *stage*, e chegamos a Brunswich às 9 da noite, tendo feito 60 milhas de jornada. Os homens e mulheres com quem tinha saído de Filadélfia foram ficando pelo caminho nos seus destinos; e, inda que saíssemos 11, nos achamos à noite: um eclesiástico protestante, um médico, um piloto de navio, um homem de New York, que não lhe sei o apelido, e uma mulher que diz ser casada, mas vem só e ninguém a acompanha, é nova e bonita. Devo aqui notar que o padre, quando nos pusemos a jantar, pediu licença para benfazer a

mesa, o que fez, depois de estarem todos sentados, dizendo uma brevíssima oração; à noite, à ceia, fez o mesmo; mas era o único que fazia a corte à nossa companheira de viagem, que escandalosamente a obsequiava, aliás, sendo bem recebido. Enquanto cearam eu escrevi o meu jornal tendo só tomado café, da ceia, que constava do que costuma haver ordinariamente para os almoços em casa dos ingleses. Os caminhos todos eram muito maus. É o campo trilhado pelos carros, e mais nada; e onde é algum ribeiro umas tábuas com o nome de ponte; as *stages* que quatro cavalos, e marchando muito bem; e cômodos, em si inda que não boas... Na *Aurora*, de Filadélfia, de hoje, vinha uma publicação das *lodges* dos franco-maçons que cortei e guardei como curiosas...

Pedi que me mostrassem o meu quarto e assim que lá cheguei veio um preto que nos servia dizer-me que eu devia pagar o *bill* antes de me deitar, o que fiz, dando por cela e alojamento  $\frac{3}{4}$  de dólar: as camas todas de cortinados, com asseio, etc.

20 – Às cinco horas da manhã o mesmo criado da casa nos veio dizer modestamente que eram horas de partir a *stage* e passamos nela uma ribeira navegável que é ao pé de Brunswich, e que desemboca no Rio Hudson; a ponte era de madeira feita sobre pilares de pedra e com toda a grandeza de que uma ponte de madeira é capaz. A 10 milhas de Brunswich encontramos outra povoação chamada Wood-Bridge; e daí fomos a outra povoação chamada Ebridge-Town, ou Quakers-Town, onde há, também, um ribeiro navegável; finalmente às 8  $\frac{1}{2}$  da manhã chegamos a Elisabeth-Town: um considerável povo, onde há uma considerável igreja de presbiterianos; um mercado, pelo mesmo feitio que o de Filadélfia. Almoçamos, onde paguei  $\frac{1}{2}$  dólar ou 50 cêntimos, e mudamos de *stage*, que foi a mais asseada que encontramos; partimos daí 10 minutos depois das 9, e fomos a Newarch, que dista 6 milhas: uma mais considerável povoação depois dela; passamos um rio que tem uma grande ponte de madeira, tão larga que cabem 4 *stages* a par, deixando inda dos lados uns corredores, para os peões, que são cercados ou defendidos por balaústre. Esta ponte se abre no meio, com duas portas em forma de alçapão, que abrem para os lados para passarem os barcos, e se fecha depois para passarem por cima as *stages*. Pouco depois descemos para a margem do Hudson, que nos apresentou um prospecto magnífico: uma ilha, que tem uma herdade, ficava no meio do rio bem defronte

do caminho que a *stage* fazia; navios que subiam o rio; a terra de Long-Island que fica da outra parte, tudo fazia uma interessante vista. O caminho rodeou um pouco para a esquerda, e a vista que nos apresentou foi da cidade de New York, da outra parte do famoso rio Hudson; deste lugar em que nos achávamos até à margem do rio há uma terra alagadiça, e nós a cruzamos por cima de uma estrada formada de troncos de árvores atravessados e cobertos com a terra, que tiram dos lados, ficando o caminho rodeado ou acompanhado com uma espécie de fosso. Na margem do rio deixei a *stage*, embarcando-me em uma barca grande, onde paguei 9 cêntimos e passei para o outro lado, desembarcando em New York. Devo notar que mudamos tantas vezes de *stages*, os cocheiros (*drivers*) jamais nos pediram vinho ou outra coisa; os moços das estalagens serviam com decência, e nada desta insolência, atrevimento e pedincharia que tem os nossos arrieiros e moços de estalagens.

21 – New York é situada em uma península formada pelo rio Hudson (Nota à margem – É uma verdadeira ilha a que chamam York Island, porque é um regato que atravessa o rio Hudson para o *sound*, e que se passa em uma ponte em Kings Bridge – vid. dias 22 e 27 deste mês; dias 3, 9, 14, 17 e 22 de maio, 12 de junho e 5 de julho) e a costa do mar. Este cabo defendido pela parte do mar por uma grande ilha a que chamam Long-Island, e o canal, que fica entre esta ilha e a ponta de terra em que New York está situada, é mais estreito que o rio Hudson que banha New York pela parte de Oeste, e, por isso, melhor ancoradouro para as embarcações, sendo a parte da vila onde há os cais e estabelecimentos do comércio. Na extremidade da cidade, que fica voltada para o sul, e que está na ponta da língua da terra, há duas baterias ao longo da praia, que me pareceram tão inúteis como ridículas; inúteis, porque defendem a parte da cidade que fica voltada para fora e tem uma ilhota defronte chamada Governor's Island (Nota à margem – Esta ilhota tem uma pequena fortificação e um destacamento dos Estados Unidos. New York foi chamado New-Amsterdão, e a ilhota em que está Mamtam<sup>11</sup> e que por consequência serve de abrigo a qualquer esquadra que se ponha detrás desta pequena ilha, sem que a bateria lhe possa fazer algum dano; de mais, estando só nesta extremidade da cidade, nada

---

11 Manhatam.

proíbe que as embarcações façam uma volta encostando-se à terra firme, e, vindo assim sempre fora do alcance da artilharia, ataquem a cidade por todos os outros pontos onde não há nenhuma defesa; achei-a também ridícula, porque a bateria, ou parapeito, é construída de madeira, tábuas e vigas cruzadas umas sobre as outras; não pode manter-se o risco quando se vê uma fortificação deste gênero, que em alguns anos por si se desfaz, e que, com qualquer artilharia, se fazem achas para o fogo). À exceção desta porção, que as baterias ocupam, e que tem passeio pela parte de fora sobre o mar, uma espécie de lameda pela parte interior, toda a mais praia é ocupada por armazém e cais de particulares, bem como Filadélfia, o que tira toda a decoração da cidade, aliás, muito melhor situada que Filadélfia, pois que a vista da baía do Hudson é sumamente aprazível; entretanto, a do Delaware não vale nada nem se pode gozar, por ser a terra muito baixa. A arquitetura de New York é a mesma de Filadélfia, tendo algumas coisas mais vantajosas e algumas piores; há, por exemplo, em New York, muitos edifícios regulares, e com boas frentes, tal é a casa do Governo (*Gouvernement house*), a Estalagem da Cidade (*City Tavern*) e a Praça do Comércio (*Coffee House*), o banco, muitas igrejas, a prisão, etc. (Nota à margem – Há 3 prisões em New York: a dos devedores e a prisão da polícia, que estão quase juntas (vid. dia 27), e a prisão do Estado, que fica quase fora da cidade, em Greenwich Street, um edifício regular novo, tem dois anos, e que é um estabelecimento como o de Filadélfia.) Isto em Filadélfia não acontece porque aí não há um só edifício que apresente uma frente regular: o arrumamento de New York é indigno, as ruas são pela maior parte muito estreitas, todas com tortuosidades, e há tais que formam um perfeito semicírculo; os passeios, sendo estreitos, são sempre mais angustos pelos bancos que há nas portas, pelas escadas para se entrar para as casas e pelos alçapões das cavas ou subterrâneos, que são feitos com o mesmo mau método de Filadélfia. Aqui, há algumas, inda que muito poucas, casas cobertas de telha, sendo quase todas cobertas de pedacinhos de tábua imbricados como em Filadélfia, e muitas casas são todas de tábuas, o que as faz tão sujeitas aos incêndios que é raro arder uma só casa. Hoje, pegou fogo em uma casa junto à estalagem em que eu estava, e eu, vendo a proximidade do mal, peguei na minha mala às costas, e não parei com ela senão na outra extremidade da cidade, e depois que a deixei em uma casa de

pasto voltei para ver o fogo, que, ajudado do forte vento que fazia, tinha já consumido a estalagem em que eu morava, e devorou por fim todo o quarteirão em roda, que fica imediato à praia, e com muito custo se embarçou a que não atravessasse a rua, pois que as casas defronte ficaram todas tostadas. (Nota à margem – Com este mesmo fogo pegou fogo a torre de S. Paulo, que fica 200 braças distante, pelas faíscas que iam pelo ar.) As torres são todas de madeira. Há aqui um hospital que o Estado sustenta, e de que tenho a carta; tem até 60 doentes. Há uma casa dos pobres e o *City Dispensary*. Tem 3 bancos: *U. S. Bank*, *Barth Bank of N. Y.* incorporado em 91.950 mil de capital, divide 9 por cento; e o *Manatam Bank*, para as águas.) As providências para o fogo foram aparecerem algumas bombas muito boas; cada uma delas numeradas e acompanhadas por homens que traziam uns chapéus de sola com chapas, ou costuras, altas da mesma sola, para evitar as faíscas, ou outras coisas que lhe possam cair na cabeça; neste chapéu está escrito o número da sua bomba; e alguns trazem uma vara na mão, que é uma insígnia para denotar que estes são os diretores das bombas, e toda a mais gente lhe deve obedecer; assim, são eles quem determinam onde as bombas se devem pôr, e arrumam todo o povo, que chega, em duas alas, desde as bombas até ao lugar onde está a água, e esta gente, assim arrumada, vai passando, de mão em mão, os baldes, dos quais cheios passam por uma ala, e os vazios, que tornam da bomba, vão pela outra ala; outros destes homens, que tem o número no chapéu, trazem um saco às costas, também numerado, e estes entram nas casas e pedem aos donos o que há de mais precioso, como papéis, dinheiro, etc., e o vão depositar; para esta classe são escolhidos os homens de maior probidade da cidade, que, assim como os outros das bombas, são nomeados pela corporação governo da cidade e isentos de todos os encargos civis. É admirável a ordem que se guardou, apesar do alarido, que obrigava os diretores a falar pelas trombetas que cada um trazia.

22 – Os mercados em New York são muito mais pequenos, e conservados com a mesma ordem que os de Filadélfia, mas de menos ostentação.

23 – Hoje, mudei de alojamento para uma casa particular. Estive com um francês, Mr. Mourgece, que me perguntou a outro Mr. Olive; aquele, sendo um rapaz de França, me emprestou um livro inglês

onde vem transcrita toda a maçonaria, palavras, sinais, etc. Mr. Olive, que é um mercador, vive nos Estados Unidos há muitos anos, me disse que era do caráter americano a ambição e o amor ao dinheiro, assim como a desconfiança, pois que jamais um americano acreditaria a outro, senão supondo que ele algum interesse<sup>12</sup> no que lhe diz, que a dissimulação provinha de um princípio de educação, pois que os pais dizem aos filhos: “Não digas jamais o que tu pensas.” A noite estive com o vice-cônsul português cujo caráter e conversação não escrevo como escusado. O caráter especulativo dos americanos, que me foi tão gabado por Mr. Lownes, em Filadélfia, me foi hoje inteiramente negado, e me disseram que, pelo contrário, eles aqui vão às cegas para onde os outros vão. Disse-me o sobredito vice-cônsul que o tabaco do Brasil seria aqui bem estimado se não fosse o vir aqui tão caro depois de comprado em Lisboa.

25 – Hoje, sendo o dia em que o Presidente mandou jejuar pela sua proclamação, todas as obras pararam, e foi guardado como dia santo. Não houve gazeta.

26, 27 – Por ocasião do incêndio, que houve domingo, fizeram as gazetas uma observação, atestando que o modo de edificar nos Estados Unidos era uma causa de que quase todos os anos se queimasse alguma aldeia inteiramente; o que este ano aconteceu em... (vide *Aurora* no mês passado), porque, não havendo nas pequenas aldeias as providências necessárias, raras vezes se pode extinguir o incêndio.

A prisão dos devedores, aqui, está em uma excelente situação, e tem ao pé, a um lado, a prisão dos criminosos. (Nota à margem – Esta prisão – dos criminosos –, que antigamente era de todos os crimes, é hoje só para polícia, vadios, etc., e a prisão dos criminosos é em Greenwich Street, citado dia 21, numa nota.) Entre uma e outra, alguma coisa retirada para trás, está a casa dos pobres, que têm 23 janelas de frente: é um edifício de tijolo e cal muito regular, todo envidraçado, etc., e, ao que parece, bem aseado. Disseram-me que havia mil pessoas, oitocentos segundo alguns, nele, acho muito; custou 130 mil dólares, é bem tratado. A despesa de cada pobre por ano é de 150 dólares; a taxa anual dos po-

---

12 – tem.



bres monta 30 mil réis por ano. Há um lago, quase no centro da cidade de New York, tão profundo que o povo ignorante diz que ele não tem fundo; este lago tem comunicação com o rio, e se esgota para ele por uma pequena ribeira, que se passa com uma ponte. A pouca distância deste lago está um poço que é a única fonte (Nota à margem – Há outras bombas pela cidade, mas a dão muito má água; a água deste único poço anda a vender pelas ruas em pipas, e custa cada dois galões), de onde se bebe a água em New York e é uma questão se a fonte que há no tal poço comunica com este lago; querem alguns que não, e que a água que vem para o tal poço vem de um pequeno outeiro que lhe está em alguma distância. Dizem-me que a água deste lago nunca se corrompe, mas eu duvido dessa asserção, e o meu parecer seria entupir o lago, por ainda que seja tão profundo, como dizem, contudo é muito pequeno, e as ervas, que nascem pela margem, necessariamente hão de apodrecer e infectar a água, que ainda que se esgote para fora alguma coisa não é contudo corrente.

28 – Uma penteadura em casa de um cabeleireiro me custou  $\frac{1}{16}$  de dólar.

30 – Hoje se propuseram as eleições para os *Wardens* da Cidade e Senadores do Estado. Havia em vários cafés ou botequins homens com caixas para receber os votos, e cada cidadão, que tem o direito de votar, ia lançar o seu voto. Não havia nenhum aparato para esta recepção, principiando pela casa, e quatro pessoas estavam para receber os votos, escrever os nomes dos votantes, conhecer se eram qualificados, etc. Pessoas de ambos os partidos estão a solicitar e indagar às pessoas que votavam, diferentes panfletos impressos se espalhavam a deteriorar o carácter daquelas pessoas que eram propostas para a eleição, e estes, a seu turno, espalhavam outros a defenderem-se; as gazetas estavam cheias do mesmo, e toda a cidade estava em uma convulsão que parecia ameaçar uma guerra civil; e, com efeito, os dois partidos do governo, e popular, estão de tal modo enfurecidos que hoje à noite houve brigas e duelos por piques e ditos por causa da eleição. Várias pessoas de carácter são nomeadas para receberem os votos que o votante mete na caixa por um pequenino forâmen que tem; este forâmen é depois lacrado e a caixa enviada a uma associação de pessoas nomeadas para abrir os votos, que os



contam e publicam depois. Três dias devem estar as caixas expostas a receber votos (vide dia 2 de maio).

*Adições ao dia 1º de abril*

(a) – O primeiro código penal feito por Penn só infligia pena de morte ao assassino premeditado (a pena última devia ser aborrecida por uma sociedade ou religião que não admite a legitimidade de uma guerra, mesmo defensiva), e mesmo neste caso podia ser perdoada, ou comutada. Este código, porém, foi desaprovado em Inglaterra, e depois de muitos debates entre o Rei e o Governo ficaram as leis inglesas estabelecidas em todo o seu rigor, até à revolução da América.

(b) – O castigo deve ter por objeto a emenda do delinqüente, e deve ao mesmo tempo subministrar-lhe os meios. Este axioma de moral é a base da conduta das prisões. Os administradores ajuntam a este axioma político que a detenção de um condenado, sendo uma reparação feita à sociedade, não deve esta (enquanto é possível) ser gravada de mais com as despesas desta detenção. Donde resulta: 1º) que o regime desta prisão tem em vista conduzir os seus presos ao esquecimento dos seus antigos hábitos, e à reflexão sobre eles, para a emenda; 2º) que a injustiça, o arbítrio e despotismo são proscritos desta casa; porque eles revoltam e encham a alma de irritação e de amargura, longe de a dispor ao arrependimento; 3º) que os presos são constantemente empregados em trabalhos produtivos, para os fazer suprir os gastos da prisão, para não os deixar na inação, e para lhe preparar algum socorro para o tempo em que adquirirem a sua liberdade.

(c) – Os convictos condenados são de duas espécies: os que são condenados por crimes, que noutra tempo eram condenados à morte, e a sua sentença traz sempre a cláusula de *solytary confinement* por um certo espaço de tempo de sua detenção, à vontade do Juiz, mas que não pode ser mais da metade, nem menos da  $1\frac{1}{2}$  parte do tempo de condenação na prisão; e os que são condenados sem esta cláusula. O homem condenado à *solitary prison* está fechado em uma célula de 6 por 8 pés, e de 9 de elevação. Estas células são no primeiro e segundo andar de uma edifício separado do resto dos outros, aquecidas por uma fornalha que está no meio do corredor, que as precede. O preso fechado por duas

portas de grades de ferro recebe o benefício do calor da fornalha, sem poder alterar o fogo a que ele se não pode chegar. Esta câmara, já alumia-da pela luz, que lhe vem do corredor, o é inda mais diretamente por uma fresta que tem. Cada célula tem uma comum, e uma torneira em um cano d'água, de que o preso se serve quando quer. Estas células, assim como o resto da casa, são caiadas duas vezes ao ano. O preso, entregue aqui à sua reflexão e aos remorsos, não vê outro homem que o guarda, que lhe leva o comer uma vez por dia; que consta este comer de um pudim grosseiro feito de farinha de milho e melaço. Só depois de um certo tempo é que obtém permissão de ler, se ele pede, ou de trabalhar em objetos compatíveis com a sua estreita prisão; jamais, exceto por moléstia, sai, mesmo ao corredor, durante o tempo que a sentença lhe prescreveu. Os inspetores da prisão tem a liberdade de fixar a época desta prisão solitária, entanto que se cumpra todo o tempo determinado. Eles colocam uma grande parte logo que o preso chega, porque a porção mais rigorosa da sentença deve, por toda a justiça, seguir imediatamente à pronúnciação, e ser a mais próxima ao delito que for possível – porque a severidade desta reclusão seria mais horrível para ele se tivesse já gozado da liberdade dos outros presos; porque em o abandono total de todo o ente vivente ele entra em si mesmo, reflete sobre as suas culpas, e sente amargamente a pena; porque, enfim, a mudança absoluta de nutrição pela qualidade e pela espécie, renovando inteiramente o seu sangue, adoçando-o e refrescando-o, amolece a sua alma e a dispõe à doçura, que o guia ao arrependimento.

Há 4 portas-chaves, que são ao número de 4, para toda a casa; devem estar constantemente nos corredores, nos pátios, entre os presos.

(d) – Doze inspetores são encarregados da administração superior da prisão. A mudança de 6 tem lugar cada seis meses, e esta eleição se faz pelos mesmos inspetores. Esta eleição, tão freqüente, tem por objeto não fatigar por muito tempo os mesmos cidadãos, com os trabalhos possíveis que estas funções exigem, mas, se eles consentem, podem ser reeleitos.

(e) – Esta mulher era a viúva do carcereiro, que substituiu a seu marido morto em 1793 da febre amarela. O carcereiro e porta-chaves estão sem armas, sem cães; é-lhes, mesmo, proibido, trazer uma varinha ou clubata, porque, em um momento de impaciência, tocar com ela um

preso é desarranjar-se assim este sistema de calma e sossego que está estabelecido. O porta-chaves que se embebedasse, ou que tratasse um preso com dureza por duas vezes, perderia o seu lugar. Pelo contrário, os inspetores conversam com os presos, procuram conhecê-los, exortam-nos, consolam-nos, dão-lhe ânimo e reconciliam-nos com eles mesmos. Estas conversações não são freqüentes porque elas teriam menos efeitos.

(f) – A maior honra desta instituição recai sobre os *Quakers*, e principalmente sobre um *Caleb-Lownes*, que sendo um homem de instrução em química, botânica, matemática, medicina (inda que tudo muito superficialmente) é também instruído em jurisprudência, e tem executado o sistema de Becária e de Howard. É ele que tem animado os seus irmãos com a esperança da execução deste sistema; é a ele a quem se deve a mudança de regimento nas prisões; e é ele quem propôs substituir a doçura, a firmeza e a razão aos ferros e às pancadas; e que sofre com paciência ser tratado por um visionário sem se desanimar nas suas vistas que a sua perseverança leva adiante. É ele, com o seu crédito, que tem obtido da legislatura todas estas leis que são tão favoráveis ao seu sistema; é ele, enfim, que tem constantemente sido reeleito inspetor a cada eleição, e.... (ilegível).

É de notar que os Juízos se opuseram a este estabelecimento, à exceção do defunto William Bradford, que, como o mais moço deles, se pôde capacitar destas idéias modernas; era, então, Attorney general em Pensilvânia. As prisões estão debaixo da inspeção do Maior, e juízes que a devem visitar e dar conta à legislatura do seu Estado.

Os presos mesmo se opuseram quando se fez esta reforma em 1786. Dois presos, que, segundo as antigas leis, deviam sofrer pena de morte, e que pelas novas deviam ser condenados ao trabalho, escolheram antes ser sentenciados pela antiga legislação que submeter-se ao horror da prisão solitária, que eles inda não conheciam; eles eram levados a esta escolha pela esperança do perdão que então os podia pôr em perfeita liberdade. Um deles não se enganou na sua esperança, mas, o outro, sofreu a pena de morte. Todos os presos destinados a ficar na prisão, e que olhavam para os membros da sociedade *for alleviating*, etc., como benfeitores e amigos, enquanto os seus cuidados se limitavam a dar-lhe de comer e vestir; os supunham, depois, cruéis inimigos quando

viram que eles tratavam de estabelecer na prisão a ordem e o trabalho. Opuseram-se, primeiro, com todas as astúcias imagináveis e, depois, pela resistência decidida, opondo-se e recusando abertamente a trabalhar; tentando, no primeiro dia em que o trabalho começou, romper as prisões e fugir; 15, com efeito, escaparam. O mesmo carcereiro, mais interessado que ninguém em manter o antigo sistema da confusão e desordem, origem e apoio do seu despotismo na prisão, e mesmo das suas extorsões, disputava o crédito dos novos empreendedores; e os inspetores não puderam nem obter que ele fosse punido, porque os antigos prejuízos eram sempre em seu favor. É preciso nunca desanimar em grandes empresas!!! A firme determinação de vencer todos os obstáculos os tem vencido todos; não tem havido ainda outra tentativa de invasão.<sup>13</sup>

(g) – Antes deste estabelecimento, as despesas que o condado fazia com esta prisão montavam a 1.000 dólares; e devo aqui dizer que só a conta do serralheiro, que fazia e consertava os ferros, quando eles se usavam, montava a 200 dólares. Quando se pergunta aos inspetores: “Como é possível conter em sossego homens convencidos de crime, de uma má conduta continuada?” Respondem: “Assim como vós tendes em Londres, em Paris, em Lisboa, etc., leões mansos, ursos que dançam, etc., e assim como nós temos visto nas ruas de Filadélfia, passar tigres e panteras; se uma besta-fera se doma, um homem se domará melhor, com brandura e suavidade; nada de falsas teorias quando nós podemos responder com a prática.”

Maio

1 – Hoje, fui apresentado ao Dr. Mittchill, o professor de Química nesta Universidade, ou Colégio Columbiano, que me recebeu muito bem e me deu um panfleto sobre o estado de Medina, em New York; nada digo sobre este estabelecimento Colúmbia porque nos panfletos, que tenho, há uma conta exata disto.

É bem de notar que, nas eleições, a classe mais ínfima do povo, isto é, sapateiros, carreiros, etc., eram os democratas, e tudo aqui

---

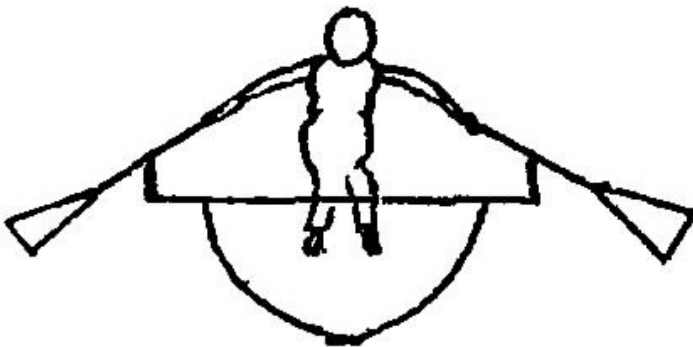
13 É evidente que deve ser evasão.

que eles chamam *gentleman* era do partido oposto, exceto poucos, que por interesses particulares são os chefes do partido democrata. Albany é a capital de New York.

2 – Quando um cidadão vota se escreve o seu nome em papel, e depois, quando se remetem os votos para se contar, se examina se o número de votos é exatamente igual ao número dos votantes.

3 – Fui, hoje, ao teatro e achei a casa cheia. O teto era pequenino, mas bem decorado, o teto da platéia e camarotes era justamente uma meia-laranja, ou o côncavo de um hemisfério. A construção da casa, arranjo de escada, etc., era tudo muito mau. Os atores, melhores que os de Filadélfia, e a orquestra bem arranjada, ainda que sem cravo ou forte piano. As ordens de camarotes eram sem colunas, que dividem uns dos outros, o que não é estimado aqui, mas eu achei muito lindo, porque faz cada ordem de camarotes uma espécie de varanda, toda ao redor, muito engraçada. Antes da peça, se representou um entremez, chamado a preparação para a esquadra, pequena coisa dedicada ao obséquio do Presidente. A cena era uma taverna: uns poucos de marinheiros juntos se embebedam; um, muito jogador, que tem perdido até a sua roupa, é convidado para esquadra, e ele aceita, depois que um oficial de mar lhe tem dado dinheiro para comprar roupa; no meio de bebedices fazem a saúde do Presidente e cantam, etc. Daqui se vê com quanta razão eu tomei por uma sátira ao Presidente esta pequena, antes que soubesse que tinha sido um obséquio dirigido pelos homens do seu mesmo partido.

4 – Esta manhã, observei no rio Hudson um bote de holandeses, que tinha uns bancos atravessados sobre a borda, e que saíam



muito fora do casco; na extremidade estavam os toletes dos remos na forma, à margem; suponho que a razão disto é para dar mais fora ao punho do remo e poder um homem só remar com dois remos.

Hoje, sofri uma grande desatenção na casa do café: indo a pegar em uma gazeta, que estava sobre a mesa, para ler, um americano (presumo-o federalista) lhe pôs a mão em cima com toda a arrogância para que eu a não puxasse. Perguntei-lhe, então, muito moderadamente se já tinha acabado de ler; e ele retorquia-me que não, com um ar sumamente insultante. Ele não estava lendo, nem leu mais porque estava a conversar com outros, e depois de um quarto d' hora se foi sem a ler; eu, então, peguei nela e comecei a ler. A pouco este, ele que volta, e eu por evitar alguma descortesia lhe ofereci se queria continuar, a que ele respondeu indecentemente que ele continuaria quando quisesse; depois disto sentou-se,<sup>14</sup> que me tomou a passagem ao sair do assento; e como eu lhe pedi polidamente licença para passar ele levantou uma perna e com a bota me sujou o colete. Eu não posso atribuir isto senão a que este homem me supôs francês, tal é o ódio que há aqui contra os franceses, e tal é o atual procedimento dos americanos.

9 – New York é fortificado por algumas baterias de madeira tais como a de que falei (dia 21 – abril). A capital deste Estado é Albany, por ser centro; lá reside o Governador do Estado e lá se ajunta o Senado e a Assembléia. O comércio no interior de Pensilvânia a New York fica mais cômodo, sendo feito pelos rios Susquehanna e Hudson, e, por consequência, Baltimore e New York serão os empórios, diminuindo-se, por isso, muito o comércio de Filadélfia. Fui procurar o Dr. Mittchill, e não o achei; ele tinha pendurado na porta uma pedra matemática onde escrevi o meu nome, é uma economia em um colégio galante.

É um generalíssimo costume em New York o mudarem-se todos no 1º de maio. Neste dia, foi tal a confusão pelas ruas que me pareceu estranho; os carreiros e acarretadores estão por um preço imenso, na rua não se encontra um só homem, uma só mulher, um só rapaz,

---

14 Falta a correlativa: de tal maneira.

sem que levasse algum traste; assento<sup>15</sup> que não ficou uma quarta parte da cidade sem se mudar.

Hoje, fui a Long-Island atravessando o rio em um barco de passagem. A economia destes barcos é esta: pertencem estas barcas à corporação da cidade que os traz por contrato arrendados, e é esta uma renda da corporação da cidade, que é uma assembléia bem análoga às nossas Câmaras; estes botes são obrigados a partir assim que chega o outro da outra parte, irremediavelmente, e só podem esperar 15 minutos depois. Na outra parte está uma pequena aldeia chamada Brooklyn, onde há as *stages* que vão para Jamaica e outras povoações da ilha, que é quase toda povoada por holandeses. Aqui, há um excelente lugar para construir navios, e se estava fazendo uma fragata, por conta dos negociantes, para venderem ao Estado; ela se há de chamar *United States Ship Adams*, em honra do Presidente cuja figura tem na proa! Desta ilha vem principalmente o leite que se vende em New York, e como ela é muito abundante na primavera em *Wild onions*, ou cebola selvagem, daqui vem que o leite em New York na primavera tem um gosto a cebola intolerável. Nesta ilha, há imensidade de macieiras e há principalmente um lugar ou quinta onde elas estão bem arrumadas e compostas, o que faz um excelente passeio de sombra. Daqui tem New York uma vista admirável e a terra toda me pareceu assaz forte e fértil. Ao pé da fragata havia um



engenho de serrar madeira para a obra, com a água da maré, que me pareceu tão simples como vantajosa, e observei melhor as serras, de que já tinha visto fazer uso em New York, que são serras braçais, mas sem armas, e só com um cabo de ferro onde há uma travessa de ferro para lhe pegar, e, embaixo, uma espécie de tenaz por onde pega o que serra de baixo (vide margem); mas não me pareceu boa esta peça inferior, e seria mais simples ter a serra um forâmen na parte inferior, uma cavilha e, nesta, segurar o serrador de baixo.

Uma observação me foi feita sobre o método de limpar as terras de matas; eles, aqui no interior da campanha, destroem as árvores sem exceção de qualidade de ma-

---

15 Penso, afirmo.

deira, deixam os troncos apodrecer e não arrancam as raízes enquanto verdes, porque, dizem eles, estragariam as terras, e depois de 6 ou 8 anos, quando estes troncos estão podres ou secos, se podem arrancar sem se estragar a terra, e se queimam, etc.; porém, a vasta quantidade de matos que tem queimado para fazer potassa e perlassa é tal que primeiramente tem diminuído considerável quantidade de úteis madeiras, e depois tem feito secar rios; porque, como muitos rios são supridos com água nos pântanos, e pequenas fontes que há pelos matos, estes matos destruídos dão lugar a que o calor do sol seque a superfície da terra e diminua as origens dos rios. Asseveram-me que muitos rios do interior da campanha, que vão desaguar ao lago Ontário e aos rios Hudson e Susquehanna, que eram capazes de admitir navegação de barcos de 100 tonéis, não<sup>16</sup> hoje mais que 2 ou 3 pés d'água.

13 – Em uma carta do doutor Mittchill (*Medical Repository*. Vol. 1º, p. 186) achei que<sup>17</sup> o povo de Schokarie, que é um condado no Estado de New York onde se faz muito açúcar e melão do *maple tree*, ou *acer saccharinum*, e é muito usado pelo povo, a diabetes é uma moléstia muito freqüente; a cura é tomarem água de lime, ou gipsum, greda.

Os costumes em Filadélfia são *inglo-quakers* (sic.), mas em New York, holando-rústicos, por exemplo: em Filadélfia tomam o chá de noite, em New York, de tarde, ou antes de anoitecer, o que é um costume holandês. Em Filadélfia, o povo é pouco sociável, o que é derivado dos Quakers, em New York muito mais sociável, ainda que não tanto hospitaleiro.

A corrupção dos nomes das pessoas é um costume americano que suponho derivado dos ingleses.

14 – Na Igreja de São Paulo, de New York, está o túmulo do General Richard Montgomery que foi morto na batalha de Quebec, na guerra da independência, e a inscrição declara que o monumento foi mandado erigir por ordem do Congresso, em honra deste valoroso capitão, etc. Defronte da casa do Governador, que é um edifício feito

---

16 – tem.

17 – entre.



para as sessões do Congresso, no tempo em que ele se juntava em New York, há um cercado de grades de ferro de figura oval, que serve de jardim; no centro, está um pilar de pedra sobre o qual esteve uma estátua do rei de Inglaterra, que foi destruída na guerra. Um antigo oficial inglês me disse que os americanos foram os que pegaram fogo a esta cidade de New York, com a intenção de fazer afugentar daqui os soldados ingleses; estes, então, tão enfurecidos por ver que os americanos lhe lançavam o fogo às casas, e que eles ficavam sem aquartelamentos, que quando encontravam algum na rua, com combustíveis, enxofre, etc., que levavam<sup>18</sup> incendiar os lançavam ao fogo, e deste modo queimaram 20 ou 30 americanos. O plano para incendiar a cidade foi pegar fogo às torres das igrejas, que como são de madeira, e os tetos das casas também, foi fácil incendiar toda a cidade, o que se executaria completamente se não fossem os grandes trabalhos dos soldados ingleses em apagar o fogo.

Observei um cavalo em um carro, com uma figura célebre: as mãos e pés muito curtos em proporção do corpo, o pescoço demasiadamente largo ainda que bonito, a anca bem redonda, e me pareceu que devia ser infinitamente forte; disseram-me que esta casta de cavalos vinha do Canadá.

15 – Em um dos papéis de novidades desta cidade, achei que Mr. H. G. tinha escrito uma carta à Sociedade Filosófica da América, em Filadélfia, datada de 22 de junho de 1795, em que ele dava parte do método de conservar as árvores frutíferas doentes, que é o seguinte, já experimentado e achado útil e bem sucedido: os talos ou rebentos (*stems*) e raízes das árvores circunvizinhas foram despojados da terra que os cobria e então examinei uma grande quantidade de buracos da grandeza de... (*gimblet*) ordinários; metendo-lhe uma cata deitaram fora alguns bichos cabeludos de cor esbranquiçada, exceto a cabeça, que era pardacenta, com focinho agudo, perto de uma polegada de comprimento e que tinha um movimento de revolução (*boring motion*). O método para os destruir: mergulhei em óleo de baleia ou azeite de peixe folhas de pergamãos (*Arctium lapa*), comprimindo-as para as fazer ensopar bem, e depois envolvi com a parte afetada, e cobri com a terra que tinha tirado. Um galão e meio me preservou vinte árvores. Os eflúvios do óleo deviam

---

18 – para.

matá-los bem depressa; mas, como as propriedades da natureza nos são muitas vezes descobertas por acasos sem a nossa indústria, será próprio observar aqui que havia três árvores debaixo das quais havia colmeias com abelhas, que pela minha experiência soube que era de um nascimento ou idade recentes; achei que tinha sido afetado pelo vapor do óleo. A razão pode ser que como estes vermes são muito porosos o ar entrando nos buracos os mata, pelo que sou de opinião que, se descobrirem as árvores na raiz, como disse que fiz, acima, na primavera, e cobrirem outra vez antes do inverno, isto pode corresponder ao efeito desejado, como tirar os fungos ou gomos do corpo da árvore debaixo das quais os vermes se geram. Observando um montão ou embrulho, do tamanho de um ovo de galinha, perto da terra 18 polegadas, parti-o e achei nele dois tubos<sup>19</sup> perto de uma polegada que acabavam na mesma ponta, e que pareceu originarem-se na casca mais interior da árvore e gomo; estes tubos estavam quase cheios de vermes, perto de 8, de uma polegada de lonjura, vivos, espertos, e as cabeças com o movimento circular; eles se dissolveram todos no ar. Cortando a árvore um pouco mais, achei a mãe e lhe pus uma gota de óleo na cabeça, enrodilhou-se e morreu instantaneamente.

Visto que estou tratando esta matéria, me será perdoável continuar as minhas observações um pouco adiante. Há alguns anos a esta parte que todos se queixam de que os pessegueiros morrem muito depressa: será talvez a razão porque antigamente eles eram plantados no campo onde o chão não tinha esterco, e agora se plantam nos jardins onde há uma grande quantidade de esterco, em que se geram estes vermes; porque eu me lembro de um grande pessegal em o condado de Bergen, neste Estado que foi plantado nisto que se chama outeiros de ares (*Sana hills*), e sou de opinião que este pessegal é do ano de 1738, quando eu o conheci em 1776 sobre este outeiro, e penso que ainda existe. O chão era tão solto que nos ventos fortes os redemoinhos faziam buracos perto do pessegal tão grandes que descobriam as sepulturas dos naturais. Sendo rapaz costumava ir apanhar pedrinhas, cascos d'índios, arpões dos mesmos, etc., que o vento descobria. Agora se pode acertar com experiências pouco dispendiosas, se conjeturo bem em supor que a

---

19 – do comprimento.

terra areenta é melhor para esta qualidade de ervas, etc. New Jersey, 10 maio de 1799.

17 – Há em New York casas antigas feitas pelos holandeses que são sem telhados para frente, e só tem telhado para os lados, de modo que na frente é uma parede com degraus pelos lados, que acabam em ponta aguda. As ruas de New York são muito tortas, e nunca paralelas, de modo que se toma uma rua em lugar de outra para se ir ao mesmo fim, supondo-se que são paralelas; como são divergentes, a poucos passos se está em uma diferença infinita.

Há dois anos, em Jersey, venderam-se os bilhetes para uma loteria do Estado, e quando o dinheiro estava junto o Governador gastou o dinheiro e nunca mais se tirou a loteria; este homem quebrou e, por consequência, não se lhe pôde mais haver o dinheiro.

19 – Fui ao Dr. Mittchill onde me encontrei com o Dr. .... um médico inglês que esteve no Rio de Janeiro, e me disse que o cacto que aí observou é o *opuntia coxinilliger*, que há três ou quatro espécies diferentes, que foi trazida para uma das ilhas do México a planta, mas que o inseto se não dava bem nela, que ele conduzira o inseto com a planta, mas que morreu com o frio. Este médico, suponho que andou em alguma frota inglesa, e parte amanhã para Inglaterra; falou-me, também, da nova cana do Otahito, e com grande vantagem, e disse-me que ela era universalmente cultivada agora, mas que ele supunha não ter sido importada de Otahito, mas sim das Maurícias.

22 – População comparativa da cidade de New York:

anos	n. de famílias	dando 6 a cada família
1790	3.552	21,312
1791	4.752	28,512
1792	5.616	33,696
1793	6.410	38,880
1794	7.538	45,228
1795	8.712	52,272

Os seguros contra o fogo na cidade de New York feitos pela companhia *Mutual Assurance* são pela escala seguinte:

Pr. Dep. Total

1ª classe:

Se o edifício for de tijolo ou pedra com as paredes dos lados de 12 polegadas acima do teto, coberto de telha, *schuli*, cobre ou outro material segurado do fogo, o prêmio e depósito de cada 100\$ por 7 anos . . . . . 3.5 12.5 15.5

2ª classe:

Edifícios sem as paredes dos lados, como se disse acima . . . . . 4.5 16.5 20.5

3ª classe:

Se for coberta parte de telha parte de tábua . . . . . 5.5 20.5 25.5

4ª classe:

Todo coberto de tábuas ou ripas. . . . . 7.5 28.5 35.5

5ª classe:

Frentes de tijolo ou pedra e lados de frama . . . . . 10.5 40.5 50.5

6ª classe:

Todos de frama cheia de tijolo. . . . . 11.5 44.5 55.5

7ª classe:

Todos de madeira . . . . . 13.5 52.5 65.5

Todo o que segura é um membro e pode ser eleito diretor.

Processo para manufaturar a seiva da árvore açucareira:

*Tempo de espichar.* Por algumas experiências feitas no mês de fevereiro se saberá brevemente quando esta preciosa árvore deve ser durada para se lhe extrair o suco, porque, por este mês, pouco mais ou

menos, segundo a estação, é que começa geralmente a produzir quantidade suficiente de seiva.

*Modo de espichar:* Quatrocentas árvores, cada uma furada com um ou dois buracos tão próximos quanto puder ser, ao lado do sul, e com dois buracos pela parte do norte, no princípio da estação, com uma berruma da grossura de 2 ou 3 quartos de polegada, conforme a grossura da árvore. No meio da estação, um igual número de árvores deve ser furado do mesmo modo. Eis aqui o mais recomendado método, para o maneiio de 4 mãos, que é melhor que se todo o número de 800 árvores fosse espichado ao mesmo tempo: o suco da segunda parcela furada se achará ser mais rico, e mais produtivo, do que o da parte extraída mais cedo. A berruma não deve profundar mais de  $\frac{3}{4}$  de polegada, mas os forâmens se podem ir profundando até  $2\frac{1}{2}$  polegadas segundo o pedir a quantidade de suco que for saindo. O buraco deve ser feito inclinado para baixo, para que a seiva possa correr livremente sem se condensar no orifício do buraco; na extremidade do buraco se fixará um canudo ou biqueira de 8 ou 12 polegadas de comprimento, mas que não deve penetrar a árvore mais que  $\frac{1}{2}$  polegada, porque quanto mais penetram mais impedem que o suco saia.

*Conserva da seiva ou suco:* É observado que, no princípio da estação, a seiva se pode guardar dois ou três dias sem injúria, mas que<sup>20</sup> a primavera se vai avançando, e o frio é menos intenso, é necessário ferver a seiva no dia<sup>21</sup> depois de extraído, do contrário fermenta e azeda.

*Cal:* Em cada panela de meio barril ou quinze galões se deve lançar uma colher de cal morta ou embranquecida, enquanto o suco está fervendo, o que promove a espuma e facilita a granular-se o açúcar.

*Fervura:* Um fogo violento se deve conservar enquanto se ferver a seiva, e se evapora a parte aquosa, e se escumará cuidadosamente; quando o líquido está reduzido a uma metade da sua quantidade, se despeja a 2ª panela do fim, para a do fim, e quando o suco contido em três ou quatro se pode acomodar em uma panela, se acomodará todo na panela do fim da fornalha, enchendo-se sem demora as panelas que vão ficando vazias com novo suco. Como o licor, que se tem junto na última panela, está quase um xarope, se deve coar por um cobertor ou pano de

---

20 – quando (M. B.).

21 – seguinte.

lã, e se atenderá muito a que não ferva demasiado, e fique incapaz de se coar. Limpo, assim, das impurezas, se lançará em baldes por doze horas ou mais, para que as partículas de cal e outras impurezas, que restam, possam sentar no fundo; depois deste tempo, se passará com cuidado para uma panela ou caldeira, de modo que se não embarquem os sedimentos que estiverem no fundo. Este sedimento, porém, se não deve perder, porque ele contém grande porção do xarope ou suco impissado; assim se deitará no vaso uma porção de novo suco, e se mexerá deixando-se depois sentar a imundície; por um pouco se vazará a calda. Deve notar-se que, quando a seiva é fraca, o que geralmente acontece no fim da estação, requer ser mais fervida e uma maior prova do que quando é ajuntado cedo, e é de maior fortaleza.

N. B.: Este método, assim descrito, foi o que seguiu no ano 94 e seguintes, e parece ser o melhor; contudo, um judicioso açucarador assenta<sup>22</sup> que o xarope se não deve deixar assentar as 24 horas, depois que se tira da caldeira; na sua opinião, quanto mais depressa se acabe o processo depois de começado, tanto melhor. Como a razão de o ter estas 24 horas em repouso é para dar tempo a que as partículas de cal e outros sedimentos se ajuntem no fundo de vasilha, ele propõe que a cal seja misturada com uma porção de suco fresco, na tarde, e seja bem remexido; as grandes partículas de cal provavelmente estarão inda intactas antes da manhã seguinte e o suco, ou seiva, assim impregnado, se pode, na manhã seguinte, misturar em porções proporcionadas nas diversas caldeiras, observando, contudo, que neste modo se necessita mais cal, pois que a água fria lhe extrai menos do que a quente.

*Granulação:* O xarope tendo estado 12 horas ou mais de descanso, e sendo depois deitado na caldeira, como se disse, se colocará a caldeira em fogo de carvão, ou em fogo de lenha, mas em fornalha tão bem tapada que a lavareda não possa subir às bordas da caldeira, porque do contrário queimaria o xarope. Esta operação deve ser feita com fogo violento e uniforme, e é útil para isso usar de gorduras como manteiga, toucinho, etc. Se, no decurso da fervura, o suco começa a subir e a querer transbordar, se lhe lançará uma pequena porção de gordura igual à grandeza de uma noz, o que o fará abater. Deve ter-se um cuidado parti-

---

22 Afirma.

cular em prevenir que o xarope se levante quando ele está granulando, e por isso muitas vezes requer grande porção de manteiga, etc. Tem-se achado que a evaporação é muito mais expedita, e se crê que a quantidade de açúcar feita é maior, quando se tem grande cuidado em prevenir que o xarope se levante quando se está fervendo para granular, por meio das porções de gordura, como disse acima. Para julgar quando o xarope está suficientemente fervido, se tirará com rapidez o pau de mexer, o qual deve constantemente estar na caldeira, e se tirará com o dedo uma porção de xarope do pau; se ele faz fios está então pronto. Deita-se logo o pau a mexer até que os grãos de açúcar se sintam entre os dedos, e esta nova mexedura deve ser feita depois de deitar o açúcar ou calda em outra vasilha fria. Este açúcar se refinará depois pelo método usado para o outro.

30 – Sobre a agricultura há um excelente artigo no *Medical Repository*. Vol. 2º, n. 3, p. 342.

Junho

4 – Segundo Tucker, se o preço das terras em qualquer é alto o preço do dinheiro é vice-versa; mas, nos Estados Unidos, uma e outra coisa é caro; mas é porque os bancos dão mais dinheiro imaginário, fazem os particulares empreendedores além das suas posses reais; eis aqui porque há tantas rotas e quebras. (Nota à margem – O juro ordinário é 2 por 100 no mês, não é raro 3, e algumas vezes mais. As gazetas de tantos de julho se queixavam que os usurários estragavam o comércio e arruinavam os negociantes levando continuamente o juro de 5 por cento cada mês.) Uma prova da pobreza das famílias nos Estados Unidos, apesar do grande luxo externo, é a grande quantidade de *boardings* e *lodgings* que há em New York; quase todas as casas admitem gente para morar e comer por uma certa paga; ora, isto não aconteceria se eles tivessem dinheiro; além de que, muito, e talvez a maior parte dos *borders* ou pessoas que vivem nestas casas estranhas são naturais de New York, ora, muito poucos trastes e bem<sup>23</sup> têm eles, quando se sujeitam a viver em um quarto só. Comigo moram dois, que se tratam cavalheiramente, e um deles é negociante, e os seus bens ou trastes se encerram em uma caixa qualquer que

---

23 Bens.

eles sejam. Outra prova da pobreza do país é a falta de decorações nos edifícios; jamais se vê uma casa (mesmo pública) com suntuosas colunas, pórticos majestosos, e outras superfluidades que se encontram na Europa. Outra prova é que as compras, as pagas das rendas, etc., no interior, se fazem com efeitos; outra, vão muitas vezes navios a Lisboa buscar dólares para vir à Índia e China, ora não fariam uma tal volta, se achassem aqui dinheiro. Hoje, esteve comigo o Dr. Mittchill, e lhe perguntei algumas questões a que ele satisfez muito mal; entre outras coisas, o que pude tirar dele foi que a cultura do ruibarbo era desusada nos Estados Unidos, e que produzia, porém, muito bem, e que resistia aos grandes frios do inverno, sem outra cultura que lançar a semente a uma terra lavrada. Ele o tem no seu jardim, na herdade que tem em Long-Island, mas todo o que se usa nos Estados Unidos é importado da Rússia, etc. Quanto às minas de prata de Philipsbourg – este nome é desconhecido nos mapas da América porque tal *bourg* não existe –, um habitante chamado Philip deu este nome à sua herdade, e aí se tentou abrir uma mina mas nunca se chegou a conseguir obter coisa alguma, bem como tem acontecido em muitas outras ocasiões em diversas partes dos Estados Unidos. O acima, sítio, é algumas poucas milhas distante de New York perto de Kingsbridges Ginsen. Disse-me que esta planta se exportou em grande quantidade para a China, noutro tempo, mas que esta exportação está quase reduzida a nada, porque iniciaram de modo e a mercancia que abateu repentinamente em preço, e fez decair este ramo do comércio; tais falsificações se usaram muito na exportação da potassa, perlassa e farinha, e hoje são sujeitas a uma inspeção pública antes de embarcar. Os chinas usavam raiz talvez do mesmo modo que nós usamos o seu chá. Sobre o *inssinglass* disse que supunha ser feito do peixe chamado *Accipenser Lin.*, mas que não sabia houvesse fabricos disto, e muito menos que houvesse grandes exportações. Disse-me que uma grande manufatura de breu, etc., em Jersey, no Condado de Cap. May. Disse-me que a *Tilandea Usnea* supunha ser a que chamam *Indian bemp*. A respeito do algodão diz que um dinamarquês, que foi Governador em S. Croix, foi mandado pelo governo explorar as West Indies para ver se sabia algumas coisas sobre algodão, e achou muitas espécies e variedades. A conta que ele deu ao Governo está impressa, e o título é Van Rohr (o nome) *Geschigte von die Catton-benem*.



12 – A outra prova da pobreza desta terra é que as rendas são pagas quase todas em frutos, principalmente no interior deste Estado. New York é onde se fez o primeiro Congresso em 1789; está 45 distante do mar, e o porto é aberto todo o ano, o que o faz mais vantajoso que Filadélfia. Os suicídios são muito comuns na América; e outro dia um matou a mulher, e a si mesmo; não é único nem raro, aqui, este fenômeno.

A *Aurora*, de 4 deste mês, para provar que os membros do Congresso no Partido Federal não entendem nada de cálculo ou finanças, traz o seguinte estudo das despesas e rendimentos:

	Dólares
Receita no ano de 1799. . . . .	10.000.000
Despesa no mesmo. . . . .	12.750.000
Déficit em 99. . . . .	2.750.000
O novo <i>loan</i> ou empréstimo. . . . .	5.000.000
<i>Déficit</i> total em 99 . . . . .	7.750.000
Dividendo em 800. . . . .	2.600.000
Dividendo em 801. . . . .	5.450.000
Dividendo em 802. . . . .	<u>6.750.000</u>
Soma . . . . .	22.550.000
Dívida da Holanda, paga. . . . .	2.300.000
Aumento da dívida nacional em 4 anos (Vid.13 de julho) . . . . .	20.250.000

## Julho

1 – Toda esta lacuna no meu diário é cheia por dias bem desagradáveis, pois que, não tendo observações que fazer aqui, devia partir, e não posso. Depois da destruição do comércio dos holandeses, nesta guerra, os americanos taxaram de suprir a Europa com o azeite de baleia e se tem empregado muito nesta pesca, que a fazem na costa do Brasil. É de Nantuket – esta povoação está em uma ilha que pertence ao Estado de Massachusetts – , principalmente, que estes navios se mandam, pois que o povo daquele lugar é muito dado às pescas. Os negros forros, aqui em New York, fazem algumas vezes assembléias com tanto luxo que a negra que vai a pé por não ter carruagem é mal olhada.

Os *issinglass* não se fabricam na América, ou ao menos é muito pouco; faz-se do *buso*<sup>24</sup> ou *Issinglass fish* raras vezes para menos que 50 toneladas e muitas vezes mais de 100; a sua carne é glutinosa. O modo de o fazer é: tiram-lhe a *pele*,<sup>25</sup> as entranhas, as barbatanas e o rabo, e cortam isto em pequenos bocados; maceram-se depois em uma suficiente quantidade de água quente, e se fervem depois a fogo brando, até que se dissolvam e se reduzam a consistência de geléia. Esta geléia se espalha sobre tabuleiros, e, quando esta seca, toma a configuração de pergaminho, então se corta em porções que se enrolam e se exportam. Servem-se também de outro peixe que é o *sun-fish*, e provavelmente lhe misturam todos os peixes cartilagosos da água doce: aparecem nos rios da América<sup>26</sup> em maio, junho, julho. É uma espécie de *sturgeon*, que me lembra ver no Rio Grande a que chamam *boto*.<sup>27</sup> Esta manufatura está desanimada na América (assim como muitas outras) pela carestia da mão-de-obra, que faz com que os russos possam fornecer este artigo muito mais barato que os americanos, por consequência, não lhe faz conta o fabrico.

3 – As leis de New York sobre a abolição da escravatura se podem reduzir aos seguintes artigos: 1º – A importação foi proibida desde o ano de 1785, por um ato da legislatura passada, em 1788 (N. B. – Que esta lei teve uns efeitos retrógrados, que é contra a Constituição dos Estados Unidos); 2º – Foi proibida a exportação para se venderem os escravos; 3º – Deu-se a liberdade aos senhores para manumitirem-no por algum ato *inter vivos, e causa mortis*, contanto que o escravo tenha menos de 50 anos; 4º – Que, se o escravo tiver mais de 50 anos, o senhor deve caucionar para o seu sustento, e isto para que o escravo não seja reduzido à mendicidade, quando não puder ganhar a sua vida; 5º – Não segundo os anos, as formalidades estabelecidas para provar a idade, etc., o escravo fica livre e o senhor obrigado a sustentá-lo.

---

24 É uma espécie de *sturgeon* que abunda muito no Rio de New York. Os índios chamam ao mês, Agos *Sturgeon Moon*, porque nele pescam muito este peixe. Aparece em grande quantidade no Delaware e Sckuylkill, de 15 de abril adiante, e Barton lhe chama o *Accipenser Sturio*. É saborosíssimo. (H.)

25 A vesícula aérea é a parte mais glutinosa. (H.)

26 Principalmente no Lago superior. (H.)

27 Certamente não é o boto, mas parece-me que o boto servirá para o mesmo propósito. (H.)

É notável que o negro forro está habilitado cidadão, e se tem as outras qualidades requeridas pela lei (como a residência, certa propriedade, etc.) pode votar nas eleições e ser também eleito. Na eleição passada alguns negros foram votar.

4 – No *Medical Repository* de New York, vol. 2, p. 342, se assevera que a cultura da branca (*parsnip*) é muito usada em Gnersney e Jersey, para mantimento dos animais, e é sumamente nutriente pela grande porção de substância sacarina que contém; item, que os nabos é a melhor coltura para depois do linho, o *cânamo* (cânhamo) e outras plantas.

Hoje se celebrou aqui o aniversário da Declaração da Independência da América, e Declaração dos Direitos do Homem, o que se costuma fazer todos os anos. Juntaram-se todas as milícias da cidade, em uma rua (porque aqui não há praças), e um corpo de artilharia de milícia em um lugar chamado a *Bateria*, as diferentes frondescentes sociedades particulares que aqui há, isto é, a Sociedade Democrática, a Sociedade dos mecânicos (*coperssociety*), a Sociedade Ordem Colúmbia, a Sociedade dos Carreiros, etc., e quando estas sociedades chegaram à *Bateria* salvou a artilharia, e depois se formaram em ordem de procissão, deste modo: 1º, as companhias de uniforme; 2º, os estandartes americanos; 3º, o coro de música; 4º, o orador e o que tinha de ler a Declaração da Independência; 5º, os oficiais que têm patentes (*comissioned officers*); 6º, os moços cidadãos em duas filas. Procederam deste modo para uma igreja onde se leram do púlpito as orações depois do que repiquaram todos os sinos, e a procissão se recolheu à *Bateria* onde houve segunda salva. À noite se decoraram três jardins que há (que, inda que particulares, estão abertos ao público por uma certa paga), iluminando-se, com bandas de música, etc. Noto: 1º, que as milícias estavam muito bem-vestidas, os uniformes ricos, mas demasiados finos e ornamentados, de modo que me pareceram mais soldados para o teatro que para a campanha. Quanto aos oficiais, é a maior miséria imaginável, porque, principiando pelo sistema das milícias, elas estão divididas em companhias soltas, que não formam regimento, nem têm o mesmo uniforme, o que deve causar uma grande confusão na distribuição das ordens. Estas companhias se ajuntaram todas debaixo das ordens de um oficial general, e este oficial dividiu as companhias todas em dois corpos, e pôs-lhe uma

bandeira em cada corpo, que constava de quatro companhias, mandou-as perfilar em linha de batalha, mas em duas fileiras somente; a artilharia ficou a um lado, depois alguma infantaria e depois a cavalaria e, ultimamente, o resto da infantaria; em uma palavra: não sabiam nada da etiqueta militar, e o que mais me admirou foi ver muitos oficiais que tinham servido na guerra da América pois que tinham a *Ordem do Cincinnatus*, tais eram: o Coronel Giles, que servia de Capitão de uma companhia de Cavalaria, o Coronel Norton, o Coronel Hamilton, etc. (Nota à margem – Não é, portanto, de admirar, que na batalha de *Brandy Wine*, na Jersey em 77, o General Sullivan não pudesse conseguir formar a sua brigada em linha de batalha, ao pé de Birmingham Church, o que lhe daria grande vantagem, e que por isso os ingleses se apoderassem da colina, o que, segundo Metellux, lhe deu a vitória sobre os americanos nesta ação.) Noto: 2º, que as corporações públicas não apareceram, não o corpo de justiça, não o Maior da cidade, não os oficiais do Governo. Noto: 3º, que todas as milícias eram do partido federalista.

5 – New York tem um pequeno hospital construído no tempo dos ingleses, que foi feito por subscrições particulares, mas incorporado por carta passada pelo conde Dunnore, em 13 de julho de 1771, então Governador e Capitão-General de New York, em nome del-Rei de Inglaterra. O edifício é de pedra e cal, pequeno, mas bem arranjado, e o hospital é administrado por uma corporação de Governadores que nomeiam tesoureiro, secretário, etc., e um *committee*, semanário, para cuidar efetivamente da economia do hospital, recepção e despedida do doente, etc.

6 – Os conhecimentos e instituições médicas desta cidade não estão muito avançados, e se pode ver uma exata conta da Faculdade de Medicina na Universidade no *pamphlet* que tenho, intitulado: *The present state of medical learning tu the city of New York, 1797*, onde se verá as relações entre a Faculdade de Medicina e o hospital da Cidade.

11 – Há, em Filadélfia, uma sociedade que tem a seu cargo cuidar das viúvas e filhas dos marinheiros, capitães de navios. Esta sociedade foi instituída e é conservada por particulares, e seus fundos atuais são os seguintes:

	Dólares	
Soma das obrigações dos particulares. . . . .	1720	
Nos fundos, de 6 por cento, dos E. U. . . . .	4635	91/100
Nos dividendos de 3 por d <sup>o</sup> do d <sup>o</sup> . . . . .	1649	67/100
Nos dividendos <i>différed.</i> . . . . .	1767	87/100
5 <i>shares</i> no banco do North América . . . . .		
6 d <sup>as</sup> no banco de Pensilvânia. . . . .		
4 d <sup>as</sup> no banco dos E. U . . . . .		
4 d <sup>as</sup> na companhia dos caminhos públicos de Pensilvânia. Em New York há uma sociedade semelhante, bem como em quase todos os portos de mar.		

12 – Tem os americanos, em New York, propensão para a música; em quase todas as casas há um piano, mas vê-se bem que são inda muito noviços na arte, e uso sempre do mau gosto inglês.

Há em Long Island uma planície de 14 ou 15 milhas de extensão onde não há uma só árvore natural, o que é admirável, pois todo o resto da ilha foi coberto com matos, e inda hoje conserva muitas das primitivas árvores. (Vid. dia 29.) É muito digno de observar-se que algumas companhias de comércio, e mesmo alguns homens ricos, compraram aos Estados Unidos imensas terras no interior da campanha, fazendo negócio em as revender, para o que tinham agentes na Europa que as ofereciam às pessoas que queriam emigrar, porém, é tal a má-fé a este respeito que todos os dias falo com estrangeiros, principalmente francezes, que tendo comprado algumas terras com as maiores seguranças possíveis, quando vieram à América se acharam sem elas, porque estavam vendidas a outrem; e é difficilimo, mesmo aqui na América, comprar uma propriedade que esteja desembaraçada de dúvidas.

13 – As despesas desta Nação têm aumentado muito depois que intentaram o estabelecimento de uma esquadra, e exército permanente; e os cálculos do Congresso são tão miseráveis que as taxas, que estabeleceram, não chegam para as despesas. (Vide dia 12 de junho.) Isto tem dado motivo a uma divisão de opiniões aqui sobre se é bom o (*sic*) não estabelecimento da esquadra; o que é um dos motivos das dissensões políticas do país.

14 – Indubitavelmente, o comércio dos Estados Unidos é demasiado, não sendo por nenhum modo proporcionado a agricultura e

produção do país. A razão é porque os Estados Unidos fazem o comércio das West Índias quase todo, e o resultado é que eles têm desprezado a agricultura, e empregado-se de tal modo ao comércio que é a paixão dominante a especulação, é o espírito público; o dinheiro é a única virtude que ambicionam.

15 – Aqui há um uso geral (com algumas exceções) de se não darem dotes, o que contribui muito para a igualdade das fortunas, visto que os bens paternos se devem dividir, segundo a lei, pelos filhos todos igualmente. A limpeza sem riqueza, nos vestidos das mulheres, é o mais nobre ornato; uma linda *quajeres*, com os seus simples vestidos brancos e sem pós nos cabelos, é superior a tudo o que a imaginação pode pintar de belo. As crianças não usam nunca pós.

19 – Um das razões da decadência da agricultura é que as terras estão possuídas por pessoas que não têm fundos para as cultivar; há pessoas que compraram terras quando elas se vendiam por limitado preço, e conservam grandes Estados que são perfeitamente inúteis. Nos Estados do Sul, onde há muitos escravos, eles são tratados com mais humanidade que em outra parte alguma.

20 – Há, na Geórgia, boas culturas de arroz e máquinas para o descascar. Semeiam o arroz de modo que está na água desde que se planta quase até que amadurece, então, esgotam a água por desgostadoiros ou regos, e o arroz amadurece todo de repente; e quando as panículas estão maduras e secas é ceifado e se deixa no campo em pequenas meadas até que a palha esteja perfeitamente seca, então o trilham para o guardar no celeiro. As máquinas para limpar o arroz são trabalhadas por animais ou por água.

Aqui se encontram muitos exemplares de índios casados com mulheres brancas e vice-versa.

21 – Que os índios se portam para com os americanos melhor do que estes chamados brancos para com eles; se prova bem pela fala de L. que vem em *Jefferson Not. on Virginia p...*; e pelo que disse um índio ao Dr. Batram, encontrando este doutor desarmado, e o índio bem armado e montado, vendo o temor em que o doutor estava lhe disse: *“White nam thou art my enemy, and thou and thy brethren may have killed nime, yet it may not be so, and even were that the case, thou art now alone, aid in may power. Live: the great spiritus forbids me to touch thy life: go to thy brethren tell*


*them thou sawest an Indian in the forest who knew to be humane and compassionate.* O diretor soube, depois, desta aventura, que este índio tinha sido extremamente maltratado pelos brancos numa *trading-house*, e que podendo escapar-se jurara, apartando-se, que se vingaria no primeiro branco que encontrasse, entretanto portou-se assim, ensinando o caminho para a tal *trading-house*.

22 – Há, na Carolina, o *blackoak*, que Bartram chama *gigantee black oak* (*Querem tinctoria*); a casca é excelente para tingir de amarelo. Esta espécie é conhecida pelo nome de *black oak* em Pensilvânia, New Jersey, New York e New England.

23 – Flórida, Geórgia. O terreno é particularmente favorável para a cultura do índigo e algodão; e nas ilhas da costa da Geórgia há grandes plantações para a cultura e manufatura destes preciosos artigos. O algodão é plantado somente pela mais pobre classe do povo quanto basta para o consumo da família; plantam duas espécies: *Annual* e *West Indian*; o primeiro é baixo, e se planta todos os anos, os casulos são grandes e os flocos, compridos, fortes e perfeitamente brancos. O *West Indian* é alto, perene, arbustivo, e da mesma raiz continua a produzir nos anos sucessivos, quando a haste do primeiro ano é morta pelo inverno. Os casulos desta espécie não são tão largos como os do algodão burbáceo, mas os flocos são longos, o algodão deles, extremamente fino, semelhante à seda, e branco. Uma destas plantações pode existir por muitos anos com moderado trabalho e cuidado, entretanto, que a outra espécie é necessário plantá-la todos os anos.

24 – O índigo feito na East-Flórida é julgado quase igual ao melhor índigo espanhol, especialmente a qualidade a que chamam *flora*. Eu vi um exemplo, que era em nada inferior ao melhor *Prussiano azul*.

25 – O *Cumpressus distica* é a primeira das árvores dos Estados Unidos: uma majestosa estatura, com grande sombra, a delicadeza da cor e textura das folhas, o todo, finalmente, desta árvore, excede tudo quanto há de bom no reino vegetal. Geralmente, cresce em terras úmidas ou baixas, perto das margens dos rios e grandes lagos, de modo que estão cobertos, grande parte do ano, com água dois ou três pés de altura; e esta parte do tronco, que está debaixo



d'água, e 4 ou 5 pés acima, se engrossa consideravelmente pelos esteios

ou pilares, que esta planta lança para todos os lados, quando está no seu pleno crescimento, e que vão a tal distância que muitos homens se podem esconder nos buracos, que ficam entre eles. Cada um destes fulcros termina debaixo da terra, em uma raiz comprida, forte, e desta figura é que se ramifica debaixo da terra em várias direções.

Destas raízes nascem uns como pirâmides cônicas de madeira que aqui chamam de *acipreste* (*cypressi kenees*), de 4, 5 e 6 pés d'alto e de 2 pés de diâmetro e mais na base; as maiores são ocas, e servem bem para as colmeias das abelhas. Um pequeno espaço da árvore é oco, quase tão alto como os fulcros ou espeques de que falei; deste lugar, a árvore toma quase um outro princípio e se eleva formando uma coluna reta de 80, ou 90 pés de alto, e então se divide para todos os lados e uma direção quase horizontal, da figura de um chapéu-de-sol, e aí as águas acham um seguro asilo para os seus ninhos. Flamular de musgos pendentes dos ramos maiores ajudam a embelezar este lindo vegetal, quando está solitário em alguma plantação de arroz, ou junto com outros nas margens dos rios. Os papagaios gostam muito das massas ou frutos destas árvores, e fazem dela o seu alimento favorito. Os troncos destas árvores, quando estão ocos, são excelentes canoas e gamelas; são também bons para ripas ou fasquias de cobrir casas, para tábuas, ou outro madeiramento próprio para edificar. Há troncos que chegam a 8, 10 e 12 pés de diâmetro, como 40 ou 50 de altura.

27 – Hoje, chegou o meu criado de Filadélfia, que tinha lá deixado ficar por comodidade; e ajustei a conta com o dono da casa, etc.

28 – Hoje, domingo, fui pelo rio Hudson acima até Blooming-Dale, a uma quinta de Mr. Olive, onde estive já, outra vez; aí cheguei às 10 horas da manhã (que são 7 milhas distante da cidade de New York) e nós embarcamos outra vez com uma companhia de senhoras, e fomos rio acima até 6 milhas distante de Blooming-Dale; aí desembarcamos, e tivemos um agradável jantar debaixo das cerejeiras selvagens que, tendo ainda bastante, nos forneceram a sobremesa. Depois de jantar, subimos a cadeia de montes que guarnece a margem ocidental do Hudson até 20 milhas acima; esta cadeia de montes é quase toda rochedos cobertos com tulipas, magnólias, cedros, carvalhos e outra infinidade de árvores. Depois de ter subido acima des-



ta montanha, gozei da bela vista de toda a ilha de York, o *Sound* ou *Est River*, *Long-Island*, que me apresentaram um prospecto encantador, o melhor que tenho visto na América. As margens do rio são de praia areenta, rochedos e pedregulhos; e me admira que New York seja toda edificada de tijolo tendo esta imensa quantidade de pedreiras, que fornecem, ao longo da praia, pedras quase facetadas e cortadas, propriíssimas para edificar, e tão à mão que não há outro incômodo que pegar nelas e pô-las dentro do barco para as transportar, tão próximas estão da água, e isto duas ou três milhas apartadas da cidade. O rio é baixo, quase todo, de modo os pescadores fincam estacas por todo o rio para firmarem as suas redes.

29 – A má-fé dos americanos na venda das terras parece derivar-se do exemplo público. O antigo Congresso, antes da presente Constituição, deu terras aos militares em paga dos serviços – eles venderam estas terras depois. (Vide dia 12.) O Estado da Geórgia disse que o Congresso não tinha o direito de alienar estas terras, que lhe pertenciam; passou em consequência a dispor delas e os primeiros compradores perderam o que tinham dado por elas.

Um europeu comprou umas terras ao atual Congresso, nas fronteiras dos índios, que fez intimar que deixasse aquelas terras, que não tinha direito de habitar, pois lhe pertenciam; ele alegou que as tinha comprado ao Congresso. O índio se expressou nobremente nestas palavras: “Eu não contendo por estas terras por ter necessidade delas, mas para sustentar os meus direitos. Vai, dize ao Washington (os índios entendiam por ele o Governo dos americanos) que te dê outra vez o dinheiro que mal e indevidamente te extorquiram por terras, que te não podiam vender, e depois que tiveres recebido o teu dinheiro vem que eu te darei as mesmas terras para te estabeleceres nelas, sem que te custe coisa alguma; mas, se tentares estabelecer-te sem isto, te custará a vida.” A resposta do Congresso a este respeito foi que a venda tinha sido feita antes do tratado com os índios e, por consequência, quando o Congresso não sabia ainda se as terras lhe pertenceriam ou não, mas que, verificando-se depois que ficavam para os índios, devia o comprador perder, pois que se tinha arriscado a isso.

30 – Parece-me que tenho observado já em outra parte que o chá que é tão usado<sup>28</sup> que o mais pobre carreiro não passa sem tomar à noite o seu chá com pão e manteiga; é verdade que a muitos serve de ceia.

Quanto aos almoços, costumam ser fatias de carne ou presunto frios, que tem ordinariamente ficado do dia antecedente, pão com manteiga ou torradas, queijo, peixe assado, arenques ou outros, e tudo isto ou parte, segundo as posses das pessoas, é comido bebendo ao mesmo tempo goles de café ou chá, de sorte que o café ou chá serve ao almoço, como o vinho e água do jantar.

As mulheres em New York são mais bonitas que em Filadélfia, tendo geralmente bons dentes, o que<sup>29</sup> raro entre as filadelfianas;<sup>30</sup> porém, são muito mais desengraçadas, passeiam com as pontas dos pés para diante, com longas passadas, e, depressa, ordinariamente, o que faz as saias baterem por as pernas com uma muito má figura; os braços vão ordinariamente caídos como mortos, ou um suspende a cauda do vestido, mas isto<sup>31</sup> o mais desengraçado possível. Se as senhoras de Lisboa fossem a metade tão linda como são as iorquenses, com o seu garboso, seriam umas perfeitas belezas, mas a natureza divide estes dons para os equilibrar. As senhoras da América não usam pedras preciosas, raras vezes vestidos de seda, nunca bordados; o uso geral (de verão e de inverno) é um vestido de musselina mais fino ou mais grosso, segundo as posses ou qualidade do dia, sempre muito lavado, e de uma brancura que desafia a neve; raras vezes alguma fita que o orne; sempre na rua uma barocete de seda, ou chapelinho de palha, que varia segundo a moda, ou um lenço amarrado por cima dos cabelos imitando uma trunfa, eis aqui uma simplicidade que lhe exalta a beleza.

31 – Em a pequena povoação de Belém, na Pensilvânia, algumas milhas distantes de Filadélfia está estabelecida a seita dos celibatários

---

28 Ao menos o tomam duas vezes ao dia, por prazer e costume, e o mais pobre tem o seu aparelho da China. (H.)

29 – é. (M.B.)

30 Esta desordem de dentes, tão geral na América, é atribuída ao demasiado uso do chá, pois que a generalidade das mulheres, sendo bonitas, perdem este precioso ornato aos 18 anos, ainda que há quem pense que isto é devido ao uso do pão quente. (H.)

31 – do modo. (M. B.)

(*singlemen*) que são os moravianos; há espécies de conventos para homens e para mulheres, onde vivem e se sustentam do trabalho de suas mãos e algumas terras que têm; é verdade que o celibato não é mandado ou determinado por esta seita, mas é recomendado tão fortemente, e o matrimônio cercado de tantos obstáculos, que quase todos os moravianos são solteiros.

Por esta lei, principalmente, quando um moraviano quer casar, não tem o direito de escolher mulher, vai pedir uma ao superior que lhe dá a que lhe parece, e o requerente tem o direito de recusar se lhe não agrada, o que ordinariamente acontece, e por conseguinte fica solteiro porque é preciso ter uma grande fome de casar para aceitar uma mulher qualquer que se não conhece, e escolhida por um terceiro. A separação em que os sexos vivem um do outro é também grande obstáculo para os matrimônios. Esta seita foi trazida de Alemanha; a cabeça desta seita envia a plantar colônias, e concorre com todas as despesas de que é depois embolsada quando a colônia adquire rendas suficientes.

Em honra dos americanos sou obrigado a dizer que esta instituição é das mais antigas de Pensilvânia, mas que está mais atrasada que nenhuma e tem muito poucos sectários.

## Agosto

1 – Acho em Bartram um nome *Tillandsi ulnea adscites*, que ele aplica a uma planta, que lhe serviu de cama uma vez pela sua macieza; e eu suponho ser a mesma a que o Padre Veloso me apontou; procura-se com o nome de *Tillandea usnea*, cujo nome aqui ninguém conhece: esta é uma planta parasítica.

Ontem, estive comigo um português da Madeira, que fugiu de lá por uma perseguição que fizeram aos pedreiros livres, e se estabeleceu aqui. Quando chegou ao porto de New York, onde não conhecia ninguém, e a precipitação com que fugiu, não lhe deu lugar nem a trazer uma carta de recomendação, arvorou uma bandeira branca com estas letras azuis – *azilurn querimus* – pelo que, quase todos os pedreiros livres de New York foram a seu bordo, recebendo depois e tratando com aquela hospitalidade que caracteriza esta sociedade.

2 – Os americanos que se vão estabelecer no interior fazem uma casa em dois dias, cruzando os paus, que tem cortado em 24 horas, bem como uma pilha de madeira, enchem-lhe os intervalos com barro, e passam a morar nela; derrubam o mato que lhe fica ao redor, queimam-no para limpar as terras, mas, ao mesmo tempo, aproveitam as cinzas, de que fazem potassa, que mandam vender à povoação mais próxima, e cujo produto lhe vem em ferramenta para cultivar a terra; passam imediatamente a plantar trigo e milho que lhe dá mantimento para casa e alguma coisa para vender, e com alguns animais e aves, que criam, neste ano, se põem estado de que no fim do segundo ano fazem a sua casa de madeira, ao modo americano, o que é obra de um mês até dois, pagam o preço das terras que lhe tinham sido dadas a crédito; e eis aqui, em quatro ou cinco anos, um *farmer* que vive muito *comfortable*, como eles dizem, e que, se é um homem de indústria, é um membro da *assemble*, e um *respectable citizen*.

*Gordonia lasianthus*: a densa folhagem verde escura com rácidos de flores brancas odoríferas, sobre grandes elásticos pedúnculos, fixos nas extremidades dos ramos, no pé das folhas, e renovadas todas as manhãs, e em tal quantidade que a árvore parece toda prateada, e o chão tapizado com as que têm caído. Continuamente deita novos rebentões, e no inverno, e primavera, as folhas, que têm três anos de idade, começam a mudar de cor, tornando-se de verde por um amarelo cor d'oiro, tomando depois a cor escarlata, e, por fim, carmesim, ou purpúrea escura; poucos dias depois, deixam a árvore; assim se pode dizer que a *Gordonia lasianthus* muda o seu ornato todas as manhãs pelo ano adiante, aparecendo todos os dias com novo fausto, com decorações frescas. Depois de passada a primeira florescência, há uma outra camada de flores raras em várias partes da árvore, que se renovam quase todos os meses do ano. A sua habitação ordinária é pelas margens dos lagos, de pouca água, ou lugares úmidos e arenosos, mais próximos da água que outra nenhuma árvore, de sorte que, nas estações secas, as suas longas, asserpentinadas raízes, que correm horizontalmente próximas da superfície da terra, podem com facilidade obter a umidade que esta árvore precisa. Quando esta árvore tem chegado ao seu perfeito estado de crescimento tem 60, 80 e 100 pés de altura, formando uma longa pirâmide. O pau é empregado para os mais preciosos móveis, e tem uma linda cor de canela, com

veios de várias cores. A parte interior da casca é usada na tinturaria, uma avermelhada-castanha, e tingem bem lã, algodão e linho, e também empregado vantajosamente nos curtumes.

O *cactus opuntia* (Bartram's, p. 163) é muito alto, erecto e assaz forte para sofrer o peso de um homem; alguns têm 7 e 8 pés de comprimento. O todo desta planta, ou árvore, é formado de articulações ou folhas ovais carnudas, compressas. As que ficam próximas à terra crescem continuamente, engrandecendo-se e adquirindo a consistência lenhosa quando a árvore se avança em anos; esta parte perde por fim a cor verde, que tinha, e o polido da superfície, ficando com uma casca escabrosa, esbranquiçada. Quase toda a planta é destituída de acúleos que se acham na *erumbeba* ordinária (*common dwarf Indian-fig*). O inseto da cochinha se sustenta sobre estas folhas; a fêmea deste inseto é grande e carnuda, coberta com uma espécie de pêlo ou algodão branco que está quase sempre molhado ou umedecido, e parece designado pela natureza para o proteger do violento calor do sol; o macho é muito pequeno em comparação da fêmea, e pouco numerosos, tem cada um duas asas transparentes oblongas. As grandes flores polipétalas são produzidas nos gumes das últimas folhas; são de um amarelo esplêndido, e sucedidas por um grande fruto da configuração de uma pêra, que, quando está maduro, é de cor de púrpura lívido ou arroxado;<sup>32</sup> a polpa deste fruto tem grande quantidade de suco carmesim transparente, e o gosto é fresco e agradável, alguma coisa semelhante ao da romã. Pouco depois de comer este fruto, a urina se torna carmesim, o que admira e assusta aos estrangeiros não acostumados a este fenômeno, mas que não tem alguma consequência funesta, pelo contrário, os nativos julgam saudável este fruto, e um poderoso diurético.

3 – Atravessando a barca de passagem para Brooklin, em New York, um dos marinheiros que remava e estava muito bêbado chamou a outro irlandês; este respondeu que sim, era um irlandês, de que se honrava muito, mas que ele era um *yankee*. Informando-me sobre esta palavra soube que dão por escárnio, ou por graça, ou simples brinco, aos habitantes dos quatro Estados do Norte que formam a chamada Nova Inglaterra; supõem-se que provém de um povo selvagem de que os pri-

---

32 Arroxado. (M. B.)

meiros colonos ocuparam o terreno e que habitava entre Connecticut e Massachusetts. Bem como aos habitantes da Virgínia dão do mesmo modo o nome de *Buckskim*, porque os seus antigos eram caçadores e vendiam as peles de veados ou gamos; e que aos brasileiros chamam *cariocas* dos povos chamados cariocas habitantes do Rio de Janeiro. O Dr. Mittchil se recolheu hoje de ver a cachoeira do Fotohaw, chamado Fotohaw-Fall, que tem 10 pés d'alto, e se lança este rio em Second River, que eu passei,<sup>33</sup> fica perto de Patterson; e a poucas milhas daí há as minas de cobre de Jersey que estão antes de chegar a Newark.

O Mock-Bird é um galante pássaro, que não tem canto fixo, e que por isso se assemelha ao rouxinol, porém, do mesmo modo que o bufo ou bobo de uma comédia se assemelha à primeira dama, ele arre-meda, à noite, tudo que tem ouvido de dia; se ouve cantar outros à noite canta como eles. Alguns trabalhadores vieram aos matos trabalhar, o pássaro à noite canta exatamente como eles cantaram. Se eram ingleses ou escoceses vós podereis bem distinguir uma doce cantata; se eram alemães ele repetirá a grosseira gaissa de um suabio, ou de um alsaciano, algumas vezes chora como uma criança, ri como uma menina, enfim, nada é mais divertido que este comediante burlesco, que só representa no verão.

Hoje estive em Ann-Street, em uma igreja de episcopais. (É de notar que hoje é sábado e é à noite.) Assim que entrei, um homem, que talvez era o sacristão, conhecendo-me estrangeiro, me abriu um pese para me sentar e foi o melhor que encontrou, pois tinha os assentos forrados. A igreja, à maneira de todas as americanas, não tem altar; no lugar onde as nossas tem o altar é o púlpito e pela parte debaixo está uma mesa do feitio de um altar onde os padres têm os livros por que lêem, e os padres têm o seu assento entre o pé do púlpito, e esta mesa ficando por consequência com a cara virada para o povo. Por um livro, que encontrei no pese, vi que esta igreja reconhece dois sacramentos: batismo e eucaristia. O ofício divino consta de umas rezas, e salmos, que repete todo o povo, depois prédica, depois salmos de todo o povo, cantados, e, finalmente, uma pequena oração que faz o padre.

Se em Permantown o General Washington – o flanco esquerdo do exército comandado pelo General Sullivan –, em lugar de perder

---

33 – e que. (M. B.)

tempo a meter em batalha, se avançasse sobre o campo inimigo, teria feito aos ingleses a derrota que recebeu; depois, a coluna do corpo de reserva comandada pelo mesmo Washington se divertiu a atacar a casa de pedra do pároco da rua, que tinha dentro alguns soldados que faziam um fogo de mosquetaria; podia o general tomar um dos dois partidos: ou de continuar a marcha pela rua adiante, sem se inquietar com o fogo de mosquetaria, que teria sido muito diminuído, destacando alguns fuzileiros que atirassem às janelas donde vinha o fogo, ou retroceder a marcha para se avançar pela parte de fora das casas, por detrás desta simples e única rua; então, era tomar outra casa defronte de donde podia fazer igual fogo e segurar a retirada no caso de necessidade.

4 – Hoje, domingo, estive<sup>34</sup> Trinity-Church. É um bonito edifício, que foi queimado no tempo da guerra, e reedificado depois conservando o mesmo risco antigo. Vê-se bem que o arquiteto tinha em vista fazer um edifício ao gosto gótico, porém, suponho que *currente nota urcens exit*; pregava o bispo Prevost, que é gordo, e uma formidável cabeleira de anéis, muito empoada, ajudava a fazer-lhe uma figura respeitável. O sermão, à maneira América, era lido por um caderno, mas recitado com alma; as bíblias e livros, que estavam pelos assentos, tinham, ordinariamente na capa, o nome do dono. Esta igreja tinha um órgão excelente. Acabadas as orações e prédica, o povo entrou a sair, e eu, que tinha entrado em um dos peses, que achei com a inscrição – *To strangers* –, vi que o bispo só tinha batina, se pôs de sobrepeliz como o outro padre, e portanto me deixei ficar para ver o que faziam, e eles se meteram detrás do púlpito, e por consequência não os podia ver; saí para fora e subi a uma tribuna de donde vi que no intervalo que há entre o púlpito e a parede há uma mesa coberta com uma toalha, e aí se juntaram mais dois padres aos dois primeiros e consagraram ou fizeram sacramento como dizem os teólogos: o pão era cortado em fatias quadradas, e estas subdivididas em pequenos cubos quase do tamanho de dados do gamão, que estando já cortados não estavam totalmente separados. Os quatro padres ajoelharam defronte do altar, um de comungar aos outros, e todos ao povo que tinha restado na igreja, e que se ajoelhou ao redor das grades que cercavam o altar. Um padre dava um destes cubos de pão, que a

---

34 – em. (M. B.)

peessoa pegava com a mão e metia na boca, e outro dava um vaso com o vinho de que a pessoa bebia um golo; comungaram primeiro os homens, depois, as mulheres.

Esta igreja é tão rica que tendo-lhe sido estabelecida pela sua carta uma certa quantia, além da qual não podem adquirir mais estas rendas, tem crescido a ponto de lhe ser preciso vender terra para que não percam a carta.

Um rapaz, ao pé de quem fiquei, me explicou que a comunhão era só em certos dias.

Hoje, chegou um navio de Irlanda com 70 irlandeses – rapazes e raparigas –, estava ancorado em North River; eu o vi passando por Greenwich Str., e havia muita gente a bordo a comprar desta casta de escravos. Eu falo deste costume atrás, dia...

O ano passado vieram dois navios, um com 200, outro com 150, etc.

Chegou à nossa casa um homem de Filadélfia com a sua senhora, que eram conhecidos dos meus hóspedes; o dono de casa, entre outros cumprimentos, a beijou na boca e abraçou depois o marido.

7 – Hoje, foi o *commencent* do Colégio Columbiano ou princípio dos estudos. No pátio do colégio se formou uma procissão com os professores, estudantes, pessoas que acompanhavam, e um bando de música procederam para a igreja de S. Paulo onde se achava grande número de pessoas convidadas, homens e mulheres, que se sentaram pelos *pens*. Ao pé do púlpito da igreja estava um anfiteatro, onde estavam sentados os professores, com as costas para a cadeira ou púlpito, onde estava sentado o Presidente do Colégio, que é um professor de Teologia, Mr. Jonston; os outros professores eram quatro, três vestidos com togas pretas, que são como as togas dos nossos desembargadores, mas sobre as casacas e não sobre as túnicas; os estudantes tinham as mesmas togas e alguns as traziam sobre a véstia de ganga, inda que todos os oradores estavam vestidos de preto; sentados os estudantes sobre os *pens*, e os professores em cima, que eram quatro, o Dr. Mittchel, professor de Química, o Dr. ..., de línguas orientais, o Dr. Kemp, professor de Filosofia Natural (o que estava de toga vermelha), e o Dr. ..., professor de...; subiu um estudante ao anfiteatro, e depois de várias continências deu as costas aos professores e recitou uma linda oração em latim sobre a utilidade da literatura, e quando acabou foi aplaudido pela



orquestra; subiu, depois, outro, que orou sobre o governo, em inglês; e depois mais seis, cada um falava 15 minutos, e cada um sobre diversos objetos: sobre biografia, sobre a história, etc., e um sobre o belo sexo; esta pleanteria<sup>35</sup> não me agradou no meio de um ato tão sério, inda que o objeto foi provar que as mulheres faziam a felicidade e o prazer dos homens, que os homens as tiranizavam porque exigiam delas virtudes que eles não eram capazes de praticar, que elas recebiam sempre uma educação muito tervial,<sup>36</sup> mas que, apesar disso, elas estavam encarregadas de grandes encargos, tal era a educação dos filhos. No meio de todos estes aplausos, ele pediu licença para apontar um vício que elas tinham no meio de tantas virtudes, e era que não eram essas condescendentes com os rapazes, etc.; tudo isto fez que a imensidade de senhoras, que atendiam,<sup>37</sup> prestavam uma grande atenção, e eu, que lhe reparava nas caras, lhe divulgava um sorriso de prazer; depois, o orador foi aplaudido por batidelas de palmas que estavam expressamente proibidas no papel impresso, que se espalhou com o detalhe da função. Não é de admirar que aqui se lembrassem das senhoras, porque em todos os jantares públicos se faz um *toast* ao *fair sex* do seu país, entre os tostes<sup>38</sup> mais sérios. O último orador falou sobre o patriotismo. A função se adjournou<sup>39</sup> para de tarde, e às 3½ continuaram outros oito oradores, intermisturados com música; no fim, todos os oradores receberam o grau de bacharel.

Hoje, à noite, uma rapariga, que alojava na minha casa, se quis mudar, e tentando levar o seu baú foi atacada pelo senhorio da casa, que a obrigou a retroceder porque os donos da casa lhe não tinham pago a quartel do aluguel. Eu perguntei o que seria dos meus trastes, pois que eu era também um hóspede; disseram-me que também estavam sujeitos a serem apreendidos pelas leis do país; é bem se supor que eu não me fui deitar muito satisfeito, principalmente porque eu tinha comigo um piano, que tinha alugado, e que eu devia entregar, e via o tal piano em termo de ser vendido pelo al..<sup>40</sup>

---

35 Galicismo (*plaisanterie*): gracejo, chiste, graça.

36 Trivial.

37 Galicismo (*attendre*): aguardar, estar na expectativa.

38 Anglicismo (*toast*): brinde, saúde.

39 Galicismo (*ajourner*): adiar, atempar, prorrogar.

40 É pronome antigo: *outra coisa*; *o mais*. Porém, aqui, está por: alguém, sujeito.

8 – Vendo que as coisas iam a pior, o meu criado foi fazendo trouxas pequenas de roupa e conduzindo-as para casa de Mr. Mourge, e inda que os proprietários tivessem uma loge<sup>41</sup> nos baixos da casa, e os caixeiros sempre à espia, eles não desconfiavam de pequenas trouxas, que em vinte carretos tinham posto todos os meus livros e roupa fora de casa; porque, inda que o piano ficasse sacrificado, a roupa estava fora e os baús vasilhos.

O Dr. Mittchel me mostrou uma carta do Dr. Pristley, em que lhe aprovava a sua opinião sobre o *Septon Acid* nas pestes.

9 – Hoje, se mudou o outro meu co-hóspede, mas eu fico até ver em que isto pára.

10 – O dono da casa me mostrou algumas esperanças de poder pagar, mas eu, na dúvida, tenho já procurado alojamentos.

11 – Hoje, como era domingo, e estavam os tais credores na igreja, eu e o outro tentamos de pôr fora tudo para uma casa, que ficava de trás, e eu pus os meus baús, que a este tempo estavam já vazios; e, como esta casa tinha saída para a outra rua, tudo se arrumou.

13 – Hoje, me mudei para o número 141, Broadway, para um escocês, onde estavam alojados quase todos escoceses. Principiei por fazer uma cura a uma criança, que ele tinha, porque, tendo eu empregado grande parte da minha vida em estudos médicos, tenho achado nas minhas viagens que nada me é tão útil.

14 – Hoje, jantaram conosco muitos homens de fora, e os tostos me puseram com o estômago arruinado segundo o costume.

15 – Hoje, tendo o meu antigo hóspede<sup>42</sup> pago o aluguel, o meu cravo ficou desimpedido, e assim o pude entregar ao homem, que foi um prazer que tive neste dia. Determinando partir para Boston, e vendo que a minha bagagem era grande, me resolvi a mandar vender tudo, e me reduzi a um simples baú e uma mala para a roupa do criado que, com duas mudas de roupa e a sua roupa branca, deve estar satisfeito. Amanhã espero resposta do Mr. Callaghan a quem mandei pedir emprestado dinheiro. Hoje, fui convidado por Mr. Mourgue para o enterro

---

41 Loja.

42 Hospedeiro.

de S. Rosier, o cônsul francês, aqui, um homem de um belo caráter, e um conciliador de partidos.

Hoje, fui apresentado a um negociante da Madeira, que aqui há, Joaquim Monteiro, rico, e que conhecendo bem ao Freire se admirou que este me não desse alguma carta de recomendação para ele; mas a mim me não admira isto, porque este passo vai coerente.

16 – Hoje, tendo pago ao meu hóspede, Mr. Thompson, recebi dele o recibo (que aqui se não perdoa pelas maiores bagatelas) e me mudei de casa.

17 – Esta manhã fui para uma casa, para onde tinha mandado a minha bagagem ontem, e estando acomodado, como nas outras em que tenho estado, pago somente 6.d, 5.s e 8.p por semana, por mim e o meu criado. Hoje, jantei em casa de Joaquim Monteiro, onde tocamos músicas depois de jantar; e lá estava Mrs. Silva, viúva do antigo agente da Companhia do Porto que, como tinha um muito pequeno ordenado, morreu sumamente endividado, e com a mesma Companhia.

18 – Um capitão de navio, que aqui se hospedou comigo, me disse que os *Quakers* (de que ele não era nada amigo) tinham na guerra da América seguido sempre o partido inglês, e que o pai de Roberto Waln, em Filadélfia, sofreu que lhes fossem tirar os trastes de casa para os venderem, porque ele não queria pagar as taxas debaixo do pretexto que a sua religião lhe proibia contribuir para a guerra; ao mesmo tempo, este homem fornecia o exército inglês com víveres, e quando o General inglês Graitm tomou Filadélfia ele o presenteou muito. Eu tenho passado, hoje e ontem, indisposição de cabeça, e causas morais, faltas de cartas de Lisboa.

19 – Há quatro dias que está o tempo chuvoso e tão frio como no inverno em Portugal. A febre amarela tem principiado aqui as suas destruições já, e a gente começa a mudar-se para o campo. Hoje, achei, por via do Costa, um pobre português, quem aceitasse uma letra sobre o Callagham para o dinheiro, mas não mo dão aqui antes que a letra seja lá entregue e aceita.

21 – O termômetro, sexta-feira, 29 de julho, em New Milford (Con.) chegou a 100 graus acima de zero, às onze horas e meia; hora depois do meio-dia chegou a 103, que são 3 graus acima do calor do san-

gue. Hoje se enterrou aqui Tomás Weaver, capitão de artilharia, em S. Paulo, com as honras militares, e da Maçonaria, ou pedreiros-livres.

22 – A febre tem-se mostrado horrorosa nestes dois dias, e o povo começa a desamparar a cidade, e eu, se não parto já, é porque não posso, e espero uma carta de Filadélfia.

23 – Hoje, a minha hóspeda deixou a cidade e fui para outra casa, mas ela era tão suspeita que não pude estar lá mais que um dia.

24 – Hoje, me mudei para outra casa, e como a mulher está quase indo para o campo, brevemente me tornarei a mudar.

26 – Disse-me o General Eustace, com quem falei hoje, que ele tinha sido ajudante de ordens do General Lee, que sempre foi contra o General Washington, de quem ele me falou muito *disrespectful*. Disse-me ele, falando do agente que tinha negociado em Holanda, que botelha de vinho Madeira, bem aplicado a Mr. Ridgelis, ganhou a casa de Staphorst, na Holanda, um milhão de florins, em um *loan* que negociou para os Estados Unidos!

27 – 3ª feira. Não teve, etc . . . . .

28 – 4ª feira . . . . .

30 – Hoje, fui visitar o General Eustace que me deu uma cópia da sua comunicação com alguns cidadãos da Holanda, sobre o estado político deste país, preito da invasão dos franceses; e me deu a ler a sua comunicação com o ministro americano em Londres; ele é um vidente democrata, contudo é muito unido aos interesses do seu país; é um homem de talento, mas um *étourdi*; tem sua instrução universal, mas uma grande dose de imposição; é pobre, e apesar das suas democracias falou-me muito nos parentes duques e generais, e mostrou-me o sinete das suas armas, etc. Disse-me que me daria uma carta de recomendação para um sobrinho do General Macpherson, que estava em Boston, mas, pelo modo com que se portou, suponho que me roera a corda, o que aconteceu.

31 – Hoje, deixei New York, às 3 horas da tarde, fazendo-me a vela em um paquete para New Port. O paquete era uma pequena escuna, com uma câmara maior que uma nau; tinha de cada lado duas ordens de beliches, uma por cima da outra, faziam por todos 24 beliches, e mais dois camarotes fechados, que eram para as passageiras.

Paguei de passagem 9 pesos por mim e 4 ½ pelo criado, com obrigação de me darem mantimentos. Pelas 5 ½ passamos Hell-Gate (Porta do Inferno), oito milhas distante da cidade; isto é um estreito formado por duas pontas de terra entre Long-Island e York-Island; aqui, faz a água tremendos redemoinhos e vórtices são ocasionados pela estreiteza da passagem, e por uma corda de rocha dos que cruzam o canal de uma parte à outra, e que se pode conjeturar pela parte que aparece na superfície da água. Alguns supuseram que estes vórtices eram ocasionados pelo encontro das águas da maré, que na parte meridional deste canal correm ao Norte, e na parte setentrional correm ao Sul, e, como em alguma parte se deviam encontrar, se supôs ser aqui, mas, hoje, está exatamente acertado que este ponto é em Frogs, algumas milhas acima. O capitão do paquete, inda que sempre tem andado nesta carreira, não se atreveu a passar sem piloto, e depois que passamos o canal ele nos deixou e se foi num pequeno bote em que veio unir-se a nós em New York. Só um hábil piloto se atreve a passar este canal com maré favorável, ou parada, mas vento forte. Às 6 horas o Capitão mandou a terra a buscar leite e foi a lancha a uma quinta em Long-Island. O sonho e gritaria do meu criado.

## Setembro

1 – Hoje de manhã, estávamos defronte de Stone-Brooklin, e depois de um tolerável almoço americano o vento refrescou e continuamos bem. Mrs. Wollstonecraft, a autora da obra *Vingança dos direitos das mulheres* é morta em Boston, e casou com um muito mau marido, me diz agora uma senhora: “Não me admira que se não dessem bem”, lhe respondi eu. À tarde o vento aumentou e o tempo começou a turbar-se; o capitão temeu ir adiante e se dirigiu a uma ilha que fica defronte de New London, chamado Tishers-Island, e aí demos fundo em uma boa enseada. Eu fui a terra na lancha; era domingo, e encontrei a gente a trabalhar. O dono da casa onde pousamos nos disse que trabalhava ao domingo porque era *Sunday-Man* ou *Saturday-batista*, isto é, uma qualidade de batistas que guardam o sábado como os judeus, mas trabalham ao domingo. Esta pequena ilha inda que nas costas do Connecticut é pretendida pelo Estado de New York e pertence atualmente ao Condado

de Suffolk, que é o mais setentrional de Long-Island, com o que o tal alfaiate não parecia muito satisfeito. A ilha terá 9 milhas de comprimento, 100 habitantes e 11 casas; é uma boa enseada para a parte do Oeste. A propriedade desta ilha é toda de um Mr. Winkop *or* Lik, de New York, que a arrenda a pobres rendeiros; a água que bebem é de poços, e a lenha é escassa. Nos arredores desta ilha se pesca a maior parte do peixe que vai para New York, e grande parte passa a Jersey por terra e vai a Filadélfia.

2 – Hoje, demos a vela às 5 horas da manhã, e com vento fraco passamos a E. de Rock-Island, e chegamos às 3 horas da tarde ao farol (vide dia 4. Vi um farol na ponta do N. de Long-Island chamada Montannen-Point) de New-Port, que está situado no meio da baía em uma pequena ilha chamada Canonicut-Island (alguns chamam Connanicut), passamos ao N. desta ilhota e viemos a uma pequena enseada onde está situado New-Port, que é em Rhoad-Island, uma ilha que dá o nome a este Estado. Um oficial de saúde veio a bordo e nos ordenou fundear em certa parte e fazermos uma quarentena de 5 dias, ou o que parecesse conveniente ao tribunal de saúde. Nós representamos o tribunal por uma petição assinada por todos, que em New York já não havia febre amarela, e apesar de que um dos meus com passageiros é um dos do tribunal de saúde fomos obrigados a estar; eu cuido que a razão foi o haver outro paquete de New York nas mesmas circunstâncias, e por não mostrar parcialidade nos obrigaram a fazer o mesmo.

3 – Hoje, fomos a terra a um lugar que nos era permitido e visitei a fortaleza que se está a fazer para defender a barra, e se chama *Fort Adany*. O forte me pareceu muito bem delineado e próprio para defender a entrada, com qualquer pequena fortificação em uma pequena ilhota, que lhe fica defronte, mas de nenhum modo defende a cidade, pois que o desembarque pode, muito bem, ser feito no outro lado da ilha, onde há bom desembarcadouro e nenhuma defesa. (Em Easto's Bay que é pela parte do mar de Rhoad-Island.) Na fortaleza estava um destacamento de artilharia e os oficiais nos receberam com aquela afabilidade militar americana que lhe faz honra. De tarde voltamos a terra e passamos uma grande ponte da ponta do sul da ilha. O chão era rochedo estéril, ou coberto de uma capa de terra muito delgada. Aqui há alguns *farmers*, mas muito fraca cultura; achei esta parte da ilha própria para manter rebanhos de cabras e ovelhas, e, de fato, havia algumas ovelhas.

O meu criado fez-me hoje uma desatenção que nunca dele tinha recebido e foi dizer-me que ele teria muitos anos melhores que eu, e que me não queria mais servir, etc. Um passageiro e sua mulher foram para terra por ter casa em um lugar separado da vila.

4 – O farol tem, na base, 24 de diâmetro e 13 no vértice; 58 pés de altura; o lampião é 11 pés de alto e 8 de largo.

O *town* de New-Port (que inda se não tem podido incorporar em cidade pelas oposições) terá 1.500 casas, a maior parte de madeira, perto de 6.000 habitantes, 2 igrejas ou lugares de culto público. A livraria está reedificada. Fui hoje ver uma fragata que estava fazendo quarentena – *General Green* –, era assaz porca, e aí havia um português artilheiro, de cassilhas, e disse que ganhava 25 dólares por mês. Estive na pequena ilha onde há uma bela pequena fortificação de pedra e terra com seu fosso.

5 – Hoje esperávamos ser despedidos da quarentena, mas os oficiais da saúde têm medo de serem acusados de parcialidade, e por isso nos querem fazer estar aqui o mesmo tempo que esteve *Denis*, de modo que são injustos, realmente, por evitarem o parecer (veja-se o caráter destes magistrados em Barnaby, p. 145).

6 – Tendo recebido ordem para nos retirarmos, se moveu uma porca dúvida sobre as despesas; se deviam ser feitas à custa do capitão, ou dos passageiros, por fim nós pagamos. Saltamos a terra às 2 da tarde, e depois de jantar corri a vila (*town*). Main Street é uma rua que corre quase paralela à praia, de meia milha de comprimento, bem direito, mas demasiadamente estreito para o comprimento que tem; há um mercado do mesmo feitio que os de New York, mas fechado de todos os lados e muito ridículo. Havia uma manufatura de pano para velas dos navios, que era de madeira (assim como todas as casas de New-Port, à exceção de 6 ou 7); no primeiro pavimento estavam 24 teares, mas só dois trabalhavam; no primeiro andar estavam as rodas de fiar, mas ninguém trabalhava, e no 2º andar eram também o mesmo número de rodas de fiar, mas não havia mais que duas fiadeiras, porém, tem tido 60, algumas vezes. Passei depois a ver uns moinhos de vento que estavam para esta parte, que eram feitos de madeira com as velas quadradas ou retangulares em lugar de triangulares, o que é muito desvantajoso, e demais estavam totalmente fora de reparo.<sup>43</sup> Perto destes

---

43 Reparo.

moinhos estava Tornini-Hill, onde os ingleses, no tempo da guerra, queimaram uma excelente casa. Há em New-Port uma olaria de louças grossas, um excelente curtume e algumas destilarias, mas, em uma, que entrei, só um homem trabalhava, que dava à bomba para passar uns melancos para outra parte. Staten-House é o melhor edifício de New-Port, tem um só sobrado, 6 janelas de frente e uma porta no meio; é de tijolo com os cantos de pedra, mas por dentro está quase destruída porque os ingleses lhe tiraram os repartimentos para acomodar lá soldados, e depois disso os new-portenses nunca mais a reedificaram. A maior parte das ruas está cobertas de relva. Fui ver a célebre livraria pública; estava fechada, e o pátio também fechado; mas olhei pelos buracos da velha porta do pátio e o vi tão cheio de relva que não suponho alguma pessoa visita aquela casa, que sendo de madeira, com um alpendre na porta sobre quatro colunas de madeira, não tem quase livros nenhum – pela informação que me deram –, e foi destituída dos livros pelos oficiais ingleses.

Vi em uma loja de sapateiro muitos homens asseados que olhavam para o homem que trabalhava, sem fazer nada, e, do mesmo modo, muitos outros pela rua, e vi em geral a gente muito malvestida. As senhoras que vi na rua eram bonitas e passeavam com um garbo muito superior a tudo o que tenho visto na América. Ainda que a terra seja pequena e pobre vi duas livrarias circulantes, pequenas, mas bem guarnecidas. Fui visitar o célebre viajante Stuart, mas estava fora da cidade e tinha ido para Albany Springs. Este homem é um inglês que viaja, diz ele, para bem da Filosofia. Diz ele que era um rico homem e deixou tudo, e vive do que lhe pagam pelas lições que dá; é de uma elegante figura, de uma língua especiosa, fala primorosamente, é afável ao último ponto, cortês, e respeitoso quanto é possível; veste-se sempre com umas calças e vésia; não lava a camisa senão raras vezes, e lava-se em água suja; numa palavra: é porco por princípio. Não achou aqui discípulos e por isso se mudou. O porto é talvez o melhor dos Estados Unidos e por isso o fortificam para guardar aqui a esquadra, mas, apesar da bondade do porto, em Providência há mais negócio, o que me prova a pouca indústria do pobre povo do New-Port; demais, não vi uma só casa nova a fazer-se; só 3 navios no belo porto, que se faz notável com o res-



to da baía pelos nomes dados às ilhotas que há nela que são: *Prudência, Esperança, Desesperação, Paciência, etc.*

Há, neste, pequenos Estados índios, que desde o princípio se têm conservado em Charleston, porque a legislação do Estado proibiu que se lhe pudessem comprar as terras; isto fez com que se estabelecessem como lavradores e estão quase civilizados. São perto de 500.

7 – Esta manhã, tendo pago a casa onde parei ontem, jantei, dormi e almocei, hoje, 1 dólar por mim, e  $\frac{3}{4}$  pelo criado. Partimos em um bote para Providência, que era do mesmo feitio que o outro de New York, e havia uma quantidade de negras e negros passageiros. Um dos negros (que eram todos asseadíssimos) puxou pela sua rabeca e começou a tocar; isto estimulou um rapazote que dançou uma giga na câmara, e a poucos passos o capitão, que seria um homem de 40 anos; começou a dançar, com ele, um velho de mais de 50 anos, numa palavra: a rabeca do negro pôs toda a câmara em movimento. Nós tínhamos largado de New-Port às 9  $\frac{1}{2}$  e às 11  $\frac{1}{2}$  estávamos defronte de Bristol, metade do caminho. As ilhas que encontrava não se faziam notáveis senão pelos nomes (vide dia ontem). Às 2 horas tínhamos chegado ao cais de Providência, gastando com vento fraco 4  $\frac{1}{2}$  horas nestas 30 milhas rio acima. É Providência situada na margem de um pequeno rio navegável por grandes vasos até à vila, e aí há uma ponte, e da outra parte do rio está quase a metade da vila. A ponte está em direitura de uma rua que corresponde com outra do outro lado, fazendo um lindo prospecto. O todo tem mais de 800 casas, a maior parte de pau, inda que muitas de tijolo, porém, mesmo as que são de pau são elegantíssimas, e belamente ornadas. Terá 4.500 habitantes. Os edifícios públicos que observei foram o colégio, que é chamado Rhode-Island College, um edifício de tijolo, pequeno, e que não contém alguma coisa de notável; uma bela igreja dos batistas, de pau, porém grande e talvez o melhor templo que tenho visto na América; uma outra com duas torres, de presbiterianos, a *Town House* ou *Casa da Cidade* – é menor que a de New-Port. Havia muitos navios nos cais, e a terra me pareceu em atividade, e muitos edifícios novos; 3 navios em estaleiros; uma boa manufatura de panos, várias destilarias. A casa do café, ou *exchange*, é bonita e perto da ponte; defronte está o mercado, que é aberto de todos os lados, mas por cima tem dois andares muito extensos, pois que tomam todo o comprimento do mercado 200

pés. No primeiro andar há várias repartições públicas. Companhia de Seguro, Distribuição de Terras, etc., e segundo o último é uma loge de pedreiros-livres, que tem as suas armas ou insígnias em ambas as extremidades do edifício. As mulheres são belas. Paguei no Pacote  $\frac{3}{4}$  de dólares por mim, e por alguma coisa que comi,  $\frac{1}{4}$ . Fui hospedado em uma bela casa; tinha havido há poucos dias o *Commencement*, e havia inda muita gente da que concorre a esta quase festividade pública.

8 – Depois de ter almoçado, paguei a Mr. Gramons  $1\frac{1}{2}$  dólar por mim e pelo criado, e parti numa pequena *stage* (com mais 3 passageiros), às 9 horas e meia; a milhas de caminho estava em Nanturket, e como a *stage* parou para compor uma coisa da roda eu fui ver cascata, que seria muito linda se não estivesse desfigurada pelos diques e presas, que lhe tem feito para moerem moinhos, e a ponte sobre que atravessamos o regato. Era domingo, e vi toda a gente a cantar, a dançar, etc., o que sendo contra o costume da América, me obrigou a perguntar a causa, e me disseram que, nesta terra, o modo de louvar a Deus era descansando ao 7<sup>o</sup> dia dos trabalhos da vida e gozando os prazeres que o Senhor pôs neste mundo para os homens, que o melhor culto era obedecer a Deus, que certamente obedecia quem gozava do que Deus concedia neste mundo sem disturbar os outros. Este povo não tem nem igreja nem padres; as mulheres são tão lindas como em Providência, asseadas, e passeiam infinitamente mais engraçado que em New York. A algumas milhas daqui encontramos o *tounde* ou o *meeting*, que é de presbiterianos. Entrei. Dentro estavam ao ofício divino, cantando salmos. Depois, encontrei outro *meeting* da mesma seita, igualmente bom, e como estes *towns* têm muitas vezes 4 e 5 milhas de comprimento havia muita gente que ia nas suas seges para o *meeting*; entre estas encontrei duas meninas sós, em uma segem (*sic*) de um só cavalo, que uma delas governava. Ao sair de Providência, encontrei muita gente que saía em seges e a cavalo, homens e mulheres a passar o dia no campo e principalmente em Nanturket, e ao chegar a Boston encontrei muita gente que recolhia do mesmo modo. Às 18 milhas de Providência encontrei o *meeting* de Wrenthan, que é um belo. Aqui me parei um pouco, que um *farmer* tinha uma plantação de tabaco para o seu uso; era o tabaco de folha larga (*Nicotina tabacum*). O terreno até Boston era sempre pedregulho e por consequência era cheio de pinheiros de duas qualidades, de folha miúda (*Pins Strobus*), principalmente, e de folhas compridas (*Pins*

Toda), e havia também *Athobimio pseudo acacia*. Os arredores de Nantucket estavam cobertos de macieiras (observei que estavam muito vexadas com *carterpillares* e várias espécies do *tenthredo*, principalmente o *T. Cerasi*) tão carregadas de frutos que os ramos se quebravam, e o chão estava coberto de maçãs que caíam (ajuntam estas maçãs em carros, levam-nas a uma prensa onde lhe extraem o suco que põem a fermentar. Este líquido é chamado *cyder*, a mais usada beverage em Nova-Inglaterra). A terra toda sofrivelmente cultivada. Os cercados são feitos com muros de pedra in-sossa, o que lhe fica mais cômodo que nada, pela abundância da pedra que está espalhada no campo. Às 2 ½ chegamos a Tantown onde jantamos, e eu paguei pelo jantar 2 dólares, fora o que bebi. Aqui são 22 ½ milhas de Boston, exatamente metade do caminho para Boston. Mudamos pouco depois de *stage*, e notei que havendo entre os *drivers* uma disputa sobre o que devia continuar, pois que ambos pretendiam não ser o seu turno, um disse que os passageiros não deviam sofrer pelas suas disputas, que ele cedia, mas que desafiava o outro para jogarem os murros quando viessem de volta, o que é um duelo muito usado; depois disso o campo, cultura, produções, gente, vestidos, etc., foi sempre igual até Boston. Os rapazes que encontrávamos no caminho nos faziam uma grande cortesia: alegre e cortês gente em geral, inda que raros tiram o chapéu. Vi também algum linho a orvalhar, mas não cânamo,<sup>44</sup> diversas plantações de tabaco. Às 7 horas passamos Bosbunmy, tendo já visto a bela Dedham. Às 7 ½ horas chegamos a Boston, e tendo-me oferecido um mau quarto na 1ª estalagem, a que chegamos, não o quis aceitar e fui para outra.

9 – A primeira coisa que fiz, depois d’almoço, foi perguntar quanto devia pagar por semana, e me disseram que 7 dólares por mim e nada pelo criado; fui, depois, entregar a Mr. Dickisson uma carta de Mr. Nond; tratou-me muito afavelmente e pouco depois me encontrou na rua e me apresentou ao Dr. Dexter como um homem de ciência. Fui ao monte chamado Beacon-Hill onde está sobre uma coluna a águia americana, e, no pedestal, várias inscrições. À noite, fui tomar chá com a família de um capitão de navio, meu compassageiro de New York; o irmão era um chapeleiro, mas eu fui tratado com o maior respeito possível.

---

44 Cânhamo.

10 – Hoje, fiz uma visita ao Dr. Dexter que me satisfez muito mal todas as questões que lhe fiz; deu-me dois folhetos que contém as publicações da Sociedade de Agricultura, etc., de Massachusetts; e segurou-me, o mesmo, que o Dr. Mittchel me disse não haverem minas nos Estados Unidos e nenhuma, absolutamente, em Hampshire, como diz Morse na sua geografia, etc. Disse-me que a casca mais usada nos curtumes era uma espécie de Hemlock (*Pin Abies Americana*), que tinha um gosto muito amargo, adstringente.<sup>45</sup> Disse-me que Batering-House ou Alms-House e hospital eram tão maus que me pedia não os fosse ver: o hospital é nada.

11 – Esta manhã, fui ver Mr. M. Donogh, a Charlestown, para quem trazia uma carta de Mr. Bond. Este velho é o cônsul inglês aqui. Charlestown é uma aldeia que fica defronte de Boston, da outra parte do rio Charles; atravessa-se este rio, em uma ponte, que todos dizem ser a melhor dos Estados Unidos, ela tem 1.503 pés de comprido e 43 de largo; é toda de madeira, edificada sobre 75 marachões a que os americanos chamam *piers*; um *pier* é um cubo formado de grossos passos cheios de pedra e largado no fundo do rio; uma enfiada destes *piers*, com paus passados de uns aos outros, constitui esta ponte que custou 50.000 dólares, e que começa já a apodrecer. É de notar que foi feita em 1787. No meio há um alçapão que se abre para deixar entrar ou sair os barcos, mas suponho que é muito pouca a navegação deste ribeiro, porque não vi nele um só barco; é iluminada por 32 lampiões que contém postos pelos lados; no meio da ponte há uns arquinhos nos quais estão escritos, de um lado, *Suffolk*, e de outro, *Midlessex*, denotando que Boston e a metade da ponte pertencem ao Condado de Suffolk, e que a outra metade, com a aldeia Charlestown, que lhe fica contígua, pertence ao Condado de Midlessex. De cada vez que passei a ponte paguei 48 réis ou 6 cêntimos, que me pareceram tão necessários como bem empregados. Depois de ter conversado insipidamente com o velho cônsul, fui só ao Bunker-Hill onde se deu a primeira batalha na revolução da América, e aí achei uma pirâmide com as armas dos pedreiros livres em cima, e com uma inscrição que devia ser erigida pela loge dos pedreiros-livres em memória do General Dr. Joseph Warren. (Nota: este homem nunca tinha sido militar, inda que tinha estudado a tática teoreticamente, pois que a sua profissão era médica; eu falei com seu irmão que é

---

45 Está: astringente.

um médico, Dr. Warren, professor em Cambridge, que foi morto na batalha, naquele lugar, e que era, naquele tempo, Grande Mestre dos Maçons, de Massachusetts.) Voltei deste lugar e vi que a parte do rio Charles próxima a Boston faz uma enseada que estava cercada com um muro, e é uma grande presa para uns moinhos de serrar madeira, porém, esta água estagnada não pode deixar de ser muita nociva à saúde dos habitantes de Boston, pois que estava coberta com uma capa de vegetais podres. O campo nos arredores estavam coalhados de gafanhotos (*Grilus Maxillosus*). Fui depois a State-House; é um elegante edifício, bem regular, espaçoso e cômodo; no pavimento estão as secretarias de várias repartições; no primeiro andar a sala dos Representantes, que redonda com os assentos em anfiteatro e cadeira de *speaker*, e no pavimento adiante, bem no centro deste círculo, os assentos dos escrivães ou secretários da casa; aqui há uma mesa e por baixo, em uma pequena estante, estão 6 volumes em fôlio, cada um preso por uma corrente pregada na capa. Estes livros constam dos acórdãos e determinações da Assembléia; o primeiro volume começa em 29 de maio de 1776, em Watertown, no Condado de Midlessex, quando se intitula Colônia de Massachusetts-Bay; e o 6º acaba em 1729. Os assentos todos estão cobertos com um dossel de ficurrl, (?) preso pelo centro e pendurado no meio da casa. A um lado está a sala do Senado, menor e não tão bem arranjada; sobre a porta desta sala está uma espingarda e um tambor ou caixa de guerra, e um capacete, que o general ..... tomou aos ingleses na batalha de ..... e como ele era de ..... a mandou ao Estado de Massachusetts. Subi depois à cúpula ou zimbório, de onde se goza a vista de toda a vila de Boston-Baía, ilhas que formam a barra, *Lighthouse*, etc., e tive o gosto de ver 180 vasos que saíam pela barra fora, todos chalupas, e barcos, que tinham sido detidos e acumulados no porto pelo mau tempo que durou 8 dias. Encontrei na rua Mr. Dickinson que me apresentou três ou quatro pessoas como a botânicos, e cada um deles negou sê-lo. A um que disse tinha uma boa coleção de plantas lhe perguntou ele: “Então para que nos impõe; é botânico, ou florista, ou o quê?” Fui depois ao banco, que tinha na porta da sala um papel com este rótulo: *Keep your hats on if you please*. A rua em que moro é State-Street, porque nela está a velha State-House, e no fim desta rua está o cais chamado *Long-Warf*, talvez a melhor coisa deste gênero que tenho visto na América; defronte desta rua está Court-Street, assim chamada porque nela está a casa dos tribunais,

e ao pé, a cadeia; uma e outra não merecem alguma atenção. Work-House não tinha mais que uma pessoa a trabalhar, e Alms House está de todo arruinada. Na minha rua estão parados os negociantes a fazerem da rua *Exchange* ou Praça de Comércio, não havendo aqui um café de comércio regular como em New York e Filadélfia. As raparigas aqui passeiam muito em Malborough-Street, que tem mais os nomes de Cornhill, e ..... Street, vão também a Union-Street porque aí estão as loges de canquelharia.<sup>46</sup> À noite fui passear ao mole, onde encontrei algumas pessoas e muitas putas; o passeio é muito extenso, tem duas ruas formadas por três ordens de árvores bem copadas e, a um lado, um vasto campo sem árvore alguma, no fim do qual está a nova State House. A ponte que está em West Boston e passa por Cambridge é maior três vezes que a de Charlestown e feita exatamente com o mesmo risco e método; tem  $\frac{3}{4}$  de milha e *comp. consequay* é mais duma milha.

13 – Hoje, fui tomar chá com a família de Hinclay e Messinger, de que falei; havia uma brilhante companhia. Todos os que sabiam cantaram alguma moda, homens e senhoras. A comida foi servida com vinho e maçãs de diversas qualidades, 3 ou 4 vezes: uma franqueza, afaabilidade superior a tudo o que posso explicar. É chegado um navio de Lisboa aqui, outro a Filadélfia, cartas para mim *nich*.

14 – Esta manhã, fui a Charlestown. Mr. e Senhora Donough me fez tais pesquisas sobre Coimbra que suponho quer mandar o filho para lá. Em Massachusetts cultivam, muitos lavradores, tabaco para o seu próprio uso; semeiam a *Nicotina Tabacum* (que vi dia 8) em bom estrumado terreno; quando começa a florescer cortam-lhe as espigas, a que chamam *pick up the tops*, e mesmo lhe tiram algumas folhas das mais chegadas ao chão, depois (por este tempo, uns e outros, na queda do ano) colhem as flores e põem nos barris a secar; estes barris são abertos, de modo que parte do dia recebem sol, e sempre ar. Um lavrador, que me deu esta instrução, me disse que se podiam colher as folhas em qualquer tempo antes das neves. Depois de seco o enrolam sem outro algum benefício. Os pinhos de Weimouth são o mesmo que *White Pine*. Na aldeia deste nome não há pinho algum, e este nome se originou em Inglaterra do lorde Weimouth, mas os ingleses chamam a este pinho *New-Englarpi-*

---

46 Quinquilharia.

ne. Aqui usam fazer uma certa espécie de carrinhos de molas com as molas de um pau chamado *ash* (*Sorbus-Americana*). (Vide a pintura no caderno de observações nº 5, nota D.)

Hoje, jantei em casa de Mr. Me. Denough onde havia uma pequena companhia; estive lá até à noite.

15 – Boston tem duas grandes cordoarias ao pé do Mall. Fui à igreja dos católicos que é muito pequena. Prega em inglês um clérigo francês sobre a necessidade de chamar os padres quando se está para morrer. O padre sabia bem a língua, mas o acento era tão mau, e custava-lhe tanto a pronunciar, que mais trabalho tomaria em estudar a recitar que na composição da oração. Hoje, devia aqui fazer a descrição da cidade de Boston, mas omito porque a tenho impressa e metida no caderno de observações nº 5, no que posso fazer as emendas de cabeça. Fui passear na segem com as filhas do meu hóspede; passei pela ponte de Charles River, e depois saí de Charlestown Boston; apresentou uma linda vista, aí vi uma pequena quinta onde havia um velho que tem 22 vacas e há vinte e tantos anos que se levanta de manhã, muge as vacas, vai vender o leite no mercado de Boston e volta a jantar, a cair, exercício que faz todos os dias impreterivelmente há vinte e tantos anos. Cheguei depois a Cambridge, vi o colégio por fora e voltei para a cidade pela outra ponte chamada de Cambridge; vi o novo edifício para a Work-House, de tijolo, na borda da praia, e bem extenso. À noite, me veio visitar o Dr. Brown com uma carta do Dr. Mitchell em que me recomendava e louvava a minha carta publicada no *Medical-Repository*. Perguntei a razão porque Charlestown era menor que Boston sendo mais antiga, e me disseram porque o porto não é tão bom e, segundo, porque há 20 anos foi todo queimado, o que se vê das casas que são todas novas. Boston sofreu também muito pelo terremoto que teve em 1727. Vi em algumas as grades de pau, que cercavam o jardim, pintado a pó de pedra ou areia grossa, que suponho ser a areia em lugar de tinta misturada com óleo e dessecante, o que faz parecer as grades, de pedra, dando-lhe uma linda aparência.

16 – Esta manhã, fui com uma carta de Mr. Dickins ouvir o Dr... de Water-House, em Cambridge; achei-o a dar a sua lição sobre os elementos primos e combinação da matéria, no que, para explicar como os corpos crescem, admitiu alma até nas pedras, para mostrar que as diferentes combinações da matéria produzem diferentes qualidades. Misturou duas substâncias brancas, que ele disse haviam mudar de cor, mas tal coisa não



aconteceu; ele atribuiu isto ao ar, etc. Chama às suas lições “natural *philosophy*”, e, pela exposição que fez, tem de explicar no curso das suas lições em seis meses: História Natural, Física e Química! O quarto era espaçoso e ornado com grandes retratos dos instituidores de diversas cadeiras: Washington, Ams., etc. Passei depois à livraria que consta de 1.800 volumes, a principal parte de Teologia, e muitas obras repetidas, porque, sendo composta de doações de particulares, muitas vezes se encontram 3 exemplares do mesmo livro. Os livros não estão arranjados segundo a ordem de ciência mas segundo os doadores; assim, estão em diferentes gabinetes os livros de Teologia, de História, etc. Há, porém, a Enciclopédia, e muitas outras belas obras. Fui depois ao *Museum*, que apenas merece este nome, pois consta principalmente de vestidos e armas dos índios, que inda que na Europa seja raridade, neste país é uma coisa muito comum. Havia um navio feito de vidro: as cordas, e tudo o mais de vidro, que digno de ver-se. Havia 4 ou 5 quadrúpedes empalhados mas tão mal que não tinham mais que a pele de semelhante. Há, também, uma dúzia ou mais de vidros com espírito de vinho, onde estavam algumas cobrinhas naturais deste país conservadas. No tal quarto grande havia uma pequena linda coleção de minerais, que foi um presente que a *terrível República* (França), disse-me o Dr., fez a este colégio. Quando saí, estavam os estudantes à mesa, olhei da porta para o quarto, e o comer fedia em lugar de cheirar; as mesas eram muito porcas, os estudantes de chapéu na cabeça, etc. Disse-me o doutor que as despesas de um estudante não montavam a mais de 2 dólares por semana, e um papel que me deu, na conta que Stuart deu a um, são quase 9 dinheiros por quartel ou 3 meses; mas este não se loja no colégio. Fui depois a sua casa, que é defronte, e me mostrou uma pequena coleção de plantas secas, que tinha em um livro, coisa de 100 entre elas; havia bonitas e bem preservadas<sup>47</sup> espécimes de *Cassia Chamai Chista* ou *American Sonna*; *Poá*, *broom grassassium*, assim chamado porque é de que fazem as bassoiras<sup>48</sup> na América; *Panicum Tenuiflor*, *Elynus*, *Panicum Cirgatum*, *Arenlus Virginiana*, *Wild Horse Chesmet*, – a raiz desta planta é usada em lugar de sabão, e lava melhor que nenhum outro álcali; *Poligala Senaka*, *Rattle-Snake-Root* *Ceanothus Americanus*, *New Jersey ba*, *Robinia Rhus Toxicodendron*, *Sophora Tinctoria*, *Wild Indigo*, etc. Deu-me *More-Sueto* um

---

47 Preservados.

48 Vassouras.



copo de vinho, e disse-me que uma campainha que tocava chamava por ele, o que era mentira; em consequência me fui embora, etc. Entre as curiosidades do *Museum* havia uma grande escritura em um papel a que eles chamam *characters* ou *Deighton Rocks*, que estão gravados nestes rochedos e se supõem ser escritura dos índios.

17 – Fui ver a Alms House, que é um muito mau edifício ao pé do Mall; gente velha é que habitava principalmente esta casa: teria 100 pessoas. A casa é indigna, o tratamento sofrível, mas a tranqüilidade perfeita. Entre os doidos havia uma mulher que gritava continuamente que temia ir para o inferno, para onde supunha ir indefectivelmente. Falei hoje com um lavrador de Georgetown em S. Carolina que me disse que a plantaçao do tabaco lá era diferente da que usam aqui, porque no sul não se lhe cortam os topos, mas muitas folhas, de modo que as outras ficam grossas e densas, talvez por esta razão; disse-me o mesmo, a respeito do arroz, que o costumavam aguar com diques, que fazem nos rios onde a maré opera, mas que provam a água para saber se tem sal, porque a menor quantidade de água salgada mata o arroz; disse-me, havia diversas qualidades de engenhos para o descascar, que todos foram inventados 20 anos a esta parte, pois antes os não havia, e que cada vez se melhoram mais e aperfeçoam. O algodão é uma muito proveitosa cultura porque um rapaz é tão serviçal como um homem, o que não acontece no tráfico do arroz, anil, etc. O Coronel Wade Hamton espera fazer este ano 18.000 th. esterlinas em algodão das suas plantações. Tem-se feito muitas experiências a respeito do cânamo que dão todas as esperanças, e naquele mesmo lugar há um Mr. Dupris (se bem me lembro), que está ocupado em publicar tudo quanto é preciso (*sic*) saber-se pelos lavradores para o melhoramento da agricultura do país.

18 – Hoje, fui com o Dr. Fleet ver a prisão que é muito má, mas nela só havia 35 presos por todos. Este mesmo foi quem me mostrou ontem a Alms House, porque ele é o médico de ambas as instituições. Fui depois ver o Dispensatório da cidade de que tenho as regras no caderno de observações nº 5 e visitei com ele alguns dos seus doentes.

À noite, fui com o Dr. Dexter a um Clube onde estavam 12 pessoas; conversaram inspidamente sobre vários objetos, beberam, comeram alguma fruta fresca e passada, e depois de duas horas de clube nos

retiramos. O dono da casa era um primo-irmão do Presidente, e tem estalagem ou *boarders*, como eles lhes chamam.

19 – Parti em uma *stage*; paguei 6 dólares por mim e pelo rapaz, e, como a mala pesava mais do que devia, paguei mais meio dólar. Jantei em Wrentam e paguei 2 dólares por mim e criado; à noite estava em Providência, e pousei em a casa em que pousei da outra vez, e paguei esta manhã 1 dólar e 75 cêntimos, recebi o meu baú que tinha vindo num vagão de Boston e paguei 1 ½ dólares, mas o homem queria 2 dólares; sempre costumam chupar mais, se podem.

20 – Esta manhã parti para New-Port, no paquete todo o resto como dia 7 deste mês (o bote ou paquete em que vínhamos custa preparado ao mais 500 dólares). Um sujeito que estive na Geórgia me deu esta informação sobre o algodão: cada *bill* contém três pés que produzem 4 th. e ocupam 2 pés de terreno.

Assim que desembarquei me procurou o *quaker* Mr. Alocum que mostrou a casa de Mr. Brinton onde me hospedei.

21 – Hoje, passei o dia a escrever sem adquirir uma só idéia nova. À noite fui ao teatro que é uma casa de grandeza proporcionada à terra; e a representação constou de algumas muito más pantomimas; toda a orquestra do teatro constava de um homem calvo e velho, que tocava uma muito má e desafinada rabeca.

22 – Domingo. Observa um almanaque que há nos Estados Unidos, presentemente, 7 universidades, 16 colégios e 60 academias. Um bostonense, que loja comigo, teve a impudência de dizer a um inglês, hoje à ceia, que as universidades de Inglaterra e Escócia estavam 50 anos mais atrasadas que a Universidade de Cambridge, em Boston. Esta anedota para mim, que observei a tal Universidade, me prova bem o orgulho e a petulância dos americanos. No “Repository of Arts and Manufactorys”, de Londres, cuida o 2º volume, há um extrato das atas da Academia de Lisboa, duma memória de Vandelli com um galante comento.

23-24 – Estes dois dias se passaram sem alguma coisa de novo, e por isso os conto como um borrão negro no meu diário.

25 – Hoje, pela manhã, o meu hóspede me apresentou o seu *bill*, no qual me carregou um dia de mais 3 dólares de vinho que lhe não pedi, e depois de alguma reflexão que lhe fiz me restituiu só meio dólar; isto não é

admiração, porque quase sempre assim me acontece. Um sujeito que morava comigo me pediu tomasse debaixo da minha proteção uma francesa que tinha vindo de Filadélfia a New-Port para alguns negócios, e que não falava nem entendia uma só palavra inglesa; e é de notar que está na América há 6 anos; com efeito, tomei conta dela porque é casada, e seu marido, um negociante rico, que está na Havana para onde ela vai; chama-se Prans, se bem me lembro. À noite fundeamos em Black Point, em Connecticut, tendo feito 60 milhas de viagem porque o vento era muito fraco fronteiro.

26 – Pela manhã, tínhamos viajado quando acordei algumas milhas. Ao meio-dia estávamos em New-Haren, e à noite fundamos ao pé de Hollgate, sem mais novidade.

27 – Pela manhã o paquete não quis partir para New York com medo da febre, e por isso fomos obrigados a partir de manhã em uma escuna, em que pagamos cada um mais um dólar por pessoa, além de termos pagado por inteiro a passagem ao capitão, apesar de nos não levar onde queríamos. Cheguei ao cais, não entrei à cidade com medo da febre e... a barca onde tomei às 4 horas a *stage* em que parti para Filadélfia pelo novo caminho de Swift-Sure; à noite pousamos em Springfield 18 milhas da *ferry*; paguei a ceia e cama, e me fui ao leito tendo tido todo o tempo da *stage* uma grande, livre, conversação com a companheira de viagem.

28 – Parto de Springfield às 4 horas da manhã, e às 8 estávamos no pouso do almoço em Bambrook, 20 milhas já passadas, porém, tendo se rebentado um correão do coche, fomos obrigados a esperar até às 11 que ele se compusesse. Jantamos daqui 24 milhas em Peny-Town onde paguei por nós três, dois dólares; passamos depois o Delaware em uma *ferry* onde entrou coche e tudo, e o barco andava à vara, e tendo mudado de *stage* em New-Town, distante de Filadélfia 24 milhas, vi aqui um *meeting* para a eleição onde dançavam e se embebedavam antes de votar: tratava-se de nomear os inspetores para governador, etc.; à noite tendo chegado às 10 ½ a Filadélfia não achei estalagem que me quisesse receber, e por fim fui parar ao Valle onde tinha estado.<sup>49</sup>

---

49 Nota à margem do manuscrito: “Vide a descrição de Jersey, pág. 162”. O autor refere-se ora ao seu “Caderno de Observações” ora a determinada obra. Ao que parece, aqui, ele se reporta a uma obra qualquer cujo autor e título deixou de citar, por tê-la de memória, como é de seu hábito fazê-lo. (M. B.)

29 – Hoje, sendo domingo, fui procurar Guilleman que não achei; dirigi-me a Hamilton, lá jantei, e encontrei Guilleman, o qual me explicou a razão das diferenças entre os comissários ingleses e americanos, e vem a ser que os americanos devem pagar em moeda esterlina, que ele interpreta moeda de Inglaterra, e os americanos querem que sejam bastantes os pagamentos que fizeram em papel-moeda, no tempo da sua maior depreciação, e obrigando a receber, etc. Vi no Mr. H. o *caffè* do Kentucky. Aqui me encontrei com o Coronel Forest que me ofereceu a sua casa para passar lá alguns dias, o que eu imediatamente aceitei.

30 – Hoje, parti na *stage* para Germantown onde mora o Coronel Forest, e tendo jantado, etc., com ele aí fiquei. Tem uma filha de 14 anos que toca cravo, canta, desenha e sabe francês. (Explicou-me a razão da batalha que aqui se deu, e perdeu pelo General Washington, que foi porque, quando o general mandou tocar um tambor de trégua para falar à gente da casa de pedra, os americanos, que estavam na coluna da esquerda, cuidaram que era toque de retirada e voltaram para trás, sem que achassem oposição, e, como era tropa indisciplinada, os oficiais não puderam fazer nada; isto me disse o mesmo Coronel Forest.) À tarde fui passear com ele e trouxemos uma grande quantidade de plantas, que eu quis dessecar.

## Outubro

1 – Disse-me o coronel Forest que antes da revolução se fazia aqui muito *inssinglasse*, que empregavam na epuração dos liquores. Ele conheceu um homem que ficou rico só com esta manufatura; este homem comprava os *sturgeons* a  $\frac{1}{2}$  dólares, e, como habitava Pensilvânia, os peixes lhe vinham, principalmente, das vizinhanças de Trenton. Passei a noite em casa de um Dr. Boticário com a família do meu coronel. A planta de que tenho a casca é provável que seja a que na Jamaica chamam Cabbage Tree, segundo as informações que deram; é uma grande árvore que cresce nos montes daquela ilha.

2 – Fui a Filadélfia ver se tinha cartas e achei que os *packetes*<sup>50</sup> que tinham vindo para o Freire foram para Inglaterra, onde provavelmente foram as minhas cartas. O Coronel Forest partiu hoje para

---

50 Pacotes, fardos.

Trenton. Eu fiquei com o poder de estar em sua casa, etc. O melhor tempo para plantar batatas em Mansland é junho; um agricultor, dali, me disse que as melhores batatas eram as que se plantavam depois da sega ou colheita, lavrando a terra logo depois de segado o trigo e plantando batatas. Um agricultor de Pensilvânia é de acordo que estas batatas são as melhores para a mesa, mas não em tão grande abundância como as que se plantam na primavera.

3 – Henry Laurens obteve da Jamaica canada e meia ( $\frac{3}{2}$  pintas) de semente de *Guinea Grass*, que na primavera de 17 plantou em  $\frac{1}{4}$  de acre de terreno, em terra bem medíocre; a semente brotou, e em breve cobriu toda a terra com uma bela relva de 4 e  $\frac{1}{2}$  pés de alto. Desejoso de aproveitar a semente, não segou mais que um quarto, que deu aos cavalos, que o devoram com avidez. Em agosto, dividiu a raiz de um pé em 28 partes, que plantou; cada parte arraigou e produziu depois boa semente. É de opinião este sujeito que o *Guinea Grass* é perene e que dava bem em todas as terras baixas; requer muito pouco cuidado, pois uma só grade passada por cima é bastante, depois ela toma cuidado de si mesmo. Um sujeito em Jamaica faz todos os anos 1000 th esterlinas com um prado que tem no *Guinea-Grass*.

4 – Veio o meu dono da casa.

5 – O modo porque no Mississippi apanham os búfalos é o seguinte: arranjam-se os caçadores formando um quadrado de 4 linhas, e lançam fogo ao campo; os búfalos, que temem as chamas, se vão concentrado, até que ficam de tal modo empilhados que se não podem defender, e os caçadores matam todos. Dizem que raras vezes se recolhe uma partida de caçadores desta caça sem 15 ou mais búfalos mortos. Os caçadores ajustam entre si o modo do ataque, e se algum desampara o seu posto, e deixa escapar os búfalos, os outros o castigam tirando-lhe as armas, que é o maior desprezo que um selvagem pode sofrer; os chefes mesmo são sujeitos a isto; e se algum se não submete ao castigo certamente há uma guerra civil. O búfalo do Canadá é grande, os cornos, baixos, negros e pequenos; os paleares têm grande pêlo e uma touca de lã sobre a cabeça que lhe cai sobre os olhos e lhe dá um aspecto medonho; têm uma corcunda ou tofo que lhe começa nos quadris e vai aumentando até as espaldas, coberto com um longo cabelo. O pêlo, dizem, produz 8 libras<sup>51</sup> de lã, que faz melhores meias, e outras coisas, que a

---

51 Libras. (M. B.)

seda. Foge geralmente dos homens, mas depois de ferido se torna muito feroz; tem um ativo cheiro e por isso os caçadores sempre o acometem pela parte do vento. Dizem que na baía de Hudson há outra qualidade de búfalo, que chamam *musk-bulls*: pelo cheiro da *musko*<sup>52</sup> que tem. Produz uma lã melhor que a dos carneiros da barneria, porém são tão pouco em número que se supõem que os selvagens destruíram esta raça inteiramente, porque eles têm as pernas sumamente pequenas e, não podendo correr quando a neve é densa, se matam facilmente.

6 – Domingo. O coronel teve hoje duas senhoras a jantar; eram *quaker*, mas uma era tão *gay* que me disse não pertencia já ao *mee-ting*, etc.

Cascata de Niágara – (Veja-se para esta cascata a parte do diário que transcrevi no caderno de arranjos nº 1, no fim: *the Niagara*.) Segundo alguns, estas são as mais exatas dimensões; largura do rio na cascata – varas: 360; largura da ilha que está no meio – varas: 40; altura do precipício de água – pés: 137. O lago Erie está superior ao lago Ontário 300 pés, pelo menos, e a terra começa a subir ainda do lago Ontário para o Erie em algumas partes quase a prumo; é formado por camadas ou estrato de pedra calcária. Esta ladeira começa ao lado do Norte do lago Ontário, e se dirige a Este, passando entre Ontário e Erie, e se perde nas campanhas perto do lago Simcol. A água corre encanada em um canal que a continuação tem aberto na pedra, e com uma violência verdadeiramente espantosa, e continuando a seguir este canal na sua extremidade há um grande rochedo e aí a água se precipita a uma altura de 150 pés, tendo o rio aí de largura 135 varas. A bulha que faz a água quando cai se ouve por 20 milhas distante, e o tremor que produz na terra, por muitas varas ao redor. Com grande trabalho se pode descer abaixo a cavidade, e há um lugar, entre a água que cai e a pedra que lhe fica por detrás, bastante espaçoso para conter muitas pessoas fora de perigo, e aí se pode conversar e ser ouvido, por a bulha da água é muito menor. Uma névoa constante se levanta desta cachoeira, em que os raios do sol pintam brilhantes cores, que fazem um lindo efeito; esta névoa, ou água suspendida, cai sobre as árvores vizinhas, e no inverno se gela fazendo o mais brilhante efeito. A água, pouco depois, encontra outras

---

52 Almíscar. (M. B.)

descidas menores, em meia milha de distância, que serão de alto 58 pés, e por conseqüência a água se precipita 273 pés em menos de 7 milhas e meia. Se os patos ou outras aves que voam passam perto da catarata são precipitados nela e destruídos. Quando a água se precipita levanta pirâmides, e esferas de prodigiosa grandeza desfazem-se no ar ou se precipitam, mudando de figura, e são sucedidas por outras.

7, 9 – Parti, hoje, para uma pequena viagem com o Coronel Forest, na sua sege. Passamos o Schuylkill em uma barca, e à noite estávamos em Heherter ocidental. Aí pousamos em uma estalagem muito má; o estalajadeiro era o major Bown, um democrata; a parede estava cheia de cartazes contra Mr. Ross, que é o candidato para Governador do Estado, proposto pelos Federalistas, e a conversação foi sempre sobre políticas, e probabilidade sobre quem seria o Governador. Os caminhos até aqui tinham sido muito maus, e a terra, medianamente cultivada, porém os campos ornados com imensidade de *Liriodendron tulipifera*, e de *magnólias grandiflora*, e *tripétala*, que é uma árvore realmente grande.

10 – De manhã viajamos ..... milhas e encontramos uma ridiculíssima aldeia. Aqui morava Mr. Junphreis Marshall, o autor do *Catálogo*, etc. Paramos em uma estalagem dum *quaker*; e da casa saiu um velho alto bastante, direito, uma boa figura; uma casaca parda de sarafina com bastantes remendos mas muito limpa, uma véstia de veludo da mesma cor com umas grandes abas, calções irmãos, umas meias encabeçadas; o seu chapéu de *quaker*; e um pau na mão com que apalpava o caminho, o que nos fez conhecer que ele era cego. O coronel adivinhou quem era, e uma pergunta nos fez declarar ser o mesmo Mr. Marshall, que nós buscávamos, tio do nosso estalajadeiro, que ainda que segue os princípios *quaker* contudo está desonrado, *id est*, excomungado ou fora da comunhão dos outros, porque vende licores na sua taverna, o que pode causar que alguém se embebede (tal é o rigor dos *Quakers*). Marshall levou-nos para sua casa e começou a mostrar-nos o seu jardim, que, sendo extenso, está muito maltratado, cheio de erva, depois que ele está cego; porém, ele, a apalpar com o bastão, correu tudo, e nos mostrou todas as plantas que tinham. Entre outras, uma árvore açucareira que ele plantou há 22 anos, e que estava frondosa, dando uma boa sombra, e com bela vista, tinha pé e meio de diâmetro; a *Amorpha fruticosa*, que é uma árvore de dez pés de alto; tinha a *Xantoxilla*, que



quebrando um ramo dá a mais bela cor amarela e de que os tintureiros aqui se aproveitam; *Via Diariae*, que é, segundo as folhas e propriedade da casca, a *embira* do Brasil. A *Magnolia tripetala* tem alguma coisa de grande e majestosa, mas as sementes (disse o velho) não se devem guardar secas porque não nascem, é preciso conservá-las com alguma umidade. Mostrou-me um arbusto (*sideretes*) a que chamou, se bem o entendi, *Clown-worm-wet*, que disse era um grande remédio para os peitos das mulheres, quando o leite se enfartava. Fomos com o velho ao *meeting* dos *quakers*, e, como ninguém pregava, um dos velhos se levantou a dizer que a razão porque muitos não tinham o espírito era por falta de atenderem a ele, mas isto tão desconchavado que metia nojo.

11 – Hoje, depois de termos visitado Marshall e jantado, partimos para casa pelo caminho chamado Turnipike, que vai ter a Lancaster, que é muito malfeito, sendo uma calçada de pedra, mas de má construção, e dormimos em uma bela estalagem, 25 milhas distante de Filadélfia.

12 – Hoje, chegamos a casa. A razão de não termos ido a Lancaster foi o mau tempo que tem feito.

13 – Fui à igreja dos *Tunkers*; nenhum estava de barbas, e um ministro que as costuma trazer não estava lá, os outros estavam vestidos como nós, e alguns, como *Quakers*; as mulheres quase todas com pós nos cabelos, barretes à moda, etc., de sorte que me pareceram bem degenerados. O ofício divino constou de salmos cantados, e depois cada um se ajoelhou virado para a parede, dando as costas uns aos outros, pois a igreja não tem nem altar nem púlpito, e depois de uma breve oração, nesta posição, se tornaram a sentar, e um dos velhos fez explicações sobre alguns textos da Escritura.

Fiz uma observação, que tenho feito em todos os cemitérios, que olhando para as pedras, que tem os nomes e idades dos falecidos, poucos têm chegado à idade viril de 50 anos, pouquíssimos 70, e além disto apenas observei algum; esta observação é em todos os Estados Unidos.

14 – O *Índigo bastardo* (*Amorpha fruticosa*) e o café de Kentucky são ambas árvores muito grandes, este dá uma vagem chata, comprida, ensiforme, com 3, 4 ou 5 favas dentro.



*Aditamento ao dia 28 de setembro*

Esta parte do país tem carreiras de montanhas que parecem ramos dos Apalaches dirigidas N. E. S. O. e formam intervalos de lindas planícies, que abundam de frutas e culturas de trigo, milho, aveia, centeio, etc. Os habitantes alegres e afáveis. Eu examinei as sumidades destes montes; os rochedos são de granitos de diferentes gêneros, que não ferviam aplicando-lhes água forte (ácido nítrico); talco e mica em grande abundância. Estes montes parecem ser dos primitivos, mas eu não achei esta matéria fibrificada de Buffon, que aqui devia existir se esta massa estivesse sido algum tempo em estado de fusão; o que quer que seja, estes montes têm sofrido grandes revoluções, porque, além de certas desigualdades que lhe são naturais, o que se conhece à primeira vista, há pedras de enorme grandeza removidas do seu lugar para uma considerável distância. Aqui vi uma grandiosa pedra posta quase a prumo, a base é aguda, e começando cair sempre se conserva a prumo. Qual seria a sua primitiva situação?

15 – Ontem, jantei com uma sociedade de democratas onde fui levado pelo meu hóspede. É um fato para provar a barbaridade das tropas americanas pertencentes ao Governo Federal, que 12 mulheres prenhes pariram sobre a neve por serem expulsas de suas casas. Este fato foi publicamente atestado por Mr. W. Claibourne, representativo no Congresso do Estado de Tennessee, onde estes fatos aconteceram.

16 – Parece-me que tenho observado em outras partes do meu diário que Mr. Hosack, um federalista de New York, me disse que os americanos deviam tomar as Flóridas aos espanhóis; isto me foi depois repetido por um Mr. Price, “clerk no Land Office”, com quem me encontrei, indo de New York para Boston, e por outros. Mas, hoje, li em Callender (*A Key to the six pence cabinet*, pág. 77) que Mr. Harper propôs no Congresso atacar as colônias da Espanha, isto na sessão antes da passada, quando a Espanha estava na maior amizade com este país.

17 – Fui hoje jantar com Mr. Brond, à sua casa de campo, e mais nada.

20 – Hoje, fui passear de manhã para dominar o enjôo em que me acho, sem ter que fazer, e sem receber cartas de Lisboa mais que uma do padre Veloso.

21 – Hoje, apareceu numa gazeta o decreto pela qual Sua Alteza ordena que o recebam e respeitem como regente do Reino; trazia, diz a gazeta, o selo do Príncipe, e era assinado por Fulano Soisa, que suponho era algum secretário particular. Corre, também, aqui, que o ministro inglês representara ao Governo que, se o Presidente manda enviados a tratar com a França, Inglaterra toma esse ato como declaração de guerra.

22 – Assevera-se que o Presidente faz partir os enviados no 1º do mês que vem.

23 – Um dos enviados partiu para Newport, onde está a fragata que os deve conduzir.

24 – Diz-se que Pickering resigna, e espera a guerra com Inglaterra.

25 – Fui à cidade procurar por *lodgings*, que não encontrei que prestassem, e aí me demorei até ontem pela manhã (domingo 27) em que vim para Germantown.

26 – Hoje, vou de todo para a cidade. À noite tomei uma pousada em Mulbenster, etc.

27 – Ontem, houve um grande fogo à meia-noite, e entre muitas casas que arderam foi uma estrebaria onde se queimaram 17 cavalos e muitas carruagens.

28, 29, 30 – Hoje, fui examinar os aquedutos e os dois reservatórios que são muito abaixo de merecerem atenção. Vi também a livraria pública de Longan, que é um quarto na Livraria Frankliana ou da cidade. Ora, hoje cometi o maior erro de delicadeza que podia cometer; não o nomeio, mas este *memorandum* me servirá de exemplo. Contém a livraria pública aqui, Frankliana e Longânia, 14 mil volumes.

## Novembro

1, 2 e 3 – Hoje, domingo, fui jantar à casa do Coronel Forest a Germantown, e por ele levado depois à casa de Mrs. Oldmixton, etc.

4 – Em 1793 vieram para S. Vicente (que é uma pequena ilha ao pé da Martinica) 50 plantas da árvore do pão (é o *Artocarpus Incisa*), que o governo inglês mandou buscar a Otahito; eram de 8 polegadas até

dois pés de alto; agora, estão quase todas as plantas de mais de 30 pés de alto, e de diâmetro, 3, até 3 ½ pés. Supõe-se que não poderiam resistir às tempestades (*hurricanes*), furacões de vento, do golfo México, mas tem-se achado que o lenho é muito compacto e resiste muito.

5 – Entreguei ao Sodestron as cartas para Lisboa; tal não aconteceu porque o não achei em casa e as cartas ficaram.

6 – Subscrevi na *Aurora* e paguei três meses.

8 – Remeti as minhas cartas para Lisboa pelo paquete inglês *Janne*, que foram remetidas a Falmouth, a Goerge Fox e Sons, com uma carta de Mr. Prise.

10 – Fui ao Fuilhemand, que me mostrou os vestidos dos Fauls na Escócia, e me explicou o modo por que eles apisoavam o pano, etc. Disse-me que a Mrs. Bache tinha mandado perguntar ao Mr. Bond quem era o agente do *chevalier* de Freire, porque queria cobrar 5 th. em que importavam as rumas que lhe fizeram na casa, de chaves perdidas, fechaduras quebradas, etc. Jantei em casa do Hamilton.

11 – Listas das plantas que se usam na América para prados artificiais:

Sweet-scented vernal-grass: *Anthoxanthum odoratum*.

Meadow-fox-tail grass: *Alopecurus pratensis*.

Smooth-stalk meadow grass: *Poa trivialis*.

Meadow-fescue-grass: *Festuca pratensis*.

Lerested-dog's-tail-grass: *Cynosurus cristatus*.

A ordem porque florescem é esta, porque aqui se acham: o *Alopecurus pratensis* e o *Poa trivialis* são próprios das terras úmidas; o *Anthoxanthum odoratum*, e o *Festuca pratensis*, para terras mais secas ou moderadamente úmidas; o *Poa trivialis* e o *Cynosurus cristatus*, para pastos secos.

As melhores plantas que os americanos usam para prados artificiais são as que seguem, cuja bondade se pode contar na ordem em que se segue:

Talb-meadow-oato: *Avena elatior*.

Talb-fescue-grass: *Festuca elatior*.

Meadow-fox-grass: *Alopecurus pratensis*.

Meadow-soft grass: *Holcus lanatus*.

Timothy ou meadow cats tail grass: *Phleum pratense*.

Rough-cocks-foot-grass: *Dactylis glomerata*.

English ou common rye grass: *Lilimo, perenane*.

Sweet-scented vernal-grass: *Anthoxanthum odorat*.

Ready-cima-cima arundinacea.

Broom-grass (duas espécies): *Bromi*.

Todos estes se devem semear com o *Timothy* em terreno que se possa orvalhar com facilidade. Mas, terras altas preferem ordinariamente o *clover* (*Trifolium pratense*), *lucerna* (*Medicago sativa*), e *saint-forn* (*Hedyoarum onobrychis*).

14 – Hoje, me disse o secretário da legação inglesa que a razão porque o Presidente nomeou os enviados para a França foi porque seu filho, que está enviado em Berlim, lho aconselhou; este rapaz é um jacobino, e seu pai supõe nele uma grande capacidade, e confia principalmente nele.

15 – Jantei em casa do ministro de Inglaterra, que me veio de manhã convidar e visitar pela primeira vez; lá me encontrei com um espanhol, Mr. Donald, que me disse que a cochonilha não produzia senão em um detrito do México, e que talvez não produzisse nos outros porque a não tinham experimentado, e que havia outras produções igualmente ricas; tal era o índigo, algodão, etc. Eu suponho que ele tinha saído da sala, e disse ao ministro da Inglaterra que eu nunca estava contente estando com um espanhol, ao mesmo tempo reparei que o outro estava na sala, e o ministro me ajudou a remendar o erro dizendo que não entendia aos particulares, etc.

16 – Hoje, atendi a primeira lição de História nacional que deu o Mr. Peale, o proprietário do Museum, em que ele fez a descrição da sua vida dizendo que tinha começado por ser pintor, etc. Observei uma máquina de furar as bombas, que se pode ver no caderno de observações N. 6, N. B.

17 – Jantei em Germantown com um boticário e médico, Dr. Boton.

21 – A pesca das baleias é feita principalmente pelos Estados de Nova Inglaterra, e regra comum é esta: o mercante prepara à sua custa

o vaso, com todo o necessário de ferramentas e aparato da pesca, mantimentos, etc.; quando o navio volta, metade dos lucros pertencem ao mercante, a outra metade é dividida em porções das quais pertencem, tantas ao capitão, tantas ao piloto e tantas aos marinheiros, e isto segundo os ajustes. Hoje, recebi dois ofícios do Sr. D. Rodrigo, um de 22 de maio de 1799, que servia para acompanhar as cartas de recomendação que o Cônsul Geral dos Estados Unidos em Lisboa deu em meu favor para diversas pessoas aqui, a petição do Sr. Luís Pinto; outro ofício é de 30 de maio de 1799, e serve de me dizer que tem recebido as minhas cartas e dar-me novas ordens.

Veio me falar Antônio Joaquim da Silva, que me mostrou documentos com que me provou ter saído de Lisboa num paquete, digo, bergantim do rei, que ia de correio marítimo para Pernambuco; foi conduzido a Surinam, e depois de muitas voltas veio parar a Filadélfia, e mais um dos marinheiros que tinha por seu criado (José Ribeiro), este, vendo-se sem dinheiro, nem podendo subsistir, se foi meter a bordo de um vaso de guerra americano..., onde já prestou juramento de fidelidade aos Estados Unidos e se ajustou por um ano, recebeu dois meses de soldo com que pagou a estalagem por si e por seu amo e foi-se. Antônio Joaquim procura passagem para Portugal, ou Londres, mas não acha quem lhe dê.

Fui informado que o ano passado as manufaturas de seda e algodão, de toda a casta, foram muito desvantajosas na Inglaterra devido isto à carestia do material em bruto.

Segundo as experiências de um americano, Mr. Bartram, os bichos de seda nativos da América, ou selvagens, como lhe chamam, têm qualidades superiores aos ..... europeus, porque: 1º, chocam os ovos mais cedo; 2º, não sofrem tão violentas moléstias como são as periódicas, que os outros sofrem por três vezes, e em que morre uma grande quantidade deles; 3º, não são afetados pelos trovões, raios e tempestades; os mansos padecem infinito com os fenômenos elétricos que acontecem na atmosfera; 4º, os casulos pesam 4 vezes mais que os casulos dos bichos mansos, o que dá a entender que produzirá maior quantidade de seda. De tudo isto resulta que se deve animar a cultura dos bichos da seda no Brasil.

22 – Fui, hoje, entregar várias cartas de recomendação das do Buckley que entre elas foi a Binigham, que foi que me pareceu mais polido, senão o mais afável.

Peale me disse que eram muito freqüentes os ossos da mar-mota, e que ele esperava mandar seu filho a recolher alguns e fazer um escalete<sup>53</sup> inteiro.

24 – Jantei com Hamilton, onde obtive notícia da cochonilha, que escrevi, etc.

25 – Encontrei, à noite, com um almirante espanhol, em casa de Mr. Liston, chamado Mr. Donald; disse-me que havia no México um botânico chamado Jesse, ou Iesen, que estava para publicar algumas obras. Disse-me que a cochonilha se produzia na província de Guaxaba, no México, que apanhavam (quando a apanham para mudar de planta e aparam em um molho de linho cânhamo ou um certo gravatá, que serve para o inseto se pegar nele, e colocam entre as juntas dos cactos, logo depois *produjos* pequenos que entram a pegar-se à planta) os bichos raspando-os da planta com uma faca de pau, porque uma de ferro fazia uma ferida na planta e uma cicatriz dura onde o inseto não pode chupar; aparam-nos em um avental que trazem e os deitam depois em um vaso grande donde os conduzem a uma bacia d'água quente e aí os lançam para os matar, e depois os secam ao sol; não os torraram, porque, na panela de torrar, os que ficavam por baixo, se torravam, queimavam, e faziam negros, antes que os de cima estivessem mortos, sendo muito difícil, com este método, dar a todos um igual grau de calor. Tiram três camadas cada ano. Os cavalos e bois comem o cacto e inseto, se sucede entrarem no Nopal.

26 – O Dr. Bush, que visitou a cidade Federal, disse que desde o Capitólio até à casa do Presidente havia bastante matérias para produzir muita febre amarela. Esta cidade foi também infectada este ano.

Mr. Roxbury – suponho que o nome será Roxburgh – está para publicar em Inglaterra as suas observações nas Índias Orientais, onde compreende a descrição e cultura do bicho da seda, superior a tudo quanto se tem descoberto nesta matéria; esta obra se intitulará

---

53 Esqueleto. (M. B.)

*Flora Coromandeliana*, e me dizem que não custará menos de 90 guinéus.

27 – As seguintes plantas merecem ser introduzidas no Brasil: *Croton sebiferum* – é muito vulgar na China, e de uma incalculável utilidade pelo sebo que produz; *Rheum palmatum*, que se supõem ser o verdadeiro *Rhubarbaro*; há muito na América, cresce em chão rico, areento e barrento, não em situações úmidas; *Morus papyrifera*, suponho ser desta árvore (é o *Confervalva rivulans*, de que há grande abundância no Estado de New York) que o Mr. Libingston se descobriu o fazer papel.

28 – O extraviador dos marinheiros aqui é um cabeleireiro que tem casa de pasto; chama-se Manuel José Salgado, tem um tio ou irmão prior da Freguesia das Mercês, em Lisboa, e outro procurador-geral do convento de Trinos.

Mr. Bingham veio ver-me esta manhã e é o primeiro de todos os a quem eu entreguei cartas. A obra que me emprestou o Mr. Hamilton tem por título: “*Letters to sir Joseph Banks Baronet, President of the Royal Society on the subject of coxinnical insects, discovered at Madras by James Anderson M. D., etc. Madras, 1788*”.

29 – Em Rússia aconteceu a um sujeito que entrou em uma polida Assembléia, viu as regras e entre elas era: as senhoras não se embebedavam antes das dez horas. Eu vi em Filadélfia na *City Assembly* que na mais polida companhia os senhores não vieram de botas.

## Dezembro

5 – Recebi um convite do ministro de Espanha (a quem já tinha visitado) para jantar com ele 2<sup>a</sup> feira, 9 do corrente.

6 – Recebi de Moses Marshall um barrilinho<sup>54</sup> de sementes, que me custou dois dólares, às quais entreguei ao Dr. Parke.

8 – Tem-se feito experiências sobre o modo de plantar batatas, e uma plantada inteira sem se cortar, e outra no mesmo terreno cortada em pedaços, como é a prática geral; o produto foi: da batata inteira,

---

54 Está: barrilinho. (M. B.)

217, um quarto delas muito grandes e o resto da grandeza ordinária; e a batata partida produziu 120.

Manoel José da Silva

Manuel Machado – foi para Maranhão

Manuel Lourenço –

Antônio Pereira

Joaquim José

José Vaz

Faustino da Cruz

José Maria – morto em Surinam.

Estes são os nomes dos marinheiros que foram tomados no correio marítimo em que estava de escrivão Antônio Joaquim e tomados para bordo da fragata inglesa em Surinam.

14 – Mr. Barry, um negociante de Baltimore com quem falei hoje à noite, em casa do ministro de Espanha, me disse que North Carolina é o Estado da América que tem uma natural ligação com Portugal, porque os produtos são: boas aduelas e muito trigo, o que nós necessitamos; disse-me que o vinho do Porto tem decaído muito porque tem vindo para aqui muito vinho da Figura com o nome de Porto, e sendo-lhe inferior tem feito perder o crédito ao verdadeiro Porto e dado saída aos vinhos franceses; para prova disto me alegou que tinha 20 pipas há 4 anos que não podia vender. Eu acho mais uma razão, e é que seus apaixonados recomendam sempre os vinhos de França, eu tenho sempre visto em casa do ministro de Espanha louvar o vinho de França e dizer que estão em moda em Inglaterra; os pobres vinhos de Portugal não tem ninguém que lhe faça isto.

15 – Hoje, soube que o ministro de Inglaterra me tinha por um jacobino ou republicano, e que os fundamentos eram a amizade que eu tinha com o Coronel Forest, de Germantown, onde eu estive morando; mal sabe ele porque eu lá estive, e mal sabe ele porque eu cortejo o ministro de Espanha.

18 – O *Guinea gras* é excelente nos climas quentes porque resiste aos calores e ao tempo seco, quando todos os outros prados ardem e se queimam.

“This is the golden age... ai warship gold,  
Honours are purchased... love and beauty sold.”



26 – Hoje se fizeram as honras funerais ao General Washington a que eu não assisti por não ter luto nem dinheiro para o comprar, porém tenho a descrição que foi publicada na gazeta.

27 – Fui ver à sala da Sociedade Filosófica os ossos do animal desconhecido a que chamam Mammuth; havia um pedaço de tíbia, a parte superior; o nó do fêmur; a parte do osso ísquio,<sup>55</sup> onde encaixa a cabeça do fêmur; parte de uma mandíbula inferior, com dentes; uma porção de dentição despegada; outro pedaço de queixada, que deixa bem ver que o animal entra na classe dos brutos; uma vértebra dorsal, com as apófises, que parecem ser a 5<sup>a</sup> ou 6<sup>a</sup> vértebras (estes ossos não parecem ser o *Megatherium*, do Paraguai). Um americano, Mr. Turner, o autor de uma memória sobre a marmota, me disse que esperava o verão que vem ajuntar um esqueleto inteiro deste animal, e Mr. Peale me disse que estava com as mesmas intenções, e que para isso mandava seu filho viajar o interior da campanha.

Strahlemborg, na sua descrição histórico-geográfica, observa que o nome russo deste animal é *Mammoth* que é uma corrupção de *Memoth*, que significa o mesmo que o *Bebemot*, de Hob. Esta palavra se aplica a todo animal de uma grandeza extraordinária, por exemplo: *Fybd* é nome arábico do elefante de uma grandeza ordinária, porém, quando é de uma grandeza fora do comum, sempre lhe ajuntam o adjetivo *Mebemodi*.

Em Genese o preço de serrar nos engenhos é a metade do pau serrado, ou 6 dólares por um milheiro de paus serrados.

Já houve quem julgasse que os ossos do *Mammoth* eram de algum gigante, e isto se produziu como prova de uma Passagem do Gênesis (Cap. VI, v. 4), o que se acha em uma das memórias das transações filosóficas da Sociedade Real de Londres no ano de 1714 (veja-se *Abregé des transactions de la Société Royale de Londres*, vol. 10, p. 262).

---

55 Está *skion*. (M. B.)

.....  
*Copiador e Registro das Cartas de Officio*

**I**

(N<sup>o</sup> 1)

LMO. Sr.

Depois de cinqüenta e nove dias de uma assaz incômoda viagem aportei a esta cidade a 13 do corrente, e tendo entregado logo ao ministro de S. Majestade, aqui residente, as cartas de V. Ex<sup>a</sup> e do Sr. Luís Pinto, e exposto circunstanciadamente a minha comissão, assentei, segundo as insinuações de S. S<sup>a</sup>, fazer o meu turno no princípio do verão, começando por New Jersey, e depois Maryland e Estados do Sul, não permitindo as imensas neves mais que o empregar-me em adquirir conhecimentos teoréticos do país, aliás indispensáveis, e familiarizar-me com pessoas que farão, ao depois, a minha viagem muito mais proveitosa.

Não havendo aqui comunicação com o México, tem o mesmo ministro determinado que faça a minha viagem para Havana, passando daí a Vera Cruz, com quem Havana tem alguma comunicação, e é muito provável que aí encontre o que me leva ao México; sendo muito possível obter cartas de favor para alguns negociantes, e até passaporte do ministro de Espanha nesta capital. Aproveito esta ocasião de dar a V. Ex<sup>a</sup> os meus mais sinceros respeitos e minha mais submissa obediência.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>. Filadélfia, 22 de dezembro de 1798.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o mais obediente súdito.

H. J. C. P.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Não me permitindo a brevidade com que saí de Lisboa procurar a V. Ex<sup>a</sup> mais que duas vezes, nas quais não pude ter a honra de lhe falar, tomo a confiança de escrever a V. Ex<sup>a</sup> para segurar por este modo a V. Ex<sup>a</sup> da minha obediência, dando parte da minha chegada a esta cidade onde pretendo passar o inverno, para, na estação seguinte, fazer a viagem dos Estados Unidos, segundo as Reais Ordens; e aproveitando, igualmente, esta ocasião para certificar a V. Ex<sup>a</sup> dos meus mais sinceros respeitos e da submissão com que desejo executar as ordens de V. Ex<sup>a</sup>, sempre que se digne honrar-me com elas. Deus Guarde a V. Ex<sup>a</sup>. Filadélfia, 22 de dezembro de 1798.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Luís Pinto de Sousa Coutinho, o mais obediente súdito.

H. J. C. P.

(N<sup>o</sup> 2)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> o catálogo incluso, que deverá acompanhar uma caixa de sementes, já entregue ao ministro de S. Majestade, aqui residente, para o fazer conduzir a Lisboa, segundo as ordens de V. Ex<sup>a</sup>. Uma grande parte desta extensa coleção, que contém cento e noventa e duas espécies, só será estimada pelos amadores da ciência como indígenas deste país, contudo, vão muitas utilíssimas na Arquitetura e Civil, nas Artes e na Medicina.

Nas outras remessas que fizer, em que se não conterão mais que espécies de conhecida utilidade, trabalharei em mandar todas aquelas que V. Ex<sup>a</sup> tem especialmente mencionado.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>. Filadélfia, 20 de janeiro de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Luís Pinto de Sousa Coutinho o mais obediente súdito.

H. J. da C. P.

Catálogo das sementes de árvores, arbustos e ervas que vão na caixa, cujos números se referem aos embrulhos e papéis igualmente numerados:

- 1 – *Liriodendron tulipifera*
- 2 – *Pinus lutea* – Jersey pine
- 3 – *P. echinata* – Prickly pine
- 4 – *P. strobus* – White pine
- 5 – *P. toda* – 203 leaved pine
- 6 – *P. balsamia* – Balm giliad
- 7 – *P. canadensis* – New found land spruce black
- 8 – *P.* – d<sup>o</sup> red
- 9 – *P. larix* – American larch
- 10 – *Cumpressus disticha* – Bald cypress
- 11 – *C. thioides* – White cedar
- 12 – *Thia occidentalis* – Arbor vitae
- 13 – *Fraximus americana* – Great white ash
- 14 – *Cereis canadensis* – Judas tree
- 15 – *Pinus abies* – Hemlock spruce
- 16 – *Laurus Benzoin* – Benjamim
- 17 – *L. sassafrans* – Sassafran.
- 18 – *Celtis occidentalis* – Nettle tree
- 19 – *Evonimus americanus*
- 20 – *E. atropurpuens* – Spindle tree
- 21 – *E. atropurpuens* – variedade
- 22 – *Franklinia alatamaha*
- 23 – *Itoa virginiana*
- 24 – *Hyperium Habmianus*

- 25 – *H. variety*
- 26 – *Carpinus belula* – Horn bean
- 27 – *C. ostria* – Hop Horn bean
- 28 – *Hydrangia lauca*
- 29 – *H. frutescens*
- 30 – *Aristolochia sypho* – Pipe vine
- 31 – *Betula sacharina* – Sweet birch.
- 32 – *B. populifolia* – Poplar leaved
- 33 – *B. atrus canadensis* – Tough older
- 34 – *B. alms maritima* – Sea sces old
- 35 – *B. alms rubra* – Comm ald
- 36 – *Betula alms glauca*
- 37 – *Halmia latifolia* – Laurel
- 38 – *H. angustifolia* – L. olive leaved
- 39 – *Andromeda paniculata*
- 40 – *A. arborea* – Sorrel tree
- 41 – *A. Calyculata* – Boggandromeda
- 42 – *Rhododendrum maximum*
- 43 – *Andromeda mariana*
- 44 – *Ledum thymifolium*
- 45 – *Asaloo glauca*
- 46 – *A. mudiflora*
- 47 – *A. mud* – purple
- 48 – *A. mud* – variedade
- 49 – *A. mud* – variedade
- 50 – *Stirax leve* – *Stirax*
- 51 – *S.* –
- 52 – *Vaccinium nigrum*
- 53 – *V. frondosum*
- 54 – *V. viridi*
- 55 – *V. staminium*
- 56 – *Philadelphbus inodorus*

- 57 – *Hipericum*
- 58 – *Zanthoxyla apiifolia*
- 59 – *Mespilus nivea*
- 60 – *M. canadensis* – Duarf now *M.*
- 61 – *M. pumila*
- 62 – *Sorbus americana*
- 63 – *Rosa paludosa* – *Swamprose*
- 64 – *Crataegus coccinea*
- 65 – *C. crus galli*
- 66 – *C. piriifolia*
- 67 – *C. flava*
- 68 – *Amorpha fruticosa*
- 69 – *A. cerulea*
- 70 – *Mespilus arbutifolia*
- 71 – *Chionanthus virginica*
- 72 – *C. virg.* – variedades
- 73 – *Stewartia malacodendron*
- 74 – *Magnolia tripetala*
- 75 – *M. glauca.*
- 76 – *M. gl.* – variedade
- 77 – *M. acuminata*
- 78 – *Viburnum nudum*
- 79 – *V. dentatum*
- 80 – *V. aboreum*
- 81 – *V. prunifolium*
- 82 – *V. acerifolium*
- 83 – *V. opulifolium*
- 84 – *V.* – nova espécie
- 85 – *Cornus florida*
- 86 – *C. sericens*
- 87 – *Nissa sylvatica*
- 88 – *Prunnu americana*

- 89 – *P. padus* – Dwarf Bird cherry
- 90 – *P. pad. montana*
- 91 – *P. montana*
- 92 – *Spiroa opulifolia*
- 93 – *S. tomentosa*
- 94 – *S. salicifolia*
- 95 – *S. montana*
- 96 – *Acer migundo*
- 97 – *A. pensilvanium*
- 98 – *A. canadense*
- 99 – *Sambuens nigra*
- 100 – *Prunus pumula*
- 101 – *Prinus*
- 102 – *P. verticilatus*
- 103 – *P. glaber*
- 104 – *Illex opaca*
- 105 – *Clethra almifolia*
- 106 – *C. arborea*
- 107 – *Zanthoxylum virginicum*
- 108 – *Lonicera dioeca*
- 109 – *L. dioc.*
- 110 – *L. symphoricarpos*
- 111 – *Berberis americana*
- 112 – *Mirica cerifera*
- 113 – *Staphelia trifolia* – *Staphylea*
- 114 – *Celastrus scandens*
- 115 – *Aralia spinosa*
- 116 – *A. hispida*
- 117 – *A. racemosa*
- 118 – *Smilax caduca*
- 119 – *S. rotundifolia*
- 120 – *S. herbacea*

- 121 – *Juniperus americana*
- 122 – *Bignonia radicans*
- 123 – *Corylus americana*
- 124 – *Ceanothus americana*
- 125 – *Cephalantus occidentalis*
- 126 – *Tilia americana*
- 127 – *Callicarpa americana*
- 128 – *Glautheria procumbens*
- 129 – *Halesia tetraptera*
- 130 – *H. teg.* – variedade
- 131 – *Michella repens*
- 132 – *Hedera quinquefolia*
- 133 – *H. cordifolia*
- 134 – *Quercus rubra* – *Champain oak*
- 135 – *L. discolor*
- 136 – *L. pumila*
- 137 – *L. nigra* – *Catesby's black oak*
- 138 – *L. nigra*
- 139 – *L. paludosa*
- 140 – *L. prinus*
- 141 – *L. lobata*
- 142 – *L. laciniata* – *Spanish oak*
- 143 – *Ptelea trifoliata*
- 144 – *Rubus occidentalis*
- 145 – *Fagus castanea*
- 146 – *Glicine frutescens*
- 147 – *Aesculus pavea*
- 148 – *Ae. alba*
- 149 – *Ae. lutea*
- 150 – *Ae.* – variedade
- 151 – *Rbus radicas*
- 152 – *R. vernix*



- 153 – *Vitis blandia*
- 154 – *V. labrusca*
- 155 – *V. vulpina*
- 156 – *Pirus coronana*
- 157 – *Rubus coccinea*
- 158 – *Anona triloba*
- 159 – *Gleditsia triacanthus*
- 160 – *Liquidam bar styraceflua*
- 161 – *Rbus copalinum*
- 162 – *R. glaberum*
- 163 – *R. tiphinum*
- 164 – *Bignonia catalpa*
- 165 – *Diospyros virginiana*
- 166 – *Platanus occidentalis*
- 167 – *Juglans nigra*
- 168 – *Juglans amara*
- 169 – *J. rober*
- 170 – *J. lenta*

HERBÁCEAS

- 1 – *Friosteum perfoliatum*
- 2 – *Fumaria fungosa*
- 3 – *Clematis crispa*
- 4 – *C. grandiflora*
- 5 – *C. virgina*
- 6 – *C. virginica*
- 7 – *Silpbum perfoliatum*
- 8 – *S. trifoliatum*
- 9 – *Mimosa virgata*
- 10 – *Salvia coccinea*
- 11 – *Sophora cerúlea*
- 12 – *Hibiscus* – *Variedade*
- 13 – *Solidago* – *Mexicana*

- 14 – *Aeschynomene*
- 15 – *Yucca filamentosa*
- 16 – *Lobelia cardinalis*
- 17 – *L. ciphilitica*
- 18 – *Cassia chamechrista*
- 19 – *Seratula spicata*
- 20 – *Cassia liquitrina*
- 21 – *Euphorbia picta*

Tenho a honra de remeter a V. S<sup>a</sup> a caixa de sementes sobre que lhe falei, e espero que V. S<sup>a</sup> a enviará ao Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho junto com a carta inclusa, que contém o catálogo, e outras coisas relativas às mesmas sementes.

Deus guarde a V. S<sup>a</sup>. Filadélfia, 8 de fevereiro de 1799.  
Sr. Cipriano Ribeiro Freire.

H. J. da C. P.

(N<sup>o</sup> 3)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Em 20 de janeiro corrente ano escrevi a V. Ex<sup>a</sup> remetendo-lhe o catálogo das sementes que tinha já entregue ao ministro de S. Majestade Cipriano Ribeiro Freire, porém, depois, soube que esta coleção que consta de 192 espécies não pode ser remetida, então, por ter o navio partido inesperadamente, mas ele a remeterá, sem dúvida, na primeira ocasião que houver. Quanto à cochonilha, há grandes obstáculos para obter a semente, porque, não havendo daqui comunicação com o México, é necessário passar a Havana para me poder transitar a Vera Cruz. A primeira dificuldade é poder exportar de Vera Cruz para Havana a planta e inseto sem que seja percebido, porque tal exportação é proibida debaixo de grandes penas; mas espero que, por meio de indústria e dinheiros, ela se possa conseguir e escapar inda ao outro perigo de sair de Havana. Encontro, porém, uma maior dificuldade na sua condução, porque a planta, que é de

uma natureza muito diversa daquela que temos no Brasil, segundo uma que observei na estufa de Mr. Hamilton, em Filadélfia, a planta, digo, e muito menos os insetos poderão sofrer as mudanças e alternativas do clima, vindo de Vera Cruz para Havana, dali para Filadélfia ou Nova York, daqui para Lisboa e de Lisboa para o Brasil, sendo impossível que depois de todas estas viagens o inseto possa estar vivo. O único meio que lembro para vencer esta dificuldade será esperar algum navio que vá dos Estados Unidos com escala para o Brasil, e fazer passar nele a planta, no caso de se poder obter de Havana.

Suponho que são raros os exemplos de ter S. Majestade dado licença a navios que vão daqui para o Brasil, mas a ser possível conceder-se neste caso, teríamos a vantagem de poder ali introduzir muitas plantas utilíssimas, e principalmente a que vou a dizer a V. Ex<sup>a</sup>, talvez mais interessante para nós, que a mesma cochonilha, e é uma nova espécie de cana-de-açúcar que foi trazida da ilha Otahito, e que me parece não estar inda descrita por algum botânico. Esta cana, que observei também na estufa de Mr. Hamilton, é tão vantajosa que rende o duplo da outra, e um francês, antigo habitante de S. Domingos, me assegurou que, tendo obtido esta cana, viu que lhe rendia o triplo da outra, e que o açúcar era de melhor qualidade, tendo, além disto, a vantagem de que o bagaço depois de seco abunda para o fogo, necessário na depuração de toda a calda que a mesma cana tem produzido.

A semente e planta do tabaco de Virgínia, as de prados artificiais e outras, que são de uma quase igual importância, podiam seguir a sorte das outras a haver uma tal ocasião.

A minha viagem, segundo o plano que concertei com o ministro de S. Majestade, deverá principiar em abril. Irei daqui a Nova York, passarei daí a Boston e Maine, e voltarei a Filadélfia pelo interior da campanha. Este giro servirá principalmente para o linho cânhamo, pois que nos Estados do Norte é mais cultivado, e acabará em maio ou princípio de junho. Depois, passarei aos estados do Sul, onde se aproveitaram o tabaco, arroz prados, etc. E este giro será acabado em setembro, e então espero que V. Ex<sup>a</sup> me tem já comunicado as suas ordens para poder determinar a viagem de Havana.

Nestes termos, sendo necessário absorver o primeiro ano da minha diligência nos Estados Unidos, rogo a V. Ex<sup>a</sup> queira propor a S. Majestade de me fazer a graça de continuar a assistência para o ano futuro; e espero mais que V. Ex<sup>a</sup>, capacitado da carestia que encontrei neste país, que é, além de tudo o que posso exprimir a V. Ex<sup>a</sup>, alcançará da Real Grandeza de S. Majestade a mandar-me assistir com mais alguma coisa para passar o resto desse ano, pois é totalmente impossível que possa subsistir o tempo que falta com o ordenado que recebi; segurando<sup>1</sup> ao mesmo tempo a V. Ex<sup>a</sup> que de qualquer modo que a Magnanimidade de S. Majestade me faça sustentar neste ou noutra país eu serei, como devo, perfeitamente satisfeito e contente com a Real vontade de S. Majestade.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup> muitos anos. Filadélfia, 24 de março de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, etc., o mais obediente súdito.

H. J. da C. P.

(N<sup>o</sup> 4)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tendo dado parte a V. Ex<sup>a</sup> do aumento de ordenado que se me fazia indispensavelmente necessário neste país, consultei sobre isto ao nosso Ministro, que me fez sentir os inconvenientes a que eu me expunha, se não ponderasse a V. Ex<sup>a</sup> os gastos que necessariamente havia de fazer.

Primeiramente este país é de tal modo caro que o ordenado que S. Majestade me mandou dar não me chegará para passar a metade do ano como expus a V. Ex<sup>a</sup> em outra ocasião, e o digno Ministro têm já por outras causas informado ao Sr. Luís Pinto com individuação; depois disto, a minha passagem ao México, que não pode ser direta, há de ser feita daqui a Havana, e de lá a Vera Cruz, que são duas viagens assaz dis-

---

1 Assegurado.

pendiosas. Em Vera Cruz necessariamente há de haver gastos extraordinários na exportação de plantas que preciso obter com muitas cautelas; há mais outras duas viagens da retirada de Vera Cruz para Havana, e dali para Filadélfia, e finalmente a minha volta a Lisboa.

Todas estas despesas, indispensáveis na minha diligência, exigem que eu tenha crédito aqui para achar quem me avance o dinheiro necessário para isto, o que não acontece, pois eu estou em um país onde sou inteiramente desconhecido, e suponho que isto se poderia remediar pelo nosso Ministro. Ele me disse que não podia dar crédito ou abono para me fazer emprestar dinheiro porque não tinha recebido ordem alguma a este respeito.

O meio, pois, que me lembra para ser suprido com dinheiro para estas despesas, que eu mesmo não posso saber quais serão, é mandar V. Ex<sup>a</sup> falar a Mr. Burckelely, o cônsul americano em Lisboa, para que me mande dar crédito aqui ao seu correspondente, que me dê aquilo que eu precisar, porque, como esta casa é bem estabelecida, e têm correspondência para as colônias de Espanha, lhe é muito fácil mandar-me dar o dinheiro que eu precisar em qualquer dos portos de Cuba ou México a que me dirigir. Este meio é, sem dúvida, o mais fácil, porque uma ordem de Mr. Burckelely aos seus correspondentes tem feito tudo, e os meus avisos do que tiver recebido lhe servem para cobrar em Lisboa.

Este, ou outro expediente, para me suprir prontamente com dinheiro, é tão essencial que o nosso Ministro me disse que a não receber eu esta ordem em tempo competente devia tomar este silêncio como uma prova de que S. Majestade não queria que eu continuasse a minha comissão, e, com efeito, achei que devia antes, neste caso, retirar-me a Lisboa que me expor a passar muitos males, cujo sofrimento não efetuaria a diligência em que eu desejo tanto ser bem sucedido.

Devo mais expor a V. Ex<sup>a</sup> que ainda que eu pudesse ter crédito aqui, o que não tenho, ninguém me aceitaria as letras que eu passasse sobre Lisboa, pois não há câmbio aberto entre essa e esta praça, o que me faz supor ser necessário o expediente de mandar a ordem pelo dito cônsul americano, em Lisboa. Entretanto V. Ex<sup>a</sup> escolherá o que lhe parecer mais conveniente.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>. Filadélfia, 24 de março de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o mais obediente súdito

H. P.

(N<sup>o</sup> 5)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> a lista inclusa, e o portador, que é Mr. John Gibson, o sobrecarga do navio *América*, entregará a V. Ex<sup>a</sup> uma caixa de sementes com mais de 200 espécies, que formam uma bela coleção das plantas notáveis deste país digna do jardim de S. Alteza Real.

Estas sementes me foram principalmente procuradas por Mr. W. Hamilton, um curioso de botânica em Filadélfia, que tem muitas e diferentes plantas na sua estufa e jardim. Ele me disse que estava pronto a remeter para Portugal todas as sementes que lhe pedissem, e que ninguém poderia servir melhor que ele, pois as sabe escolher e preservar;<sup>2</sup> mas, queria, em torno, algumas sementes de Portugal e Brasil. Eu achei que devia informar a V. Ex<sup>a</sup> esta circunstância, porque uma porção de sementes, que entre nós são comuns e próprias do país, mandadas a este homem o obrigaria a ponto de o fazer um pronto e hábil correspondente para todas as sementes e plantas que daqui se precisarem, principalmente dos pinheiros, sobre o que darei a V. Ex<sup>a</sup>, na primeira ocasião, uma conta exata, para que, no caso de se querer fazer um *bono pinhal* em Portugal, se possam escolher e aproveitar as diferentes qualidades de pinhos que aqui há.

Fui, também, informado, que na Jamaica há a árvore do pão, trazida para aí pelos ingleses de Otahito; não pude saber se é o *Zamia caffra*, que Tumberg achou na cafraria, e a que chama *Bread-tree*, ou a *Radamachia* a que os ingleses na Índia chamam *Bread-fruit*, ou, *finalmente*, se é o *Arto carpus* de Linneu; mas tenho bastantes razões para supor que é este último, segundo as informações que me deram, o qual é sumamente

---

2 Preservar. (M. B.)

próprio para o clima do Brasil. Na Jamaica há, também, a cana-de-açúcar, que mencionei a V. Ex<sup>a</sup> na minha carta nº 3, e o *Cactus coximiliffer*; assim, se puder verificar se a navegação, sobre que falei a V. Ex<sup>a</sup> na dita carta, podem obter-se daquela ilha estas preciosas plantas com muita facilidade.

A pequena porção de semente do tabaco de Virgínia, que agora remeto, e que pode ser plantada em Lisboa este verão, servirá para mostrar que a espécie é bem diferente da que temos no Brasil, e quando fizer a viagem do Maryland escolherei, para remeter, uma porção considerável, que acompanharei com a descrição da cultura, para se poder enviar ao Brasil. O inverno continua inda, e tão rigoroso, que supponho não poderei partir de Filadélfia antes de 15 deste mês. Pouco depois se retirará também o nosso Ministro, que vai para Inglaterra, o que me deixa em desassossego, porque, não tendo Portugal cônsul nos Estados, não terei quem me faça algum empréstimo; se se demorarem os avisos e providências, que espero de V. Ex<sup>a</sup>, pois como já dei parte a V. Ex<sup>a</sup> por duas vias, o meu ordenado está quase exaurido, não sendo por nenhum modo possível que me possa ser bastante para o tempo de demorar neste país, que a minha comissão exige.

Deus Guarde a V. Ex<sup>a</sup>. Filadélfia, 6 de abril de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o mais obediente e súdito.

H. P.

(N<sup>o</sup> 5)

Catálogo das sementes. N. B.: a letra P denota as plantas que são indígenas de Pensilvânia.

*Acer sacharium* – P

– *pensilvanicum, striatum* – P

*Aeschimene* – *nova espécie* – P

*Aloë affricana*

*Alium montanum* – P

*Amaranthus lívidus* – P

– *Dagla Keira*

- *Espécie de Bahama*
- Apaymum Hiperifolium* – P
- Asclípias verticilata* – P
  - *decumbens* – P
  - *incarnata* – P
  - *variegata* – P
- Altea officinalis* – P
  - *caunabina* – P
- Alectris uvaria*
  - *farinoza* – P
- Amorpha fructicoza* } Carolina
  - *Cerulosa*
- Angelica atro-purpurea* – P
- Astragalus canadensis* – P
- Bignonia radicans* – Virgínia
- Bignonia catalpa* – Flórida
- Bupleurum rodundifolium*
- Beta-indica.*
- Basella lucida.*
- Cornus albai* – canda
  - *florida* – P
  - *cericea* – P
- Cratoegus coccinea*
- Capsicum nigrum*
- Chilidonium glaucum* – Virgínia
- Convalaria recemoza* – P
- Convalaria multiflora* – P
- Canna glauca*
- Calicarpa americana* – Carolina
- Cardiospermum Halicacarbum*
- Chenopodium incanum* – P
- Chenopodium Botryz*



– (espécie nova) Carolina

*Chinantus virifinium*

*Celtis occidentalis*

*Groton cebiferum* – China

*Carum carni*

*Cumpressus thyoides* – P

*Cunila pulegioides* – P

*Carduus altissimus* – P

*Celastru scandens* – P

*Cercis canadensis* – P

*Cassia marylandica* – P

– espécie nova – P

– *nictitans* – P

– *chamoechrista* – P

*Corchorus capsulani*

– *fuscus*

*Convoluctus heptaphilus*

– *formosus*

*Cucumis Mello microcarpox* – Virgínia

*Commelina erecta* – Virgínia

*Cynanchum suberosum* – P

*Disoscoroa villoza* – P

*Dillenia Indica*

*Digitalis* (não conheço a espécie)

*Dipsacus fulonums*

*Dolichos miami* – P

– *purpurens* – Lima

– *sinensis*

*Diospiros virginiana* – P

*Evonymus atropurpurens* – P

– *americanus* – P

*Eryngium joetidum* – Carolina

- *aquaticum* – P
- Gaura binis* – P
- Galega virginiana* – P
- Gaultheria procumbens* – P
- Geranium sanguineum*
  - *cicutarium*
- Geranium papilionaceum*
  - *maculatum* – P
- Geranium carolinianum*
- Gerardia flava* – P
- Gleditsia triacanth* – P
- Hedera 5 folia* – P
- Hysopus neptoides* – P
- Hybiscus caroliniensis*
  - *palustris* – P
  - *spicatus*
  - *nova espécie* – P
- Hedissarum volitans*
- Hypericon ascyron* – P
- Hydrangea tormentosa*
- Hura crepitans*
- Ipomoea coccinea*
- Iris virginica*
  - *sibirica*
- Juniperus commis* – P
  - *virginiana*
- Justitia monanthera*
- Juglans nigra* – P
  - *albo* – P
- Laurus sassafras* – P
  - *Benzoin* P
- Litflosperflum officinale* – P

- Lathums latifolius*  
*Indigofera frutescens* – Botany bay  
*Lonicera simphoricapos*  
– *caprifolium semper virens* – U  
– *media lutoa* – P  
*Lobelia cardinalis* – P  
*Lagostremia, floribus magnis*  
*Lytherum salicana*  
*Lupinus perenis* – P  
*Magnolia tripetala* – P  
– *glaucoa* – P  
– *acuminata* – P  
*Menis pernum virginicum* – P  
*Morus rubra* (fructu albo) – P  
*Molucella levis*  
*Myrica cerifera* – P  
*Mespilus arbutifolia rubra* – P  
– – *nigra* – P  
*Melantbiurn virginicum* – P  
– *lotum* – P  
*Martyria* – proboscidea  
*Mimosa* – Mississippi  
*Nysa integrifolia* – P  
*Hapoa lovis* – P  
*Nicotiana virginica*  
– *cubensis*  
*Occynum sanctum*  
– *grattissimum*  
*Oenothera bienis* – P  
*Phaseolus semierectus*  
– *limensis*  
*Prinos glaber* – P

- *verticillatus* – P
- Prunus padus virginiana*
  - – *americana* – P
- Polygonum convolvulus* – P
- Rudbeckia lauciniata* – P
- Pstia trifoliata*
- Rudbeckia purpurea* – P
  - *espécie nova*
- Rumex sanguinens* – Virginia
- Ruellia strepens* – P
  - *nova espécie*
- Rheum andalatum*
- Rosa rubiginosa americana* – P
  - *pensilvaica plene* – P
- Thus vernix* – P
  - *glaber* – P
  - *typhinium* – P
  - *copalium* – P
- Silphium connatum* – Virgínia
- Smilax herbaceae* – P
- Soleum carolinianum*
  - *diffusum*
  - *macrocarpos*
- Staphileo trifoliata* – P
- Sorbus ancuparia*
  - *canadensis* – P
- Sida abutilon*
- Sida carpinifolia*
- Sophora alba* – Virgínia
- Sophora tinctoriae* – P
- Serratula spicata* – P
  - *trifoliata* – P

- *lobata* – P
  - Saponaria vaccaria*
  - Thuya orientalis*
    - *occidentalis* – P
  - Trichostema dichotonia* – P
  - Trifolium m. officinalis*
  - Triosteum perfoliatum* – P
  - Verbascum Blatharia, alba* – P
    - – *lutea* – P
  - Vaccinium corymbosum* – P
    - *stamineum* – P
    - *nova espécie* – P
  - Varronia curassavica*
  - Verbena bastata* – P
    - *jamaicensis*
  - Vinca rosea*
    - – *alba*
  - Vitis vulpina nigra* – P
    - – *nigra dulcis* – P
    - *nova espécie*
  - Viburnum acerifolium* – P
    - *dentatum* – P
    - *lentago* – P
    - *opubus americana*
  - Urtica*
  - Yuca filamentosa* – Virginia
  - Zea mayx* – 4 variedades
- Prados, que são os mais usados aqui:
- White clover*
  - Large red clover*
  - Small red clover*
  - Heard grass*

Esta espécie de urtica supponho ser a *cannabina*, e é usada com preferência ao linho *cânamo* em muitas cousas.

(N<sup>o</sup> 6)

Ilm.<sup>o</sup> e Exm.<sup>o</sup> Sr.

Na minha carta de 22 de dezembro do ano passado dei parte a V. Ex<sup>a</sup> da possibilidade da minha passagem ao México, pois que o Ministro de Espanha tinha prometido ao nosso Ministro não só dar-me o passaporte para Havana, mas recomendar-me a algumas pessoas; porém, agora, tratando-se isto definitivamente, ele disse que tinha recebido ordens modernas da sua corte para não deixar ir algum estrangeiro qualquer a Vera Cruz, nem mesmo dar cartas de recomendação para Havana, mas como eu tinha de demorar-me ainda nos Estados, talvez quando fosse tempo da minha partida, se as circunstâncias tivessem mudado, e ele então me faria tudo quanto fosse possível.

Qualquer que seja o grau de verdade destas asserções que ele fez ao nosso Ministro, por quem este negócio correu, eu concludo da mudança e hesitação das suas respostas, falta de sinceridade que me é suspeita, e que porquanto me seria mais fácil ir disfarçado, mudando o nome, fazendo-me espanhol e metendo-me a bordo de algum navio com qualquer emprego nele, do que ir com cartas deste Ministro que me fariam mais visível e os disporia talvez a acautelarem-se mais a meu respeito.

Em Havana temos um desembarque dos ingleses, segundo se diz, e isto faz dobrar as cautelas a respeito dos estrangeiros, e como estas medidas podem continuar, e não me ser possível ir ali sem me expor a grandes perigos, tomei o partido de pedir a um negociante de mandar buscar por minha conta as plantas que posso obter da Jamaica e Havana, e me obriguei a pagar-lhe as despesas, porque sendo de tanta importância para Portugal a aquisição daquilo que me leva ao México, que supponho será para o futuro mais uma fonte de riquezas; ficarei satisfeito ao menos de obter no Brasil a planta e inseto, a poder ser, no caso que não possa absolutamente examinar por mim a sua cultura e preparação.

Na minha carta de 24 de março de 99 propus a V. Ex<sup>a</sup> um plano para obter no Brasil todas estas plantas em via reta, sem que sua Majestade fizesse a menor despesa, e era dar licença a um navio para que fosse daqui vender uma carga de farinha, ou outra qualquer coisa, a um dos portos do Brasil, e nele se faziam passar as preciosas e úteis

plantas, que espero coligir; porque, sendo muito difficil conservá-las boas, indo daqui a Lisboa, e de lá ao Brasil, ficava S. Majestade podendo obter estas plantas, que são de uma utilidade incalculável, sem fazer a menor despesa, pois que esta cairia sobre o negociante a quem a esperança do lucro na fazenda, que deve vender no Brasil, o impeliria a emprender a viagem por sua conta.

Este plano que apontei ao Ministro de S. Majestade, Cipriano Ribeiro Freire, lhe pareceu tão vantajoso que me disse o participasse a V. Ex<sup>a</sup> quanto antes, para ter tempo de haver a resposta, em uma época própria. Assim, já fiz escrever para alcançar da Jamaica as sementes da árvore do pão, da nova cana-de-açúcar, e outras, e como em junho pretendo ter feito a viagem dos Estados do Norte, e estar de volta em Filadélfia para passar aos Estados do Sul, estimarei ter a resposta de V. Ex<sup>a</sup> o mais breve possível, para que, a não ser praticável ir a Havana, aproveite logo toda a coleção de plantas que tiver feito remetendo-a para o Brasil, e ficando então em estado de poder retirar-me a Portugal.

V. Ex<sup>a</sup> pode dirigir-me à Filadélfia as cartas com que se dignar honrar-me, porque, inda que o nosso Ministro se retira, e Portugal não tem aqui cônsul, eu deixo uma pessoa autorizada a receber as minhas cartas de Posta, para mas remeter a qualquer lugar em que me ache.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup> muitos anos. Filadélfia, 15 de abril de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

O mais obediente súdito.

H. P.

(N<sup>o</sup> 7)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> as memórias inclusas. A primeira é um tratado sobre a cultura dos bichos da seda. Nesta eu não fiz mais que traduzir as respostas que foram dadas às diversas questões e adir-lhe algumas notas que me pareceram necessárias, porque achei ser este o mais simples e conciso método, sendo ao mesmo tempo o mais

adaptado à capacidade das pessoas que ordinariamente se empregam nesta cultura. Pela leitura da obra, verá V. Ex<sup>a</sup> que algumas questões não foram reproduzidas como eu desejava, mas há outras em que a informação é muito mais ampla que a pesquisa.

As outras duas memórias são: uma sobre o novo método de construir pontes de madeira com um só arco; outra sobre o modo por que nos Estados Unidos se cultivam os prados artificiais perpétuos; aquela é uma invenção que deve ser preciosa no Brasil, onde há superabundância de madeiras, e mesmo em algumas partes de Portugal, onde a pedra é escassa; esta é um objeto de tanta consideração na agricultura que julguei dever remeter a V. Ex<sup>a</sup> as minhas primeiras observações sobre este artigo, inda sem ter concluído o trabalho que tenho entre mãos a este respeito.

Remeto mais a V. Ex<sup>a</sup> uma coleção de panfletos que contém alguns papéis publicados aqui sobre as coisas das moléstias epidêmicas e seus preservativos. O primeiro folheto é uma indução de fatos deduzida da história das febres amarelas, que tanto vezam este país, para provar que o *septon* e suas combinações com diversas substâncias constituem a matéria da peste. O segundo se dirige ao mesmo fim, e deduz as provas da história de outras moléstias. O terceiro é a compilação das leis de New York que proibiam as manufaturas de sabão e velas de sebo na cidade, como nocivas à saúde dos habitantes.

O Dr. Mittchild, professor de Química na Universidade de New York, foi chamado ao Congresso ou legislatura deste Estado para informar com o seu parecer, e das suas razões resultou revogarem-se todas as leis que anteriormente se tinham publicado a este respeito.

*Sir* John Temple, falecido cônsul de S. M. Britânica junto dos Estados Unidos, mandou esta mesma coleção ao Almirantado em Inglaterra, o qual a remeteu ao físico-mor das esquadras, Mr. Trotter, e este médico, tendo já publicado o 2<sup>o</sup> volume da sua utilíssima obra, *Medicina Náutica*, foi obrigado a fazer-lhe um apêndice para lhes introduzir o resumo destas novas doutrinas sobre a peste; e uma carta que o digno Dr. Mittchild recebeu deste famoso médico, há poucos dias, lhe atesta que as suas experiências a bordo da esquadra do almirante Duncan tem correspondido exatamente às teorias do professor.

Nesta coleção falta ainda outro folheto, que é do mesmo professor Mittchild, sobre o contágio, mas a edição está de tal modo finda



que me não foi possível um exemplar, e nem o autor conserva o manuscrito, mas cuido se poderá obter de Inglaterra com facilidade, visto que lá foram republicados.

A variedade de objetos de que estou encarregado, e o tempo limitado para findar a minha comissão, não me permitem que possa enviar a V. Ex<sup>a</sup> a tradução destas obras, mas, se V. Ex<sup>a</sup> a mandar fazer ou ao menos um extrato, será sem dúvida de uma incalculável utilidade para os vasallos de S. Magestade em geral, e particularmente para a nossa Marinha.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup> muitos anos. New York, 15 de junho de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

O mais obediente súdito.

H. P.

(N<sup>o</sup> 8)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Pela conta que em outra ocasião dei a V. Ex<sup>a</sup> a respeito dos búfalos que achei domesticados no interior deste país, terá V. Ex<sup>a</sup> visto a utilidade que resulta destes animais. Agora, depois de ulteriores indagações que tenho feito sobre isto, achei que é praticável remetê-los daqui para Lisboa, e que a combinação destes animais com as vacas de Portugal deve produzir uma raça fortíssima e sumamente adaptada para os trabalhos da agricultura. Eu poderei enviar, a ser essa a vontade de V. Ex<sup>a</sup>, um casal ou dois, que podem servir para raça e para combinar.

Fazendo alguns exames sobre os algodões, fui informado que o Sr. Van-Rohr, um naturalista, mandado por El-Rei de Dinamarca viajar às ilhas do golfo México para examinar o estado da agricultura do algodão, e que se acha agora Governador General em St<sup>a</sup> Croix,<sup>3</sup> deu uma exata conta ao Ministério, em Copenhague, com o título de “*Geschichte von die cotton-boun*”. Nesta obra se faz menção de grande número de

---

3 *Sic.*

variedades que não eram conhecidas e se dá conta dos terrenos que lhe são mais próprios a cada uma, com outras interessantes circunstâncias. Não tenho podido obter aqui esta obra, mas a aquisição e tradução dela nos será, sem dúvida, assaz vantajosa.

A estação principia a ser muito calmosa, e tudo anuncia a torna da febre amarela este verão. Mr. Liston, o ministro de Inglaterra, partiu para o Canadá onde conta passar o verão, e na capital dos Estados Unidos só estão aqueles oficiais do governo, que tem uma imediata necessidade de aí residir. O mesmo Presidente está em Massachusetts.

Ontem se fecharam nesta cidade as eleições para os Senadores e membros da Assembléia do Estado de New York, e tenho o prazer de informar a V. Ex<sup>a</sup> que nem um só do Partido Democrata foi eleito, devendo isto ter uma grande influência na política deste país, pois que os membros, agora nomeados, são os que vêm a ser eleitores do futuro Presidente, e como todos os que entraram foram federalistas é de esperar que a intriga francesa continuará a ter daqui em diante muito pouca influência nos Estados Unidos.

Os americanos continuam a aprontar a sua esquadra, e há poucos dias se lançou ao mar, neste rio, uma das fragatas que aqui se estão construindo. O plano que o governo segue, em geral, é de fazer construir os vasos pelos negociantes e depois os compra ou aluga, e acha mais facilmente quem empreste os mesmos vasos ao governo, ficando com hipoteca neles, do que quem dê o dinheiro, que é raro neste país, o que se vê do abatimento em que estão as apólices do novo empréstimo, que correm já a 8 por cento, abaixo do par, tendo estado (há dois meses) a 40 por cento acima do par.

Apesar de continuarem estas preparações, os vasos de guerra que os Estados Unidos conservavam de guarda-costa se tem recolhido quase todos, do que resulta ter *recolhido*, digo, crescido o número de corsários franceses nas ilhas do golfo México a um ponto extraordinário; pelas últimas notícias aqui recebidas se diz que só de Guadalupe estão fora mais de 40 armadores. O nosso Ministro partiu de Filadélfia para Inglaterra a 8 de maio, pelo que eu remeto estas cartas ao Governador da ilha da Madeira para aproveitar esta ocasião, visto que agora há muitos poucos navios daqui para Lisboa.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

New York, 15 de junho de 1799.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

De V. Ex<sup>a</sup>.

O mais obediente súdito.

H. P.

A escasseza de navios que há deste porto para Lisboa me obriga a remeter a V. Ex<sup>a</sup> os ofícios inclusos e juntos para o Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado na Repartição da Marinha, e rogo a V. Ex<sup>a</sup> que, por bem do serviço de S. Majestade, os haja de enviar ao dito Sr. na primeira ocasião que tiver, para o poder fazer com a segurança e cautelas que exige a importância do seu conteúdo.

Deus Guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

New York, 15 de junho de 1799.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Governador e Capitão-General da Ilha da Madeira.

Hipólito José da Costa Pereira.

(N<sup>o</sup> 9)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tomo a confiança de apresentar a V. Ex<sup>a</sup> a lista inclusa que contém o estado atual das forças navais americanas, porque, não tendo S. Majestade aqui, agora, Ministro ou outra pessoa, que eu saiba, encarregada de fazer semelhantes avisos, supus dever remeter a V. Ex<sup>a</sup> informações deste gênero, que podem prestar alguma utilidade. Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>. New Brunswick, 15 de agosto de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

O mais obediente súdito.

H. P.

Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> as cartas inclusas para o Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado na Repartição do Ultramar, e rogo a V. Ex<sup>a</sup> que, por bem do serviço de S. Majestade, as remeta a Lisboa na primeira ocasião segura que tiver.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

New York, 24 de agosto de 1799.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Senhor Governador e Capitão-General da Ilha da Madeira.

Hip. J. da C. P.

(N<sup>o</sup> 10)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Acabam de chegar a Filadélfia as plantas sobre que tinha falado a V. Ex<sup>a</sup> nas minhas cartas n<sup>o</sup> 3 e n<sup>o</sup> 5, e são a árvore do pão, a nova cana- de-açúcar, e a planta e inseto da cochonilha.

O prazer que tive em alcançá-las foi igual ao trabalho de obtê-las, e as vivas recomendações de V. Ex<sup>a</sup> sobre a última, mas não é menos o desassossego em que estou sobre o modo de conservá-las.

O Dr. Willis, inspetor do Jardim Botânico de Jamaica, por cuja via obtive a árvore do pão, me seguiu que esta planta não suporta o clima temperado dos montes daquela ilha, o que me prova a impossibilidade de a remeter a Lisboa. Indeciso, porém, entre o temor de perder o inseto da cochonilha se o remeto a Portugal, e o risco de expor a propriedade de um negociante, que mande um vaso a levá-lo ao Brasil, pois que S. Majestade não tem aqui Ministro, Cônsul ou outra pessoa pública que possa dar o passaporte, ou a quem eu possa consultar sobre isto, tomo a resolução de esperar as ordens de V. Ex<sup>a</sup> que executarei com aquele respeito e submissão que devo.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup> muitos anos.

New Brunswick, 15 de agosto de 1799

De V. Ex<sup>a</sup>.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

O mais obediente súdito.

H. P.

(N<sup>o</sup> 11)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

1) Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> a memória inclusa, que contém a descrição da máquina que os americanos usam para limpar as lamas acumuladas ao pé dos seus cais, cuja figura e construção os põem em perpétua necessidade deste contínuo remédio.

2) Igualmente vão nesta ocasião dois caixões de sementes dos pinheiros do Weimouth. Eu fui de propósito à pequena aldeia deste nome, que fica em o Estado de Massachusetts, para indagar se lá havia alguma espécie particular de pinhos, e achei que naquelas circunvizinhanças se não produz pinho de qualidade alguma, e que o pinho chamado de Weimouth é o mesmo *White-pine* dos americanos, ou *Piny-strobus* de Linneu, a que os ingleses chamam *New-England Pine*, que é, talvez, a melhor madeira para mastros que se conhece, pois os vi de mais de cem pés de alto, e de uma textura admirável.

3) Esta remessa é feita pela Madeira, por onde tenho continuado a escrever a V. Ex<sup>a</sup>, visto que são muito raros os navios para Lisboa, e esses saem sempre ocultamente, de modo que se não podem saber que vão senão depois de terem partido.

4) Tenho remetido a V. Ex<sup>a</sup> várias memórias sobre diversos objetos em outras ocasiões, e inda que o que tenho coligido se avance a muito mais, contudo o exercício contínuo de viajar em que acho não dá lugar a pôr em ordem as minhas observações, e por esta razão espero que V. Ex<sup>a</sup> me desculpe, se reservo para apresentar a V. Ex<sup>a</sup> na minha volta a mais interessante parte dos meus trabalhos.

5) A febre amarela continua a assolar este país, e inda que não seja por ora tão violenta como foi o ano passado, contudo, em Filadélfia, morreram a 6 deste mês 93 pessoas, a 7, 84, a 8, 97, e assim por diante, de modo que eu apenas me atrevo a entrar em uma cidade ou povoação. Apesar disto, os papéis públicos trabalham por diminuir quanto podem a fama desta terrível peste, negando até fatos que eu mesmo tenho observado.

6) Não tenho, inda até agora, recebido carta, ordem ou notícias de V. Ex<sup>a</sup> depois que estou na América, o que tem demorado o plano da

minha diligência, pois que não posso adiantar-me sem receber as últimas ordens de V. Ex<sup>a</sup> sobre os diversos pontos de que tenho informado a V. Ex<sup>a</sup> em outras ocasiões.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup> muitos anos. Boston, 13 de setembro de 1799.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

De V. Ex<sup>a</sup>

O mais obediente súdito.

H. P.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> o conhecimento incluso pelo qual V. Ex<sup>a</sup> receberá do Mestre do bergantim *Free Friends* dois barris de sementes, os quais espero que V. Ex<sup>a</sup> remeta com a carta, junta ao Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado na Repartição da Marinha, sendo o motivo de incomodar a V. Ex<sup>a</sup> não haver agora ocasião para Lisboa, e ter-me S. Majestade ordenado fazer esta remessa com brevidade.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Boston, 13 de setembro de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, Governador e Capitão General da Ilha da Madeira.

H. J. da C. P.

(N<sup>o</sup> 12)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Pela minha carta n<sup>o</sup> 10, de que ainda agora me é possível remeter a 2<sup>a</sup> via, terá V. Ex<sup>a</sup> visto que tenho já em Filadélfia as plantas de que falei a V. Ex<sup>a</sup> nas cartas números 3 e 5, e sobre que V. Ex<sup>a</sup> me fez as mais vivas recomendações, e pela razão junta às que tenho exposto a V. Ex<sup>a</sup> em outras ocasiões me obrigou a parar com o plano da minha viagem, e me conservo nesta cidade, não supondo conveniente alongar-me dela antes de receber as ordens de V. Ex<sup>a</sup> sobre este assunto.

O Dr. Willis, Inspetor do Jardim Real de Jamaica, me informou que há na ilha de S. Vicente 50 pés da árvore do pão, que o Governo inglês mandou conduzir para ali da Otahite, e, sendo de 8 polegadas até dois pés de altura quando vieram, estão todas hoje de mais de 30 pés de alto e três, até três e meio, de diâmetro, e, contra o que se supunha, tem adquirido uma rigeza suficiente para resistir aos furacões de vento que acontecem naquelas ilhas do golfo México. Estas plantas estão em grande recato; e por isso será muito difícil alcançar de lá alguma, porém, como tem sido transportadas algumas para a Jamaica, podemos, pelo dito Dr. Willis, obter mais alguns pés. Os que aqui tenho são três, mas começam já a sentir o inverno, apesar de os conservar em casa.

A cultura da árvore do chá tem feito grandes progressos na Geórgia, e os americanos estão no projeto de a cultivar em grande; porém, não suponho que possam conseguir grande utilidade, pela impropriedade do clima; o inverno passado, que foi rigoroso e extenso, destruiu uma grande quantidade destas plantas. O terreno, porém, em que se dão melhor, o clima que exigem e outras circunstâncias me têm altamente persuadido que esta cultura se pode ter no Brasil com toda a facilidade, porque as plantas nascem bem de semente, e se propagam admiravelmente de estaca. Mesmo nos Estados médios se cultiva esta planta, e a tenho visto em Pensilvânia florescendo e dando semente.

V. Ex<sup>a</sup> sabe muito bem quais são as vantagens que promete o extensivo comércio do chá.

Tomo a confiança de remeter a V. Ex<sup>a</sup> o extrato de gazeta incluso, que, contendo uma declaração sobre os vasos neutrais que negociam na parte francesa de S. Domingos, podem importar, talvez ao nosso comércio, e mostrar, além disto, a sujeição que aquela ilha inda reconhece à França, contra o que se dizia.

Os enviados que o Presidente aqui nomeou para tratar com a França partiram na fragata americana United-States, de 44 peças, e que aportará a Havre de Grace.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 4 de setembro de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

O mais obediente súdito.

H. J. de C. P.

(N<sup>o</sup> 13)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

A 21 do mês passado tive a honrosa satisfação de receber dois ofícios de V. Ex<sup>a</sup>, um de 22 de maio, que acompanhava as cartas de recomendação do Cônsul-Geral dos Estados Unidos em Lisboa, e no qual V. Ex<sup>a</sup> me significava a aprovação de S. Alteza Real o Príncipe N. S. aos limitados trabalhos a que tenho satisfeito. A bondade de S. Alteza Real fere de tal modo a minha atenção que, se a lealdade e zelo que tenho no Real Serviço pudessem ser maiores, seria um tão poderoso motivo para aumentá-los como é para excitar o meu reconhecimento.

Em outro ofício, de 30 de março, V. Ex<sup>a</sup> me ordena remeta a Lisboa a cana Otahito assim que a obtiver, e avise de ter alcançado o *co-cens* para que se dê licença a um navio que o conduza ao Brasil.

A 15 de agosto passado, escrevi a V. Ex<sup>a</sup> dando-lhe parte que estes produtos estavam já em Filadélfia, e que esperava as ordens de V. Ex<sup>a</sup> para me determinar; porém, infelizmente, o inverno, que se adiantou ao tempo em que podia estar em circunstâncias de os remeter, me pôs na triste e desgostosa situação de informar a V. Ex<sup>a</sup> que o frio e neve que caiu nos dias 18, 19 e 20 de novembro não só matou o inseto e destruiu totalmente as árvores do pão, mas arruinou quase todas as outras plantas, à exceção do *cactus*, sem que me fosse possível dar algum passo para as mandar daqui, por não ter inda recebido as providências que V. Ex<sup>a</sup> me diz terem vindo pelo Sr. Luís Pinto, e que suponho S. Ex<sup>a</sup> terá já expedido. Daqui vê V. Ex<sup>a</sup> que estou na necessidade de fazer segunda tentativa, porém esperarei primeiro as ordens de V. Ex<sup>a</sup> sobre o modo de despachar o navio logo que obtenha as plantas, e que o Sr. Luís Pinto me habilite, sem o que seria expor-me outra vez com o risco de não ter melhor êxito. Logo que receba estas ordens, partirei imediatamente a executar esta última parte da minha



comissão, e tendo completado quase tudo o mais, do melhor modo que as minhas forças me permitem, penso ser do meu dever retirar-me logo depois a Lisboa, a não receber ordem de V. Ex<sup>a</sup> que me determine o contrário, ao que obedecerei com aquela implícita submissão que devo.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 3 de dezembro de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

O mais obediente súdito.

H. P.

(N<sup>o</sup> 14)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> os papéis juntos que são: 1<sup>o</sup>, uma memória sobre o *acer sacharium*, que compreende a descrição, úteis, cultura, rendimentos e despesas, modo de manufaturar o açúcar que ela dá, etc.; 2<sup>o</sup>, uma breve exposição da cultura e modo de preparar o jinsão com as utilidades que podem resultar de se introduzir no Brasil, e 3<sup>o</sup>, a descrição de um modo de tocar a bomba, a bordo dos navios, que vi em uma fragata americana.

Pela ilha da Madeira remeti a V. Ex<sup>a</sup> três tratados que fiz: um, sobre os bichos da seda, outro, sobre os prados artificiais, perpétuos que se usam na América, e o último contém um novo método de construir pontes de madeira.

Na mesma ocasião remeti a V. Ex<sup>a</sup> uma coleção de folhetos publicados pelo Dr. Mittchild sobre o contágio, e meios de o prevenir, principalmente a bordo dos navios, e tudo isto acompanhei com a minha carta n<sup>o</sup> 7.

Eu me ocupo, agora, em reduzir à ordem as observações que fiz na cultura e preparação da cochonilha, e como não posso, neste artigo, fazer nada mais, pela triste notícia que dei a V. Ex<sup>a</sup>, na minha carta

nº 13, aqui me demorarei até que receba de V. Ex<sup>a</sup> as ordens necessárias para concluir esta diligência.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 13 de dezembro de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

O mais obediente súdito

H. P.

(Nº 15)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> uma lista autêntica do estado atual da marinha americana que me foi dada por um oficial da Secretaria, e tomo a confiança de incluir os extratos de gazeta que contém: 1º, a fala do Presidente na abertura do Congresso; 2º, a resposta da casa dos representantes do Senado à mesma fala; 3º, as cartas e comunicações que precederam à missão dos enviados para a França.

Desejoso de empregar todas as minhas forças no serviço de S. Alteza Real, me atrevo a remeter estas notícias que presumo poderem ser de alguma utilidade, e na suposição que este pequeno serviço será agradável ao mesmo Senhor.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 13 de dezembro de 1799.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

O mais obediente súdito

H. P.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tendo decorrido seis meses sem que tivesse alguma notícia de Lisboa, ou ordem posterior ao Aviso da Secretaria de Estado da Repartição da Marinha, datado de 30 de maio de 1799, pelo qual S. Alteza Real, o Príncipe Nosso Senhor, foi servido fazer-me saber que eu receberia pela repartição de V. Ex<sup>a</sup> os socorros pecuniários de que necessitava, para o desempenho da comissão de que o mesmo Senhor houve por

bem encarregar-me, me impossibilitei de modo a continuar a minha diligência por falta de meios, que até nem podia substituir.

Nestas circunstâncias, em que não só eu sofria, mas padecia o Real serviço, tomei o único partido que se me abriu para seguir e foi valer-me da casa de Mr. Waln, que me forneceu algum dinheiro com a condição de que Thomaz Buckley, o Cônsul americano em Lisboa, o cobraria lá. A maior dificuldade, que nisto encontrei, foi a de não haver câmbio entre esta praça e a de Lisboa, o que me obrigou a sacar a letra em moeda esterlina na quantia de oitenta e oito libras, quatro shillings, e oito pences esterlinos, que supus ser bastante para me ajudar a viver enquanto recebia as ordens de V. Ex<sup>a</sup>.

Impróprio, como é, passar letra para Lisboa na expectativa de V. Ex<sup>a</sup>, a mandaria pagar a conta dos meus ordenados, para desempenhar a minha palavra, sem que recebesse de V. Ex<sup>a</sup> uma ordem prévia, contudo, o ter-me S. Alteza Real feito saber que eu receberia por V. Ex<sup>a</sup> as ordens necessárias sobre este artigo, a falta de navios de Lisboa, que me faz supor ser esta a razão da demora, o não ter S. Alteza Real nos Estados Unidos Encarregado de Negócios ou Cônsul a quem pudesse consultar, e, finalmente, a extrema necessidade em que me achava, sem alguns meios de subsistir, serão suficientes razões para justificar a minha conduta perante a bondade de V. Ex<sup>a</sup> e obter o perdão do meu atrevimento.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 15 de janeiro de 1800.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Luís Pinto de Sousa Coutinho.

H. C. P.

(N<sup>o</sup> 16)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

A falta de cartas de Lisboa há 6 meses, tendo-me reduzido a não poder subsistir neste país, por falta de meios, me vali do aviso de V. Ex<sup>a</sup> datado de 30 de maio de 99, em que V. Ex<sup>a</sup> me diz ter S. Alteza Real, o Príncipe Nosso Senhor, havido por bem mandar-me dar pela Secretaria dos Negócios Estrangeiros os socorros pecuniários que necessito,

e, em virtude disso, recebi de um negociante oitenta e oito libras esterlinas, de que passei letra sobre Lisboa, e escrevi ao Sr. Luís Pinto para que houvesse por bem de mandar satisfazer esta soma, que tomei, para poder subsistir enquanto S. Ex<sup>a</sup> não determinava alguma coisa a este respeito. Eu informei já a V. Ex<sup>a</sup> em outra ocasião que, desde a partida do Ministro de S. Majestade em Filadélfia, não há, nos Estados Unidos, Encarregado de Negócios ou Cônsul de Portugal, pois que este tinha já partido para Havana antes de que o digno Ministro se fosse e ainda lá se acha por caixeiro de um negociante de Baltimore, sendo a consequência disto que os marinheiros portugueses e outras pessoas, que aqui chegam todos os dias das colônias francesas, tendo sido aprisionados por corsários, se acham absolutamente desamparados, e se metem a bordo dos navios americanos. Esta circunstância me levou a indagar que marinheiros portugueses aqui haveria e soube, de uma boa autoridade, que há mais de 500 nos navios de guerra, e que com toda a probabilidade há o mesmo número na marinha mercante.

Nestas circunstâncias, não tendo a quem consultar sobre o que devia fazer, me resolvi a obrar deste modo.

Eu confesso o meu atrevimento em proceder assim, sem ter do Sr. Luís Pinto uma ordem prévia, mas, Exm<sup>o</sup> Sr., se não é a bondade de V. Ex<sup>a</sup> nada me pode justificar mais que a necessidade em que me achava, e se isto não basta nada me resta que resignar-me submissamente à vontade e ordens de V. Ex<sup>a</sup>.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 15 de fevereiro de 1800.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

H. P.

(N<sup>o</sup> 17)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> a lista junta das despesas que fiz com condução e custo das plantas da cochonilha, e da árvore do pão, e cana *Otabite*, que veio da Jamaica.

Esta carta será entregue a V. Ex<sup>a</sup> por Carlos Callaghan, o correspondente de David Callaghan, que me supriu com estas despesas, a quem ou à sua ordem V. Ex<sup>a</sup> haverá por bem mandar pagar, sendo assim servido. Apesar das Instruções de V. Ex<sup>a</sup> que me ordenam remeter a conta das despesas que fizer, para que S. Majestade mas mande logo abonar, eu o não faria agora se não fosse o querer embolsar prontamente este sujeito da despesa que fez, sem a qual eu não poderia de modo algum cumprir esta diligência.

As plantas, como avisei já a V. Ex<sup>a</sup>, na carta n<sup>o</sup> 13, tem morrido quase todas com o inverno, não tendo havido nenhuma ocasião de as remeter para Lisboa, e não tendo recebido a licença, que V. Ex<sup>a</sup> diz mandaria, para as remeter ao Brasil. Igualmente não tenho recebido alguma carta do Sr. Luís Pinto até o presente, depois que escrevi a V. Ex<sup>a</sup> a carta n<sup>o</sup> 15.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 3 de fevereiro de 1800.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

H. P.

Conta das despesas feitas com as plantas que conduzi por ordem de Sua Majestade.

Pela despesa que fizeram as plantas vindas da Jamaica, segundo a conta que me apresentou David Callaghan:

Despesas que fiz na viagem e condução das plantas de Puerto Falso, e de que saquei letra sobre David Callaghan .....	200
Condução de Nova York .....	8
Despesas com caixões, transportes, etc. ....	53 6/100
Soma .....	<u>381 6/100</u>

O câmbio foi a 800 réis por dólares pelo que importa toda a soma: Réis 304\$848.

(N<sup>o</sup> 18)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Pelas cartas que tenho tido a honra de escrever a V. Ex<sup>a</sup>, de todos os pontos de minha viagem em que me tem sido possível fazê-lo, tenho dado a V. Ex<sup>a</sup> uma conta regular do estado e progressos da minha comissão; e por elas terá V. Ex<sup>a</sup> visto que tendo deixado Filadélfia o ano passado, assim que a estação o permitiu, me dirigi ao Norte, e tendo corrido todo o interior do Estado de New York, margens do Lago Erie, catarata do Niágara e Lago Ontário, descí pelo rio Catarauai até Montreal; e não me sendo possível passar a Quebec, como pretendia, para examinar o baixo Canadá, onde a cultura do cânhamo se faz em maior escala, subi pelo lago Champlain, ao Estado de Vermont, e fiz um giro por todos os Estados, de Connecticut, Rhode Island, Massachusetts e Newhampshire. Embarquei-me, depois, para Puerto Nuevo em busca da cochonilha e fui assaz feliz para aportar a uma pequena plantação onde a cultivavam; em 15 dias de demora tirei toda a informação que pude, aproveitando-me do mesmo vaso para a volta, e trazendo as plantas com os insetos que deixei em Filadélfia por me ser preciso retirar para a campanha pelo temor da febre amarela, que então assolava esta cidade. Infelizmente, o inverno se antecipou, de modo que destruiu todo o meu trabalho, como tive já a mortificação de informar a V. Ex<sup>a</sup> em várias ocasiões. E tendo compilado as observações que me foi possível fazer sobre os objetos da minha diligência, não me resta mais que receber as últimas ordens de V. Ex<sup>a</sup> para me retirar, sendo agora absolutamente impossível tentar nenhuma viagem ao México, porque os espanhóis, com o temor de algum ataque, tem posto todas as precauções possíveis sobre a admissão de estrangeiros.

Nesta ocasião, tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup> uma pequena porção de semente de que incluo a lista, que são todas preciosas, e muito bem conservadas.

Tomo, também, a confiança de enviar a V. Ex<sup>a</sup> a coleção das leis do Governo Federal reduzidas a Digesto, e compiladas em um só volume. Esta obra tem sido julgada aqui muito exata, correta e útil, pelo arranjo alfabético em que traz as leis e o copioso Index que lhe juntaram.

Remeto mais a V. Ex<sup>a</sup> duas coleções de gazetas, das que pretendem melhor informação: a *Aurora*, que é o mais bem conduzido papel do partido da opposição, e a *Gazette of de United States*, que se diz um jornal do governo. As outras obras contém o estado do rendimento e despesa deste governo desde o seu princípio; planos de defesa e finanças oferecidos ao governo, etc.; o que tudo é autêntico, porque os exemplares foram impressos só para o uso do Congresso. Juntamente com estes vão outros folhetos sobre vários objetos políticos e físicos deste país, cuja leitura supus seria do agrado de V. Ex<sup>a</sup> e de que também incluo lista.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 1<sup>o</sup> de junho de 1800.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

De V. Ex<sup>a</sup>

O mais obediente súdito.

HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA P.

#### LISTA DAS SEMENTES

- 1 – Acor glaucum
- 2 – – nigundum
- 3 – – rubruni
- 4 – – pensilvanicum
- 5 – Amorpha fructicoza
- 6 – Aristolochia Siphon
- 7 – Robinia pseudo acacia
- 8 – Cereis canadensis
- 9 – Magnolia tripetala
- 10 – – glauca
- 11 – – acuminata
- 12 – Acer canadensis
- 13 – Juniperus virginiana

- 14 – *Pinus abies canadensis*
- 15 – *Pinus larix rubra*
- 16 – *Fagus castanea pumila*
- 17 – *Diospiros virginiano*
- 18 – *Chionantux virginiana*
- 19 – *Ralesia tetrapetra*
- 20 – *Ceanothus americano*
- 21 – *Calicanthus florida*
- 22 – *Smilax...*
- 23 – *Corilus tostrato*
- 24 – *Sophora alba*
- 25 – *Hydrangea*
- 26 – Esculas, 3 espécies
- 27 – *Rhux vernix*

LISTA DOS PAPÉIS E LIVROS

- “A Digest of the Laws of the United States.”
- “Observations on the commerce of Spain with her colonies in time of war.”
- Um caderno de tábuas que contém a receita e despesa do governo, desde o seu princípio, até o presente, pela ordem dos anos, e estudo da dívida pública.
- Importações aos Estados Unidos no ano 98 em uma carta do Secretário do Tesouro.
- Rendimento dos direitos d’Alfândega dos anos 95, 96, 97 e 98 em outra carta do mesmo.
- “Barlow letter to his fellow critics on the system of policy hitherto pursued by the government.”
- “The prospect before US.”



- “New views of the orifin... of Indians.”
- 10 orações à morte do General Washington.
- “Tree letters of Thomas Pinkney” etc.
- “Fragments of natural history etc. by Barton.”
- Vários “Reports” ao Congresso, muito interessantes.

Esta carta será entregue a V. Ex<sup>a</sup>, com as sementes e papéis que remeto por Carlos Callagham, a quem V. Ex<sup>a</sup> pode mandar entregar as respostas com que se dignar honrar-me, pois que este sujeito e seu irmão aqui são muito dignos de confiança de V. Ex<sup>a</sup>.

(N<sup>o</sup> 19)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tive a honra de receber o officio de V. Ex<sup>a</sup>, datado de 9 de junho de 1800, em cuja observância remeto nesta ocasião ao governo da Ilha da Madeira as sementes de plantas que foram pedidas pelo dito governo, indo-lhe não só outras, que são de grande utilidade e que supinho se naturalizarão facilmente, mas também as instruções que supus necessárias para a sua cultura.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

13 de agosto de 1800.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

O mais obediente súdito.

H. P.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Tenho a honra de remeter a V. Ex<sup>a</sup>, pelo navio *Abigail*, Capitão Williams, um pequeno barril de sementes que o Príncipe Regente Nosso Senhor me ordenou enviar a V. Ex<sup>a</sup>, por aviso da Secretaria de Estado de 9 de junho de 1800. Faltam, porém, algumas das que vieram mencionadas na Lista porque a estação lhe é absolutamente imprópria, e irão no tempo competente. Na lista das sementes, que incluo, adjunto

não só o nome técnico latim, mas a informação que supus ser necessária para a sua cultura.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 19 de agosto de 1800.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Governador e Capitão-General da Ilha da Madeira Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado.

H. J. da C. P.

#### LISTA DAS SEMENTES

N<sup>o</sup> 1 – Árvore da cera – *Myrica cerífera*. Este arbusto, a que os americanos chamam *Candle-berry Myrthe*, se dá naturalmente em terras baixas. As sementes devem ser lançadas à terra cedo, na primavera, em terra leve, úmida e numa exposição sombria, e se a estação for muito seca é preciso regá-la. Esta árvore é muito digna de que se cultive, porque se podem plantar em terras alagadiças, que não servem para outra nenhuma cultura; contribuem para purificar o ar que nestes lugares é sempre doentio, e dão uma grande quantidade de cera, a qual se tira fervendo em água as bagas ou semente, pois que o pó branco com que estas se acham cobertas é verdadeiramente cera.

N<sup>o</sup> 2 – Cipreste de Maryland – *Cupressus thuyoides*.

N<sup>o</sup> 3 – Ciprestes de Virgínia – *Cupressus distica*. As sementes desta e da precedente exigem a mesma cultura. Devem semear-se numa exposição sombria, e em terra forte, mas úmida ou bem aguada; ordinariamente as sementes brotam no mesmo ano em que se plantam, mas, algumas vezes, só aparecem no ano seguinte. Enquanto são pequenas as plantas é preciso cobri-las com palha, se o inverno for rigoroso, porém, depois que crescem, podem resistir aos maiores frios. Esta espécie (*cupressus distica*) tem um grande proveito para as curvas dos navios.

N<sup>o</sup> 4 – Acer açucareiro – *Acer sacharinum*.

N<sup>o</sup> 5 – Acer açucareiro branco. *Acer sacharinum album*. Esta, e a precedente planta, são variedades de uma mesma espécie. As sementes devem ser lançadas à terra assim que chegarem; o terreno deve ser barrento e úmido. Esta árvore, sendo dióica, é preciso advertir em plantar

os machos perto das fêmeas para se poderem para o futuro obter sementes capazes de produzir. Esta árvore é a que dá o açúcar, e cujas utilidades julgo estarem suficientemente conhecidas.

Nº 6 – Cedro vermelho. *Juniperus virginiana*. Esta árvore se assemelha ao Zimbro. Deve semear-se assim que chegarem as sementes, em terra leve, e numa exposição sombria. Ordinariamente, a semente não brota senão no segundo ano, e durante este intervalo é preciso limpar a terra das ervas estranhas e aguardar algumas vezes o terreno. Quando tiverem dois ou três anos se poderão, então, transplantar para o lugar onde devem ficar, a qual operação deve ser feita em o fim de março ou abril. Esta árvore merece muita atenção porque tem a vantagem de crescer nos terrenos os mais estéreis, e os americanos fazem grande uso dela para a construção de navios.

Nº 7 – Freixo preto – *Fraxinus nigra*. Esta árvore, a que os americanos chamam *Black-axlo*, cresce em lugares úmidos. Deve semear-se no outono, e brotam na primavera seguinte, e se os semeiam na primavera estão dois anos sem nascerem. Os terrenos aquáticos são os mais próprios para esta árvore, porém se dão muitas vezes em montes.

Nº 8 – Sumagre veneno – *Rhus toxicodendro*. Esta arvorezita se supõe ser a que dá o verniz com que no Japão e China fazem o charão. Semeiam-se na primavera, em terreno leve, de qual qualidade que seja cercado-o, porém, com uma sebe, porque se com o tocar pode envenenar e causa feridas na pele no lugar a que se chega.

Nº 9 – Freixo da América. *Fraxinus americana*. Esta planta exige a mesma cultura que a espécie nº 7.

Nº 10 – Azeroleira. *Aleppilus asarolus mayor*. Estas sementes devem ser plantadas profundamente, assim que chegarem, em um lugar abrigado, e quando a planta tiver um ano se mudará. A Azeroleira se pode enxertar e pegar bem de estaca. Estas plantas, algumas vezes, nascem só no segundo ano.

Nº 11 – Alamo – *Betula almus nigra*. Esta planta requer terreno úmido e alagadiço.

Nº 12 – Acácia bastarda – *Robinia pseudo acácia*. Esta árvore é a mais digna de se cultivar, que tem os americanos os tornos que usam

na construção de navios. Cresce com uma velocidade extrema, o lenho é fortíssimo.

Deve plantar-se na primavera, ao abrigo dos ventos, em terreno leve e à superfície da terra, e enquanto forem pequenas se aguardão e limparão das ervas estranhas.

Nº 13 – Pinheiro faia da América – *Pinus abies americana*.

Nº 14 – Pinheiro branco – *Pinus strobus*.

Nº 15 – Pinheiro do Canadá – *Pinus abies canadensis*.

Nº 16 – Pinho de bálsamo de Gilead. *Pinus abies balsamica*.

Nº 17 – Pinho de bálsamo – variedade.

Todas estas espécies de pinheiro se cultivarão do mesmo modo, atendendo, porém, que as espécies nºs 14, 15 e 16 não nascem senão depois de estar debaixo da terra por dois anos. Semeiam-se superficialmente, em terra areenta, e se terá um grande cuidado em mondar o terreno, porque as outras plantas destruirão os pinheiros novos. Não me estendo mais nesta útil cultura porque é fácil acharem-se as direções em qualquer livro de agricultura.

Nº 18 – Vacinio – *Vaccinium*... Estas plantas devem semear-se muito à superfície da terra, na primavera, em terra úmida, ou que se possa regar freqüentemente, inda que pouco de cada vez, por que a muita umidade estragaria as sementes, e, mesmo depois de nascidas as plantas, uma chuva mais forte destruiria indubitavelmente se não forem abrigadas.

Nº 19 – Sorveira. *Sorbus americana*. Esta espécie se produz bem de sementes e exigem o mesmo tratamento que a espécie nº 10. Advertindo que esta árvore cresce mais rapidamente sendo enxertada e faz uma melhor vista: terreno forte e úmido lhe é o mais conveniente, porém cresce em seco e árido muitas vezes.

Nº 20 – *Ledum Thymifolium*. Esta linda planta é um arbusto que se conserva verde todo o ano, etc.; pode servir para o mesmo fim que o buxo.

Ilmº e Exmº Sr.

Pelo navio *Abigail*, Capitão Williams, tive a honra de escrever a V. Exª com data de 19 de agosto do corrente ano para informar a V. Exª que, em conformidade da ordem que tive do Príncipe Regente Nosso

Senhor, remeta a V. Ex<sup>a</sup> pelo dito Capitão Williams as sementes de que inclui a lista.

Nesse mesmo navio enviei para a Madeira três marinheiros da gente de um barco de pescaria pertencente à Ilha Graciosa, e que foi aqui trazida por um navio americano, que os achou no mar desarvorados e sem mantimentos; agora, vão mais 3, e restam ainda dois que enviarei para algum porto português na primeira ocasião que se oferecer, e não tenho a menor dúvida que a caridade de V. Ex<sup>a</sup> os protegerá de modo que possam chegar à Graciosa, onde a maior parte deles tem mulher, filhos e família.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>.

Filadélfia, 30 de agosto de 1800.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Governador e Capitão-General da Ilha da Madeira

Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado

H. J. de C. P.

(N<sup>o</sup> 20)

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr.

Em abril próximo passado chegaram à Virgínia treze portugueses que, passando-se da Ilha Terceira para a Graciosa, se lhes desarvorou a embarcação e foram encontrados já cinco dias sem mantimentos, 83 léguas a Oeste de todas as ilhas, por um vaso americano, que caritativamente os apanhou e trouxe para Norfolk, perto do seu destino.

O Secretário de Estado dos Estados Unidos se dirigiu a mim para saber como estes marinheiros deviam ser tratados e remetidos a Portugal, para onde eles queriam voltar, visto que não havia aqui Ministro português, cônsul ou agente algum, e nem mesmo negociante ou pessoa portuguesa estabelecida em Filadélfia. A desamparada situação destes miseráveis me obrigou a cuidar da sua acomodação e transporte, e, como as minhas posses são tão limitadas que nada podia fazer por mim só, me dirigi ao Cônsul de Espanha, que tem ordem para cuidar dos prisioneiros ou outros espanhóis que aqui chegarem necessitados, para ver se ele podia fazer com que estes portugueses fossem remetidos

a Portugal. Ele me disse que o Ministro de Portugal, Cipriano Ribeiro Freire, antes de retirar-se, escrevera uma carta circular a todos os cônsules de S. Majestade Católica pedindo-lhe que não houvessem de tratar de algum português, naufragado, prisioneiro ou outro qualquer; o dito cônsul espanhol uniu a isto, entre outras reflexões, que o Ministro português, Freire, sabia muito bem quando se retirou que o Cônsul da sua nação estava ausente, em Havana, e que não obstante tinha escrito esta carta de que ele não percebia as razões, mas que o excluía certamente de fazer alguma coisa a respeito dos portugueses.

Nestes termos, vendo que estes infelizes de que a maior parte eram velhos doentes, e que tinham mulher, filhos e família, estavam absolutamente expostos, os tomei à minha conta, e tenho tratado de lhes arrumar a passagem para diversos portos, e agora envio alguns para a Madeira, porque jamais tem sido possível que os navios americanos quisessem receber a todos juntamente.

A despesa que fiz em sustentar aqui onze destes homens por um considerável espaço de tempo, e de providenciar para as suas passagens, são sem dúvida esforços que passam muito além das minhas possibilidades, porém, a situação destes infelizes oprimidos pela fome, a maior parte impossibilitados de poder trabalhar pela sua idade e enfermidade, e mesmo todos pela ignorância total da língua do país, exigiram que eu tomasse um expediente qualquer.

Eu tomo a confiança de pôr humildemente este fato na presença de V. Ex<sup>a</sup> e na primeira ocasião enviarei a V. Ex<sup>a</sup> todos os documentos pertencentes a isto, não só para que V. Ex<sup>a</sup> me faça a mercê de o pôr na presença de S. Alteza Real para ver se posso ser embolsado desta despesa, que é muito fora das minhas posses, mas também, e principalmente, porque assentei ser do meu dever informar a V. Ex<sup>a</sup> de que é verdadeiramente lamentável a sorte de todos os portugueses, que os corsários franceses tem aprisionado e roubado muitas vezes em embarcações reais e que enviam a este país continuamente onde a necessidade os obriga ou a mendigar pelas ruas quase gelados com frio ou a metem-se muitos deles a bordo das embarcações de guerra americanas, e que nestes tempos não pode deixar de ser prejudicial tanto à nossa Marinha Real como mercantil.

Os capitães dos navios, entre outras dúvidas que tinham para receber estes homens, era a falta de passaportes, o que os sujeitava a serem examinados, detidos e talvez sofrer algum coisa mais pelas suspeitas de que acolhiam pessoas fugitivas. Para aplanar esta dificuldade passei a cada um dos marinheiros uma atestação de que eram portugueses, e escrevi ao Governo da Madeira expondo-lhe o caso, porque, ainda que a nenhuma autoridade que tenho para passar uma atestação, que tenha fé pública, fizesse quase inútil aos marinheiros este instrumento, contudo tinha o bom efeito de tranqüilizar ao capitão e lhe facilitar mais a recepção destes homens.

Tenho a honra de aproveitar esta ocasião para beijar as mãos de V. Ex<sup>a</sup> e protestar a V. Ex<sup>a</sup> os meus mais sinceros respeitos e submissa obediência.

Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup> muitos anos.

Filadélfia, 30 de agosto de 1800.

De V. Ex<sup>a</sup>

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho

O mais obediente súdito.

H. C. P.

A memória que relata os progressos e resultados da minha comissão foi datada de 24 de janeiro de 1801, e a pretende entregar a S. Ex<sup>a</sup> o Ministro da Fazenda, juntamente com a tradução da *História do Banco da Inglaterra* que me mandou fazer, amanhã, 5<sup>a</sup> feira, 5 de fevereiro.

.....

## *Nota Final*

**E**STA edição foi feita de cópia do manuscrito original. Os claros que, de quando em quando, surgem no texto são palavras que escaparam ao entendimento do copista. O leitor notará, também, trechos obscuros: será ainda por incompreensão do copista ou síntese demasiada do Autor. Seremos por esse último alvitre, por isso que o *Diário* foi redigido ao sabor das circunstâncias. Sente-se que Hipólito, em rápidas pinceladas, esboçou um quadro que ele completaria mais tarde, corrigindo-lhe ou fixando-lhe melhor as linhas imprecisas e, quem sabe, com os seus famosos *Cadernos de Observações*? Procuramos – obedecendo à lição dos mestres – seguir, tanto quanto possível – pois não se trata de texto medieval –, as normas “para levar-se a cabo uma boa edição crítica...”<sup>4</sup> Dentro desse espírito, escrevemos os nomes próprios com letras maiúsculas, desdobramos as abundantes abreviaturas, introduzimos, com parcimônia, acentos agudos e circunflexos (para “evitar confusões e dúvidas”), respeitamos as formas lingüísticas que pudessem esclarecer o leitor erudito, pontuamos o texto, paragrafando-o e, quanto à grafia,

---

4 Serafim Silva Neto: *Manual de Filologia Portuguesa. História. Problemas. Métodos.* – Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1952, págs. 294 e ss.



modernizamo-la, primeiro: porque o texto é de fins do século 18, segundo: o Autor não tinha pretensões a escritor e escrevia, indiferentemente: *precizarem*; *exbigem*; *hir*, *hirem*; *Lixboa*, *servisso* e *serviço*; *contbeudo*; *pretendendo* e *pretendendo*; *velaxo* (velacho); *anchora* (âncora); *perservados* (preservados); *sugeito*; *rebeca* (rabeca); *fexadura* (fechadura); *dessima* (de cima); *em sima* (em cima) e *assima* (acima); *Maxado* (Machado); *encacha* (encaixa); *sincoenta* (cinquenta); *groça* (grossa); *vestesse* (veste-se); *n'hua* e *n'buma* (numa); *algua* (alguma); *descansão* (descansando); *methade* (metade); *observey* (observei); *inscriçoens*, *questoens*, *publicaçõens* (e todas as palavras que, no plural, terminam em *ões*); *astringente* (adstringente); *masson* (maçom); *enceada* (enseada); *qualbados* (coalhados); *acordõs* (acórdãos); *canquelbaria* (quinquilharia); *atbe* (até); *cassadores* (caçadores); *sube* (soube); *caxoeira* (cachoeira); *debaixo*; *exaqui* (eis aqui); *pese* e *pece*; *sobreplis* (sobrepeliz); *establecessem*, *estabelecida* (estabelecessem, estabelecida); *perciso*; *anchorado* (ancorado); *boca* e *bouca* (boca); *probar* (provar); *oje* e *hoje*; *tãobe*, *tãobem*, *tão bem* e *também*; *comhóspede* (co-hóspede); *bau* e *baul* (baú); *massonaria* (maçonaria); *fexado* (fechado); *poços* (poços); *pexe* (peixe); *hu*, *hua* e *hum*; *rebedificação*, *rebedificada* (reedificação, reedificada); *maio* (maio); *atrevo* (atrevo); *outenta* (oitenta); *outo* (oito); *livras* (libras); *juramen* (forâmen ou forame); *apresionados* (apri-sionados); *embolçar* (embolsar); *tecknico* (técnico); *seve* (sebe); *enchertada* (enxertada), *quaquers*.

O que se pode anotar de curioso é que o A., desde que a sílaba soasse *ch* (= *x*), ele escrevia *velaxo* (velacho), *fexadura* (fechadura), *Maxado* (Machado), *caxoeira* (cachoeira), *fexado* (fechado), ao lado de *encaixa* e *enxertadas*, que ele grafou *encacha*, *enchertada*.

As *Notas à margem*, do Autor, por serem, de um modo geral, extensas, seguem-se logo à descrição dos atos por ele relatados, porque, verdadeiramente, são como que continuação do que o Autor expõe e, por essa razão, também, não poderiam figurar no pé das páginas.

As notas de pé de página que não trazem iniciais são de minha autoria.

*Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799)*,  
de Hipólito da Costa Pereira, foi composto em Garamond, corpo 12,  
e impresso em papel vergê areia 85g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da SEEP  
(Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal,  
em Brasília. Acabou-se de imprimir em outubro de 2004,  
de acordo com o programa editorial e projeto gráfico  
do Conselho Editorial do Senado Federal.